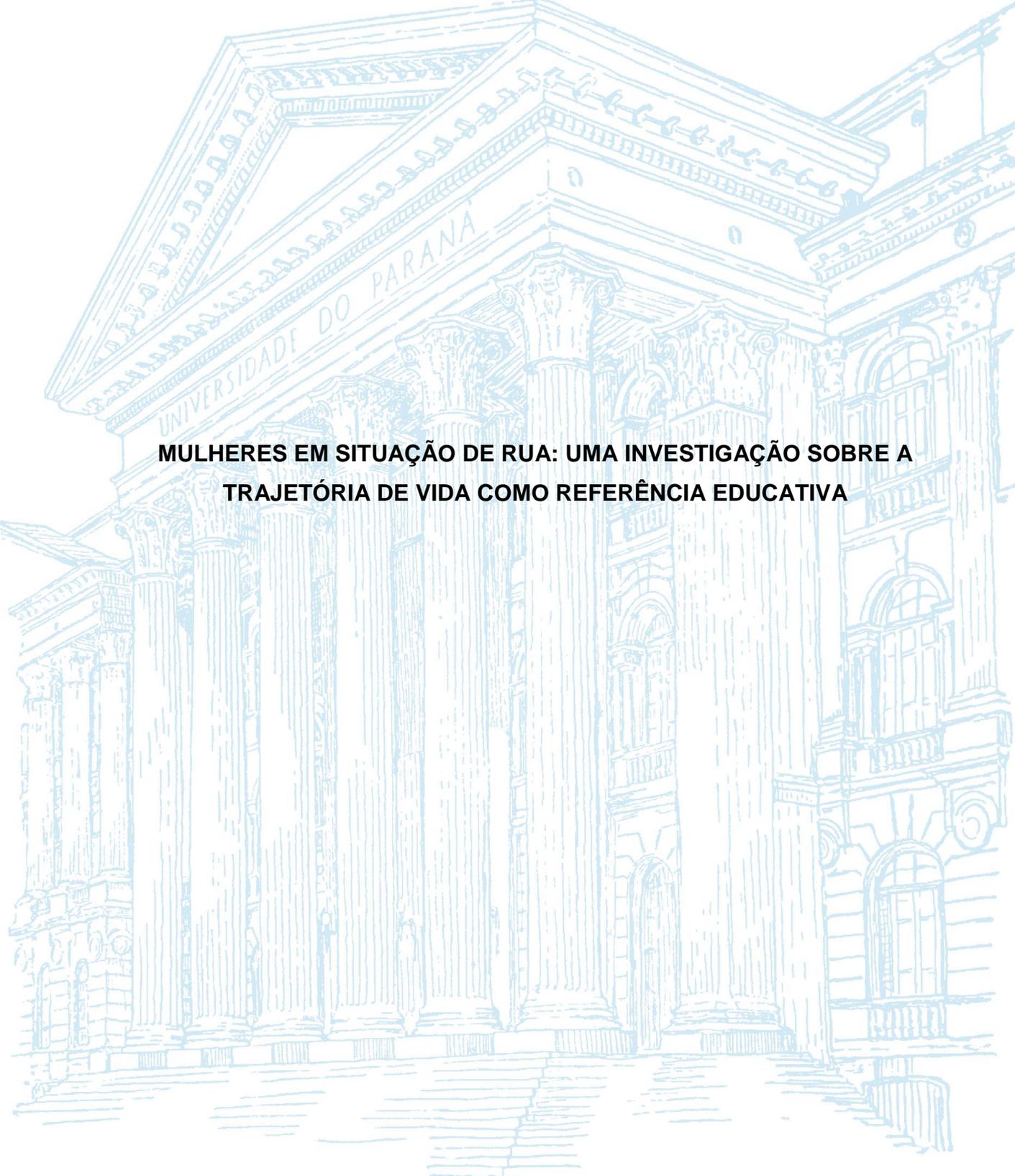


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MARIANA PROVENCI DA SILVA



**MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A
TRAJETÓRIA DE VIDA COMO REFERÊNCIA EDUCATIVA**

CURITIBA

2021

MARIANA PROVENCÍ DA SILVA

**MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A
TRAJETÓRIA DE VIDA COMO REFERÊNCIA EDUCATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia, Setor
de Educação, Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Aparecida
Zanetti

CURITIBA

2021

À minha avó e primeira referência de professora Dirce Marques da Silva (*in memoriam*), que sempre dizia a todas as mulheres da família que o diploma deveria ser nosso primeiro marido. E à todas as mulheres de sabedoria popular e ancestral, que lutaram (e lutam) para que pudéssemos ocupar a academia e tantos outros direitos – que ainda estão por vir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e quaisquer que sejam as energias cósmicas de ordem superior por me abastecerem com forças e esperança para terminar esta graduação e apresentar este trabalho em meio a tantas adversidades.

Agradeço à minha família por todo tempo e afeto em mim investidos para que o diploma fosse um dia um caminho possível.

Agradeço aos meus pais por todos os valiosos conselhos, a harmonia e amor em nosso lar e por nunca me deixarem duvidar de minha capacidade.

Agradeço em especial à minha avó – Dirce Marques da Silva (*in memoriam*) e ao meu pai – Mario Marques da Silva (*in memoriam*) que sempre acreditaram que este dia chegaria. Ainda que não possam agora presenciar minha conquista, acredito que de alguma forma continuam presentes em minha caminhada.

Agradeço à Universidade Federal do Paraná e a todos os professores e professoras que cruzaram meu caminho semeando boas referências profissionais.

Agradeço à minha orientadora Professora Maria Aparecida Zanetti por me conduzir até o final de minha trajetória na graduação.

Agradeço à Elza, colega do Projeto de Extensão pelo convite à ação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - Marmitas da Terra e ao acolhimento do MST que me proporcionaram continuar o contato com as pessoas em situação de rua durante o período de 2020.

Agradeço às amigas que se juntaram a mim trilhando juntas o caminho da primeira graduação, em especial à Karacol – grande parceira na realização da pesquisa de campo deste trabalho, Andressa Belloni – que em hipótese alguma me deixou desistir, Juliana Tokarski e Danielle Rubleski Noronha. Todas as amizades que o espaço acadêmico me proporcionou.

Agradeço à minhas amigas de infância, Giovanna e Karoline pela compreensão de minhas ausências durante este ano.

Agradeço à Mariane Dzman, por ouvir minhas queixas e sempre se dispor a me ajudar.

Por fim, agradeço à minha mãe – Elizete Aparecida Provenci da Silva, por toda a amizade, cumplicidade e parceria que cresceram exponencialmente junto à saudade que compartilhamos de meu pai. Obrigada por acreditar em mim e me impulsionar nos sonhos que compartilhamos. Você é minha parceira de vida!

*O corpo está no centro de toda relação de poder.
Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira
imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas
formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de
andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não
cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as
lágrimas) são o objeto de uma perpétua suspeita.
Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra.
Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço
fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que
mascara sua chama incendiária. Toda mulher em
liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em
perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe
acontece, ela está recebendo apenas aquilo que
merece.*

RESUMO

A temática do presente trabalho deu-se a partir da participação em um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Paraná, intitulado *Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com a população em situação de rua*. Com os estudos do Projeto, percebemos disparidades na composição da população em situação de rua e nas estratégias utilizadas por homens e mulheres que partilham desta situação. Assim, pesquisamos as estratégias utilizadas por mulheres que compõe este segmento populacional e intencionamos pesquisar a rua como espaço formativo e educativo informal. Fundamentando-nos em Gil (2002), definimos a pesquisa como exploratória, isso pois, o primeiro capítulo de nosso estudo corresponde ao levantamento e análise de produções acadêmicas inscritas na temática da população em situação de rua, e utilizando Freire (1990) e Brandão (1990), classificamos a pesquisa de campo deste trabalho como pesquisa-participante, pois entendemos que ambas, pesquisadora e mulher em situação de rua, são sujeitos da pesquisa. Desta forma, a pesquisa encontra-se dividida em três capítulos: no primeiro capítulo discorremos sobre a população em situação de rua como temática de pesquisa, conceituamos a população “em situação” de rua e levantamos as teses e dissertações disponíveis nas plataformas CAPES e Sucupira acerca do percentual adulto da população fazendo 3 movimentos – recorte geral (homens e mulheres), recorte da área da educação, e recorte de gênero feminino. Como recorte de tempo, estabelecemos o ano de 2005 em que ocorreu o I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua até o ano que antecede a pesquisa (2019). No segundo capítulo tratamos das particularidades enfrentadas pelo contingente feminino da referida população de acordo com os documentos normativos que permeiam a tessitura deste trabalho – Rua: Aprendendo a Contar (BRASIL, 2009a) e Relatório do I Encontro Nacional da População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a), além de utilizar Viezzer (1989), Tiene (2004), Bandeira (2017) e Collins (2019) para aprofundar o debate sobre os conceitos presentes nas pesquisas que recortam o gênero feminino encontradas em nosso levantamento. Por fim, em nosso terceiro e último capítulo, discorremos, com auxílio de Freire (2014) e Gohn (2006,2014) sobre os conceitos de educação popular, informal e não-formal, fazendo uma breve apresentação do referido Projeto de Extensão. E escorando-nos na experiência de vida com Larossa (2002, 2011) e na abordagem autobiográfica de Souza (2007) e Bragança (2011), dialogamos com uma mulher em situação de rua participante do Projeto de Extensão sobre sua realidade, trajetória de vida, e estratégias na rua – utilizando produções de diversas áreas, como: geografia (ROBAINA 2015), antropologia (MELO, 2011), (DAMATTA 1997); saúde (ROSA e BRÊTAS, 2015); e, educação (BADY,2019), intencionamos investigar as particularidades femininas na situação de rua, as relações estabelecidas neste espaço público, e as estratégias ensinadas pela rua para a satisfação de suas demandas. Para além deste diálogo, entrevistamos uma das assistentes sociais da instituição parceira de nosso Projeto – sobre o trabalho realizado com a população, os limites e possibilidades das ações desenvolvidas na instituição religiosa, e suas impressões acerca das mulheres que compõe a população em situação de rua no município de Curitiba-PR.

Palavras-chave: Mulheres em situação de rua. Educação popular. Trajetória de vida.

APRESENTAÇÃO

Figura 1 - O buquê de Pâmela



Fonte: a autora, nov. 2019.

O presente trabalho, interesse pela temática e contato com o objeto de pesquisa, surgiu como resultado da participação em um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Paraná, intitulado “*Diálogos Formativos: Oralidade, Leitura e Escrita com a População em Situação de Rua*”. O projeto, coordenado por duas professoras - Maria Aparecida Zanetti e Márcia Baiersdorf, ambas docentes do Departamento de Planejamento e Administração Escolar (DEPLAE) da Universidade Federal do Paraná, teve início em março de 2019, com duração prevista até dezembro de 2022.

Um dos objetivos com a realização do Projeto foi levantar demandas educacionais quanto à alfabetização de pessoas em situação de rua, visando apresentar conteúdos da cultura brasileira e local, em uma relação dialógica e horizontal, buscando acessar os mais diversos saberes dessa população - em uma perspectiva freiriana: conhecer suas histórias de vida, e entender a relação estabelecida com o espaço urbano, instituições de acolhimento e ajuda, buscando também compreender suas relações interpessoais. Tudo isso a partir de diálogos

humano pedagógicos, mediados por música, poesia, cordel, contos, artes manuais, cinema, entre outros...

Para tal, e como o contato com essa população ainda era algo novo para a equipe de estudantes bolsistas e voluntários do projeto, dedicamos alguns meses de estudo sobre esta população, com objetivo de compreender os modos de vida e formas de abordá-los, para que pudéssemos fazê-lo com maior sensibilidade à realidade dessa população. Dedicamo-nos à leitura e estudo de textos de fundamentação, especialmente relacionados à história, conceitos, educação popular e documentos normativos e/ou orientadores em relação à população em situação de rua, que atendiam aos propósitos formativos do Projeto.

Contamos, para a realização do Projeto, com o apoio e a mediação de uma instituição religiosa localizada no centro do município de Curitiba, no estado do Paraná, que serve tradicionalmente um chá todas as tardes a esta população vulnerável. Antes de irmos a campo também tivemos como aporte, reuniões prévias com assistentes sociais desta mesma instituição. Nestas reuniões recebemos algumas informações sobre o comportamento do grupo, a organização das atividades que seriam mais interessantes e tivemos indicações para o planejamento de nossas ações na comunidade.

Mesmo antes de termos nos deparado com a realidade da população frequentadora da referida instituição, o recorte de gênero nos chamou à atenção. Isso, pois, em nossos estudos, logo em nossa primeira leitura referente ao Relatório do I Encontro Nacional Sobre a População em Situação de Rua de 2005 (BRASIL, 2006a). Nos informamos sobre a heterogeneidade da população em situação de rua, sua realidade atrelada às mais diversas possibilidades de violência, vulnerabilidade e negação de direitos, e ainda, a particularidade de ser composta em sua maioria por homens.

Logo nos primeiros encontros promovidos pelo Projeto, já pudemos confirmar essa diferença acima relatada. O grupo frequentador do chá é, em sua maioria, composto por homens. De modo geral, de um total de 120 pessoas em média, frequentadoras do chá, no máximo 15 eram mulheres. Essas mulheres representam menor número no salão do chá e têm acesso ligeiramente mais complicado, sendo mais difícil criar vínculos e estabelecer diálogos com elas, que em sua maioria, se apresentam ao lado de parceiros, dependendo, muitas vezes,

como pudemos observar, da aprovação deles para participar das atividades promovidas pelo Projeto.

No decorrer do andamento do Projeto, quando as atividades foram iniciadas em campo, o grupo que se formava para as atividades, como esperado: além de ser flutuante, via de regra compunha-se majoritariamente por homens. Conforme criamos vínculo, conseguimos alguns frequentadores assíduos, que compareciam à maioria dos encontros. Destaco aqui a importância de um indivíduo em particular, que costumava comparecer seguidamente ao Projeto e depois de um período de participação considerável, parou de comparecer às atividades.

O encontrei no chá algumas semanas após ter parado de frequentar nossos encontros. Naturalmente, fui cumprimentá-lo e convidá-lo a comparecer naquele dia. Não havia notado que agora ele estava acompanhado de sua parceira, Pâmela, que me respondeu em negativa e com rigidez. Posteriormente tomamos conhecimento que a pausa na participação dele se deu por conta da internação de sua companheira, pois, no horário da atividade, ele costumava visitá-la. Semanas depois ela aceitou frequentar nossas atividades.

Chamo atenção para este fato, pois, em um dia chuvoso após o mal entendido e logo na primeira participação do casal em nosso encontro, estava esperando aqueles que ainda terminavam a refeição para irmos juntos à sala do Projeto com auxílio de um guarda-chuva. Os participantes prontamente se reuniram, e Pâmela, entrelaçou seu braço ao meu, a fim de não nos molharmos enquanto estávamos nos encaminhando à sala cedida pela paróquia.

Durante o pequeno trecho de caminhada, ela me pediu ajuda para fazer uma surpresa ao seu companheiro, recebi a encomenda de um cartão de agradecimento e aniversário de três anos de união do casal. Combinamos que após a conclusão das atividades do dia, ela me ditaria a mensagem que gostaria de registrar no cartão. Fiz como combinado, e entreguei na semana seguinte. O cartão de aniversário de namoro resultou em um convite para o noivado do casal, e no vínculo criado com essa mulher em específico.

Honrando o convite, eu e a coordenadora do Projeto, a Professora Maria Aparecida Zanetti, comparecemos ao noivado que foi celebrado com a ajuda de uma ação solidária de um moto clube em parceria com uma instituição religiosa, em frente ao Mercado Municipal de Curitiba, em uma noite de domingo do mês de novembro. Brinquei com a noiva que gostaria de pegar o buquê por estar solteira, e

acabei, de fato, ganhando-o de presente. Em contrapartida, presenteamos o casal com um porta-retratos com a fotografia deles, como recordação do momento do noivado.

Após esses fatos criamos um laço afetivo com esse casal, que aguçou a curiosidade previamente existente acerca das mulheres em situação de rua. Esse é somente um relato entre as tantas vivências que o Projeto me proporcionou. Meu objetivo é pesquisar as particularidades de ser mulher, posição que já pressupõe uma maior vulnerabilidade social, somado ao fato de estar em situação de rua.

Inicialmente, o delineamento da pesquisa implicava na realização de um trabalho de campo, buscando dialogar diretamente com as mulheres com que me relacionei no projeto. Isso, pois, considero que dar voz e ouvi-las seria de extrema importância para compreender as vivências dessas mulheres para além das relações afetivas e interpessoais, mas também estratégias de sobrevivência e defesa que adotam na rua e para representá-las legitimamente. Contudo, dado o contexto atual de incertezas e insegurança para efetuar a pesquisa de tal modo, infelizmente tivemos que pensar alternativas para torná-la possível.

Para além das conclusões que apresentaremos a partir deste estudo, gostaria de finalizar as reflexões inscritas na apresentação deste trabalho, tomando a liberdade de registrar, algumas das vivências que a realização deste estudo e da pesquisa de campo, em específico, me proporcionaram enquanto pesquisadora mulher.

Nossas entrevistas foram realizadas na rua, dialogamos sentadas no chão ou em bancos de praça, o que não nos conferia muita privacidade. Por vezes fomos abordadas e interrompidas. O desafio de realizar as entrevistas em espaço público e as questões da corporeidade feminina na rua perpassaram minhas experiências no campo, bem como permitiram-me perceber as tensões de ser mulher e estar na rua, não com as mesmas dificuldades da situação de rua em si, mas como pesquisadora-mulher-jovem.

Meus cuidados, quando estava no processo de campo, passaram pela minha imagem no geral, roupas largas, cabelo preso, não pintava as unhas, etc. Mantive uma série de requisitos para que minha imagem não se sobressaísse ao meu compromisso com a pesquisa. Mesmo assim, a atitude positiva de empatia e escuta, por vezes me colocaram em situações delicadas, em que me senti

intimidada com a aproximação de homens em situação de rua. Ouvi comentários, recebi olhares e lidei com perguntas sobre minha intimidade.

Em contrapartida, a relação de carinho e respeito que cultivamos com Pâmela e seu companheiro, refletiu igualmente em nossas entrevistas. Pois, o companheiro de nossa entrevistada, nos momentos em que estávamos reunidas, mantinha-se afastado, permitindo que conversássemos com ela sem constrangimento e com profundidade sobre os assuntos que tratamos neste trabalho.

Este mesmo afastamento, no entanto, contribuía para aproximações de outros homens – também em situação de rua. Aproximação que causava incômodo em nossa entrevistada. Em alguns de nossos encontros, percebi que, ao mesmo tempo em que conversávamos, Pâmela observava as movimentações que ocorriam no espaço da rua, evitando que fossemos importunadas. Chegamos a alterar o local de uma de nossas entrevistas por conta desta situação. Pâmela preocupava-se com nossa¹ pouca idade e aparência, e, apontava, por vezes, a vestimenta de mulheres que passavam por nós durante as entrevistas, afirmando que mesmo se tivesse um “corpo bonito” o esconderia com roupas largas.

A fala de Pâmela sobre roupas, muitas vezes soava como alerta e denota seu cuidado com o corpo em não “mostrar demais”. Se retirada de contexto, podemos interpretar como uma fala machista, mas na rua, essa preocupação advém de um lugar de proteção e preservação, ainda que reproduza um comportamento machista de objetificação do corpo feminino, precisamos considerar que a rua é um espaço onde as masculinidades ficam exacerbadas pela própria constituição desta população. E, ainda que eu tenha vivenciado situações de assédio, estava consciente da possibilidade.

Para além destes episódios, tive a oportunidade de observar, da calçada, a indiferença das pessoas que passavam por nós, que por vezes, nem sequer olharam em nossa direção. Passei despercebida. Em outras palavras, a invisibilidade da

¹ Tomo liberdade, neste momento, para esclarecer a escolha entre a escrita no plural ou no singular. Por vezes irei me dirigir à pesquisa no singular, quando as experiências referirem-se a fatos presenciados unicamente por mim enquanto pesquisadora em campo. As entrevistas e o trabalho de campo mesclam momentos de vivência singular e plural, pois, as entrevistas foram gravadas em parceria com uma colega do Projeto de Extensão. Na maior parte deste trabalho, no entanto, discorro na terceira pessoa do plural, por se tratarem de delimitações tomadas em conjunto com a orientadora do presente trabalho de conclusão de curso

situação de rua me contagiava quando estávamos sentadas no chão conversando. No início, pensava que talvez minha presença pudesse causar estranhamento ou impactaria, por se tratar de uma relação entre uma mulher jovem domiciliada e um casal em situação de rua – hipótese que não se confirmou. Para além destes relatos, lidamos com a dificuldade de realizar o campo em momento de pandemia, acompanhamos a reconfiguração das ações e projetos que tivemos contato, bem como lidamos com a dificuldade de reencontrar os participantes do Projeto de Extensão – e em especial as participantes.

De modo geral, sou extremamente grata ao Projeto de Extensão e às vivências proporcionadas com a realização desta pesquisa, acredito que, não fossem as relações previamente estabelecidas enquanto parte da equipe de estudantes bolsistas e voluntários do Projeto, a pesquisa não traria tantos detalhes e tantas possibilidades. Mesmo se tratando de um trabalho de conclusão de curso com tempo curto para desenvolvimento, acredito que tive a oportunidade de registrar algumas das particularidades trazidas pela pandemia às pessoas em situação de rua, e vivi momentos únicos para minha formação acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA COMO TEMÁTICA DE PESQUISA - TERMINOLOGIA E ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES 2005-2019	23
1.1 CONCEITUANDO A POPULAÇÃO “EM SITUAÇÃO” DE RUA.....	23
1.2 NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	28
1.3 TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS DE 2005 A 2019.....	31
1.4 TESES E DISSERTAÇÕES SOB O RECORTE DA ÁREA EDUCAÇÃO.....	37
1.5 TESES E DISSERTAÇÕES - RECORTE DE GÊNERO FEMININO.....	43
1.6 CONCLUINDO A ANÁLISE	69
CAPÍTULO 2 - MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA - O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS NORMATIVOS SOBRE AS PARTICULARIDADES DA SITUAÇÃO DE RUA PARA MULHERES E OS CONCEITOS DE GÊNERO, SUBORDINAÇÃO DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE	71
2.1 SOBRE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA	71
2.2 A IMPLICAÇÃO SOCIAL DOS CONCEITOS DE GÊNERO, SUBORDINAÇÃO DE GÊNERO, FEMINISMO, E INTERSECCIONALIDADE.....	77
CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA	83
3.1 ESCLARECIMENTOS ANTERIORES À DISCUSSÃO DA PESQUISA DE CAMPO.....	85
3.2 OS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E INFORMAL.....	88
3.3 ESTRATÉGIAS EM MEIO ÀS ADVERSIDADES DA PANDEMIA - REINSERÇÃO NO TRABALHO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA....	95
3.4 APRESENTAÇÃO DA PARTICIPANTE - PROJETO DE EXTENSÃO E RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE OS SUJEITOS DA PESQUISA	99
3.4.1 Ela não nasceu na rua.....	101
3.4.2 A casa e a rua	108
3.4.3 Rua que ensina	117
3.4.4 Andanças da vida	141

3.5	COMUNIDADE FRANCISCANA E O TRABALHO REALIZADO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - Observações sobre a realidade de Mulheres em Situação de Rua no Município de Curitiba.....	145
3.6	CONCLUINDO NOSSAS REFLEXÕES	153
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
	REFERÊNCIAS	167
	REFERÊNCIAS DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOB RECORTE DE GÊNERO FEMININO	181
	APÊNDICES E ANEXO	185
	APÊNDICE 1 - DADOS TOTAIS DO LEVANTAMENTO 2005-2019.....	186
	APÊNDICE 2 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR REGIÃO E INSTITUIÇÃO 2005-2019.....	187
	APÊNDICE 3 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA DE PESQUISA (AGRUPAMENTO).....	194
	APÊNDICE 4 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA DE PESQUISA.....	195
	APÊNDICE 5 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2005.....	199
	APÊNDICE 6 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2006.....	200
	APÊNDICE 7- DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2007.....	202
	APÊNDICE 8 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2008.....	204
	APÊNDICE 9 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2009.....	206
	APÊNDICE 10 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2010.....	208
	APÊNDICE 11 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2011.....	210
	APÊNDICE 12 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2012.....	212
	APÊNDICE 13 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2013.....	214
	APÊNDICE 14 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2014.....	216
	APÊNDICE 15 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2015.....	219
	APÊNDICE 16 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2016.....	222
	APÊNDICE 17 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2017.....	225
	APÊNDICE 18 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2018.....	229
	APÊNDICE 19 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2019.....	233
	APÊNDICE 20 - DADOS DO LEVANTAMENTO DE TRABALHO ACADÊMICOS SOB O RECORTE DE GÊNERO (MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA).....	237
	APÊNDICE 21 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOB O RECORTE DE GÊNERO - REGIÕES E INSTITUIÇÕES.....	238

APÊNDICE 22 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA DE PESQUISA (MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA).....	240
APÊNDICE 23 - ROTEIRO DE DIÁLOGO - PESQUISA DE CAMPO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA	241
APÊNDICE 24 - ROTEIRO DE DIÁLOGO COM ASSISTENTES SOCIAIS DO CHÁ FRATERNAL.....	249
ANEXO.....	251

INTRODUÇÃO

O delineamento deste nosso trabalho deu-se em decorrência da participação no Projeto de Extensão: *Diálogos Formativos - Oralidade, Leitura e Escrita com a População em Situação de Rua*. Este período em que estive em contato direto com as pessoas que nos atravessaram nos encontros semanais desabrochou em mim a vontade de ouvir mais. Nos diversos encontros feitos no ano de 2019, considero que tivemos oportunidade de exercitar a escuta sensível. Desta forma, dedico-me igualmente, neste trabalho, a ouvir com atenção e amorosidade o que me dizem as gentes que se encontram em situação de rua. Considero que as experiências obtidas durante todo o período em que estive estudando, planejando, registrando, enquanto parte do grupo que compõe o Projeto de Extensão, nos acompanharão e estarão perceptíveis na escrita deste trabalho de conclusão de curso.

O material que possibilitou vislumbrar esta pesquisa é composto, em parte, por textos que estudamos com o grupo do Projeto de Extensão, a começar pelo Relatório do I Encontro Nacional Sobre a População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a). Esse encontro ocorreu no ano de 2005 e teve a publicação de seu relatório no ano seguinte - 2006, promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome pertencente, na época, ao Governo Lula. Segundo o Relatório, a população em situação de rua:

[...] é um grupo heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e inexistência de moradia convencional regular, sendo compelidos a utilizarem a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente. (BRASIL, 2006a, p.7)

Considerando então a população em situação de rua como grupo heterogêneo, definimos o recorte de gênero como foco de nosso estudo, sendo as mulheres em situação de rua a temática central do presente trabalho. O recorte é justificado pela maior vulnerabilidade e violência vivenciadas por mulheres que se encontram nessa situação, de acordo com o Relatório acima referido:

Embora as mulheres moradoras de rua se constituam em número significativamente menor do que os homens, o que foi destacado na fala dos entrevistados e é reafirmado por todos os estudos sobre esta população, elas sofrem processos mais acirrados de vulnerabilização pela própria condição de gênero, encontrando-se expostas a toda sorte de violências. (BRASIL, 2006a, p. 53)

Observando e refletindo, como discorreremos ao longo deste estudo, sobre as disparidades sociais nas relações entre homens e mulheres, consideramos que tais dificuldades são maximizadas quando agregam-se às particularidades da situação de rua, somado ao fato de constituir-se em espaço masculinizado pela própria composição deste segmento populacional, levando em conta os aspectos culturais que privam historicamente as mulheres do espaço público da rua.

Após o delineamento do recorte sobre o qual nos debruçamos, a fim de acomodar as particularidades da pesquisa, fundamentamo-nos em Gil (2002), definindo-a como exploratória, pois, nosso estudo conta, em seu primeiro capítulo, com considerações e reflexões à respeito das produções acadêmicas sobre o tema “*Pessoas em Situação de Rua*” desde o ano de 2005, em que ocorreu o I Encontro Nacional sobre a População em Situação de rua, até 2019, com o levantamento bibliográfico quanti-qualitativo de teses e dissertações acadêmicas, explorando e nos debruçando especialmente nas pesquisas inscritas sob a questão de gênero.

No primeiro movimento do capítulo, preocupamo-nos em definir o conceito de população *em situação* de rua. Na sequência exploramos o que na academia já foi produzido (enquanto teses e dissertações) e em quais áreas predomina a discussão da população em situação de rua, junto aos bancos de dados das plataformas CAPES e Sucupira, organizamos essas produções e análises em três subtópicos: 1) pessoas adultas em situação de rua, homens e mulheres; 2) pessoas em situação de rua na área da educação; e, 3) mulheres em situação de rua. Empenhamo-nos em localizar as mulheres como centro da temática, com objetivo de compreender as especificidades de ser mulher em situação de rua e o local de interesse ocupado pelo tema, exploramos conceitos e concepções que permeiam essas pesquisas.

Tal levantamento surgiu também como um complemento à lacuna gerada pela falta de dados censitários da população em situação de rua pois, ainda que a realização de pesquisas censitárias esteja prevista como estratégia para a produção de políticas públicas destinadas a esta população, não foi definida uma maneira

efetiva para incorporar a população em situação de rua nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desta forma, buscamos analisar o volume e as áreas destas produções, tendo em vista a possibilidade de debater essa temática no espaço acadêmico, em nossa área de pesquisa, a educação.

Além do mais, levamos em consideração que as mulheres possuem modos próprios de circular e se portar no espaço público da rua a fim de evitar violações corporais e violência sexual dado o contexto de vulnerabilidade a que se encontram expostas. Ademais, consideramos que por constituir-se minoria dessa população, encontraríamos menor volume de produções acadêmicas destinadas ao estudo de tais especificidades, dado este que se confirmou, como veremos, em nosso levantamento.

Em nosso segundo capítulo realizamos uma breve explanação sobre os conceitos de gênero, subordinação de gênero e feminismo a fim de aprofundar os conceitos que se sobressaem nas pesquisas de nosso levantamento e na análise dessas produções acadêmicas. Por fim, o trabalho, em seu último capítulo dedica-se à pesquisa de campo com uma mulher em situação de rua, participante do Projeto de Extensão. Dialogando com esta mulher, entendemos a rua como espaço educativo não-formal e buscamos acessar as estratégias de vivência e sobrevivência na rua, dando destaque para a trajetória de vida como referência educativa e formativa e valorizando os saberes e histórias contadas por ela, nossa intenção foi a de perceber como o gênero influencia nas relações cotidianas, segurança e corporeidade na rua.

Nosso terceiro capítulo tem como recorte metodológico um estudo de campo que, segundo Gil (2002):

constitui o modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou. Nos dias atuais, no entanto, sua utilização se dá em muitos outros domínios, como no da Sociologia, da Educação, da Saúde Pública e da Administração.

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (p. 53)

Ainda conforme Gil, a segunda parte da pesquisa se enquadraria melhor como pesquisa participante. Isso, pois:

[...] a pesquisa participante deseja colocar-se a serviço dos oprimidos e necessita identificar com clareza quem são eles no âmbito de uma "comunidade". A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano: "ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; Viver junto' em vez de visitar" (Lê Boterf, 1984, p. 58 *apud* GIL, 2002, p.150).

Para Carlos Rodrigues Brandão (1990), pesquisar-participar, implica em um exercício dialético onde o pesquisador está a serviço da comunidade, e ambos, comunidade e pesquisador, são sujeitos da pesquisa. Neste caso, o objeto é aquilo que se pretende conhecer e construir em conjunto com determinada comunidade. Freire (1990) esclarece, em uma exposição para educadores na Tanzânia, que a pesquisa participante ocorre como uma prática libertária, onde pesquisador e comunidade trabalham juntos com objetivo a desvelar a realidade concreta.

A pesquisa participante também tem como característica não encerrar-se em si mesma, mas a premissa de ensejar novos estudos e projetos sobre o tema, dispondo de planos de ação posteriores a serem executados com a população que se pretende estudar. Em outras palavras, busca-se, com a execução de uma pesquisa participante, que o produto da pesquisa seja devolvido à comunidade.

Destaco que a utilização do termo "pesquisa participante" deu-se por conta de minha participação no Projeto de Extensão "*Diálogos Formativos: Oralidade, Leitura e Escrita com a População em Situação de Rua*" durante o ano de 2019. Neste período estive em contato direto com a comunidade - assim como toda a equipe de bolsistas, voluntários e professoras coordenadoras do Projeto. Pretendia deste modo, realizar a pesquisa de campo neste ano de 2020, dialogando com as vivências que tínhamos no Projeto que infelizmente, em decorrência da Pandemia de Covid-19 (Sars-Cov-2), foi interrompido.

Ressalto que durante todo o ano de 2019, no período em que realizamos os trabalhos de campo do Projeto, estivemos atentos e exercitando a escuta ativa daqueles que frequentaram nossos encontros, neste mesmo ano, dentre muitos outros estudos, nos debruçamos particularmente sobre o terceiro capítulo do livro

“*Pedagogia do Oprimido*” de Paulo Freire (2019), buscando construir uma metodologia que levasse em conta os saberes e vivências das pessoas com as quais dialogamos.

Partindo da experiência adquirida no Projeto, o objetivo é realizar a pesquisa de campo de maneira a respeitar e conhecer a vivência de mulheres em situação de rua participantes do Projeto em 2019, tal como exposto por Freire (2019):

O que se pretende investigar não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à sua realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão de mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (p. 121-122)

Nesse sentido e, ainda conforme a obra desse filósofo-educador, a metodologia aplicada na pesquisa de campo presente neste trabalho, incorpora uma forma de diálogo, onde ambas - investigadora e comunidade, pesquisadora e mulher em situação de rua, são vistas como sujeitos da pesquisa. Pois, ainda segundo Freire (2019):

Assim como não é possível - o que salientamos no início deste capítulo - elaborar um programa a ser doado ao povo, também não o é elaborar roteiros de pesquisa do universo temático a partir de pontos prefixados pelos investigadores que se julgam a si mesmos os sujeitos exclusivos da investigação. (p. 139)

O objetivo central se faz assim, explorar a vivência e dialogar com uma mulher em situação de rua, a partir de um roteiro de pesquisa que muito se difere de uma planilha, um gravador e um questionário fechado. Considero o Projeto como ponto de partida para este trabalho de conclusão de curso, tendo em vista as várias relações construídas durante seu tempo presencial de realização² e as contribuições que com certeza estarão presentes em meu trabalho de campo, último capítulo que compõe este trabalho.

Consideramos pertinente, ainda, ressaltar que nossa pesquisa de campo parte de uma concepção de valorização dos saberes populares e da trajetória de vida. Para isso, fundamentamo-nos na autobiografia de Souza (2007) e Bragança (2011). E para além destes, em Larrosa (2002, 2011), que considera a experiência

²Digo isso pois a duração prevista para o referido Projeto de Extensão inicialmente seria de dois anos, terminando em 2020. Dadas as ocorrências que estamos vivenciando, tivemos que interromper as atividades presenciais do Projeto e prolongá-lo até 2022..

como travessia, como um fato ou uma sequência de fatos que nos atravessam e afetam deixando vestígios em nossa constituição enquanto indivíduos.

Além disso, objetivou-se compreender as demandas desta mulher, em suas diferentes relações, sendo elas de: amor; amizade; ações de solidariedade entre mulheres; e redes de proteção (alimentação, ONGs, projetos de assistência) que por ela são acessadas. Tomando a experiência de vida, em uma perspectiva freiriana, como aspecto formativo e único a cada indivíduo, entendendo que a condição social feminina tem suas particularidades e especificidades, intencionou-se delinear as visões de si, percepções do “ser mulher”, e ainda, suas perspectivas e sonhos.

O segundo movimento que realizamos em nossa pesquisa de campo trata de explorar a ação desenvolvida pela instituição religiosa parceira em nosso Projeto de Extensão, buscando explicitar quais outras dinâmicas permeiam o trabalho voltado à população em situação de rua desenvolvido pela instituição parceira do Projeto, a fim de evitar reduzi-lo ao chá da tarde oferecido a esse coletivo. Deste modo, a entrevista que já se encontrava presente no delineamento da pesquisa, em decorrência das dificuldades sentidas para realizar a pesquisa de campo no contexto de pandemia vivenciado no ano de 2020, recobrou sua importância e desdobrou-se em um diálogo com a assistente social da comunidade franciscana.

Para a organização e apresentação de nossa pesquisa, esclarecemos que, grande parte da fundamentação teórica utilizada em nosso trabalho advém do levantamento das produções acadêmicas que compõe nosso primeiro capítulo, por esta razão, e por incorporarmos diversas áreas de pesquisa às nossas reflexões, os autores e referências tomados na tessitura do trabalho encontrar-se-ão no decorrer de nossos apontamentos nos três capítulos desse estudo. Nossas análises denotam a necessidade de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, para contemplar a multiplicidade de fatores que coexistem para compreender a situação de rua.

Por este motivo, ancoramos nossos argumentos em trabalhos das áreas de: saúde, como em Arrunátegui (2008), Rosa e Brêtas (2015) e Dias (2019); geografia, com Robaina (2015); antropologia, com Melo (2011) e Damatta (1997); assistência social, com Tiene (2004); sociologia, com Viezzer (1989); e educação, com Bady (2019), entre outros. Além das normativas consultadas amplamente: Relatório do I Encontro Nacional sobre a População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a) e Rua – Aprendendo a Contar (BRASIL, 2009a). A opção metodológica, neste nosso caso,

foi incorporar todo este referencial teórico à medida que a pesquisa tomou forma, sem separar propriamente uma seção para discorrermos sobre todos os conceitos utilizados em nossa produção.

Ainda com relação à organização da apresentação de nossa pesquisa, consideramos pertinente explicitar que ao final da mesma encontram-se os apêndices com as tabelas utilizadas para gerar os gráficos que compõem nossas análises sobre a produção acadêmica relacionada à população em situação de rua. Além disso, fizemos a escolha de não disponibilizar esse referencial das produções acadêmicas na íntegra, pois, em se tratando de um conjunto de quatrocentas e vinte e seis teses e dissertações, tal movimento prolongaria ainda mais nosso texto. Deste modo, optamos pela apresentação desse levantamento por meio da organização de tabelas que possibilitassem visualizar um panorama mais esmiuçado dos dados coletados. No entanto, em se tratando do recorte de gênero, nosso principal foco, trazemos uma segunda parte de referências bibliográficas, onde constam apenas as produções acadêmicas dedicadas ao estudo de mulheres em situação de rua.

CAPÍTULO 1 - POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA COMO TEMÁTICA DE PESQUISA - TERMINOLOGIA E ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES 2005-2019

1.1 CONCEITUANDO A POPULAÇÃO “EM SITUAÇÃO” DE RUA

Utilizamos este espaço para justificar o uso da terminologia “em situação de rua” neste trabalho e, para tal faz-se necessário que dediquemos um breve momento para contextualizar nossa escolha. Para a reflexão sobre esse conceito estamos nos referenciando, majoritariamente, pelos trabalhos de Robaina (2015) e Melo (2011). Além de trazer referências de outros documentos e pesquisas, como: Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (2006); a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua (2008); Damatta (1997); e, Silva (2006).

Visto que estamos tratando de uma população heterogênea que, por consequência, possui pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento e que historicamente vem sofrendo alterações quanto às terminologias e políticas públicas, tivemos que igualmente nos debruçar sobre trabalhos localizados em diferentes áreas, como é o caso de Robaina (2015) que pesquisou, na área da geografia, as mobilidades e permanências da população em situação de rua no centro do município do Rio de Janeiro, e Melo (2011) que estudou, na área da antropologia, o processo de articulação da população em situação de rua enquanto fato político, referido à formação do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR).

Dito isso, antes de ocupar-nos com as análises de produções acadêmicas feitas sob o recorte estabelecido neste estudo - 2005-2019, julgamos pertinente justificar o termo utilizado neste trabalho: população “em situação” de rua. Isso, pois encontramos nas teses e dissertações analisadas, diversas outras nomenclaturas para denominar o segmento populacional que miramos nesta pesquisa, entre os quais figuram: “morador de rua”; “louco de rua”; “gente de rua”; “sem-teto”; “mendigo”; “população de rua”; e, “louca de rua”. Como explicitado anteriormente, a população em situação de rua é um segmento populacional heterogêneo, e possui um amplo leque de denominações no jargão popular, que acabam por vezes, adentrando o espaço acadêmico.

Entre os termos utilizados com maior frequência, destacamos o uso da palavra “mendigo”, por se tratar de uma população com inúmeras particularidades intrínsecas, e que carrega em comum características como a pobreza extrema e a ausência de moradia regular, salientamos que a prática da mendicância não se faz presente no cotidiano de todos os indivíduos deste grupo populacional. De acordo com Robaina a mendicância é:

[..] uma das possíveis modalidades para aqueles que estão vinculados permanentemente aos espaços públicos. Contudo, esta prática não está unicamente associada ao fenômeno da população em situação de rua, pois são muitas as pessoas inseridas em um modelo formal de família e detentoras de um espaço domiciliar fixo que realizam esta prática como meio de vida. (2015, p.24-25)

De acordo com a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua para Consulta Pública (2008), por se tratar de um grupo heterogêneo, não podemos deixar de considerar as histórias de cada indivíduo, levando em consideração a diversidade dessa população:

A heterogeneidade identificada na População em Situação de Rua evoca o reconhecimento da diversidade dos grupos existentes nas ruas e suas distintas localizações na cidade. São diversos os grupos de pessoas que estão nas ruas: imigrantes, desempregados, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, entre outros, que constituem uma enorme gama de pessoas vivendo o cotidiano das ruas. Ressalte-se ainda a presença dos chamados “trecheiros”: pessoas que transitam de uma cidade a outra (na maioria das vezes, caminhando a pé pelas estradas, pedindo carona ou se deslocando com passes de viagem concedidos por entidades assistenciais). (BRASIL, 2008, p. 8.)

Dessa forma, a fim de complementar a discussão acerca da diversidade de perfis encontrados na população em situação de rua, consideramos igualmente pertinente incorporar em nossa discussão, parte dos resultados da pesquisa feita para a constituição da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. Esta demonstra que o grupo populacional não se compõe majoritariamente por mendigos e pedintes, deste modo:

A população em situação de rua é composta, em grande parte, por trabalhadores: 70,9% exercem alguma atividade remunerada. Destas

atividades destacam-se: catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), construção civil (6,3%), limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%). Pedem dinheiro como principal meio para a sobrevivência apenas 15,7% das pessoas. Estes dados são importantes para desfazer o preconceito muito difundido que a população em situação de rua é composta por “mendigos” e “pedintes”. Aqueles que pedem dinheiro para sobreviver constituem minoria. Deste modo, a maioria tem profissão, ainda que não a estejam exercendo no momento: 58,6% dos entrevistados afirmaram ter alguma profissão. Entre as profissões mais citadas destacam-se aquelas vinculadas à construção civil (27,2%), ao comércio (4,4%), ao trabalho doméstico (4,4%) e à mecânica (4,1%). (BRASIL, 2008, p. 12)

Segundo Robaina (2015), o termo “mendigo” foi amplamente utilizado até a década de 90, “quando foi perdendo a força e de forma gradativa sendo substituído por “população de rua”, “população na rua”, e por fim, população “em situação” de rua” (ROBAINA, 2015, p.28). Essa mudança histórica, ainda segundo o autor, é decorrente de lutas pela garantia dos Direitos Humanos à população, e denota a preocupação do Estado, que definindo esse grupo como “população”, reconhece sua condição como problema social e, deste modo, possibilita o estudo e intervenção com políticas públicas voltadas às demandas desta população.

Aliás, o uso da ideia de população para definir o fenômeno resultou de um processo histórico de luta pelos direitos humanos; dos esforços analíticos empreendidos pelas ciências sociais sobre este fenômeno, e das necessidades do Estado de conhecer e intervir sobre este segmento concebido como uma ‘população problema’. (ROBAINA, 2015, p.24)

O autor, ao justificar sua escolha pelo uso do termo “em situação”, assim como estamos fazendo nesse momento, tece críticas ressaltando que ainda que se busque por desestigmatizar este grupo populacional, ao optar “por atribuí-lo uma dimensão passageira, parece não levar em consideração que as políticas sócio-assistenciais existentes não conseguem reverter a presente ‘situação’.” (ROBAINA, 2015, p. 32). Nesse sentido, Silva (2006) justifica que optou, em sua dissertação pelo uso desta mesma terminologia, não por considerar uma situação passageira, mas:

[...] por considerá-la mais apropriada para significar o fenômeno e a situação para a qual são conduzidas parcelas expressivas da classe trabalhadora, em decorrência do aprofundamento das desigualdades sociais e da

elevação dos níveis de pobreza produzidos pelo sistema capitalista. Para designar uma situação decorrente, em última instância, da estrutura basilar da sociedade capitalista e não apenas das perdas e infortúnios de indivíduos, considerados fora deste contexto social. Para significar uma condição social gerada pela produção capitalista no processo de acumulação do capital, mediante a produção de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva, excedente à necessidade média de expansão do capital, uma condição não escolhida pelos que nela se encontram, mas que nela foram colocados. (SILVA, 2006, p.105-106)

Pelas razões aqui apresentadas, optamos também por utilizar o termo população “em situação” de rua, entendendo que não se trata de uma situação passageira, como ressaltado por Robaina (2015), mas como uma situação gerada pela exploração do capital, e que não foi escolhida, como aponta Silva (2006). Ressaltando assim as lutas por maior representatividade e garantia de direitos bem como, “os esforços analíticos empreendidos pelas ciências sociais sobre este fenômeno” (Robaina, 2015, p. 24), reconhecendo também a luta política do Movimento Nacional da População de Rua.

Outro apontamento fundamental é a diferenciação entre pessoa em situação de rua e pessoa com “trajetória de rua”. Melo (2011), em evento do Grupo de Trabalho Interministerial³ que esteve presente, observou como eram diferentes as relações entre pessoas com trajetória de rua e pessoas em situação de rua.

A pessoa que está na rua justifica sua atitude apresentando as dificuldades de sua vida como argumento explicativo de seu ato, por vezes confrontando as pessoas que não estão mais na rua, pois, supostamente, elas não estariam mais vivendo sob as mesmas dificuldades. Esta distinção é particularmente curiosa se considerada a fragilidade sob a qual vivem as pessoas que “tiveram trajetórias de rua”, pois elas vivem em espaços provisórios, cedidos pelo empregador, ou vivem circunstancialmente na casa da pessoa com quem se relaciona no momento, por vezes sem emprego ou com emprego provisório. (MELO, 2011, p.128)

³ Instituído pelo Decreto Presidencial de 25 de Outubro de 2006 - revogado pelo Decreto nº 10.087 de 5 de Novembro de 2019. O GTI deve estudar, elaborar e apresentar propostas para a garantia de direitos da população em situação de rua. Coordenado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e composto por um representante de cada Ministério citado a seguir: Saúde; Educação; Cidades; Trabalho e Emprego; e, Cultura. Além da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República

Desta forma, pessoa com trajetória de rua, é aquela que esteve em situação de rua e conseguiu superá-la e a pessoa que está em situação de rua, é aquela que, via de regra, não possui espaço fixo de moradia. Em decorrência dessa última reflexão, também é interessante ressaltar o caso brasileiro e o peso semântico atribuído à palavra rua. Isso, pois, se observarmos outros idiomas e países, perceberemos que na maioria deles a referência tida para a população em situação de rua não é o fato de estarem ocupando a rua, mas sim da ausência de casa ou abrigo. Segundo Robaina (2015):

No caso português, esta população é tratada como *Sem-abrigos* (BENTO e BARRETO, 2002). Nos países de língua espanhola, a expressão recorrentemente utilizada pela comunidade científica e assistencial é *SinHogar*. No caso dos países de língua inglesa, a expressão *Homeless* domina o cenário terminológico, ainda que apareçam as expressões *Houseless* ou *roofless*. Por fim, no caso da língua francesa, os termos mais frequentemente utilizados são *Sans-abri* e *SansDomicile Fixe*. É interessante notar que os termos empregados estão diretamente vinculados à negação da casa ou do lar, como espaço físico normativo ou como espaço de abrigo, proteção e intimidade. (p. 28-29)

Essa dicotomia observada por Robaina (2015) denota as diferenças sociais da rua e da casa. A casa, sendo tomada, segundo Damatta (1997) como local de abrigo, da família e da moral - onde somos macro cidadãos, e a rua como local da institucionalidade, das representações do Estado e da lei. A rua também é símbolo do rompimento de vínculos com a casa, ainda de acordo com Damatta (1997):

Mas a gramática social da casa brasileira não fica nisso. Ela transborda em algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como "vá para a rua!" ou "vá para o olho da rua!" Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo "do olho da rua", isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. Do mesmo modo, se diz "estou (ou fiquei) na rua da amargura" para designar a solidão ou a ausência de solidariedade de um dado grupo social. (p. 37)

Dessa forma, conclui Damatta (1997), a casa é símbolo da calma, do descanso, da proteção, da moral e dos bons costumes, já a rua, é vista em uma lógica inversa, como espaço de constante movimento onde estamos sujeitos às leis e ao Estado, sendo um local perigoso onde figuram "malandros", "meliantes" e

“marginais” - termos que fazem parte do imaginário social e do discurso muitas vezes empregado à população em situação de rua.

Diante da própria particularidade presente em nosso idioma e na cultura de nosso país, tendo em vistas o peso semântico e social atribuído à palavra rua, além do fato de habitar este não-lugar, fazendo com que esta população desafie a esfera pública e nela institua modos de viver próprios da esfera privada, e levando em consideração os argumentos de Robaina (2015) e Silva (2006). Optamos por utilizar em nosso trabalho a expressão população “em situação” de rua, com objetivo de validar os estudos realizados e desestigmatizar a rua como escolha, liberdade ou opção para esta população. Ademais, consideramos que existe uma enorme gama de categorias e indivíduos que se encontram nessa situação, para além dos “mendigos” e “pedintes”. A situação de rua constitui-se, deste modo, como consequência do agravamento das desigualdades sociais.

1.2 NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

O ano de partida considerado neste levantamento, 2005, foi o ano em que se deu junto ao Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome (MDS)⁴, por meio da Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS), o I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua. O evento foi realizado em Brasília, nos dois primeiros dias do mês de setembro, no ano de 2005. Tal encontro teve seu registro publicado em 2006 pelo “Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua”, e trouxe como objetivo possibilitar “a formulação participativa de políticas públicas nacionalmente articuladas dirigidas às pessoas em situação de rua.” (BRASIL, 2006a, p. 7). Para tanto, a ocasião contou com a participação de representantes municipais, tanto de organizações não governamentais quanto pertencentes aos governos; e entidades representativas da população em situação de rua.

⁴ No atual governo, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome foi extinto, tornando-se Secretaria Especial do Desenvolvimento Social, compondo o Ministério da Cidadania, criado por meio do Decreto nº 9.674/2019 (BRASIL, 2019a), de 2 de janeiro e Decreto nº 10.357/2020, de 20 de maio.

A articulação e importância do ano de 2005 são, na verdade, anteriores a ele. O fato que marca o início da luta por acesso a direitos básicos ocorreu em agosto de 2004, com o “Massacre da Praça da Sé”⁵, e sua ampla repercussão. Neste ocorrido, pessoas que viviam em situação de rua foram covardemente agredidas, sete assassinadas, denunciando a violência e violação de direitos sofrida por este segmento⁶ populacional. O caso foi amplamente divulgado e ganhou especial evidência na mídia, causando comoção e solidariedade da sociedade em geral. Atualmente a data da chacina - 19 de agosto de 2004 marca o Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua.

Deste marco, como ressaltado por Melo (2011), e a partir da 4ª edição do Festival Lixo e Cidadania⁷, que ocorreu em setembro de 2005, promovido em Belo Horizonte pela Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis (Asmare), em que foram convidadas pessoas em situação de rua e pessoas com trajetória de rua, constituiu-se o movimento político representante da população em situação de rua, intitulado Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR). Criado com a finalidade de retratar a população de forma legítima perante as esferas governamentais, oportunizando maior participação na formulação de políticas inclusivas e dedicadas especificamente a este segmento populacional, dando visibilidade aos governos e à sociedade em geral, das condições e demandas de (sobre)vivência das pessoas em situação de rua.

Dada a importância deste ano, onde a divulgação e ampliação dos debates sobre as condições de vida da população em situação de rua, violação de direitos e o empenho em superá-la ganharam impulso; o recorte deste estudo, além de inferir

⁵ O ocorrido da Chacina da Sé é citado nos trabalhos de: Igor Robaina (2015); Tomás Melo (2011); e, na cartilha do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - Rua: Aprendendo a Contar (BRASIL, 2009a), como ponto-chave para o começo da articulação da População em Situação de Rua como Movimento e fato político.

⁶ Tomando como referência o Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a), em alguns momentos utilizaremos “segmento populacional” para fazermos referência à população em situação de rua.

⁷ O Festival Lixo e Cidadania era realizado pela ASMARE em parceria com governos municipais, estaduais e federal, e instituições e sindicatos representantes dos Catadores de Lixo e Materiais Recicláveis, realizado em Belo Horizonte, também abrigava e gerava visibilidade à debates sobre sustentabilidade trazidos de outros estados e em nível federal. Em sua quarta edição, segundo reportagem do Ministério do Meio Ambiente, realizada por Feitosa (2005), o evento contou em sua abertura com a presença de Marina Silva e Luís Inácio Lula da Silva - Presidente da República na ocasião do evento, além da inauguração de uma unidade industrial destinada à produção de plástico reciclado e do evento que anunciou a constituição do MNPR. O evento teve sua última edição em 2012 de acordo com informações obtidas no banco de notícias da Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais.

se houve uma maior discussão acadêmica acerca do tema, busca explorar se o volume de produções (enquanto teses e dissertações) aumentou no período entre 2005 e 2019, levantando temáticas recorrentes e, as áreas que mais se interessaram pelo estudo de questões inerentes à população em situação de rua.

Destacamos, para além da análise das produções acadêmicas do período, a falta de dados censitários da população estudada. De acordo com a cartilha do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome - *Rua - Aprendendo a Contar* (2009), a data prevista para a implementação da contagem e levantamento de dados sobre essa população pelo IBGE seria 2020, no entanto, segundo reportagem atual de Sasse e Oliveira (2019), veiculada no portal do Senado Federal, ainda não foi possível elaborar uma metodologia de pesquisa que contemple este segmento populacional, pois, as pesquisas do IBGE são dirigidas às pessoas domiciliadas. Além disso, ainda como destacado na reportagem de Sasse e Oliveira (2019), o órgão está enfrentando atualmente dificuldades até mesmo para realizar as pesquisas habituais, levando em conta os cortes orçamentários de 2019/2020. Portanto, segundo a mesma reportagem, a inclusão de pessoas em situação de rua no censo demográfico brasileiro ficará para depois de 2020.

O levantamento deste estudo foi realizado junto às plataformas CAPES⁸ e Sucupira⁹. Nelas foram consideradas teses e dissertações sobre adultos, homens e mulheres em situação de rua, sendo desconsideradas as produções dedicadas ao estudo de crianças e adolescentes. Ademais, dedicamos especial atenção aos estudos feitos sob o recorte de gênero, dando ênfase às pesquisas que se debruçaram sobre a questão das mulheres em situação de rua, recorte deste nosso trabalho.

A seguir faremos três movimentos: o primeiro em uma apresentação geral do total dos trabalhos acadêmicos encontrados nos bancos de dados das referidas

⁸ O acesso à plataforma ocorreu em março de 2020, sistematizamos um conjunto de palavras-chave, sendo elas: “situação de rua”, “moradores de rua”; “mendigos”, “mulheres em situação de rua”, e, “homeless”. Estabelecemos como filtro teses e dissertações de acordo com a delimitação de tempo definida para nossa pesquisa. E organizamos as produções acadêmicas encontradas de acordo com: data de defesa; autor; orientador; instituição; resumo; e, palavras-chave. Os dados são mais claros a partir de 2013, com associação da Plataforma Sucupira, visto que nos anos anteriores não estão disponibilizadas as fichas técnicas e os arquivos das produções.

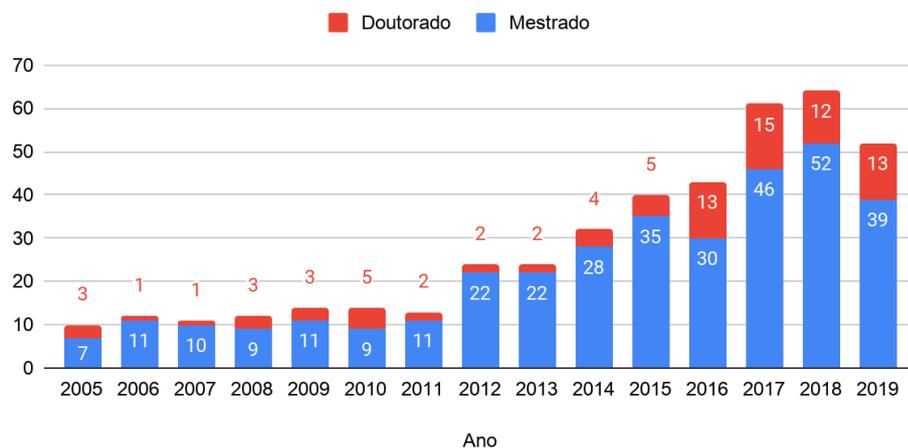
⁹ A Plataforma Sucupira está disponível desde o ano de 2013. Nela encontram-se disponíveis a ficha de dados dos trabalhos acadêmicos, bem como arquivos em formato PDF dos trabalhos que possuem divulgação autorizada. Desta forma, facilitando o acesso às produções acadêmicas, portanto, analisamos com maior profundidade os trabalhos disponíveis nesta Plataforma.

plataformas que tenham como temática a população em situação de rua adulta, tanto masculina como feminina; o segundo, dedicando-se às produções na área da educação – com e sem recorte de gênero, isto pois consideramos imprescindível explorar as produções submetidas à esta mesma área à que se encontra nossa pesquisa.; e o último sendo composto de análise, essa acerca do montante e das concepções presentes nas produções acadêmicas feitas sob o recorte de gênero de interesse deste trabalho de conclusão de curso

1.3 TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS DE 2005 A 2019

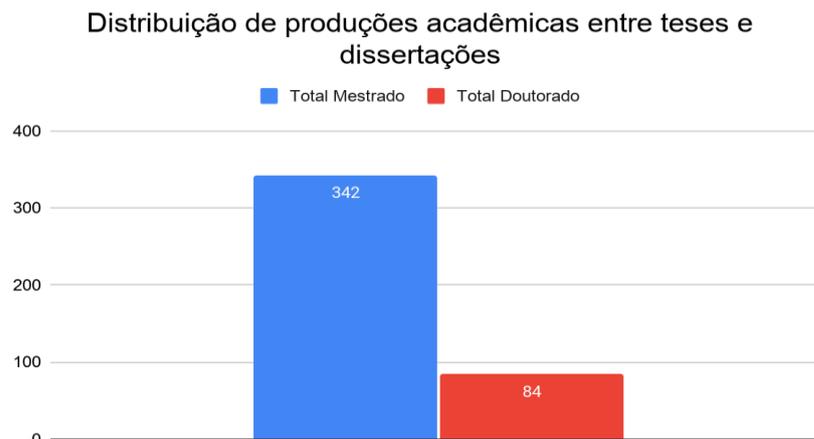
Ao todo, encontramos um conjunto de quatrocentas e vinte e seis (426) teses e dissertações produzidas neste intervalo de tempo sobre a população em situação de rua. O crescimento do volume de produções a partir de 2005 é notável, visto que no período de 2005 a 2011, intensificaram-se os debates acerca da população em situação de rua, registrando um conjunto de produções acadêmicas que totalizaram, no período oitenta e seis (86). Nos anos seguintes, 2012-2019, as produções acadêmicas sobre o tema praticamente quadruplicaram, somando um total de trezentos e quarenta (340) produções. Embora o volume de dissertações de mestrado seja muito superior ao de teses, vemos nos trabalhos de doutoramento o mesmo crescimento identificado nos dois períodos.

Volume de produções acadêmicas (mestrado e doutorado) por ano, no período de 2005 - 2019



Outro fato importante que causa impacto direto na discussão do tema é o Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2009b), que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua¹⁰, marco importante no diálogo entre a população em situação de rua e o Estado. Entre várias implementações, o Decreto instituiu canais de recebimento de denúncias de violação de Direitos Humanos, Centros de Defesa dos Direitos Humanos e os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS-Pop)¹¹. Além do mais, em seu Art.7º, inciso IV, um dos objetivos do Decreto também seria incentivar a pesquisa, produção e divulgação de conhecimentos sobre a população em situação de rua nas mais variadas áreas de conhecimento, contemplando a diversidade dessa população.

A quantidade de dissertações, em todo o levantamento se sobressai em relação às teses, como é possível visualizar no gráfico a seguir:

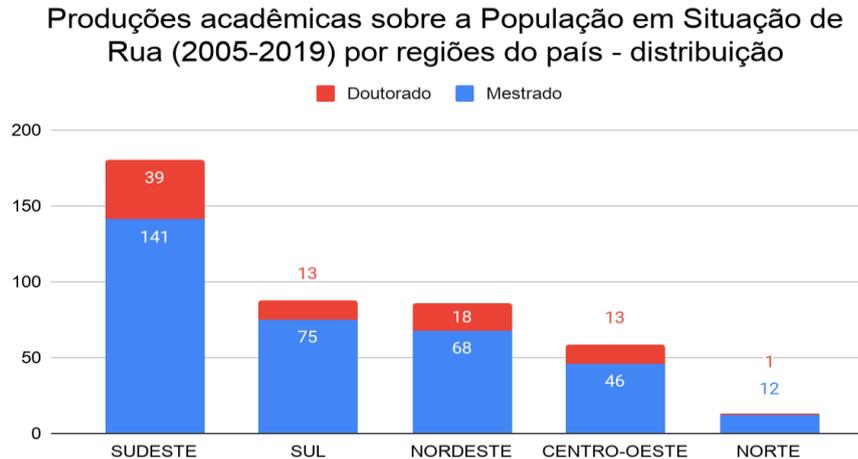


As regiões onde estão concentradas as produções ficaram divididas de tal modo em que predominam as produções no sudeste, seguidas do sul e do nordeste,

¹⁰ O Decreto nº 9.894 de 27 de Junho de 2019 (BRASIL, 2019b) atualiza o Decreto nº 7.053 e reformula os órgãos responsáveis pelo Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua, revogando os artigos 9º a 14º do Decreto anterior.

¹¹ Os Centros-Pop são referência para o atendimento da População em Situação de Rua, oferecem serviços como: emissão de documentos; endereço institucional para o atendimento em serviços como obtenção de benefícios sociais, tais como o Bolsa Família e Previdência Social, além de promover ações para a ações para a reinserção familiar ou social e para a promoção de autonomia e integridade, segundo o guia de apoio: “Da Rua para Casa: Moradia Primeiro” (PARANÁ, 2018. p. 19)

centro-oeste em terceira posição e o norte com o menor volume de produções, como representado no gráfico abaixo:



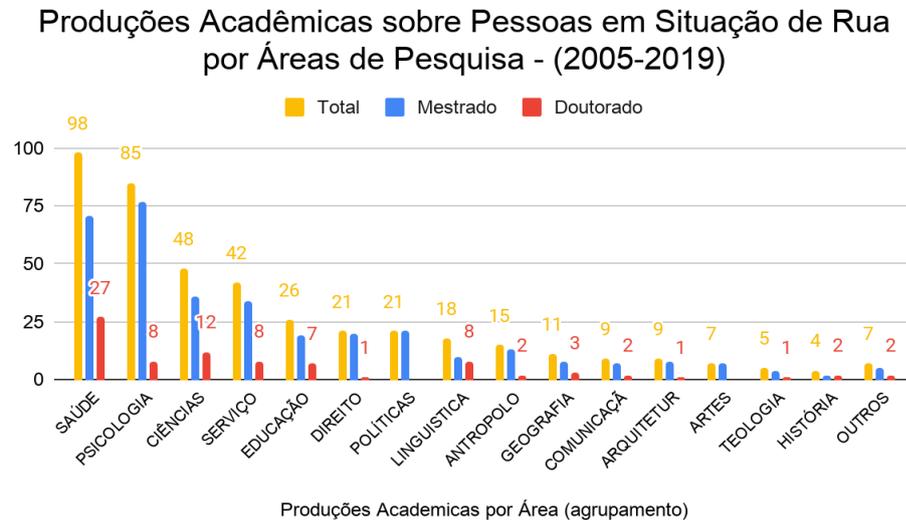
Destacamos o fato de que a concentração da produção acadêmica na região sudeste se deve à distribuição de programas de pós-graduação, que se agrupam em maior número nesta região, e não necessariamente pelo maior interesse na temática por parte de instituições localizadas no sudeste. Quanto às produções do sul do país, o estado em que se aglutina o maior número de trabalhos acadêmicos é o Rio Grande do Sul (50), seguido do Paraná (21) e de Santa Catarina (17). Na Universidade Federal do Paraná, local de nossa graduação, temos quatro dissertações de mestrado produzidas sobre a temática, nas áreas de antropologia, antropologia social e políticas públicas. Nenhuma delas na área da educação.

Entre as principais áreas¹² que se debruçaram sobre o tema, temos: saúde¹³ (98); psicologia (84); ciências sociais (51); serviço social (42); educação (26); direito (21); e outros 103 trabalhos distribuídos em diversas outras áreas como: arquitetura

¹² Junto aos apêndices, ao final deste trabalho, encontra-se uma tabela com todas as áreas de pesquisa em que aparece a temática “população em situação de rua”.

¹³ Com a finalidade de facilitar a análise das produções, optamos por agrupar as diversas áreas de pesquisa encontradas na Plataforma da CAPES em áreas maiores de conhecimento, desta forma, tomamos, por exemplo, a área de saúde pelo conjunto de pesquisas dedicadas à: Bioética; Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva; Alimentação, Nutrição e Saúde; Biologia Parasitária; Ciência da Reabilitação; Ciências da Saúde; Ciências da Saúde na Amazônia Ocidental; Ciências Médicas; Clínica Médica; Enfermagem; Enfermagem e Saúde; Enfermagem Psiquiátrica; Medicina Tropical; Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento; Odontologia; Saúde Coletiva; Saúde da Família; Saúde e Sociedade; Saúde Pública; Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde; Promoção da Saúde; Psicanálise: Clínica e Cultura; Ensino em Ciências e Saúde; Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde; Educação Física; Gerontologia; e, Gerontologia Biomédica.

e urbanismo; geografia; linguística; políticas sociais; e antropologia. O primeiro conjunto citado concentra mais da metade das produções acadêmicas da pesquisa.



Para além das áreas, observamos os objetos de interesse e temas de maior ocorrência dentro do debate acadêmico e, para tal, irei discorrer brevemente sobre os estudos realizados em cada área. A área da Saúde possui maior destaque e produção contínua¹⁴, nela as pesquisas são voltadas a aspectos da saúde mental; uso abusivo de álcool e outras drogas; estudos sobre doenças como: tuberculose, hepatite B e C, HIV e demais IST's e DST's, visando também à promoção e garantia do direito básico à saúde, autocuidado; a abordagem dos profissionais e trabalho realizados nos Consultórios na Rua¹⁵.

A área de Psicologia discorre sobre: trajetória de vida; narrativas pessoais - autobiografia; estigmas da população em situação de rua; atuação e papel do psicólogo nos Consultórios na Rua; e, transtornos psicológicos - decorrentes ou não do abuso de substâncias. Temas como assistência social, direitos humanos e saúde, e relações interpessoais também ficaram evidentes.

¹⁴ Salvo o ano de 2011, em que não ocorreram produções na área da saúde.

¹⁵ As equipes de Consultório na Rua são uma ferramenta adicional para a garantia do direito à saúde, que, segundo explicitado na Constituição Federal: "Saúde é direito de todos e dever do Estado" (art. 196-CF-88). Funcionando de maneira itinerante, o aparelho dos Consultórios na Rua tem como principal objetivo fazer a ponte entre a população em situação de rua e os serviços de atenção primária à saúde. Segundo Portaria nº 122, de 25 de Janeiro de 2011, que institui as normas de organização e funcionamento das equipes do Consultório na Rua.

Ciências Sociais e Serviço Social debatem sobre questões de abrigagem e instituições responsáveis pela acolhida da população em situação de rua, serviços como o Centro-Pop e CREAS-Pop; garantia ao direito básico de saúde – Sistema Único de Saúde (SUS) e Sistema Único de Assistência Social (SUAS); estigma, autoimagem e construção de identidade. Nas produções feitas na área de Serviço Social também são feitas reflexões sobre questões do trabalho e ócio da população em situação de rua, possibilidade de reinserção no mercado de trabalho e superação da situação de rua.

No âmbito da área de Direito e de Políticas Públicas e Sociais, ficaram evidentes os estudos sobre avaliação e especificidades de políticas públicas voltadas ao atendimento de pessoas em situação de rua, mirando a garantia de direitos básicos de saúde, alimentação, segurança e o trabalho nas instituições de acolhida. Foram abordados assuntos como o direito à moradia, e a reinserção social por meio do trabalho. Especificamente na área de Políticas Sociais, debate-se acerca dos impactos que a condição de gênero pode acarretar no acolhimento e tratamento de homens e mulheres em situação de rua e também quanto à efetividade e o cumprimento da Política Nacional para a População em Situação de Rua, bem como legislações municipais e estaduais específicas de algumas localidades, como: São Paulo, Salvador, Curitiba, Rio de Janeiro, Tocantins, Ceará e Espírito Santo.

A área de Letras e Linguística, bem como a de Comunicação e Jornalismo, trazem à luz do debate acadêmico, reflexões relativas à análise do discurso midiático para com a população em situação de rua, discorrendo sobre memória social e estigma, identidade e histórias de vida. São explorados veículos midiáticos produzidos pela e para a população em situação de rua, tais como os jornais: Boca de Rua – do Rio Grande do Sul, e Aurora da Rua – Salvador; e outros como a Veja São Paulo e a plataforma do *YouTube*. Na área de Letras, são exploradas análises de conversa entre voluntários e pessoas em situação de rua, e a construção de cidadania proporcionada na interação aluno-professor no ensino de Língua Portuguesa em uma instituição educacional do Distrito Federal que atende estudantes em situação de rua, e por fim, a análise do discurso presente no Movimento Nacional da População de Rua (MNPR).

Os trabalhos de Antropologia Social dedicam-se aos modos de vida, ocupação urbana e ressignificação dos espaços urbanos pela população em

situação de rua, abordando também as trocas e relações sociais na rua. Destaco nesta área, o mestrado de Tomás Henrique de Azevedo Melo (2011), pela Universidade Federal do Paraná, o antropólogo estudou sobre a articulação e o reconhecimento da população em situação de rua enquanto fato político, no processo de construção do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) e a busca por maior representatividade e diálogo perante as esferas políticas. O trabalho de Melo (2011) é uma das referências utilizadas na tessitura deste trabalho de conclusão de curso.

Em Geografia concentram-se os debates sobre o ocupar da área urbana, as espacialidades, movimentações e ressignificação dos espaços. Evidencio, nesta área, a tese de Igor Martins Medeiros Robaina (2015), que debruçou-se sobre as mobilidades e permanências da população em situação de rua no centro da cidade do Rio de Janeiro - RJ. A pesquisa analisou o cotidiano e o acesso ao atendimento de necessidades básicas como alimentação, higiene, cuidados com pertences pessoais e lazer da população em situação de rua, constituindo outra importante referência para este trabalho. Este autor é referência neste trabalho e tem sido também no já mencionado Projeto de Extensão.

Os conteúdos estudados na área de Arquitetura e Planejamento Urbano assemelham-se e complementam a área de Geografia. Dedicando-se, em suma, à assuntos como a problemática de habitar a rua, a relação das pessoas que se encontram em situação de rua com o perímetro urbano, ressignificações, manifestações e representações artísticas do segmento populacional na cidade, e a distribuição entre abrigos (casas de acolhimento, instituições, hostels e hotéis sociais) e a rua, traçando um paralelo entre políticas públicas e socioassistenciais destinadas à população em situação de rua.

As demais produções distribuem-se entre as áreas de: Artes (7); Teologia (5); História (4); Engenharia Ambiental e Civil (2); Administração (2); Design (1); Filosofia (1); e, Turismo (1). Faz-se importante constatar, para além das observações feitas anteriormente, que a abordagem dos temas de: abuso de substâncias; doenças e infecções sexualmente transmissíveis; saúde mental e transtornos mentais causados em decorrência do uso abusivo de álcool e outras drogas; bem como estudos epidemiológicos de demais doenças - como tuberculose e hepatite, constituem a temática central dos trabalhos, estando presentes em quase

todas as áreas de pesquisa - principalmente quanto ao uso de álcool e crack, e abordagens de redução de danos.

A escolha pelo recorte de gênero feminino não é frequente, a concentração da maioria das produções é sobre homens ou não focalizam gênero em suas temáticas. Trataremos nos próximos tópicos, uma breve consideração sobre as produções acadêmicas na área da educação e de maneira mais aprofundada, a análise das mesmas sobre mulheres em situação de rua. O movimento de investigar as produções na educação constitui-se como importante fundamentação para este trabalho, visto que submetemos nossa produção a esta mesma área de pesquisa, assim, consideramos os trabalhos de mestrado e doutorado defendidos em educação como um todo – sem focalizar a questão de gênero, com a finalidade de apresentar o que já foi debatido em nossa área de pesquisa.

1.4 TESES E DISSERTAÇÕES SOB O RECORTE DA ÁREA EDUCAÇÃO

Consideramos pertinente que para além da análise geral e sob recorte de gênero, fossem feitas considerações a respeito das produções dedicadas à área da Educação, visto que a presente pesquisa encontra-se submetida à esta área do conhecimento. Assim sendo, encontramos vinte e seis (26) pesquisas em Educação dentro do total de quatrocentas e vinte e seis (426) teses e dissertações. Estes 26 trabalhos acadêmicos estão distribuídos entre dezenove (19) dissertações de mestrado e sete (7) teses de doutorado.

As produções sob este recorte têm início no ano de 2005 - ano inicial tomado no recorte de tempo deste trabalho de conclusão, com um trabalho de mestrado. Há uma lacuna até o ano de 2009, sendo estabelecida a continuidade de produções na área a partir deste ano, com constância de dois a três trabalhos por ano, chegando ao montante de quatro trabalhos no ano de 2015, e finalizando com três produções em 2019 - último ano considerado em nosso recorte.

Sobre as regiões onde os 26 trabalhos em educação estão localizados, observamos: 9 no sul; 8 no sudeste; 7 no centro-oeste; e 2 no nordeste, sendo que na região sul ocorreram pesquisas no estado do Rio Grande do Sul (concentrando 8 produções no total), e Santa Catarina (com apenas 1 dissertação de mestrado). Na localidade há trabalhos distribuídos pelas seguintes instituições: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade do Estado de

Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade La Salle (UNILASALLE, Canoas-RS). Não há ocorrência de pesquisas na área da educação referenciadas à população em situação de rua em instituições de ensino superior do estado do Paraná.

As teses e dissertações na área da Educação abordam temas diversificados, desde o trabalho de educadores sociais até registros pedagógicos de projetos voltados ao atendimento a pessoas em situação de rua, problematizando inclusive a formação e abordagem de policiais para com o segmento populacional estudado. Observamos nas temáticas a valorização das trajetórias escolar e de vida, encontrando temas como abandono e vulnerabilidade social. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é apresentada como desafio e garantia do direito básico à educação, sendo vista igualmente como possibilidade de superação da situação de rua e consequente melhoria da qualidade de vida.

Figuram ainda contrastes entre oprimido e opressor, visibilidade e invisibilidade de pessoas em situação de rua, marginalização e desumanização. A problematização da questão de gênero, explorando os malefícios da construção social e os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres se faz também temática presente. Por ser uma área ampla e que possibilita um vasto leque temático, não é possível inferir quais temas concentram maior interesse nesta área. Ainda assim destacamos que a problemática do uso de drogas se faz presente também nesta nossa área de pesquisa, embora em menor quantidade e centralidade no debate em Educação.

Deste modo buscamos fazer alguns destaques ano a ano, a fim de apresentar um panorama mais amplo e claro acerca dos recortes e interesses apresentados em nossa área de pesquisa. Começamos pelo trabalho de Suman (2005), a pesquisadora se debruçou sobre a realidade e rotina de catadores de materiais recicláveis e de pessoas em situação de rua. Em seu trabalho Suman comenta sobre como a percepção social dos catadores e pessoas em situação de rua por vezes se mesclam e confundem, principalmente na ótica da sociedade enquanto classe média. O objetivo de sua pesquisa foi ampliar a visão dos profissionais da educação sobre esta realidade e ajudar a trabalhar temas como: preconceito; exclusão; e, reciclagem.

No ano de 2009, conseguimos acessar¹⁶ uma entre as três produções levantadas. Correa (2009) estudou a construção da identidade profissional de psicólogos atuantes em uma instituição socioeducativa do município de São Paulo. A pesquisadora tomou as instituições de atendimento socioassistencial como espaços educativos não-formais, explorando a intencionalidade dos profissionais quanto ao desenvolvimento de práticas educativas. De modo complementar, as demais produções relatadas neste mesmo ano: Lira (2009) e Silva (2009), também investigaram espaços socioeducativos, pesquisando a atuação de educadores sociais.

Os estudos do ano seguinte se debruçaram nas possibilidades e trajetórias educativas de pessoas em situação de rua. Fraga (2010) buscou trabalhar com educadores sociais de uma instituição de Porto Alegre (RS) que atende meninos e meninas em situação de rua, com enfoque no trabalho destes educadores, suas trajetórias profissionais e relatos de infâncias na rua. Apesar de trazer à tona a questão das crianças em situação de rua, Fraga (2010) foca no trabalho do educador social na rua, por este fato, contabilizamos a tese em nosso levantamento.

Observamos fortemente a presença de estudos sobre movimentos sociais e organização de instituições voltadas ao atendimento da população em situação de rua, bem como a ênfase no trabalho do educador social e nos vínculos criados durante a realização do trabalho socioeducativo. Em 2011, Graziola estudou as formas de cooperação e solidariedade para e entre as pessoas em situação de rua em um movimento social de Porto Alegre que busca a valorização e garantia de direitos ao segmento populacional. No mesmo período, Paiva (2011) buscou entender as vivências e experiências do educador social na rua, tendo realizado seu trabalho em três capitais - Porto Alegre, Vitória e Salvador, abordando a complexidade do “ser” educador social com todas as suas atribuições.

Seguindo o movimento de pesquisas voltadas às instituições de atendimento à população em situação de rua, as produções de 2012 e 2013 focalizam o acolhimento institucional público e aparelhos assistenciais como o Consultório na Rua. Assim, destacamos as pesquisas de Tondin (2012) que estudou o Consultório

¹⁶ Faz-se importante destacar que o acesso aos trabalhos acadêmicos foi facilitado a partir do ano de 2013, quando a Plataforma Sucupira foi implementada articulando as referências das pesquisas às fichas contendo os dados dos trabalhos e arquivos em PDF. Ainda assim, nem todos os trabalhos possuem divulgação autorizada. Deste modo, o acesso às pesquisas no período de 2005-2012 é ligeiramente dificultado em relação aos anos seguintes.

na Rua como possibilidade e abordagem com relação ao uso de drogas, a autora observou e descreveu quais as estratégias clínicas utilizadas e ações educativas preventivas e de enfrentamento ao uso e abuso de drogas; Serrano (2012) que estudou o discurso dos aparelhos de acolhimento institucional, tensionando as relações entre saber e poder dos profissionais e da população atendida, segundo ele, o discurso institucional tende a padronizar a população em situação de rua, o que implica na baixa adesão às atividades e acolhimento, este movimento, ainda segundo o autor desta tese de doutorado, implica em um tensionamento entre o bem e o mal que coloca voluntários e profissionais da assistência social como indivíduos bons, que estão oferecendo seu tempo e serviço contra a população em situação de rua, ingrata e que se nega à adesão do que lhe é oferecido, constituindo deste modo, sujeitos ruins.

Ainda com relação ao estudo de movimentos sociais, Machado (2013) estudou cadernos de campo de um Projeto Social intitulado “Pão & Beleza”, realizado no município de Petrópolis (RJ), tendo como título de sua pesquisa de mestrado “Os Ingovernáveis”, dedicou-se à pesquisa das formas de governo da vida, tomando a população em situação de rua como representação de resistência a tais governos.

Como destacado anteriormente, os interesses e temáticas abordados na área da Educação são amplos. Deste modo, Cabral (2014) empenhou-se em debater sobre a consciência identitária camponesa e a migração do campo à cidade, segundo o pesquisador, a inadequação à modernidade e espaço urbano pode acarretar na marginalização destes sujeitos vindos de áreas rurais e conseqüentemente empurrá-los a um contexto de situação de rua.

Em 2015, Galvani ocupou-se do estudo de práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua, explorando ações de acolhimento e caridade por instituições religiosas e a necessidade de acesso a estes instrumentos por parte da população em situação de rua, criando, desta forma, redes de interdependência. A autora tomou os circuitos religiosos como possibilidade de reconstrução do sentimento de pertencimento e ressignificação da experiência negativa da situação de rua, estudando movimentos contrários aos de desqualificação e desfiliação social. No mesmo ano, temos mais dois destaques, Ferreira (2015) que debruçou-se sobre a formação policial e a lida com as pessoas em situação de rua, enfatizando que se houvesse maior preparo por parte dos cursos e formação policial, a violência

policial poderia ser minimizada e haveria melhorias na relação e tratamento com a população em situação de rua; Silva (2015) investigou ações educativas implícitas nas atividades da associação “Pode Crer” em Sorocaba (SP) mirando na prática de redução de danos e educação popular.

Levantamos em 2016 o montante de três trabalhos acadêmicos, sendo eles duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. As temáticas abordadas neste ano referem-se a formas de organização da população em situação de rua e sobre percepções que os sujeitos em contexto de rua têm da educação formal. Assim sendo, Borges (2016), tendo como eixo educação em saúde, pesquisou os modos de vida e de bem-estar, entre vidas facilmente normatizáveis (socialmente aceitas e no curso “normal” - casar, ter filhos, se formar, casa, carro) ou não normatizáveis, como o caso da população em situação de rua, opostas aos ideais comuns de bem-estar. Lopes (2016) fez sua pesquisa em uma comunidade do centro da cidade de Cuiabá (MT), e levantou dados sobre os modos de habitar e a cultura material e imaterial deste coletivo de mais de sessenta (60) pessoas, levando em conta a vida destas pessoas em uma perspectiva de educação popular, no sentido de entender como essa comunidade pode mudar o entorno. Por fim, Paula (2016) que esteve em situação de rua durante 30 anos, investigou as percepções e representações de “oprimidos” em situação de rua acerca da educação formal, buscando compreender quais são os conceitos sobre a educação regular constituídos por estes indivíduos.

No ano de 2017 ocorre apenas uma dissertação de mestrado, nesta Massavi (2017) coleta relatos de um homem em situação de rua, e explora sua visão universal e singular do mundo, a fim de compreender os mecanismos que oprimem as pessoas em situação de rua e quais são os modos de vida destas pessoas inseridas no sistema capitalista. Por fim, nos dois últimos anos do recorte encontramos cinco pesquisas acadêmicas, sendo um mestrado e um doutorado em 2018 e três mestrados no ano de 2019.

Em 2018, Santos empenhou-se no estudo quanto ao trabalho educativo e acolhimento de uma escola municipal de Porto Alegre (EPA) - Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre. A instituição exerce trabalho educativo na modalidade da EJA destinado à população em situação de rua, o pesquisador enfatiza que são poucas as instituições em que é ofertado este tipo de serviço - outra instituição educativa citada nas produções a que nos debruçamos e conhecida

por realizar atendimentos ao segmento populacional é a Escola Meninos e Meninas do Parque do Distrito Federal (DF). Santos busca inferir como o acolhimento está expresso no Projeto Político Pedagógico da escola, assim como a forma em que este acolhimento se manifesta nas práticas diárias da instituição.

Destaco em 2018 a tese de doutorado de Stelamaris Glück Tinoco. A pesquisadora voltou-se à questão de gênero, evidenciando os homens em situação de rua e a construção social das masculinidades. Em sua caminhada, Tinoco percebeu como as questões de gênero estavam associadas a várias outras questões interdependentes - raça, idade, poder aquisitivo -, inclusive entre ambos os gêneros. Para a pesquisa, a autora utilizou o método de narrativas ficcionais como forma de proteger os dados das pessoas que contribuíram com o estudo, e organizou a pesquisa em seis eixos. Dessa forma, Tinoco focalizou as mulheres em situação de rua, no sentido de entender como o gênero masculino representa proteção a estas mulheres, não deixando de tratar temas voltados à orientação sexual, políticas públicas, a questão dos vínculos interrompidos com a família e o afastamento compulsório de crianças de seus pais e mães que se encontram em situação de rua.

No último ano de nosso recorte encontram-se três pesquisas de mestrado. A primeira aqui destacada - Alves (2019) trata questões da biopolítica, no trato de políticas públicas de um Estado que deixa viver e faz morrer, as necropolíticas que corroboram para o abandono, silenciamento e invisibilização das pessoas em situação de rua, como forma estabelecida pelo Estado para autorizar o extermínio dessa “população-problema”. As duas últimas pesquisas abordam a questão da EJA em diferentes óticas. Souza (2019) pesquisa a EJA com narrativas fotográficas, realizando construções de narrativas coletivas e individuais como instrumento para acessar memórias e ressignificar experiências de pessoas em situação de rua, alunos da Escola Meninos e Meninas do Parque (DF). A pesquisadora enfatiza a importância de levar em conta os saberes e realidades dos alunos.

Por fim, Bady (2019) pesquisa em seu mestrado, as trajetórias educativas de alunas em situação de rua também em uma instituição educativa que atende pessoas em situação de rua na modalidade EJA. A dissertação levantou dados quanto ao acesso de mulheres em situação de rua à escolarização formal, mostrando que as mulheres são minoria na instituição pesquisada - Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA - RS), e que este público sofre processos

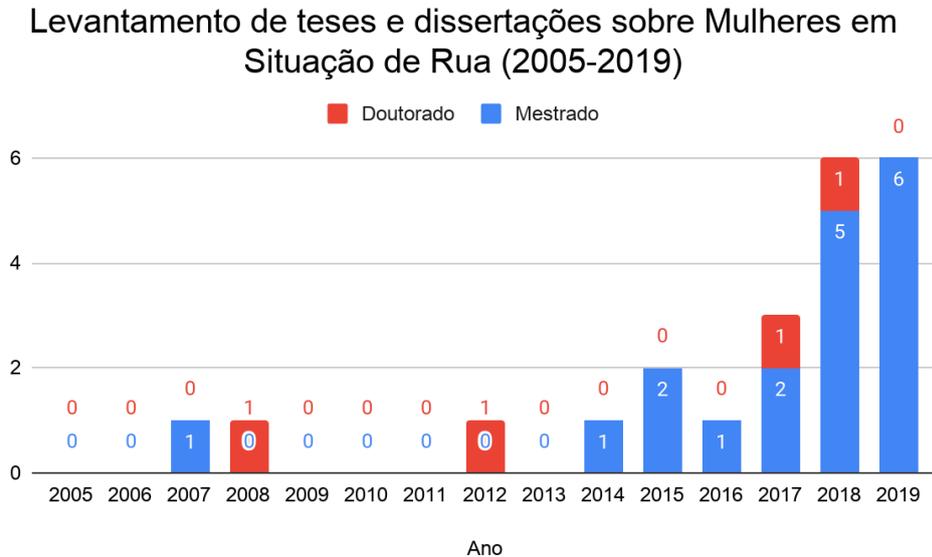
mais acirrados de violência. Janaína Bady foca primeiramente na violência de gênero e mostra ao decorrer de sua escrita, que na realidade os processos de violência vivenciados por estas mulheres são casos de múltiplas violências, que ocorrem em decorrência da violência de gênero. O trabalho busca investigar de que modo a violência (ou as violências, em especial de gênero) podem influenciar na aprendizagem de mulheres que sofrem processos de vulnerabilização social, atrelando a violência ao desenvolvimento e desempenho escolar. Sendo a única pesquisa na área da Educação que recorta o gênero feminino.

Após este breve panorama podemos concluir que ainda que as produções acadêmicas na área da Educação representam uma pequena fatia se comparado ao total de 426 produções encontradas no presente levantamento. Observamos a repetição de problemas de pesquisa que centralizam movimentos sociais, a EJA (Educação de Jovens e Adultos), as organizações e modos de vida de comunidades e/ou pessoas em situação de rua, e o trabalho e formação profissional destinados ao atendimento da referida população. Encontramos em nossa área, a educação, apenas uma pesquisa que focaliza a questão do gênero feminino, no último ano do nosso recorte de tempo, a seguir analisaremos as produções dedicadas ao estudo de mulheres em situação de rua.

1.5 TESES E DISSERTAÇÕES - RECORTE DE GÊNERO FEMININO

Concentramo-nos em fazer esta análise do gênero feminino de forma mais detalhada, visto ser a temática central de nossa pesquisa. De acordo com os dados levantados, a produção dedicada a este recorte também segue o mesmo perfil de relevância, com aumento gradativo de pesquisas no período de 2007 a 2019 que abordam a temática, embora do total de trabalhos acadêmicos sobre a população em situação de rua, apenas 5% deles trata das mulheres. Encontramos, no recorte deste tópico, um conjunto de vinte e duas (22) teses e dissertações, sendo divididas entre dezoito (18) mestrados e quatro (4) doutorados, de um total de 426 trabalhos acadêmicos. A particularidade observada aqui se dá na medida em que, ainda que as pesquisas tenham crescido no intervalo de tempo pesquisado, não há tanta constância nas produções. Isso implica em lacunas, havendo alguns anos em que nada foi produzido. Outro movimento interessante é o aumento significativo da conclusão de pesquisas a partir do ano de 2017.

Como podemos observar no gráfico, as produções têm início no ano de 2007, mas a constância se dá apenas a partir de 2014, ganhando impulso nos últimos anos. Destacamos especialmente o contraste entre um (1) mestrado defendido em 2007, em comparação com seis (6) produções em 2019.



Levantamos algumas hipóteses acerca do aumento no debate da temática, dentre elas a aprovação da Lei nº 11.340 de 7 de Agosto de 2006, a Lei Maria da Penha, muito conhecida por ser uma lei específica para casos de violência doméstica contra mulheres, que, segundo o portal do Ministério Público de São Paulo, foi criada a partir do caso de violência doméstica de Maria da Penha Maia Fernandes, uma farmacêutica natural do estado do Ceará que sofreu duas tentativas de assassinato pelo seu esposo no ano de 1983, tendo ficado paraplégica em decorrência da violência vivenciada. A Lei engloba diversos tipos de violência, seja física, verbal, patrimonial, sexual, psicológica, ainda segundo o Ministério Público de São Paulo (2010):

A **Lei 11.340/06**, que recebeu o nome de “**Lei Maria da Penha**”, foi fruto da organização do movimento feminista no Brasil que desde os anos 1970 denunciava as violências cometidas contra as mulheres (violência contra prisioneiras políticas, violência contra mulheres negras, violência doméstica, etc.) e nos anos 1980 aumentou a mobilização frente a absolvição de

homens que haviam assassinado as esposas alegando “legítima defesa da honra”. (SÃO PAULO, 2010, *n.p.*).

Frisamos aqui o fato de ser uma Lei dirigida a casos de violência domiciliar.

A Lei garante à mulher brasileira:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 2º Cabe à família, à sociedade e ao poder público criar as condições necessárias para o efetivo exercício dos direitos enunciados no caput.

Art. 4º Na interpretação desta Lei, serão considerados os fins sociais a que ela se destina e, especialmente, as condições peculiares das mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, 2006b)

E institui ainda outras ferramentas no aparato do Estado, como no inciso IV, da implementação de Delegacias da Mulher e atendimento policial especializado; e, inciso VII, da capacitação permanente das Polícias Militar e Civil, Guarda Municipal e Corpo de Bombeiros quanto às questões de gênero e etnia.

Entendemos que as mulheres em situação de rua não são contempladas pela Lei Maria da Penha, principalmente se tomarmos seus Artigos 2º e 3º, tendo em vista a questão da ausência de moradia regular como uma das características inerentes à situação de rua e insuficiência de políticas públicas capazes de incorporar e garantir todos os direitos fundamentais citados na Lei. Apontamos igualmente o Art. 2º, inciso III quanto ao destaque do papel da família, cabendo antes à esfera domiciliar, o governo e cuidado quanto à garantia de direitos da

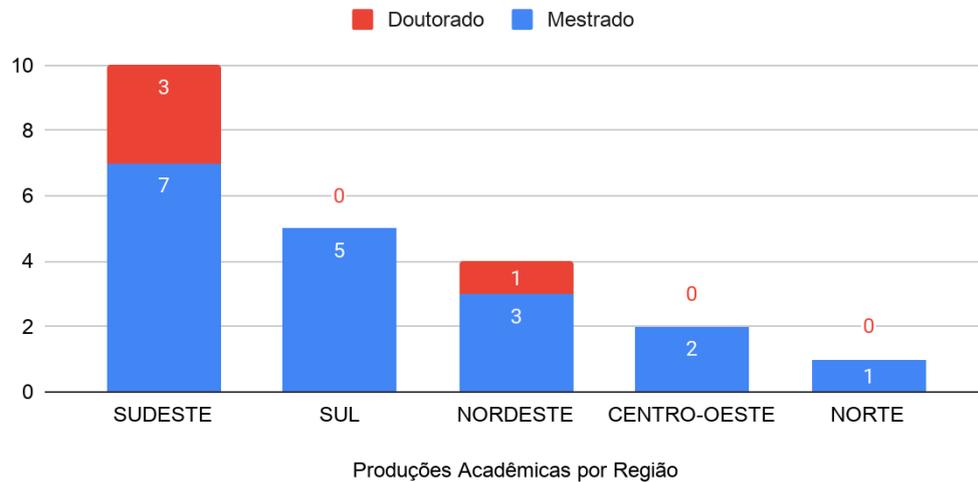
mulher brasileira, aproveitamos para reforçar outra condição muitas vezes compartilhada por aqueles e aquelas que se encontram em situação de rua, a ruptura, interrupção ou impossibilidade de contato com a família.

Outra possibilidade para o aumento do debate foi a instituição da Lei nº 13.104 de 13 de Março de 2015, que altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 do Código Penal e estabelece o *Feminicídio* como instância qualificadora do crime de homicídio, incluindo-o ainda no rol de crimes hediondos. Além da conseqüente divulgação midiática dos casos de agressão, especialmente doméstica. Nesses casos, consideramos que o debate acerca das questões femininas e de gênero pode ter aumentado, mas não necessariamente contemplam o caso das mulheres em situação de rua, tanto no que se refere à ausência ou quase nulidade da divulgação dos casos de agressão e violência a essas mulheres, como pelo fato de serem leis dirigidas ao atendimento de casos de violência doméstica - no caso da Lei Maria da Penha.

Outrossim, destacamos o fato da valorização do espaço privado da casa e da referência feminina ser tomada, via de regra, pelo espaço doméstico, pois, ainda que a inclusão do termo *Feminicídio* e a qualificação do crime de homicídio contra a mulher - nos casos em que o crime é motivado pelo fato da condição feminina (violência de gênero), como crime hediondo, a principal referência de local para mulheres ainda é a casa. A Lei nº 13.104 de 13 de Março de 2015 em seu artigo segundo, inciso I, cita como causa primordial a violência doméstica e familiar, antecedendo à definição de crime por “menosprezo ou discriminação à condição de mulher”, no inciso II.

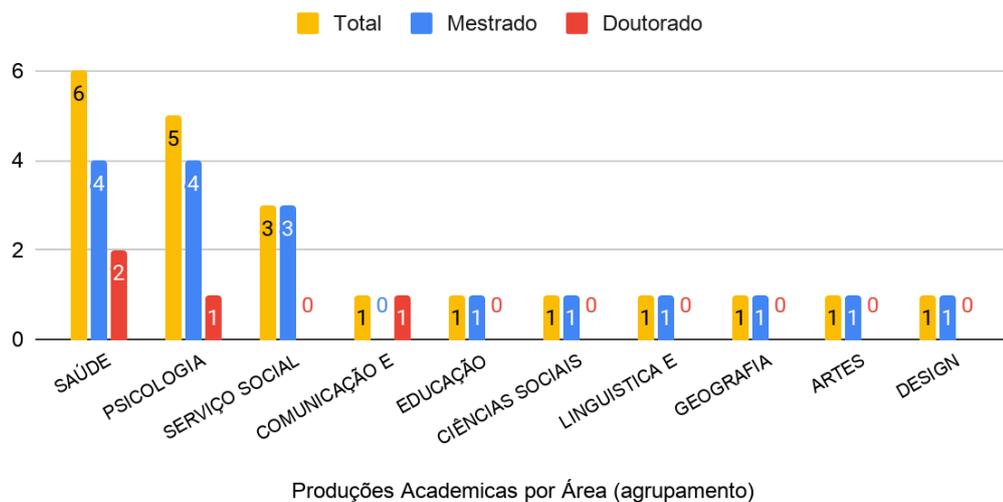
Compreendemos, nestes fatos, razões possíveis para o início do debate acadêmico no ano de 2007 - ainda que com as lacunas observadas no gráfico, e a constância de produções a partir do ano de 2014. As produções acadêmicas encontram-se em maior número na região sudeste, seguido do sul, nordeste e demais regiões, centro-oeste e norte, respectivamente. No sudeste se destaca no estado de São Paulo (7), e no sul os estados de Rio Grande do Sul (4) e Santa Catarina (1). Por ser um segmento com número de produções significativamente menor, não há como apontar as instituições onde houve maior produção neste período. Apontamos também para a inexistência de teses e dissertações sobre mulheres em situação de rua produzidas no estado do Paraná.

Produções acadêmicas sobre Mulheres em Situação de Rua (2005-2019) por regiões do país - distribuição



As principais áreas que se dedicam ao tema dividiram-se em: saúde, psicologia e serviço social. Há outra parcela de produções acadêmicas distribuídas pelas áreas de comunicação, educação, ciências sociais, linguística e letras, geografia, artes e design.

Produções Acadêmicas sobre Mulheres em Situação de Rua por Áreas de Pesquisa - (2005-2019)



Nesse tópico é possível observar que as produções seguem basicamente o mesmo fluxo da análise total, desta forma, as áreas de saúde, psicologia e serviço social continuam acumulando maior volume de produções. Como há um número significativamente menor em relação ao todo, o restante dos trabalhos acadêmicos distribuem-se nas demais áreas, como podemos visualizar no gráfico acima, não necessariamente seguindo as produções do total acumulado. Outro apontamento que se faz importante é a quantidade de pesquisas de mestrado e doutorado, que seguem também o mesmo movimento do montante de 426 produções acadêmicas levantadas, com destaque para as dissertações de mestrado, o que implica no número menor de teses de doutorado, assim como observado na análise geral.

Como optamos por nos aprofundar na análise de produções acadêmicas sob recorte de gênero, a seguir, faremos destaques área a área do que buscou-se problematizar sobre mulheres em situação de rua, buscaremos inferir quais foram os temas abordados com maior frequência em cada uma das áreas onde encontramos a problemática da mulher em situação de rua, investigaremos também quanto aos referenciais teóricos tomados, concepção de mulher e breves resultados das pesquisas. Do total de dezoito mestrados e quatro doutorados, tivemos acesso a 17 dessas produções acadêmicas - sendo 14 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado, isso se deu porque alguns trabalhos não possuem divulgação autorizada.

Na área da saúde encontramos sete produções acadêmicas, sendo dois doutorados e cinco mestrados. Destacamos a área de pesquisa de Enfermagem, sendo três dos sete trabalhos levantados dedicados a esta área de pesquisa, os demais estão distribuídos em: Saúde Pública; Saúde Coletiva; e, Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. As pesquisas em saúde começam no ano de 2007, com a dissertação de mestrado de Luciana Rossani Tiradentes que se debruçou sobre a questão da identificação dos diagnósticos possíveis em enfermagem para mulheres em situação de rua, por meio do método descritivo-exploratório com abordagem quantitativa. Tiradentes (2007) analisou uma amostragem de 40 mulheres em situação de rua no centro da cidade de São Paulo, seu estudo foi realizado em parceria com duas entidades filantrópicas - Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), Fraternidade dos Discípulos de Jesus – Sede Santo Amaro, (região central do Município de São Paulo) e Casa de Convivência Metodista do Povo de Rua, situada no bairro da Liberdade.

Tiradentes (2007) explicita o motivo pelo qual se debruçou na temática de mulheres em situação de rua. A pesquisadora já realizava trabalhos voluntários desde a adolescência e um ano antes da defesa de seu mestrado começou a desenvolver um trabalho nas instituições acima elencadas. Segundo ela, o trabalho que realizava em enfermagem ainda não estava estruturado e se fazia necessário ir além da prescrição de remédios e consultas, conhecendo melhor a realidade do público com o qual trabalhava. Deste modo, sua dissertação começa por definir os conceitos de pobreza e exclusão social, econômica e política, passando pela problematização da culpabilização pela pobreza e marginalidade, interligando conceitos de gênero, exclusão e acesso à saúde.

A pesquisadora traz ao debate a violência de gênero e a subalternidade do sexo feminino. Segundo ela, a evolução histórica em tempos modernos ainda é insuficiente, o que acarreta menor acesso à renda e conseqüentemente às condições de saúde e higiene:

O sexo social, historicamente construído, é produto das relações sociais entre homens e mulheres e deve ser entendido como elemento constitutivo destas mesmas relações nas quais as diferenças são apresentadas como naturais e inquestionáveis. Isso revela condições extremamente desiguais de exercício de poder com as mulheres que ocupam posições subalternas e secundárias em relação aos homens.

As questões gênero e pobreza têm conseqüências graves sobre a saúde feminina das mulheres porque, de maneira geral, elas têm menos fontes de recursos do que os homens. A Organização Mundial de Saúde estima que 60% das mulheres nos países pobres são mal nutridas e conseqüentemente anêmicas, o que agrava sua predisposição a danos em relação à saúde.

Fatores associados ao gênero influenciam a saúde da mulher, independentemente da cultura ou classe social em que ela está inserida. Assim, a coerção e a violência sexual, incluindo o estupro, a esterilização involuntária, o aborto, representam sérios riscos à saúde das mulheres, potencializados pela impossibilidade econômica das mulheres excluídas. (TIRADENTES, 2007, p. 19)

Ainda segundo essa pesquisa, as mulheres, em maior número, convivem com desemprego, e as famílias chefiadas por mulheres atingem níveis mais críticos e elevados de pobreza e desemprego, tudo isso contribui para a intensificação da exclusão social. Com este pano de fundo, utilizando de dados sobre desemprego e violência, a mestre em saúde buscou, por meio do Sistema de Assistência em Enfermagem (SAE), levantar dados sobre as mulheres em situação de rua que atendeu nas instituições filantrópicas citadas, com a finalidade de melhorar o

atendimento destas mulheres e estruturar o trabalho em enfermagem, moldando-o de acordo com as necessidades do público.

Os encontros e entrevistas ocorreram durante as consultas em enfermagem, muitos foram realizados apenas uma vez. Tiradentes levantou dados sobre a percepção quanto à própria saúde e os problemas de saúde relatados pelas 40 mulheres, os analisou por meio de uma ferramenta de taxonomia, utilizando os “Domínios e Classes propostas pela Taxonomia II da North American NursingDiagnosisAssociation (NANDA)”, tendo encontrado 41 diagnósticos de enfermagem possíveis e prováveis, e ainda alguns outros casos que não puderam ser classificados, entre eles:

- Foram identificados 41 diagnósticos de enfermagem e os mais freqüentes foram : Manutenção ineficaz da saúde (80%); Dentição prejudicada (78%); Constipação (35%); Nutrição desequilibrada: menos do que as necessidades corporais (33%); Déficit para o autocuidado para banho/higiene e Risco de Infecção (30%); Nutrição desequilibrada: mais do que as necessidades corporais (15%); Integridade da pele prejudicada (13%); Ansiedade e Risco de lesão (10%);
- Identificaram-se 26 diagnósticos prováveis e os mais freqüentes foram: Interação social prejudicada; Baixa auto-estima situacional; Disfunção sexual; Processos de pensamento perturbados; Processos familiares interrompidos; Ansiedade; Baixa auto-estima crônica; Desesperança; Angústia espiritual; Disposição para religiosidade aumentada.
- Foram identificadas situações que não puderam ser classificadas, nem mesmo nos diagnósticos prováveis, por serem muito específicas desta população e não haver ainda, dados suficientes para apoiá-las, mesmo porque os diagnósticos da NANDA estão mais direcionados às pessoas em sistema de internação hospitalar. (TIRADENTES, 2007, p.64)

As possíveis causas levantadas como justificativa para os diagnósticos são: baixa qualidade do sono, hidratação insuficiente, baixas condições de higiene, falta de privacidade, uso de álcool e outras drogas, tabagismo, entre outros. A pesquisadora considera que a falta de vínculos mascarou os dados e sugere aos enfermeiros e enfermeiras que gostariam ou trabalham com a população de rua que estudem e se aprofundem em áreas para além da enfermagem, a fim de “conhecer suas reais necessidades e de colaborar para fornecer apoio e promover não só o cuidado paliativo, mas também a promoção à saúde das pessoas excluídas socialmente.” (TIRADENTES, 2007, p. 66).

Na sequência temos a tese de doutorado em saúde pública de Gisele Aparecida Dias Franco Arrunátegui, defendida em 2008. Em seu trabalho, a doutora buscou entender a experiência e vivência de mulheres em situação de rua sob o

olhar de si mesmas, do Outro Próximo e do Outro Distante. Deste modo, em seu recorte de pesquisa, entrevistou mulheres em situação de rua, homens em situação de rua - o Outro Próximo - trabalhadores que oferecem e atendem as pessoas em situação de rua, e também transeuntes - o Outro Distante, com objetivo de identificar questões de gênero na fala dos entrevistados e no discurso das mulheres sobre si mesmas.

Para Arrunátegui, o mundo da rua se apresenta com regras predominantemente masculinas, e as relações de poder se instalam “em diferentes níveis nas relações sociais entre homens e mulheres, dentre elas as de gênero, que conservam, de maneira acentuada, resquícios da ordem patriarcal ainda presentes na realidade brasileira.” (ARRUNÁTEGUI, 2008, p.8). Ao conceituar a situação de rua, a pesquisadora apresenta a exclusão e a globalização como ideias centrais que constituem o cerne da problemática, segundo ela, o capitalismo e a globalização instauraram um novo tipo de exclusão, que gerou outra leva de pessoas em situação de rua.

De acordo com Pochmann (2003), na atualidade, em grandes cidades, é possível localizar uma nova forma de exclusão social estreitamente ligada ao mundo tecnológico e globalizado: se antes a população excluída geralmente tinha baixa ou nenhuma escolaridade, vinha de famílias numerosas, era migrante e tinha ocupação mal remunerada, hoje, na nova exclusão, as pessoas não são analfabetas, têm escolaridade, vêm de famílias pequenas; já são cidadãos urbanos, mas estão desempregados. Em outras palavras, sem vencer a antiga forma de exclusão social, agregou-se às ruas da cidade uma nova leva de pessoas, que embora letradas, não têm acesso aos direitos sociais básicos, principalmente ao emprego regular, moradia e segurança. (ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 18)

Somado a isso, ocupar as ruas e estabelecer essa relação dual entre público e privado não é bem visto por parte do Outro Distante, pois perturba a ordem social, segundo a pesquisadora:

Rua em oposição à casa, esfera privada em oposição à esfera pública. A definição de cada um dos termos da oposição é dada pelos limites estabelecidos com o outro. Há um muro de convenções que delimita as atividades que devem ser exercidas em cada uma destas esferas. O que o transeunte considera como 'ações privadas realizadas em público', o transgressor pode considerar como 'satisfação das necessidades vitais'... O ato desviante dos moradores de rua está constituído em morar na rua, transgredindo um pilar da organização social que é a separação entre público e privado (Escorei, 2006:238). (ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 28)

Ao discutir as particularidades do ser mulher e de estar em situação de rua, a pesquisa aponta para a esfera privada da casa, como palco de atuação predominantemente feminino, o que culmina em um processo duplo de exclusão e estigmatização destas mulheres.

[...] o abandono desse papel tradicional pela mulher e a busca da liberdade não tem uma conotação positiva, na medida em que significa a quebra da ordem estabelecida e, portanto, a passagem do mundo da casa - domínio do feminino - para o mundo da rua, espaço de atuação masculina. Ao buscar a rua, viver no espaço da contra-ordem, as mulheres tornar-se-iam duplamente "fora de lugar": de um lado, deslocadas da ordem por habitar o espaço da rua tanto quanto o fazem os homens - para recuperar a expressão de Escorel que situou os "moradores de rua" como "seres humanos fora do lugar" - e, de outro, deslocadas do espaço que lhes foi socialmente destinado: a casa. (ARRUNÁTEGUI, 2008, p.95-96)

No entanto, outra possibilidade para a saída da esfera privada da casa, seria o fato de não sentir-se em casa dentro da própria casa, sofrendo processos acirrados de violência doméstica e privação, nesse sentido, a rua surge como "alternativa" para a liberdade:

Segundo Wardhaugh (1999), o aparente paradoxo da saída do mundo da casa para o mundo da rua e sua relação com a instabilidade familiar experimentada por muitas mulheres em situação de rua, pode ser explicado, em parte, por estas "sentirem-se sem casa dentro da própria casa", ou seja, quando mulheres concebem o ambiente doméstico como "uma prisão". Em casos como esse, conclui a autora, "literalmente a situação de rua, embora traga privação material e perda de referências identitárias [dadas pelo pertencimento à família de origem], representa, por outro lado, a liberdade [da opressão a que estavam sujeitas]" e a possibilidade de "encontrar seu lugar no mundo" (Wardhaugh, 1999:106 *apud*. ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 169-170)

A pesquisadora destaca ainda que o fato de habitar a rua em contingência temporária ou permanente é justificado, geralmente, pelo fator econômico, mas no caso das mulheres "é um fato estruturado por relações de poder presentes nas relações de gênero", e que deste modo, homens são vistos como desviantes, enquanto mulheres são vistas como dependentes.

Nas relações de gênero, vistas no cenário da rua pela ótica do Outro Distante, a mulher aparece em meio a um universo social predominantemente masculino, perpassado pelas mais diversas formas de violência, pelo alcoolismo, pela drogadição, prostituição, por enfermidades e pela falta de condições básicas de higiene e saúde. Nesse contexto, os entrevistados revelaram a rua como o espaço da degradação da mulher. É na rua que o corpo feminino torna-se, em muitos depoimentos, moeda de troca por droga ou cigarro, como a narrativa de Jasão; é na rua que a

mulher adquire doença, sofre violência e abusos de toda sorte, tem filhos nascidos de relacionamentos ocasionais, enfrenta as dificuldades de cuidado com o próprio corpo e torna-se parte de "um círculo vicioso" que culminaria, como ainda afirma Jasão, com sua morte. (ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 116)

A questão corporal e das relações afetivas também é posta em jogo, os relacionamentos afetivos, não são, dessa forma, vistos como opcionais. Na visão do Outro Distante, os relacionamentos entre homens e mulheres em situação de rua são vistos como fonte de proteção e obtenção de recursos ou drogas. Enquanto que no discurso do Outro Próximo - homens em situação de rua, a mulher é tida como "apoio", em um papel secundário, o homem trabalha enquanto a mulher o aguarda. O sexo também é trazido como moeda de troca nas relações entre homens e mulheres em situação de rua.

Observamos nos depoimentos apresentados, que o sexo como moeda de troca permeia a relação entre homens e mulheres. Os papéis sociais são construídos a partir das diferenças de gênero no seguinte sentido: cabe às mulheres o papel tradicional de cuidadora do lar, calcado na tradição patriarcal, ou seja, aquela que cozinha, lava, passa e mantém o equilíbrio das relações. Como pagamento pela proteção dada à mulher, esta passa a "pertencer" sexualmente a um homem. Há, nesse caso, a perda da autonomia individual, do direito de escolha pelo ganho de permanecer viva e "protegida" da violência de estranhos e de outros homens. O que, de nenhuma maneira garante proteção contra a violência do próprio parceiro. (ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 145)

Nos depoimentos coletados nessa pesquisa, também é forte a presença das questões do corpo feminino, a menstruação, a gravidez, amamentação e maior necessidade de higiene. A questão feminina também ganha centralidade quando é abordada a questão do "jogo interacional" (Robaína, 2015), onde as mulheres se colocam como necessitadas e dependentes da caridade de outrem, segundo Arrunátegui (2008), a figura feminina gera mais atos de caridade, enquanto que a masculina é alvo de julgamentos, por se tratarem, muitas vezes, de homens em idade produtiva.

Segundo as entrevistadas acima, o fato de ser mulher e estar em situação de rua apresenta condições que favorecem a benemerência do Outro Distante. A expectativa sobre o papel a ser desempenhado pelas mulheres na sociedade parece estar calcada, como já mencionado, no imaginário popular, que atribui à mulher a fragilidade e, desse fato deriva a necessidade de ser provida e protegida. Dessa maneira, tal fragilidade considerada inerente à natureza feminina, atua como uma via de mão dupla: por um lado se constitui como a maior dificuldade a ser enfrentada

nas ruas e, por outro, é facilitadora para obtenção de recursos e auxílio das mais variadas formas. (ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 185)

A pesquisa buscou diferenciar a situação de rua entre mulheres que preferem dormir nas ruas e mulheres albergadas. Trazendo o albergue como um espaço em que seria “possível recriar a privacidade de um lar”. Muitas mulheres e homens em situação de rua não se adaptam e não gostam do acolhimento dos albergues por considerarem importante o controle do próprio tempo e liberdade. Buscando, por fim, inferir quais são os sentidos da casa - enquanto construção e enquanto lar, a pesquisadora observou que as noções de casa são complexas para as mulheres em situação de rua, pois, na fala de mulheres domiciliadas a marcação entre casa como construção e casa como lar - afetividade, são claras. Ao falarem de casa, as mulheres em situação de rua referem-se ao espaço como local de afetividade e proteção.

Por fim, ao concluir sua pesquisa, Arrunátegui (2008), afirma que as questões de gênero estão muito mais impregnadas no discurso e olhar entrecruzado do Outro Próximo, entre homens e mulheres que compartilham da mesma situação. Isso se deve ao fato de que no cenário da rua não estão presentes os elementos de ampliação da participação social da mulher. Em se tratando de um espaço majoritariamente masculino e, portanto, com regras igualmente dadas por homens, a rua se constitui em espaço de reprodução e produção do discurso patriarcal que oprime as mulheres.

Seguindo para o ano de 2012, Rosa debruçou-se igualmente sobre a questão da trajetória de vida de mulheres em situação de rua da cidade de São Paulo, cuja produção não tivemos acesso. No entanto, sua tese de doutorado em enfermagem desdobrou-se em um artigo publicado no ano de 2015 com a mesma temática (ROSA E BRÊTAS, 2015). A metodologia utilizada na pesquisa foi a cartografia, tendo interagido, primeiramente com cerca de 100 mulheres e entrevistado 22 à posteriori. Dos resultados da pesquisa, os autores colocam as múltiplas formas de violência como principal motivo para a situação de rua, no caso do gênero feminino.

Depreendemos, dos resultados, que a situação de rua para as mulheres foi relacionada a: violências sofridas no contexto doméstico e familiar, a renda insuficiente para garantir o próprio sustento e o dos filhos, e a ruptura dos vínculos sociais. Nas ruas, conheceram a violência nas disputas territoriais,

opressões de gênero, falta de privacidade, tráfico de drogas e nas práticas higienistas. (ROSA e BRÊTAS, 2015, p. 275)

Os autores problematizam tais violências e afirmam, inclusive, que mulheres em situação de rua criam certa tolerância a outras formas de violência que não a física. A violência doméstica figura como principal motivo para a “escolha” ou última alternativa que seria a situação de rua.

Neste sentido, algumas mulheres que ouvimos chegaram ao limite das violências que conseguiram suportar no contexto doméstico e/ou familiar. Escolheram, por falta de outras opções, abandonar o lar e tentar a vida nas ruas, apontando para a fragilidade da execução da Lei Maria da Penha. (ROSA e BRÊTAS, 2015, p. 280)

A pesquisa de Rosa e Brêtas aponta, ainda, para o pequeno número de produções acadêmicas voltadas à temática do gênero feminino em situação de rua. Segundo o artigo, é necessário conhecer as particularidades e a complexidade da situação para implementar ações que contemplem melhor as necessidades deste segmento populacional.

Enquanto profissionais que assistimos esta população, devemos estar atentos ao impacto que os modos de vida na rua têm sobre o processo saúde-doença-cuidado para estas pessoas. Este estudo reforçou as nossas crenças quanto à prática de um cuidado ético, ontológico, que tenha a plasticidade de respeitar as vontades e de se adaptar às realidades de cada um. A complexidade da situação de rua para as mulheres demanda a ampliação do próprio conceito de cuidado, incorporando, em sua essência, a interdisciplinaridade e intersetorialidade. (ROSA e BRÊTAS 2015, p. 282)

Ao finalizar o seu estudo, Rosa e Brêtas sugerem que, ainda que os aparatos de cuidado à saúde da população em situação de rua tenham aumentado em número, é necessário conhecer a realidade e complexidade da rua, e pedem cautela ao dirigir novas ações à população, para que não massifiquem a população em situação de rua e priorizem um atendimento humano, que gere convivência e diálogo, em unidades menores de atendimento.

Também no ano de 2015, Biscotto pesquisou a experiência de mulheres em situação de rua que utilizam do albergue para pernoitar. Em sua pesquisa de mestrado a violência figura como tema transversal, apontando que a vulnerabilidade na rua se agrava quanto à condição de gênero e que a situação de rua em si ocorre em decorrência de outras violências que precedem a rua. O estudo foi realizado com

10 mulheres albergadas em Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora, nele ficaram explícitas questões como a violência sexual e doméstica, alcoolismo e uso/abuso de drogas como possibilidades de ruptura e privação do convívio familiar.

Outros problemas como tráfico ou convívio entre usuários e não-usuários de drogas e a violência sexual derivada da prostituição como meio de trabalho também ficaram explícitos. Biscotto (2015), deste modo, aponta para cuidados em saúde que contemplem a realidade dessas mulheres e homens em situação de rua, despindo-se de preconceitos e estigmatizações, ouvindo e reconhecendo as necessidades de cuidado e atenção à saúde demandadas por essa população.

Em 2018, na área da Saúde Coletiva, Frizzo investigou o acolhimento institucional em uma unidade CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial para tratamento de usuários de álcool e outras drogas) de Florianópolis-SC. Seu objetivo nesta pesquisa era levantar dados quanto ao acolhimento e não acolhimento de mulheres em situação de rua, e sobre a efetividade e acesso à abordagem de redução de danos. Frizzo (2018) cita Tiradentes (2007) ao apresentar a questão da violência de gênero interligada às questões econômicas e étnicas, destacando que a vulnerabilidade é aumentada quando coexistem estes fatores de exclusão e por consequência o acesso à saúde é limitado. Este mesmo trabalho enfatiza a importância de estudar a população feminina em situação de rua, pois, segundo essa pesquisadora, são raros os estudos sob este recorte, que de acordo com a autora, aparenta não ter tanta importância, visto que, 82% da população em situação de rua é masculina.

Deste modo, a pesquisa de Frizzo (2018) dividiu-se em três momentos: uma primeira revisão bibliográfica e teórica sobre os conceitos de situação de rua, vulnerabilidade, violência de gênero, exclusão e abordagem de redução de danos; e dois artigos em sequência, o primeiro sobre os apontamentos de seis profissionais do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Droga (CAPSad) sobre o acolhimento de mulheres e a política de redução de danos, e o último sobre as experiências de mulheres em situação de rua quanto ao atendimento e acolhimento (e não acolhimento) nesta aparelhagem do Centro de Atenção Psicossocial(CAPS).

Ainda neste ano, Santana (2018), dedicou-se ao estudo do acesso à saúde para mulheres em situação de rua na cidade de Salvador-BA. A mestra em saúde partiu de uma perspectiva interseccional, relacionando mulher, gênero e feminismo ao acesso à saúde. Segundo a referida dissertação:

O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002), ativista e acadêmica negra estadunidense. Segundo ela, esse conceito seria capaz de capturar as conseqüências da interação entre duas ou mais formas de subordinação. No entanto, ela atenta que isso não significa analisar uma simples “soma de opressões”, mas como essas múltiplas opressões interagem, produzindo novas dimensões de subordinação. (SANTANA, 2018, p. 28)

A pesquisadora tomou os conceitos de gênero e pressupostos de feminismo e subordinação como elementos imbricados, dentro da perspectiva interseccional, correlacionando também as múltiplas facetas de violência experienciadas por parte do contingente feminino da população em situação de rua. Segundo Santana (2018) a violência de gênero implica na observação de outros tipos de violência, como a econômica e a racial, que combinadas culminam na potencialização da vulnerabilidade vivenciada pelas mulheres em situação de rua.

O campo de sua dissertação deu-se em uma unidade CAPSad. Santana (2018) entrevistou cinco mulheres em situação de rua que estavam abrigadas em uma instituição sem fins lucrativos. A pesquisa, para além de investigar o acesso ou a falta dele aos serviços de saúde, mirou a trajetória de vida, constatando o que outras pesquisas anteriores também revelaram - a interação entre múltiplas experiências de violência por parte das mulheres entrevistadas.

Em se tratando do acesso à saúde, Santana conclui que a burocratização do atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) é uma barreira que ainda não foi transposta, e que a perspectiva interseccional permitiria compreender de forma holística a realidade das mulheres em situação de rua, possibilitando a melhora no atendimento em saúde para essa população. Santana ressalta ainda a importância da elaboração de programas específicos voltados ao atendimento e levantamento de dados e demandas da população feminina em situação de rua.

Finalizando o recorte da área da saúde, Dias (2019), relatou sua experiência enquanto médica em uma unidade CAPSad e no Consultório na Rua. A pesquisadora de Saúde Coletiva buscou debater sobre o cuidado em saúde das mulheres gestantes no município de Campinas-SP. Tendo atuado como médica no CAPSad, Dias (2019) traz relatos de gestantes usuárias de crack, e debate abordagens de internamento compulsório, tratamentos contraceptivos, acompanhamentos e atendimentos realizados durante a gestação, e o afastamento

compulsório de mães usuárias de seus filhos. Ao colocar em voga a questão do feminino, Dias problematiza:

Este feminino que percorre a oferta do cuidado dos serviços vinculados à situação de gestação e de rua quando o reforça num modelo estereotipado de maternidade ou de desejo por ela; percorre a ambivalência em relação à maternidade, que é comum a qualquer uma de nós. Lembra-nos do quanto somos, e seremos sempre, “monstros” aos olhos do patriarcado. (DIAS, 2019, p. 20)

Todos os relatos de gestantes trazidos em seu trabalho são originários de seu caderno de campo, que foi constituído durante seu tempo de atuação nas instituições acima relatadas durante os anos de 2015 até 2017. Deste modo, Dias (2019) não entrevistou mulheres gestantes em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, mas relatou os casos que atendeu no período de três anos em que atuou como médica. Sua pesquisa traz ainda reflexões quanto à invisibilização destas mulheres em situação de rua, que se tornam hiper visibilizadas no período gestacional, com políticas que garantem a segurança do feto e do bebê, mas que logo em seguida, após o parto, deixam as mães desamparadas, elucidando os preceitos patriarcais de que a mulher tem o dom natural da vida e do cuidado materno.

Como se um suposto sucesso na criação dessa nova criança fizesse com que ela se tornasse finalmente uma boa mulher, uma mulher feliz e normal. Ou fizesse também uma certa esperança neste atual modelo social se renovasse. A ela grávida, é oferecido casa, internação, consulta, abrigo; “o prefeito de joelhos, o bispo de olhos vermelhos, e o banqueiro com um milhão. Vai com ele, vai Geni!”. Tudo para que se encaixe no modelo feminino do desejo pela maternidade, com renda, moradia, abstinente e devotada nos moldes da mulher burguesa. (DIAS, 2019, p. 240)

Ao concluir seu trabalho, a pesquisadora compartilha da pouca experiência que tinha quando começou atuar no CAPSad e no Consultório na Rua, e comenta que mesmo depois de ter realizado seu mestrado continua com as mesmas questões, ainda que um pouco mais amadurecidas, e reflete sobre como conceitos imbricados de pobreza, vulnerabilidade, gênero, etnia, orientação sexual e idade implicam em uma maior ou menor aceitação da gravidez, isso pois, quanto mais próxima estiver dos ideais de feminino e maternidade - cor, classe social - maior a aceitação e apoio à gestação. O inverso acontece, via de regra, quando nos deparamos enquanto sociedade às gestações de mulheres pobres, negras e em

situação de vulnerabilidade, como no caso das mulheres relatadas no estudo de Dias.

Partindo para o tópico seguinte, outra área que acumula um número significativo de produções em nossa análise é a Psicologia. Santos (2014) produziu sua pesquisa de mestrado com enfoque na Psicologia da Saúde e na abordagem da Psicologia Social Crítica. Seu trabalho é composto por três artigos que visam relacionar as questões de gênero com o atendimento à saúde, tomando a saúde como estado de bem-estar biopsicossocial - conforme a resolução da OMS (Organização Mundial da Saúde).

Ao refletir sobre a expressão “situação de rua”, Santos (2014) debate que o termo parece não abarcar todas as especificidades e particularidades dos indivíduos que compõem essa população, criticando o termo por parecer reducionista e estigmatizante, por mais que reconheça os avanços políticos advindos do reconhecimento da população “em situação” de rua. Assim sendo, a pesquisadora opta por pessoas com ou “em vivência” de rua.

Assim, a tendência a utilizar uma terminologia única para abarcar a diversidade da vida nas ruas pode ser uma falácia. “Situação de rua” gera “homogeneización de una población marcadamente heterogénea” (Chouhy, 2006, p. 5). A vida nas ruas parece ser mais complexa e necessitar de intervenções mais diversificadas do que as que dispomos até o momento. É no âmbito dessa problemática que nos questionamos se o termo não estaria ligado mais a um dos aspectos da vivência de rua, do que a todos os que são definidos pela política nacional. (SANTOS, 2014, p. 25-26)

Sua pesquisa trata-se de uma etnografia realizada com duas mulheres, uma de 25 anos de idade gestante na época em que se deu o campo, e a outra idosa, com aproximadamente 75 anos, que tradicionalmente ocupava o mesmo espaço na calçada há 30 anos.

Em se tratando dos resultados de sua pesquisa, Santos (2014) conclui, assim como Dias (2019) que os cuidados em saúde para mulheres ainda estão centrados em ideias “materno-infantis”, pois a mulher que estava gestante durante sua pesquisa utilizava de estratégias como omitir sua residência para manter a guarda da criança, e que o acesso à saúde ainda é muito burocratizado quanto ao seu uso pela população em situação de rua que acaba por buscar alternativas ao cuidado à saúde.

Na sequência de estudos na área da Psicologia temos Machado (2016), que se debruçou sobre a questão do uso de drogas e violência de gênero. Seu mestrado aborda como as questões de hierarquia de gênero e as violências vivenciadas por mulheres podem influenciar no consumo de drogas. Em uma perspectiva interseccional, a pesquisa conclui que as diversas violências - institucionais, domiciliares, familiares, vínculos interrompidos, podem influenciar na vulnerabilidade e no consumo de drogas por mulheres em situação de rua.

O consumo de drogas pode ser consequência ou motivo (um dos possíveis motivos) da situação de rua. Machado (2016) traça um panorama histórico sobre o uso de drogas e substâncias entorpecentes desde os primórdios como uma forma de aproximação do sagrado, até os tempos atuais como forma de enfrentar a realidade dura que se apresenta em casos individuais. Segundo o autor, o consumo e aceitação do uso de drogas lícitas e ilícitas por mulheres vêm aumentando nos tempos atuais e corroboram para o aumento da vulnerabilidade e violência das mulheres, principalmente em situação de rua.

A violência é tema transversal na dissertação de Machado (2016), que conclui que mulheres em situação de rua vivenciam múltiplas formas de violência em seu cotidiano e que as trajetórias quanto ao uso de drogas parecem se relacionar com “as negligências emocional, violência física e sexual, e conflitos familiares na infância e adolescência.” (Machado, 2016, p. 98).

Para finalizar as produções na área da Psicologia, no ano de 2018, Fernandes dedicou-se, em sua dissertação de mestrado, ao estudo das transgeridades femininas em situação de rua. O pesquisador conceituou gênero e violências de gênero quebrando a perspectiva reducionista, biologicista e determinista do gênero enquanto conceito puramente biológico e pré-determinado. O objetivo deste estudo foi conhecer o processo de construção das identidades trans femininas, bem como as demandas e dificuldades enfrentadas por tais mulheres em situação de rua. A pesquisa constitui-se em uma das únicas na temática trans, para além desta, encontramos Souza (2017), na área da Saúde (enfermagem), no entanto, Souza (2017) não se limitou à temática das mulheres, tendo pesquisado outros sujeitos dentro da sigla LGBTQIA +.

Fernandes (2018) realizou seu estudo em contato com 4 mulheres trans em situação de rua, utilizando de conversas informais e de seu caderno de campo para a tessitura de seu trabalho. O autor buscou conceituar gênero, transgeridade e

feminino dentro de uma perspectiva da psicologia feminista, e concluiu que os processos de violências, estigmatizações e reducionismo da condição feminina são mais acirrados por conta das transgeridades que ainda não são compreendidas na sociedade. Para concluir seu trabalho, o psicólogo esclarece que os espaços de acolhida não conseguem de fato acolher estas mulheres que sentem que suas necessidades e especificidades lhes são negadas, trazendo discursos transfóbicos que se transformam em violências simbólicas e verbais.

Na área de pesquisa de Serviço Social encontramos duas produções de mestrado às quais tivemos acesso, um trabalho não possui divulgação autorizada. Começamos pelo mestrado de Bezerra (2018), centrado na temática do trabalho e do sistema capitalista como produtor e reproduzidor das desigualdades vivenciadas por mulheres em situação de rua. Bezerra (2018) nos traz uma análise ontológica acerca da violência sofrida por mulheres em situação de rua no Brasil contemporâneo, baseando-se no materialismo histórico de Marx e Lukács. O objetivo de seu estudo se constituiu em:

Apreender o fenômeno da população em situação de rua, no âmbito da produção e reprodução capitalista na contemporaneidade; analisar a violência contra a mulher em situação de rua a partir da reprodução na sociedade de classes. (BEZERRA, 2018, p. 27)

Dessa forma, a autora discorre sobre o conceito de “exército industrial de reserva” e das variadas formas de exploração derivadas ou consequentes da lógica capitalista. Assim, Bezerra (2018) buscou apresentar um panorama histórico das desigualdades, do fenômeno da população de rua e da violência e institucionalização do e contra o corpo (gênero) feminino.

Assim, nos é pertinente entender onde as mulheres estão posicionadas na sociedade de venda de força do trabalho, ou melhor, como a manifestação das crises capitalistas interferem no fenômeno população em situação de rua, em destaque para as mulheres nesta condição. (BEZERRA, 2018, p.71)

Isto posto, para a realização de sua pesquisa, a autora contou também com entrevistas realizadas em Natal-RN e em São Paulo-SP, a fim de melhor compreender o fenômeno e as violências experienciadas por estas mulheres. A pesquisa contou com o relato de seis mulheres em situação de rua. Ao concluir seu trabalho, Bezerra (2018) assinala o patriarcado como algoz das mulheres em

situação de rua, e o capitalismo como responsável por acirrar os processos de desigualdade, desemprego e subsequente miséria.

Nesta mesma área de pesquisa, Silva (2019), analisou as trajetórias de vida e estratégias de sobrevivência de mulheres em situação de rua em uma perspectiva interseccional, “compreendendo que sua vivência é atravessada por um imbricamento de categorias da diferenciação (gênero, raça, classe, sexualidade)” (SILVA, 2019, p.9). Sua pesquisa foi realizada com seis mulheres em situação de rua em um Centro Pop de Jaboatão do Guararapes, Pernambuco-PE. Dividida em dois momentos, a pesquisa se constituiu em pesquisa explicativa e pesquisa de campo.

Para o estofo do debate, a mestra em serviço social busca conceituar gênero e violência de gênero de forma imbricada com outros conceitos de raça, classe, sexualidade, etariedade, entre outros. Pois, segundo a pesquisadora, analisar gênero de forma isolada ou cada uma destas esferas de classificação de maneira desassociada acaba por empobrecer o debate. Ainda segundo Silva (2019), não devemos entender estas instâncias como uma somatória de exclusões, mas como fatos imbricados e simultâneos que corroboram para a vulnerabilização e exclusão das mulheres.

A pesquisadora afirma ainda que entende como mulher todo e qualquer indivíduo que se identifique dentro do gênero feminino, não reduzindo o conceito de gênero à esfera biológica. Deste modo, duas de suas participantes são mulheres trans. A pesquisa está dividida em três capítulos, onde Silva (2019) busca primeiro analisar e explicitar a perspectiva interseccional que permeia sua produção; em seguida debate acerca das denominações e termos utilizados para as mulheres em situação de rua, buscando localizar e introduzir os relatos das mulheres em situação de rua que compuseram seu trabalho; e por último, se tratando da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua (PNPR) e sobre o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR).

Ao concluir seu trabalho, Silva (2019) pondera que são diversas as formas de superação das violências vivenciadas na realidade das mulheres em situação de rua com quem construiu sua pesquisa, dizendo:

Analiso que as matrizes hegemônicas de hierarquização, desigualdade social e subordinação, decorrentes das estruturas do racismo, capitalismo e cisheteronorma, atravessaram a vida dessas mulheres nos diferentes

momentos de formação enquanto sujeito, colocando obstáculos na conquista de sua autonomia e superação de um modo de vida marcado pela precarização e exclusão social. Mas, mesmo diante dessa conjuntura, elas conseguiram articular formas de transgredir essas estruturas ao elaborar estratégias de sobrevivência que foram desde a busca por segurança na formação de grupos ou em relações conjugais com companheiros, ao isolamento, à superação de estigmas que marcaram a vivência na rua, à articulação de formas de proteção individual para evitar conflitos e à utilização estratégica dos serviços públicos para a manutenção da subsistência. (SILVA, 2019, p. 94)

Outra pauta de sua pesquisa foram os serviços disponibilizados nos Centros Pop. As mulheres entrevistadas avaliaram as instituições e ficou clara a necessidade de melhorias nos serviços disponíveis, que não abarcam as demandas dessas mulheres e da população em situação de rua em geral. As entrevistadas pedem melhorias nos serviços e conseqüentemente nas políticas públicas destinadas à população em situação de rua.

A próxima área de pesquisa que iremos tratar é a de Educação. Seguida das áreas de Comunicação e Jornalismo, Ciências Sociais, Linguística e Letras, Geografia, Artes e Design, e que possuem, respectivamente, uma produção em cada área. Na área da Educação temos a dissertação de mestrado de Bady (2019), sobre a trajetória educativa de mulheres em situação de rua em uma instituição de EJA que atende jovens e adultos em situação de rua e/ou vulnerabilidade social.

O interesse da pesquisadora pela temática deu-se na medida em que atuava como professora na instituição onde realizou-se a pesquisa. Tendo ministrado aulas durante uma década na instituição, Bady (2019) observou a frequência e acesso de mulheres à educação, sendo estas, minoria no grupo de alunos. Assim, a dissertação problematiza a violência de gênero quanto ao acesso e permanência na instituição, buscando inferir como estas violências imbricadas influenciam na trajetória educativa e de aprendizagem.

A referida dissertação é classificada como pesquisa-participante, e foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre - EPA (RS). O espaço permite aos alunos que tomem banho e lavem suas roupas, proporcionando o acolhimento desta população. Ainda oferece quatro refeições diárias e situa-se no centro histórico de Porto Alegre, sendo de fácil acesso à população em situação de rua. Bady (2019) utilizou-se do método de grupos focais, tendo investigado 25 alunas da instituição, utilizando as fichas de acompanhamento da escola como documentos complementares às entrevistas. Foram realizados dois grupos focais,

contando com a participação de 15 alunas, por conta do caráter flutuante do grupo pesquisado.

Em seu trabalho, a pesquisadora preocupa-se primeiramente em definir e conceituar a violência de gênero e quais são os processos sociais imbricados nessa categoria de violência - como a racial, sexual, física e psicológica, além de definir a escola como espaço destinado à formação cidadã e de conscientização de direitos, tornando-se também espaço de empoderamento feminino e discussão sobre o acesso aos direitos humanos básicos. Foram utilizadas imagens para disparar o debate nos grupos focais, em que foram identificadas as diferentes formas de violência presentes nas trajetórias destas mulheres, que demonstraram as relações e tensões de poder vividas no âmbito familiar e conjugal, e que terminam por minar as possibilidades de inserção escolar e no mercado de trabalho, privando mulheres de seu desenvolvimento pleno. Segundo os resultados da pesquisa:

Escolas como a pesquisada, em que as mulheres são socialmente desfavorecidas, fornecem indícios de que o acesso à educação é barrado e a permanência na escola é prejudicada por outras responsabilidades impostas a elas pelo fato de serem mulheres. Ao conseguirem vencer os obstáculos estabelecidos pela sua condição de gênero, detecta-se que as mulheres vítimas de violência têm prejuízo em todas as dimensões de sua pessoa e em todos os âmbitos de sua vida. Entretanto, não se encontram estudos que possam perscrutar a respeito dos impactos das violências de gênero na vida escolar e nas aprendizagens dessas mulheres. Neste trabalho buscaremos resultados que dêem conta de atentar sobre essas realidades. (2019, p.40-41)

Ao concluir a dissertação, Bady (2019) aponta para o dano causado à trajetória não só de aprendizagem, mas de vida dessas mulheres que vivenciaram diversos tipos de violência derivadas da violência de gênero, e apresenta a escola como local de esperança, de retomada e de ascensão e reconhecimento social.

Na área de Letras, Silva (2017) dedicou sua produção à análise do discurso midiático em jornais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A acadêmica utilizou como material doze (12) matérias publicadas nos jornais *O Tempo* - de Minas Gerais, e dos jornais cariocas - *O Globo* e *O Dia*. Para além da análise do texto, Silva (2017), atentou-se às imagens utilizadas nas matérias veiculadas no recorte temporal de 2012 a 2016. Ao analisar o conjunto de reportagens, a autora voltou-se a temáticas recorrentes como: a violência sofrida/praticada pela e para a população em situação de rua; a ocupação do espaço público; maternidade; relações afetivas; e ainda, questões voltadas ao corpo.

Ainda sobre esta mesma dissertação, a pesquisadora buscou diferenciar se as matérias são escritas com base no saber científico, de experiência ou no senso comum e, portanto, reprodutoras do discurso estigmatizante e reducionista. Segundo a pesquisa de mestrado, as reportagens selecionadas retratam as pessoas em situação de rua de forma ambígua, por vezes como vítimas da sociedade e expostas a toda sorte de violência, e em outros momentos como figuras violentas, sujas e passíveis de readequação e higienização dos espaços públicos, perturbadoras da ordem.

Em se tratando de mulheres em situação de rua, Silva (2017) indica que a figura feminina está frequentemente ligada à maternidade, aos relacionamentos e ao corpo. A mulher que “abandona” o lar é vista como incapaz e desnaturada, e deste modo, inapta a cuidar de seus filhos. Segundo a pesquisadora:

Os imaginários sociodiscursivos negativos podem fazer com que o problema social as pessoas em situação de rua continuem a serem associadas ao ócio, à violência, ao medo, à sujeira, entre outros imaginários negativos encontrados na pesquisa e isso contribua para que o problema social continue a ser enxergado com naturalidade. Assim a imprensa ignora ou aborda pouco as causas do problema social e da violência que essas pessoas sofrem. Desse modo, os imaginários podem fazer com que a sociedade não cobre do poder público providências para garantir os direitos dessas pessoas. (SILVA, 2017, p. 139-140)

Ao concluir seu estudo, Silva (2017) aponta ainda para a falta de ações do Estado voltadas à população como uma das causas para a baixa frequência de notícias sobre a temática, fato que, por sua vez, contribui para a naturalização da situação de rua.

Na área de Geografia temos a dissertação de mestrado de Talita Fernandes Gonçalves (2019), em seu mestrado a pesquisadora explorou os movimentos realizados por mulheres em situação de rua na cidade de Pelotas - RS. A geógrafa entrevistou sete mulheres em situação de rua, com o apoio de um Centro Pop do município, e acompanhou a rotina de uma mulher com quem estreitou os laços afetivos e de pesquisa, proporcionando uma compreensão mais ampla da realidade nas ruas.

Em primeiro momento, de maneira exploratória, Gonçalves (2019) observou a disparidade de gênero na população em situação de rua, tendo sua hipótese confirmada ao acessar o Centro Pop - cujos funcionários apontaram uma média mensal de cento e vinte (120) homens para nove (9) mulheres que utilizavam os

serviços ofertados pelo município. No decorrer da pesquisa, Gonçalves aponta também para a disparidade ao ocupar espaços, afirmando que o gênero influencia quanto ao acesso e negação do espaço.

Com a compreensão de que o espaço é apropriado de maneira diversa e que seu acesso é desigual conforme os indivíduos carreguem estes marcadores em seus corpos, é evidente a necessidade de discussão do espaço a partir do gênero feminino, tendo-se em consideração o contexto social que envolve as interlocutoras desta pesquisa. A Geografia inscrita em seus corpos e escrita por estes nas ruas da cidade é diversa, complexa e, por vezes, injusta para com suas existências, que têm violados seus direitos básicos e negada sua cidadania cotidianamente. (GONÇALVES, 2019, p. 62)

Em seu estudo, Gonçalves (2019) defende uma geografia mais humana e feminista, que compreenda os diferentes aspectos que impactam no movimento e na ocupação da cidade, e por consequência, opta por utilizar o termo “mulheres em movimento” no lugar de mulheres “em situação” de rua.

Na área de Artes, encontramos a dissertação de mestrado de Alves (2017), tratando-se de um estudo de caso feito pela pesquisadora em um abrigo para mulheres no município de Belo Horizonte. No processo da pesquisa de campo, Alves (2017) explorou o conceito de alteridade e a arte como ferramenta para aprofundar a relação entre o grupo de profissionais e as “moradoras” de rua - como a pesquisa se refere.

No momento em que a pesquisa foi feita, estavam acolhidas 25 mulheres entre 20 e 64 anos. Tomando o abrigo como espaço que oferece convivência e proporciona momentos de socialização - a pesquisadora, autointitulada “escultora social”, realizou uma formação com os profissionais do abrigo e suas usuárias a fim de mostrar como a arte pode estreitar os laços e ajudar na compreensão e transposição de realidades diferentes. Para além desses benefícios que a arte traz, Alves critica a PNPR que garante acesso à cultura e educação em seu Art. 7º, e, no entanto não estabelece estratégias para fazê-lo.

A realização desta pesquisa proporcionou às mulheres e funcionários, contato e exploração de diversos materiais e técnicas em artes, além de visitas a museus e momentos de interação e socialização, que acabaram por despertar nos sujeitos da pesquisa a visão de si e do outro, além da relação de si e do outro com o espaço urbano. Ao concluir a pesquisa, Alves (2017) defende a alteridade para a compreensão da realidade do outro e de suas especificidades, de maneira a

desvelar suas histórias individuais e diminuir a invisibilização e exclusão das mulheres em situação de rua - “vislumbro que o caminho seja estimular uma pedagogia capaz de acolher o Outro, na manifestação do seu rosto, da sua história e da sua cultura, potencializando uma sociedade mais justa, mais solidária, mais ética e mais estética.” (ALVES, 2017, p. 155).

Por fim, na área de pesquisa de Design, temos o mestrado de Felix (2019), que aprofundou as mudanças no espaço urbano ocasionadas por intervenções artísticas de uma “louca de rua” conhecida como Tereza do Pau, importante figura do município de Cajazeiras - PB. Tereza ficou conhecida como andarilha na cidade entre as décadas de 1970-80, tendo sua história retomada pela memória de habitantes da cidade no momento da pesquisa. As produções iconográficas de Tereza do Pau não possuem registros, pois ficavam expostas às intempéries e eram confeccionadas com pigmentos naturais, fatores que contribuíam para o desgaste e efemeridade de suas produções.

As questões corporais e de vestimenta eram muito presentes na figura de Tereza do Pau, seu apelido derivava do cajado de 1,20 metros que carregava em suas mãos para defesa pessoal - Tereza não era, segundo os moradores, uma figura violenta, e utilizava do cajado para defender-se de possíveis ataques. Alguns moradores afirmam que Tereza utilizava várias camadas de roupas e inferem que tal prática constituía-se como estratégia para a prevenção de violações físicas, e afirmam que ainda assim, Tereza foi vítima de violência sexual.

A senhora foi acolhida pelo sistema de assistência social do município, já idosa - no ano de 2012, quando estava na faixa dos 70 anos. Os moradores denunciaram as condições precárias de habitação em que Tereza e sua irmã viviam, e contam que ela parou de desenhar após ter sido acolhida no abrigo de idosos. Felix (2019) tinha como objetivo de sua pesquisa mostrar as mudanças urbanas feitas por indivíduos da cidade, que gradualmente são transformadas, realocadas e por fim, dão espaço a novas representações. A pesquisa de mestrado de Felix (2019) marca a última produção de nossa análise sob o recorte de gênero feminino, assim, para concluir este eixo de análises, traremos alguns apontamentos e observações quanto ao conjunto de produções componentes deste nosso recorte.

Em se tratando de uma temática pouco estudada e nova - inclusive para nós, enquanto orientadora e orientanda, que vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas nos últimos anos, observamos nas pesquisas o traço comum da

interseccionalidade, que nos acompanhará em nossas reflexões, tomando não só o gênero como foco, mas atentando aos demais fatores imbricados que, como vimos nas produções acadêmicas às quais nos dedicamos à leitura, favorecem os processos de vulnerabilização. A figura feminina aparece nas pesquisas analisadas intimamente ligada ao materno, ao doméstico, ao passivo e historicamente subalternizada, como gênero do cuidado e pertencente ao espaço doméstico, causando duplo estranhamento ao ocupar a rua - por ser mulher, e por não estar no espaço de acolhimento da casa.

Encontramos ainda, assim como no caso dos homens em situação de rua, uma diversidade nos termos utilizados ao referenciar as mulheres em situação de rua, que vão desde mulher em situação de rua até louca de rua, passando por moradora de rua e outros termos cunhados pelos pesquisadores e pesquisadoras, como o caso da pesquisa de Gonçalves (2019) em geografia que opta por mulheres “em movimento”, fazendo referência ao caráter de andarilhagem desta população.

A variedade nos casos de violência considerados - racial, etária, de gênero, econômica, etc. - demonstram igualmente a variedade de fatores a serem considerados no recorte de gênero, contemplados nas pesquisas que compõem essa análise. Observamos uma repetição de padrão quanto às temáticas que voltam-se a questões sobre uso e abuso de substâncias, saúde física e psíquica, e ainda questões voltadas ao corpo feminino e à gravidez na rua, muitas vezes apresentando e criticando a visão reducionista da figura da mulher perante a sociedade, que estando em situação de rua, choca ao abdicar de seu papel no lar e ocupar as ruas como última alternativa de sobrevivência e, por vezes, na tentativa de escapar da violência experienciada no âmbito doméstico.

Consideramos que tal padrão observado denota como a corporeidade feminina constitui-se em um dos pontos-chave em se tratando das relações de gênero e consequente subalternização do gênero feminino ante ao masculino. O indicador do volume de pesquisas voltadas às questões de maternidade, abuso de substâncias e questões de saúde de ordem psicológica e psiquiátrica se deve ao fato de, como observamos no panorama geral - do tópico anterior, haver maior concentração de produções nas áreas de saúde e psicologia, além de constituírem elementos compartilhados, por vezes, por indivíduos que enfrentam a situação de rua. Por fim, é necessário elucidar que esta análise nos abasteceu com indícios e fundamentação teórico-metodológicas para continuar com nosso trabalho de

conclusão de curso. Tal como imaginávamos, foi possível, a partir desta extensa leitura, que obtivéssemos ferramentas para a subsequente análise de nossa pesquisa de campo.

1.6 CONCLUINDO A ANÁLISE

Posterior às análises e recortes feitos, podemos concluir que o exercício de nos debruçarmos sobre as 426 teses e dissertações e os dois enfoques - sobre educação e gênero, explorando estes três grupos nos forneceram subsídios teóricos para nosso trabalho no que diz respeito ao que foi pesquisado até o momento e o local que a temática da população em situação de rua e das mulheres em situação de rua - especificamente, ocupa dentro do espaço e nos debates acadêmicos. Além de apresentar indícios da realidade e estratégias específicas utilizadas por mulheres que se encontram em situação de rua.

Via de regra, as pesquisas se concentram nas áreas de saúde e psicologia, que aglutinam o maior número de produções tanto na análise geral como no enfoque de pesquisas voltadas ao gênero feminino. Por essa razão, as temáticas mais exploradas estão relacionadas à saúde e doença da população em situação de rua, e também ao uso e abuso de substâncias - álcool e outras drogas, doenças sexualmente transmissíveis e, no caso feminino, à maternidade e gravidez.

No caso das produções sobre mulheres em situação de rua, é recorrente o uso e abordagem de termos como violência de gênero e interseccionalidade. As pesquisas mostram que a relação entre a vulnerabilidade e violência não está ligada somente ao fator gênero, mas a diversos fatores como: idade, classe econômica, etnia, acesso à educação e trabalho, e que imbricados contribuem para o aumento da desigualdade e conseqüente violência, negação e violação de direitos, apontando para trajetórias de vida permeadas por múltiplas facetas de violência – vivenciadas no âmbito doméstico, e apontadas como possíveis causas ou sequência de fatos que acabam por “empurrar” mulheres vulnerabilizadas à situação de rua.

Outro destaque de nossa análise é que a grande maioria dos trabalhos dedicados ao estudo das mulheres em situação de rua foi produzido e defendido, igualmente, por mulheres. Apenas três produções neste recorte são de autoria masculina.

As produções na área da educação voltam-se à questões como o acesso à educação, a organização e articulação da população em situação de rua em movimentos sociais, bem como o funcionamento de ONGs (Organizações Não Governamentais) e projetos que atendem a população pesquisada. Há apenas uma produção em educação que aborda a mesma temática deste trabalho de conclusão de curso, o que sinaliza a necessidade de estudar pedagogias que contemplem mulheres em situação de rua.

CAPÍTULO 2 - MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA - O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS NORMATIVOS SOBRE AS PARTICULARIDADES DA SITUAÇÃO DE RUA PARA MULHERES E OS CONCEITOS DE GÊNERO, SUBORDINAÇÃO DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE.

2.1 SOBRE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

Consideramos pertinente e imprescindível tratar dos dados oficiais obtidos em documentos normativos que tratam da população em situação de rua no que se refere ao espaço ocupado por mulheres que partilham de tal situação, a fim de localizar a temática de gênero à que nos dedicamos no presente trabalho. Assim sendo, exploramos a temática em dois documentos normativos de nível federal - o Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a); e a cartilha do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome, produzida em parceria com ONGs, pesquisadores e pesquisadoras da temática, e com o Movimento Nacional da População de Rua - Rua: Aprendendo a Contar (BRASIL, 2009a). Estes possuem no corpo de seu texto, seções dedicadas ao estudo do contingente feminino da população em situação de rua. Para além destes, utilizamos para a fundamentação deste trabalho, o livro derivado da dissertação de mestrado de Izalene Tiene (2004), que trata da “Mulher Moradora na Rua”¹⁷, sobre as vivências e políticas sociais destinadas à mulheres em situação de rua do município de Campinas-SP, cujo material encontra-se mencionado também no Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a).

De acordo com nosso texto de base - o Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, as mulheres “sofrem processos mais acirrados de vulnerabilização pela própria condição de gênero, encontrando-se expostas a toda sorte de violências.” (BRASIL, 2006a, p. 53). Em consequência à

¹⁷ “Mulher moradora na rua” é o título do trabalho de mestrado de Tiene, publicado em forma de livro no ano de 2004, apesar de não concordarmos com os termos escolhidos para o título do trabalho - e pela forma como a pesquisadora escolheu referir-se às mulheres em situação de rua em sua produção, consideramos que esta dissertação de mestrado traz importantes reflexões acerca do cotidiano e das particularidades vivenciadas por mulheres em situação de rua, auxiliando-nos na discussão e nas reflexões sobre nosso recorte de gênero.

maior vulnerabilidade do gênero feminino que ocupa as ruas “por contingência temporária ou de forma permanente” - ainda segundo o referido Relatório, “as mulheres sempre são minoria na rua, e aquelas que lá estão têm trajetórias e adotam estratégias diferenciadas de seus companheiros de rua” (BRASIL, 2006a, p. 53). Embora sejam citadas estratégias de sobrevivência diferenciadas para as mulheres, o Relatório não explora ou indica quais seriam estas estratégias.

São destacados igualmente, dados referentes à saúde mental das mulheres indicando que este grupo, via de regra, sofre processos mais acirrados quanto à problemas de saúde mental e psíquica. Por consequência, experienciam maior índice de violência, sendo tidas, por vezes, como moeda de troca para bebida e cigarros entre homens que compartilham da mesma situação, segundo pesquisa de Prates, Abreu e Cezimbra (2004, *apud*. Brasil, 2006a), citados no Relatório.

Com relação ao trabalho, é destacada novamente a pesquisa de Prates, Abreu e Cezimbra, que aponta que para mulheres, o trabalho está ligado à casa, com atividades de limpeza e cozinha, e na rua, suas funções não são valorizadas como trabalho, mas como tarefas.

Fechando o tópico destinado à mulheres em situação de rua no Relatório do I Encontro Nacional Sobre População em Situação de Rua, é enfatizada a complexidade desse fenômeno social e as especificidades quanto a ser mulher em situação de rua. O Relatório conclui que:

[...] não é possível dar conta desta problemática sem que haja a interface efetiva entre as políticas públicas, as quais, sem dúvida, além da intersetorialidade, devem contemplar também a questão de gênero a partir da garantia de cortes transversais em programas e projetos. (BRASIL, 2006a, p. 55)

Três anos após a publicação do Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, outra importante normativa é a cartilha - Rua: Aprendendo a Contar, onde encontra-se o resultado e discussão do I Censo e Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua divulgado no ano de 2009 (BRASIL, 2009a). A cartilha é composta de artigos, divididos em segmentos correspondentes a cada temática abordada, sendo cada uma delas escrita por especialistas da área, contando também com um artigo produzido pelo Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Tomamos para este trabalho, o artigo de

Quiroga e Novo (2009) intitulado “Elas da rua: população em situação de rua e a questão de gênero”.

O artigo revela que apenas 18% das entrevistadas no I Censo e Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua foram mulheres, o que sugere o espaço da rua como universo masculinizado, impactando para o menor número de mulheres ocupando este espaço. Em seguida, o texto dá outros indícios acerca das especificidades da realidade feminina na rua, como é o caso do cuidado com os filhos na rua, onde 20% das mulheres afirmaram serem responsáveis por crianças ou adolescentes, em comparação com 4,2% dos homens. De acordo com Quiroga e Novo, “a vida na rua, para estas mulheres exige também que lidem, cotidianamente, com uma diversidade de fatores e situações que envolvem diretamente a relação com o corpo, a sexualidade, e algumas vezes, o cuidado com os filhos.” (BRASIL, 2009a, p.157).

Ainda segundo o artigo, componente da primeira pesquisa censitária dirigida à população em situação de rua, a mulher é vista como frágil inadaptada e vítima fácil, suscetível a toda sorte de violências, o que implica estratégias de sobrevivência diversificadas - como utilizar roupas mais largas, adotar um comportamento mais agressivo, ou até mesmo vestir-se com roupas masculinas. Ainda que a pesquisa citada não seja voltada ao estudo das estratégias de sobrevivência das mulheres em situação de rua, são levantadas estas hipóteses, ressaltando ainda que a imagem do feminino na rua é conflitante com o ideal social de mulher ligado à casa e ao materno, o que acarreta uma dupla exclusão - ocupar um espaço que não pertence à mulher e estar vulnerável à medida que o faz, além de contribuir para a disparidade entre homens e mulheres que compartilham da situação de rua.

Ao serem inquiridas sobre o motivo que as conduziu à situação de rua, as respostas revelaram a falta de moradia como principal razão, mostrando que a rua, para as mulheres, é a última opção, e não sinônimo de liberdade, como no caso masculino - e que sinaliza também a hipótese, como apontado no artigo, de que as mulheres preferem, por vezes, continuar no espaço doméstico em situações de violência e opressão.

Em se tratando de oportunidades, o artigo supracitado aponta que, a população feminina em situação de rua é mais jovem quando comparada ao contingente masculino, têm menor índice de escolarização e carteira assinada, e em

sua maioria já passaram por internação psiquiátrica. Outro dado significativo indica, ainda, que as mulheres são mais frequentemente impedidas de adentrar locais. Para concluir o artigo, as pesquisadoras enfatizam a complexidade da situação de rua e as especificidades do “ser mulher” em situação de rua, e pedem atenção ao olhar e formular políticas que contemplem este segmento do grupo populacional, para que seja feito um “esforço cada vez maior de não apenas olhar para estas pessoas, mas de “olhá-las bem” (BRASIL, 2009a, p. 167).

A pesquisa de mestrado de Tiene, defendida em 2004 tendo seu livro publicado neste mesmo ano, explora as questões de gênero e de assistência social no município de Campinas-SP. Ainda que parte da pesquisa seja destinada aos serviços de assistência social ofertados no município, Tiene nos traz reflexões importantes. A mestre em Serviço Social e ex-prefeita de Campinas reafirma o local de minoria ocupado por mulheres em situação de rua e justifica o menor número de mulheres nesta situação:

Pode-se explicar porque, histórica e culturalmente, a mulher sempre desempenhou o papel de reprodutora e responsável pelos cuidados com a prole, ou seja, sempre ou quase sempre, limitada a um espaço físico e social da casa, onde procria e por isso deve viver. Submissa no ambiente doméstico, tem tratamento desigual nas relações de trabalho, o que parece se repetir também na rua, que é espaço público. (TIENE, 2004, p. 19)

Ao continuar a reflexão, Tiene explica que historicamente a mulher tem a sua formação e socialização voltadas ao cuidado com a casa, ao espaço privado, àquilo que é reservado, “foi construída para o interno, para dentro da casa, marido, filhos, cuidado com os doentes” (TIENE, 2004, p. 20). Posição que igualmente justifica as diferenciações quanto ao tratamento dirigido aos “moradores de rua”¹⁸, visto que a figura do feminino remete à caridade, apelando à benevolência daqueles à quem pede ajuda, em contrapartida a construção social do homem contribui para a imagem de “vagabundos e preguiçosos”.

As mulheres parecem menos ameaçadoras para a propriedade e para a segurança da sociedade. Os homens são mais vistos e tratados como “vagabundos e preguiçosos”, e ameaçam mais a propriedade e a segurança. Isso se vincula, também, à imagem construída socialmente da mulher ser mais frágil e o homem, mais forte. (TIENE, 2004, p. 41)

¹⁸ Expressão utilizada por Tiene em seu livro - Mulher Moradora na Rua: entre vivências e políticas sociais.

Portanto, ao homem cabe o dever de prover a casa, posto que a mulher é reservada ao cuidado com filhos e marido, além do espaço e “tarefas” domésticas - entre aspas, visto que o conceito de tarefa se repete na pesquisa de Prates, Abreu & Cezimbra – citada pelo Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a), reforçando a ideia de que o trabalho feminino não possui valor como trabalho de fato. Deste modo, “a mulher ocupa uma condição histórica e cultural de dependente e submissa, está mais justificada socialmente quando pede ajuda.” (TIENE, 2004, p. 42).

Fundamentando-nos nestes três textos, para além das observações resultantes da análise das teses e dissertações, verificamos a afirmação e reafirmação da condição de minoria e vulnerabilidade das mulheres que ocupam as ruas como alternativa de moradia e/ou sustento. Vemos a rua como espaço masculinizado, que aponta e contradiz a construção histórica, ideal e cultural do gênero feminino. Condições que coexistindo, corroboram para o agravamento da subordinação já existente culturalmente, sendo condutoras de experiências de vida marcadas pelas mais diversas formas de violência, a começar pela violência de gênero.

As questões do corpo, da maternidade, da sexualidade e da família permeiam os documentos normativos. Bem como a disparidade quanto às oportunidades de ingresso no mercado de trabalho e escolarização, o que dá indícios ainda, do empobrecimento das mulheres, ainda que, como aponta o artigo de Quiroga e Novo (BRASIL, 2009a), as mulheres afirmem, em maior número, que recebem benefícios sociais do governo, continuam sendo cerceadas de seu pleno desenvolvimento escolar e profissional, visto que constituem uma parcela empobrecida justamente pela negação dos espaços públicos da escola e do mercado de trabalho.

Sentindo a necessidade de sanar lacunas quanto à construção sócio-histórica-cultural de gênero, no tópico a seguir nos dedicaremos a explorar este conceito, a subordinação do gênero feminino dentro das relações de gênero e ainda, as diferentes instâncias que impactam para a maior vulnerabilização do gênero feminino. Mais adiante, em nossa pesquisa de campo, trataremos de explorar algumas das estratégias de sobrevivência utilizadas por uma mulher em situação de rua cujos laços foram estreitados durante o período em que estive participando

ativamente do Projeto de Extensão - *Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com a População em Situação de Rua*, tendo a chance de reencontrá-la em 2020, no contexto da pandemia, onde me reinseri no trabalho com a população em situação de rua participando de ações contra a COVID-19 na entrega de refeições, e na manutenção do Chá Fraternal, na Comunidade Franciscana onde, em parceria, desenvolvíamos o Projeto.

Nossa intenção, quando delineamos a pesquisa de campo, era de explorar um contingente maior de trajetórias de vida e entrevistar ao menos três mulheres em situação de rua - ainda que representasse um número pequeno, consideramos que teríamos maiores indícios acerca da realidade e das condições (ou da falta delas) de vida destas mulheres. Dadas às circunstâncias do ano atribulado de 2020, tivemos como possibilidade dialogar com apenas uma mulher em situação de rua, ainda que este movimento não oportunize a comparação e obtenção de um horizonte amplificado da realidade na rua, levamos em consideração que nos oferece indícios de algumas estratégias utilizadas por essa mulher, além de contemplarmos a riqueza de aprendizados desta trajetória de vida.

Para além da investigação sobre a trajetória de vida, articulamos com as assistentes sociais da Comunidade Franciscana onde ocorria o Projeto de Extensão. Desde o princípio do Projeto, as assistentes e a Comunidade foram muito solícitas com nossas propostas, auxiliando, primeiramente, na compreensão da realidade do público frequentador do chá da tarde para que pudéssemos iniciar nosso Projeto de Extensão tendo o maior grupo participante quanto fosse possível. Por conta da relação que construímos e de nossa parceria enquanto Projeto de Extensão com a instituição religiosa, entrevistamos as assistentes sociais¹⁹ responsáveis por coordenar o Chá Fraternal a fim de esclarecer quais são os serviços disponibilizados para a população em situação de rua, além de trazermos as percepções das assistentes sociais sobre a realidade das mulheres em situação de rua.

¹⁹ Colocamos no plural pois, a princípio a entrevista intercorreria com ambas as assistentes sociais responsáveis pela manutenção e planejamento das ações na Comunidade Franciscana, porém, em vista da pandemia, no momento da entrevista uma das assistentes sociais estava afastada em decorrência da COVID-19.

2.2 A IMPLICAÇÃO SOCIAL DOS CONCEITOS DE GÊNERO, SUBORDINAÇÃO DE GÊNERO, FEMINISMO, E INTERSECCIONALIDADE.

Observamos em todas as teses e dissertações analisadas sob o recorte de gênero, espaços dedicados a definir o conceito de gênero e as diferenças biológicas e culturais que permeiam essa definição. Por essa razão acreditamos que, sendo este o recorte de nosso trabalho, e de modo a enriquecer nosso debate, é necessário referenciar e explicitar a que conceito nos referimos quando utilizamos o termo “gênero” e as implicações sociais da subordinação de gênero, refletindo nas disparidades sociais e nas relações de gênero, bem como a interseccionalidade - outro termo de destaque em nossa análise de produções acadêmicas, e a qual ramificação do pensamento feminista nos dirigimos neste trabalho. Tomamos como referência para essa breve discussão, os livros de Moema Viezzer (1989), Izalene Tiene (2004) e Akotirene (2018), e os artigos de Lourdes Maria Bandeira (2011) e Patrícia Hill Collins (2017).

Segundo Viezzer (1989), há diferenças entre o fator biológico e os fatores sociais, ou seja, o caráter biológico determina se nascemos fêmea ou macho, enquanto que a construção social relega diferentes funções sociais culturalmente produzidas e esperadas para homens e mulheres. Essa diferenciação social é o que marca a hierarquização entre os gêneros e institui culturalmente papéis de maior ou menor prestígio dentro da escala social.

A única diferença *natural* dos seres humanos é o fato biológico de nascer fêmea ou macho da espécie humana, como traço individual - a partir daí, o resto é social. Daí em diante, cada um é inserido na sociedade através de uma práxis alienada, já em andamento: os homens passam pelo processo de “fabricação dos machos” e as mulheres são “educadas para a submissão”. (VIEZZER, 1989, p. 105)

Destarte, concluímos que, segundo Viezzer (1989) o gênero é um conceito de caráter social, que não deveria estar reduzido à categorização biológica. Aproveitando a citação de Alvarez (1982, *apud*. Viezzer, 1989, p. 112): “O gênero de um ser humano é o significado social e político historicamente atribuído ao seu sexo. Nascemos macho ou fêmea. Somos ‘feitos’ homem ou mulher.”

Ainda de acordo com Viezzer (1989), a justificativa biológica para a disparidade social dos gêneros se apresenta como um “artifício masculino para uma

fraude permanente” (p. 104), que coloca o gênero feminino *naturalmente* em posição de subordinação. Bem como justifica espaços e condutas próprias do feminino e do masculino no comportamento social esperado de homens e mulheres. De acordo com Tiene (2004):

A sociedade constrói dois modelos de comportamento social que correspondem às suas representações dominantes de masculino e feminino. É considerado masculino ser arrojado, dinâmico, enérgico, forte, perspicaz, e feminino ser paciente, dócil, meigo, organizado, habilidoso, higiênico, cuidadoso, etc. Em outras palavras, de modo subliminar: o homem é forte (é mais, é superior) e a mulher é frágil (é menos, é inferior). Dessa forma, constroem-se socialmente modelos de masculino e de feminino baseados na ideia de que as diferenças são de ordem natural e imutáveis. De fato, as diferenças biológicas são relativamente fixas e imutáveis, mas as diferenças atribuídas, às caracterizações, são construções culturais, que podem mudar de acordo com o tempo e com o lugar em que acontecem. (p. 43)

Como vimos no tópico anterior, é esta mesma construção social que acaba por justificar a visão do homem em situação de rua como transgressor, preguiçoso e ameaçador da propriedade. E em contrapartida, justifica a caridade e benevolência para mulheres, vistas como frágeis e inadaptadas ao espaço da rua, criadas para o interno e para *tarefas* domésticas. Desta maneira, o conceito de gênero a que nos referimos neste trabalho excede as barreiras do natural, da concepção de seres humanos machos ou fêmeas, e passa ao social como uma característica constituída “culturalmente a partir de valores sociais/políticos/econômicos” (TIENE, 2004, p. 63).

O conceito de gênero passa pela constituição sócio-histórica-cultural dos homens e das mulheres, refletindo as tensões e reproduzindo desigualdades sociais. A própria concepção de gênero pressupõe que há uma hierarquia social, visto que nesse processo de “fabricação dos machos” e de “educação para a submissão”, conforme vimos em Viezzer (1989), somos culturalmente empurradas e impostas (ou empurrados e impostos) a determinadas *performances* sociais. A subordinação de gênero liga-se a este conceito de hierarquia e de violência de gênero, posto que é uma construção histórica, bem como a construção social e cultural dos gêneros feminino e masculino.

Historicamente o homem foi criado para a *produção*, respondendo aos ideais capitalistas de trabalho e poder - “dono” da rua, do espaço público onde são desenvolvidas as relações sociais de poder. À mulher restou o compromisso com a

prole, a *reprodução*, a educação dos filhos, o cuidado com a casa, o espaço moralmente aceito do interno. Segundo Viezzer (1989):

No entanto, por causa da maior contribuição da mulher nesta parte do processo de reprodução biológica, os outros encargos relacionados com a reprodução passaram a ser “assunto de mulher”, assumidos no seu papel de esposa e mãe: cuidar das crianças, manter a casa, cozinhar o alimento, servir os homens adultos, atendendo às necessidades físicas e psíquicas de todos, assegurando assim as condições para a reprodução da força futura de trabalho, e para a boa disposição da força de trabalho atual. A partir desta atribuição de papéis e funções, as mulheres foram excluídas do nível de reprodução social. A transmissão do acesso e controle de recursos econômicos de uma geração à outra foi, então, ‘*naturalmente*’ assumida pelos homens, numa posição de evidente superioridade em relação às mulheres, uma vez que o nível de reprodução social é o espaço do poder nas suas mais variadas formas: político, religioso, militar, administrativo. Os homens se deram, também, o poder de restringir as opções das mulheres e o acesso das mesmas aos recursos sociais (trabalho assalariado, educação e atividades políticas militares e eclesiásticas). (p. 130 - grifo nosso)

Destacamos na citação de Viezzer o termo "naturalmente", empregado igualmente para o conceito de gênero e transposto para os papéis socialmente designados como femininos ou masculinos, que indicam a subordinação de um gênero a outro. No caso da subordinação e da submissão em que somos, enquanto mulheres, educadas e culturalmente moldadas ao padrão feminino de comportamento, a justificativa da naturalidade cunha capacidades inerentes à um ou outro gênero - mostra-nos o quanto homens são *naturalmente* fortes, e mulheres *naturalmente* propensas ao cuidado materno e atividades voltadas ao cuidado com doentes e grupos marginalizados, utilizando da natureza feminina da reprodução como principal argumento. Fundamentando-nos em Viezzer (1989):

Em todas as partes do mundo os homens têm maior acesso à propriedade da terra, aos recursos sociais, à tecnologia, às posições políticas. Em toda parte os homens têm maior mobilidade física, e menos responsabilidades do que as mulheres na unidade doméstica; de modo geral, não lhes cabe o cuidado das crianças e dos velhos. (p. 116)

A subordinação de gênero, portanto, refere-se à constituição histórica que separa o feminino do masculino e que cerceou as mulheres aos papéis domésticos e de cuidado, justificando a dominação de um gênero sobre o outro pelo argumento da naturalidade, no entanto, as atribuições ditas femininas e justificadas pela maternidade não são naturais. De acordo com Tiene (2004), daí deriva o conceito de gênero:

[...] como construção social, a partir do reconhecimento das diferenças sexuais. Isso significa que gênero é um produto da cultura, que nos faz ser homens ou ser mulheres, e que adquire expressões de acordo com o tempo e o lugar. Sendo cultural, é sujeito a mudanças. Portanto, a discriminação e a subalternidade que atinge a mulher não são naturais. (p. 56)

O conceito de subalternidade ou subordinação de gênero refere-se portanto à educação e formação de indivíduos, passando pela reprodução social das desigualdades. A primeira instituição social a que somos apresentados, é, via de regra, a família. Neste sentido, o processo de subordinação tem início, por vezes, no âmbito doméstico, em relações familiares ou relacionamentos amorosos, sendo reproduzido no espaço extra-doméstico da rua. Conforme Vizzer (1989):

Não é somente nas relações entre marido e mulher que essa relação desigual se dá. Fora da unidade doméstica, essas relações desiguais são novamente assumidas pelos homens enquanto categoria - gênero masculino - impondo seu poder social, político e econômico sobre as mulheres enquanto categoria - o gênero feminino. Os postos avançados da dominação masculina estão nos setores da vida social, em esferas socialmente reconhecidas: a lei, a política, a religião, o militarismo, as comunicações. Dentro de um determinado setor, as estruturas internas de hierarquia vão de acordo com aquela hierarquia de gênero: os homens no comando e as mulheres sob seu mando. Ou seja: a posição de subordinação na unidade doméstica tem uma nova edição na esfera extradoméstica, enquanto a posição de superioridade do homem na unidade doméstica é reforçada e ampliada por sua posição dominante fora dela. (p.131)

Portanto, gênero e subordinação encontram-se interligados, ambos justificados pela ótica biologicista, reducionista e determinista das habilidades e posições sociais e culturais ocupadas por homens ou mulheres. Conforme Lourdes Maria Bandeira (2011), a mudança deste paradigma ocorreu a medida que o movimento feminista “desconstruiu a ideia corrente de que o aparato sexual era inerente à natureza das mulheres e dos homens, colocando as concepções acerca dos sexos fora do âmbito biológico e inscrevendo-as na história.” (BANDEIRA, 2011, p.24) e por consequência, passando a investigar os elementos constituintes da violência contra a mulher.

Seguindo esta lógica, não podemos justificar as relações sociais de poder apenas pelo argumento do gênero, devemos considerar os outros componentes dos fatores de exclusão e vulnerabilização pois, segundo Viezzer (1989):

[...] as relações sociais de gênero não constituem o único princípio disciplinador das sociedades em geral. Existem outras relações sociais desiguais, como o são as relações sociais de classe ou as relações étnicas. A dimensão de gênero, no entanto, está presente nas contradições de classe e de etnias e nos demais tipos de relações sociais. Por isso a mulher pobre vivencia duas formas específicas de discriminação e exploração: por ser mulher e por ser pobre (enquanto gênero e classe). Uma mulher negra ou índia sobre uma tríplice forma de subordinação: por ser mulher, por ser pobre e por ser negra ou índia (gênero, classe e etnia). (p.116)

Partindo desta correlação de elementos que se interpõem nas relações desiguais, não basta alegar que neste trabalho utilizamos o recorte de gênero, estudando mulheres, mas explicitar à quais mulheres nos referimos - qual a realidade, quais são as demandas e necessidades e quais são os tipos de violência a que foram e estão expostas. Compreendemos assim, por meio da perspectiva interseccional - outro conceito amplamente citado nas teses e dissertações as quais nos debruçamos em nosso levantamento, que há diferentes elementos presentes e imbricados quanto à constituição das vulnerabilidades vivenciadas por grupos minoritários.

Embora todas as mulheres sejam igualmente afetadas pelo fenômeno da subordinação, este fenômeno se apresenta às mulheres em níveis, dimensões e formas diferentes, segundo à *classe social* à qual pertencem as mulheres. (VIEZZER, 1989, p. 119)

Deste modo, nos cabe explicar o que entendemos como interseccionalidade. O conceito foi primeiramente explorado no movimento feminista negro dos Estados Unidos nos anos 1970, sendo posteriormente e oficialmente cunhado, segundo Patrícia Hill Collins (2017), em um artigo autoria de Kimberlé Crenshaw que data do ano de 1991 intitulado “*Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*, publicado na *Stanford Law Review*” (Collins, 2017, p. 10). De acordo com Carla Akotirene (2018), a interseccionalidade buscou contemplar questões que não eram abordadas nos movimentos feminista e racial.

Em se tratando este de um trabalho de conclusão de curso que investiga mulheres em situação de rua, tivemos a necessidade de buscar uma perspectiva do pensamento feminista capaz de abarcar as particularidades do grupo de mulheres sobre o qual nos debruçamos. Deste modo, o feminismo latino-americano ou afro-americano - no caso da interseccionalidade, constitui-se na perspectiva que melhor acomoda as necessidades de mulheres pobres e negras - como o caso da maioria

das mulheres em situação de rua, para além da concepção simplista de um recorte que considera apenas o gênero. Devemos portanto explorar outros aspectos que em interação, contribuem para a maior vulnerabilização das mulheres em situação de rua.

No entanto, utilizando desta concepção interseccional, devemos ter cautela. Muitos textos apontam para uma falsa compreensão da interseccionalidade como uma somatória de elementos subalternizantes, neste caso, Akotirene (2018) alerta:

Mulher + negra + nordestina + trabalhadora + travesti + gorda, segundo a metodologia de Patricia Hill Collins, trata-se de visão interseccional inválida ao projeto feminista negro. A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (p.27)

Por estas razões objetivamos compreender os conceitos supracitados, a fim de considerar uma perspectiva totalizante da posição social ocupada pelo grupo de mulheres à que nos dedicamos no presente trabalho. Tomando cuidado com reducionismos e inscrevendo as mulheres em situação de rua em uma posição que melhor traduz suas dificuldades e as múltiplas facetas de violência a que estão expostas. Justificamos, na discussão dos resultados de nossa pesquisa de campo, sobre qual mulher estamos falando, descrevendo em sua trajetória de vida quais foram as violências, sendo elas simbólicas ou não, inscritas em sua formação como indivíduo do gênero feminino que implicam nos conceitos de gênero, subordinação e interseccionalidade - tomando as particularidades inscritas em sua identidade social.

CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA

Intencionamos, com a pesquisa de campo, explorar as estratégias utilizadas por uma mulher negra em situação de rua com quem estreitamos os laços durante o ano de 2019 - em que estivemos empenhadas no *Projeto de Extensão Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com a população em situação de rua*. Por esta razão optamos por apropriar-nos da rua como espaço educativo informal, visto que já estávamos inseridas em uma perspectiva de educação não-formal. Investigando, igualmente, a trajetória de vida como referência educativa e formativa dos indivíduos.

Dessa forma, organizamos nossa pesquisa de campo em duas etapas. Nos preocupamos primordialmente em esclarecer aspectos anteriores à discussão de campo, contextualizando como se deu o processo de nossa pesquisa até chegarmos na discussão das entrevistas gravadas. Assim, preocupamo-nos em dispor a pesquisa da seguinte maneira: primeiramente discorreremos brevemente sobre o Projeto de Extensão, em seguida conceituamos o que entendemos por educação não-formal e informal - como se deu minha participação, como eram feitos os encaminhamentos, às particularidades quanto ao grupo frequentante dos encontros promovidos pelo Projeto enquanto disparidades entre homens e mulheres e como ocorreu nossa relação com a participante da pesquisa. Consideramos imprescindível, do mesmo modo, inscrever neste trabalho quais foram as particularidades enfrentadas no ano de 2020 e qual o processo que desabrochou nesta pesquisa durante um ano com tantas adversidades presentes.

Apresentamos a participante da pesquisa na continuidade de nosso trabalho e, por fim, entramos na discussão dos resultados da pesquisa feita em 4 encontros, tendo como material a gravação de 4 entrevistas com autorização concedida por áudio e organizada, igualmente, em 4 eixos como categoria de análise, sendo eles:

3.4.1 “Ela não nasceu na rua” - sobre o nome, origem, a família da participante, e a escolaridade;

- 3.4.2 “A casa e a rua”** - abordando a transição entre estes dois momentos, buscamos explorar relacionamentos, amizades e experiências da infância e adolescência;
- 3.4.3 “Rua que ensina”** - relações de amizade, solidariedade e sororidade na rua e estratégias de sobrevivência, ONGs e aparelhagem municipal que acessa, quais serviços busca, como obteve conhecimento dos serviços prestados, e,
- 3.4.4 “Andanças da vida”** - sobre os locais onde morou, os sonhos, planos e as expectativas para o futuro.

Em cada um dos eixos discutimos aspectos que consideramos fundamentais para a compreensão do contexto social e da trajetória de vida da mulher que investigamos em nossa pesquisa, exploramos questões ligadas à realidade de nossa participante antes da rua, o processo que desencadeou a situação de rua, quais são os serviços disponíveis para mulheres em situação de rua - a que nossa entrevistada possui conhecimento e que são por ela acessados, assim como estratégias de manejo com a corporeidade feminina na rua. Ressaltamos novamente que nossa intenção ao delinear a pesquisa era contemplar um grupo maior de mulheres em situação de rua a serem entrevistadas, porém, em vista das particularidades enfrentadas no ano de 2020, tivemos como possibilidade entrevistar somente uma mulher em situação de rua.

Nossas limitações, no entanto, trouxeram-nos possibilidades. No movimento de reinserção nos trabalhos sociais destinados à assistência da população em situação de rua do município de Curitiba, entrevistamos as assistentes sociais que trabalham para a manutenção e planejamento das ações que ocorrem na Comunidade Franciscana, com quem dialogamos no Projeto de Extensão - a sala do Projeto era cedida pela Comunidade Franciscana e os encontros com a população em situação de rua ocorriam após o chá da tarde, todas as quintas-feiras. Este material forneceu-nos outros indícios sobre a realidade vivenciada por mulheres que se encontram em situação de rua no município de Curitiba, por estas razões, apresentamos, igualmente, o trabalho desenvolvido na Comunidade Franciscana ressaltando as impressões de uma assistente social do chá da tarde acerca das mulheres em situação de rua que acessam os serviços ofertados na instituição.

3.1 ESCLARECIMENTOS ANTERIORES À DISCUSSÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Para a compreensão totalizante de como deu-se esta pesquisa participante se fez necessário que resgatássemos os aspectos referentes ao funcionamento e objetivos do Projeto de Extensão - *Diálogos Formativos: Oralidade, Leitura e Escrita com a População em Situação de Rua*, que deu origem a este trabalho de conclusão de curso. Minha participação primeiramente como voluntária e em segundo momento como bolsista deu-se desde o princípio dos encaminhamentos do Projeto em março de 2019, participando dos estudos e ciclos de leitura, até dezembro de 2020 com encontros feitos em salas online para a continuação das atividades formativas do grupo. Foi durante a atuação do Projeto em campo, que conheci e tive a oportunidade de estreitar laços com a mulher em situação de rua participante deste trabalho de conclusão e, por este motivo, senti a necessidade de contar desde o princípio como ocorreu o desabrochar de todo o processo desta pesquisa.

Inicialmente, dedicamo-nos a apreender, na teoria, noções sobre a realidade da comunidade com a qual iríamos trabalhar. Neste momento, utilizamos de normativas amplamente citadas neste trabalho, como é o caso do Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a), e do Decreto Nº 7.053 de 23 de Dezembro de 2009 (BRASIL, 2009b) que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, o documentário *Trecheiros (2001)*²⁰ que aborda a realidade e andarilhagens de pessoas que fazem a vida no “trecho”, além de contarmos com ciclos de estudo e leitura do terceiro capítulo de *Pedagogia do Oprimido (2019)*. Isso tudo para que conseguíssemos planejar e desenvolver, *à posteriori*, atividades interessantes aos participantes de nossos encontros e que revelassem a realidade vivida por eles e elas, suas leituras de mundo e sua relação com o perímetro urbano central da cidade de Curitiba, no estado do Paraná.

Tínhamos como objetivo inicial, de acordo com a Proposta do Projeto de Extensão submetida ao Sistema Integrado de Gestão da Extensão Universitária

²⁰ O documentário *Trecheiros* foi dirigido por Caue Nunes, Marcel Mendonça e José Siqueira e data do ano de 2001. Retrata a realidade de indivíduos que vivem no “trecho”, sem residência fixa e pernoitam em albergues do município de Campinas-SP - segundo ficha técnica do documentário disponível no Portal CurtaDoc.

(SIGEU): “construir um processo de aproximação à população em situação de rua, levantando suas demandas educativas” (UFPR, 2019), no intuito de explorar hipóteses quanto à alfabetização de pessoas em situação de rua, e da possibilidade de composição de uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos, criando um espaço para que o diálogo fosse possível, tal qual instituído por Freire (2019), um encontro entre homens e mulheres para “*pronunciar o mundo*”.

Para tal, contamos com a parceria de uma Instituição Religiosa de vertente Franciscana que atende a população em situação de rua tradicionalmente, todas as tardes, servindo chá e pães - o Projeto de Extensão, no entanto, não conta com nenhum tipo de vinculação religiosa, contávamos apenas com uma sala cedida pela instituição. E ainda com o apoio das assistentes sociais que trabalham na Comunidade Franciscana. Com elas, tivemos duas reuniões prévias para entender o funcionamento do Chá Fraternal e como poderíamos nos inserir neste espaço sem causar estranhamento, conseguindo o maior número de participantes quanto fosse possível.

Aproximamo-nos como “observadores simpáticos”, em primeiro momento, participando da dinâmica do Chá - ajudando a preparar e servir e nos apresentando ao grupo de voluntários das quintas-feiras, de maneira que, à medida que servíamos as mesas do salão, nos apresentávamos também à comunidade, divulgando as propostas do Projeto. Começamos nossas atividades em campo no mês de agosto de 2019. Para nossa surpresa, o grupo de participantes era maior que o esperado - as assistentes sociais nos alertaram que poderíamos lidar com um baixo número de interessados e com alta rotatividade de participantes.

O funcionamento do Projeto de Extensão ocorreu, no ano de 2019, com encontros diários para o planejamento das atividades, estudos e leituras realizadas pelo grupo de estudantes bolsistas e voluntários - que aconteciam no espaço da Universidade Federal do Paraná pelo menos três vezes na semana. Sendo a ida à comunidade programada para às quintas-feiras, por este motivo, refiro-me ao grupo de voluntários das quintas-feiras, visto que, o funcionamento do chá acontece com diferentes grupos de voluntários responsáveis por dias da semana alternados, assim, nas quintas-feiras - dia de nossa ida à comunidade, o grupo de voluntários com quem nos relacionamos era sempre o mesmo.

Algumas de nossas hipóteses levantadas enquanto estudávamos as especificidades da situação de rua se confirmaram - como no caso da minoria de

mulheres em situação de rua. Outras, no entanto, foram refutadas - como a possibilidade de constituir uma turma de alfabetização, visto que nos deparamos com um grupo que, em sua maioria, havia cursado a educação básica. Deste modo, nossas atividades se concentravam em temáticas atuais, que conversavam com a realidade da comunidade em que atuamos, partindo de demandas dos próprios participantes - realizamos contações de histórias, leitura e discussão de textos literários, assistimos filmes, ouvimos músicas, trabalhamos com artes manuais e organizamos através de doações uma biblioteca, de modo que havia entre nós, equipe de Projeto e comunidade, uma relação horizontal de muito afeto e respeito.

De modo geral, conquistamos um grupo assíduo, que participava da maioria de nossos encontros, ocorrendo também participações pontuais - decorrentes do caráter flutuante da população em situação de rua no chá. Em nossos dias com maior frequência, chegamos a ter 19 pessoas na sala cedida pela Comunidade Franciscana, em números gerais, de agosto a novembro - em 15 encontros, tivemos 100 participantes, 29 compareceram a dois encontros ou mais; deste total 12 são mulheres, e 5 compareceram a dois ou mais encontros. A frequência destacada sinaliza a menor incidência de mulheres, número que seguia a mesma regularidade no salão onde o chá era servido.

Sobre a frequência, é pertinente explicitar como registramos os encontros. Tínhamos um caderno de controle e registro do Projeto onde cada indivíduo presente na atividade da semana podia - se assim desejasse, assinar o seu nome para que pudéssemos contabilizar as pessoas que participavam de nossas propostas. O registro era livre, nem sempre o nome real dos participantes coincidia com os nomes assinados em nosso caderno, muitos utilizavam apelidos ou pseudônimos. Após a listagem de participantes referente ao dia do encontro, fazíamos um pequeno registro do que havia acontecido na ocasião. Assim, a assinatura não era obrigatória e não prejudicava a preservação de identidade de quem, por percalços da vida, não quisesse revelar seu verdadeiro nome.

Dentre as mulheres que participaram de nossos encontros com assiduidade, encontra-se a participante deste trabalho de conclusão de curso. Nossa aproximação ocorreu a partir de um cartão de aniversário de namoro, e em seguida, do convite para seu noivado, de forma que, com o passar do tempo, criamos intimidade suficiente para dialogar sobre os mais diversos assuntos, bem como as particularidades de sua trajetória de vida, foco de nosso trabalho. Ressalto que o

objetivo de nosso trabalho não é discorrer sobre o Projeto de Extensão, no entanto, é pertinente que nos justifiquemos quanto a origem da problemática proposta. Consideramos que o vínculo decorrente da participação nos encontros facilitou a realização das entrevistas, visto que, em um contexto normal, nossa pesquisa seria realizada ao decorrer do ano de 2020, enquanto o trabalho em campo, junto ao Projeto de Extensão continuaria a ser realizado.

3.2 OS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E INFORMAL

Ah eu gostei bastante, eu gostei daquele negócio que vocês fizeram com a tampa da marmitta, aquele negócio lá que eu não consegui fazer direito da árvore da vida. Eu achei legal também aquele contador de história que vocês contaram. Eu achava legal também quando a professora explicava assim. Achava bem legal, era um conhecimento a mais. Era bom assim, também se tivesse assim um lugar que fizesse isso também direto, era bom ter sempre esse negócio assim pros dingos²¹
Era legal também porque era uma aproximação dos dingos com a sociedade. Porque assim tem uns que ajuda, mas tem uns que fica meio receado²², aí se a pessoa vê que os dingo se interessa assim de participar dessas coisa, aí as pessoa vê os dingo também quer, que é gente como a gente, eles não tão lá porque às vezes quer também, um já desistiu porque perdeu a família, porque a família não aceita, porque isso, aquilo...
(Informação verbal, Pâmela 37 anos, entrevistada desta pesquisa)²³

Durante o ano de 2019 estivemos inseridas em um contexto de educação não-formal que possibilitou vislumbrarmos a temática deste trabalho de conclusão de curso. Enquanto parte da equipe de bolsistas e voluntários do *Projeto de Extensão Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com a população em situação de rua*, trabalhamos uma verdadeira Pedagogia do Oprimido, levando em

²¹ Dingo é a terminologia utilizada por algumas das pessoas em situação de rua com quem tivemos contato, o termo é utilizado, por vezes, para ressignificar o peso da terminologia “mendigo”, como uma maneira mais carinhosa de tratamento entre pessoas em situação de rua.

²² Optamos, em nossas reflexões, pela transcrição literal de áudio, mantendo as expressões utilizadas por nossa entrevistada em suas falas. Isso pois, sua linguagem também carrega aspectos referentes à sua vivência e realidade, trazendo à este trabalho vocabulários próprios da rua e que, em uma relação dialógica, como nos ensina Paulo Freire, “não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro.” (FREIRE, 1992, p.118). O diálogo implica no respeito entre os sujeitos nele envolvidos. “Não penso autenticamente se os outros também não pensam (...) não posso pensar pelos outros nem para os outros nem sem os outros.” (FREIRE, 1992, p.117). Citado por Zanetti (2001, p.208).

²³ PÂMELA. **Mulheres em situação de rua: uma investigação sobre a trajetória de vida como referência educativa.** Curitiba, 2020. Entrevista.

conta o enunciado no título do Projeto, priorizávamos o diálogo e cultivávamos uma relação horizontal com a comunidade que comparecia aos nossos encontros.

Dedicamos atenção especial à leitura e aprofundamento do terceiro capítulo de *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2019), que oportunizou que construíssemos, junto à comunidade, propostas de atividades significativas à realidade da população em situação de rua, conseqüentemente, forneciam-nos pistas para a apreensão da relação existente entre as pessoas em situação de rua com quem nos relacionamos no Projeto e o perímetro urbano, os transeuntes, algumas de suas demandas, o vocabulário próprio da rua, entre tantas outras experiências. Fundamentando-nos em Freire (2019), tomando o diálogo como uma “exigência existencial”:

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2019, p. 109)

A concepção de educação que carregávamos no Projeto permeava a organização do espaço e condutas de valorização pessoal, sempre priorizando um ambiente educativo em que o diálogo fosse possível. Sentávamos em círculo, tínhamos como hábito sempre nos apresentar e contar algo de nós mesmos para que pudéssemos receber em troca um pouco da história de cada participante - se assim desejassem, tornando nossa prática acolhedora e de enaltecimento dos saberes individuais das pessoas com quem estabelecemos relações. Utilizávamos crachás com nossos nomes e os confeccionávamos, igualmente, para cada frequentador dos encontros, o que promovia relações de confiança e respeito, posto que em dado momento, todos conheciam-nos pelos nossos nomes e nós os conhecíamos e convidávamos para nossos encontros desta forma.

Dado o contexto em que nossa pesquisa teve início, consideramos pertinente conceituar a educação não-formal, educação popular e educação informal e reafirmar nossos objetivos com a realização da pesquisa de campo. Estávamos - enquanto orientadora, orientanda e colegas do Projeto “molhadas” em nossa atuação acadêmica - termo utilizado por Freire e Adriano Nogueira em seu livro-manual *Que Fazer - Teoria e prática em Educação Popular* (2014), em uma prática de Educação Popular. Segundo esta mesma obra, a educação popular articula-se

em níveis, conforme Freire e Nogueira (2014): “Há lutas populares que são organizadas, são sindicais, são partidárias ou regionais. Há outras, também. Há lutas cotidianas, lutas diárias de buscar pela água, lutas que tem sua forma de ensinar e aprender a sobrevivência.” (p. 43).

A educação popular refere-se, portanto, à realidade enfrentada pela comunidade, em níveis de organização maiores ou menores, e sempre à dificuldades sentidas e enfrentadas coletivamente. Enquanto Projeto de Extensão, desenvolvíamos atividades voltadas à participação coletiva, tínhamos o diálogo, conforme Freire (1968), como *ato de criação*, junto aos participantes do Projeto desenvolvíamos atividades conforme dialogávamos sobre a nossa realidade e a deles e delas - enquanto necessidades sentidas coletivamente. Essa concepção responde ao conceito de educação não-formal. De acordo com Gohn (2014):

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas. (p. 40).

De acordo com Freire e Nogueira (2014) essa nova concepção de educação emergiu do trabalho com grupos populares tecendo críticas às propostas *domesticadoras* da educação formal, respondendo à esta demanda, a “educação de adultos” foi se modificando.

Aquilo que se chamava “educação de adultos” foi sendo melhorado por alguns grupos “que pelejavam e conquistavam uma “legítima” educação que não descuidasse da cultura popular. E a educação popular nascia não apenas da cultura de livros ou de museus; ela nascia da cultura que os movimentos populares usam e criam em suas lutas (p. 86).

A prática de educação não-formal atende aos princípios da Pedagogia Social, voltada à apreensão das desigualdades sociais e ao enfrentamento e articulação, enquanto grupo - pessoas em situação de rua com suas demandas e necessidades.

Entendemos que a educação popular ou educação não-formal nem sempre figuram como sinônimos, mas são complementares uma vez que ambas as práticas em educação são derivadas da Educação de Jovens e Adultos e valorizam saberes que estão para além do currículo formal utilizado no âmbito escolar, embora a educação popular, como práxis, possa presentificar-se também no espaço formal da escola. A educação popular trabalha diretamente com os interesses e particularidades de grupos populares para que possam gradativamente conhecer e agir sobre as dificuldades enfrentadas coletivamente, como uma “prática política misturada à tarefa educativa, levando em conta que a sociedade se transforma passo a passo com propostas populares em educação” (FREIRE e NOGUEIRA, 2014, p. 33).

Portanto, a educação não-formal constitui-se em uma prática educativa com intencionalidades, que proporciona a participação e a valorização de saberes diversificados. Estávamos imersas durante a execução do Projeto, tanto em campo como em nossos encontros para a formação da equipe de estudantes bolsistas e voluntários, nestas perspectivas educacionais que possibilitam construir, junto à comunidade, uma proposta educativa correspondente e significativa à realidade em que se desenvolvem as atividades, que possibilitam a apreensão das dificuldades sentidas coletivamente.

Partindo desta realidade inicial, deparamo-nos com a disparidade entre homens e mulheres que compartilham da situação de rua, observamos tal disparidade enquanto convidávamos as pessoas a se juntarem à nós no Projeto, bem como na sala em que o Projeto se desenvolvia, onde a frequência e número de mulheres participantes era expressivamente menor e, por vezes, de ausência total. Em nossos momentos de formação e planejamento encontramos vestígios nos textos que debatemos, das dificuldades encontradas por mulheres em situação de rua, bem como dos motivos que corroboram para que a realidade na rua seja mais dificultosa para indivíduos do gênero feminino.

Com relação a esta problemática, encontramos ainda menções quanto à estratégias de sobrevivência próprias de mulheres em situação de rua. Tais como as

mencionadas no Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a) e na cartilha Rua: Aprendendo a Contar (BRASIL, 2009a) que referem-se, primordialmente, à corporeidade feminina que, estando em situação de rua, encontra dificuldades quanto à defesa contra violações físicas, têm particularidades próprias quanto ao ciclo menstrual, gravidez, métodos contraceptivos, aliada ao imaginário social e à subordinação social de gênero que colabora para a violência de gênero e, como vimos, faz com que a mulher enfrente dupla exclusão estando em situação de rua - porque o espaço público não foi designado ao gênero feminino e porque, sendo considerada menos adaptada à este espaço é vista como figura fragilizada.

Deste modo, estávamos próximas de algumas mulheres com quem poderíamos dialogar acerca destas particularidades, optamos assim, por investigar a trajetória de vida de uma mulher participante do Projeto de Extensão, objetivando acessar algumas das estratégias supracitadas com maior profundidade, para além de citá-las como fazem os documentos normativos que fundamentam nosso trabalho. Tomamos assim, o espaço da rua como elemento formativo de educação informal. Entendemos a educação informal conforme Gohn (2006):

Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu etc. (GOHN, *n.p.*)

Nessa concepção de educação informal, “os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc.” (GOHN, 2006, *n.p.*). Diferenciamos, deste modo, a educação não-formal da educação informal. Essa se dá à medida que vivenciamos e temos contato com grupos sociais diversificados - ocorre não apenas fora da esfera formal de educação, mas permeia todas as experiências que temos durante a vida, constitui-se como formação permanente, opera ainda segundo Gohn (2006) “em ambientes espontâneos, onde as relações

sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.”.

Por este motivo, tomamos neste trabalho de conclusão de curso, a perspectiva de educação informal, considerando que a atividade de formação humana enquanto educação é permanente e encontra-se embebida em todas as experiências que temos como indivíduos ao decorrer de nossas vidas, diante de tais argumentos justificamos o uso dos termos “trajetória de vida como referência educativa”. Tomamos a trajetória também como travessia, como experiências que nos atravessam e passam a fazer parte de nós mesmos, nossas condutas sociais e culturais.

Larrosa (2002) define a experiência como algo que nos atravessa e deixa vestígios, segundo o filósofo educador:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. (LARROSA, 2002, p. 27)

Deste modo, adotamos igualmente, a perspectiva da abordagem biográfica para nossa pesquisa de campo, defendemos tal metodologia com base em Inês Ferreira de Souza Bragança (2011):

Do ponto de vista filosófico, pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Enquanto sujeitos históricos, construímo-nos a partir das relações que estabelecemos conosco mesmos, com o meio e os outros homens e mulheres, e é assim, nessa rede de interdependência, que o conhecimento é produzido e partilhado. As interações humanas vão constituindo a cultura, e a educação consiste na apropriação/recriação desse conhecimento acumulado pela humanidade; nesse sentido, o processo educativo permeia toda vida humana.

As instituições educativas afirmam-se como espaços sociais em que esse movimento ocorre de forma sistematizada. Contudo, o processo educativo não se restringe a elas, ao contrário, perpassa toda vida humana. Por meio da educação, o sujeito amplia sua visão de mundo e se organiza para atuar de forma crítica, propositiva e humana. O conhecimento é, assim, uma possibilidade de libertação. A educação coloca-se, dessa forma, como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal. (p. 158)

Buscamos, deste modo, apreender que experiências atravessaram a participante de nossa pesquisa, de maneira a entender quais são as particularidades sentidas por ela enquanto mulher em situação de rua, explorando seu relacionamento com a família, com seu companheiro, seus amigos e amigas, parceiros de rua e sua relação com o seu corpo, sua autoimagem e portanto, seus saberes. Compreendemos, tal como Larrosa (2011) a experiência como instituição singular e única, que não nos atravessa da mesma maneira, segundo o educador espanhol:

A experiência soa a finitude. Isto é, a um tempo e a um espaço particular, limitado, contingente, finito. Soa também a corpo, isto é, a sensibilidade, a tato e a pele, a voz e a ouvido, a olhar, a sabor e a odor, a prazer e a sofrimento, a carícia e a ferida, a mortalidade. E soa, sobretudo, a vida, a uma vida que não é outra coisa que seu mesmo viver, a uma vida que não tem outra essência que a sua própria existência finita, corporal de carne e osso. (LARROSA, 2011, p.24)

Em se tratando de uma fonte menos requintada e utilizada com menor frequência no campo científico, e de uma temática com o objetivo de valorização dos saberes populares, nos fundamentamos em Elizeu Clementino de Souza (2007) que utiliza da historiografia francesa para justificar a preferência por fontes orais de pesquisa:

No processo de valorização das fontes orais estava a crença de que a maior homenagem que os historiadores e, em especial, os historiadores da educação, poderiam prestar aos excluídos era o de transformar suas memórias em história, buscando memórias sociais que recuperassem os sentidos das vozes ausentes. (SOUZA, 2007, p.62)

Enfatizamos que tomamos o devido cuidado com as generalizações ao analisar o conteúdo de nossas entrevistas gravadas, entendendo que trata-se de uma trajetória de vida singular, que não nos permite afirmações totalizantes, mas que fornece-nos indícios da realidade que se apresenta para mulheres em situação de rua quanto à dificuldades e negação de direitos básicos. Ainda, segundo Souza (2007) entendemos o papel do pesquisador ou da pesquisadora, nestes casos, como um compromisso para além de tomar notas, “sua tarefa é a escuta sensível na qual perceba os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas.” (SOUZA, 2007, p. 68)

Assim, como forma de explorar as particularidades da experiência de vida de uma mulher em situação de rua e valorizar sua história, tomamos a trajetória de vida como espaço de aprendizado permanente, e sua caminhada individual, as estratégias e rede de apoio que acessa na rua para enaltecer os saberes populares desta mulher, que nos permitem indícios das especificidades de sua condição enquanto mulher vulnerabilizada pela situação de rua.

3.3 ESTRATÉGIAS EM MEIO ÀS ADVERSIDADES DA PANDEMIA - REINSERÇÃO NO TRABALHO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Em se tratando de uma pesquisa-participante, que a princípio intercorreria junto à minha participação no Projeto de Extensão, consideramos oportuno clarificar sob quais circunstâncias deu-se a pesquisa de campo. Buscamos - em decorrência do Decreto de Pandemia pelo vírus Sars-Cov-2, a reinserção nos trabalhos com a população em situação de rua de forma a reafirmar o compromisso que tínhamos com as mulheres com quem dar-se-ia a construção deste trabalho. Deste modo, procuramos por ONGs e ações sociais que pudessem acolher nossa pesquisa, favorecendo nosso observar-participar, bem como o reencontro com as participantes do Projeto de Extensão com quem já havíamos estabelecido relação e certa intimidade. Consideramos que por se tratar de uma pesquisa sobre a trajetória de vida, nosso sucesso em campo seria maior no caso de entrevistarmos pessoas que já nos conheciam e conheciam as propostas do Projeto de Extensão.

Tal movimento oportunizou novos olhares sobre os sujeitos que constroem o trabalho com a população foco deste nosso recorte, abrindo nossos horizontes para algumas das ações - as quais ainda não tínhamos conhecimento, que ocorrem simultaneamente no centro do Município de Curitiba - PR. Destaco que mapear e conhecer outros movimentos que acolhem a população em situação de rua já era nossa intenção, inclusive decorrente das demandas levantadas com a equipe do Projeto de Extensão que deu origem a este trabalho de conclusão de curso. Assim, buscamos nos aproximar de ONGs e Projetos que continuaram ou começaram suas ações mesmo em condições tão adversas como as vivenciadas no ano de 2020, priorizando àquelas cujas atividades sucediam na mesma rota percorrida pela comunidade participante de nosso Projeto de Extensão - o centro do município de

Curitiba, mais especificamente as praças Tiradentes e Rui Barbosa, onde há grande concentração de indivíduos em situação de rua.

Sabendo do caráter sazonal de algumas atividades e que algumas ações estariam suspensas por conta dos riscos provenientes da pandemia, entendendo que mesmo com os riscos, a população em situação de rua tem suas demandas e estas precisam ser atendidas. Isso pois, a diminuição do fluxo de pessoas na rua e o fechamento dos estabelecimentos devido ao período de quarentena afetou diretamente as estratégias utilizadas pela população em situação de rua, buscamos nos inserir em ações que continuaram ou começaram seus trabalhos em meio a este contexto pandêmico. Segundo a fala de Tomás Melo, em entrevista concedida à reportagem veiculada pelo Jornal Plural, de autoria de Queiroz e Moura (2020):

“Quando o coronavírus chegou, teve uma sexta-feira fatídica em que todo o comércio começou a fechar. As pessoas em situação de rua entraram em desespero, sem entender o motivo dos projetos assistenciais terem parado de atender. A gente viu que seria um cenário catastrófico”, diz Melo. (QUEIROZ; MOURA, 2020, *n.p.*)

Tivemos a oportunidade de presenciar, nesse momento histórico, uma verdadeira união de forças entre ONGs, Projetos e Movimentos a fim de contemplar, à medida do possível, algumas das necessidades das pessoas em situação de rua que viram-se desamparadas em meio à pandemia - combatendo o básico para o momento, a fome. Começamos pela aproximação com os trabalhos da ONG Mãos Invisíveis, com sede no bairro do Parolin. A ONG, no período anterior ao da pandemia, servia café da manhã aos domingos na Praça Generoso Marques - próximo ao Paço da Liberdade, e uniu forças com o Movimento Nacional da População de Rua para distribuição de marmitas, o trabalho com o café da manhã aos domingos continuou, acrescido do compromisso com as marmitas distribuídas diariamente no período noturno.

Na Colméia Cultural - espaço sede da ONG Mãos Invisíveis, auxiliei com a limpeza do local durante um período, sem participar ativamente da entrega das marmitas. Neste período em que estive em contato com a ONG Mãos Invisíveis, tomei conhecimento de uma “rede de apoio” entre ONGs e Projetos. Nessa rede, as

marmitas de cozinhas diferentes - como o caso da cozinha provisória do MNPR²⁴ montada no espaço do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios do Paraná (SINTCOM-PR) e de marmitas produzidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que, quando sobravam, eram deslocadas e doadas de uma ação/projeto/ONG à outra com a finalidade de atender ao maior número possível de pessoas em situação de rua - evitando o desperdício de alimentos e distribuindo as refeições em pontos diversificados do perímetro urbano.

Ainda segundo notícia veiculada no portal do SINTCOM-PR, as refeições preparadas no espaço eram elaboradas por voluntários, muitos sendo pessoas com trajetória de rua ou em situação de rua:

As marmitas são preparadas por voluntários, a maioria composta de ex-moradores de rua. Os alimentos são higienizados e cozidos em um espaço improvisado na sede do SINTCOM-PR, transformado em cozinha comunitária. Os ingredientes são doados por algumas entidades e organizações sociais, mas têm sido insuficientes.

O coordenador do MNPR no Paraná e também conselheiro nacional de Direitos Humanos, Leonildo José Monteiro Filho, contou que em meados de março serviam 150 marmitas, mas a demanda por alimentação foi crescendo durante a pandemia. Eles fazem entregas em praças, embaixo de viadutos e ruas de maior concentração da população mais vulnerável. (SINTCOM-PR, 2020, *n.p.*)

Ressalto que não participei de ações na cozinha do SINTCOM-PR, apenas tomei conhecimento do projeto enquanto atuei na ONG Mãos Invisíveis. Posteriormente, juntei-me às Marmitas da Terra, ação planejada e executada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) onde distribuíamos refeições no horário do almoço, todas as quartas-feiras nas praças Tiradentes e Rui Barbosa. O processo do MST para a feitura da refeição ia desde mutirões de plantio e colheita - feitos no sábado, até os momentos nas quartas-feiras em que preparávamos os alimentos. A ação que começou em maio, e em um primeiro momento distribuía cerca de trezentas (300) marmitas, e de maneira gradativa, chegou ao número de mil (1000) no último mês de 2020. A notícia de Lia Bianchini (2020), jornalista do Brasil de Fato Paraná, veiculada no portal do MST reforça a “rede de apoio” comentada anteriormente:

²⁴ As ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra MST e a cozinha provisória montada no espaço do SINTCOM foram criadas no período da pandemia, em meados de março de 2020, objetivando atender à necessidade básica de acesso ao alimento - uma das necessidades que sofreu alterações com a diminuição do fluxo de pessoas na rua.

A ação do MST soma-se à entrega de marmitas que já é feita pelo Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e pelo Projeto Mãos Invisíveis. Além da produção feita pelo MST, nos outros dias da semana são produzidas cerca de 300 marmitas na cozinha do Sindicato dos Correios, preparadas por militantes dos movimentos e por pessoas voluntárias. (MST - BIANCHINI, 2020)

Durante o período em que estive participando da ação coordenada pelo MST fui cordialmente priorizada no momento de distribuição das marmitas, de modo que quase em todas as quartas-feiras em que estive presente na cozinha, fui igualmente à rua para as entregas e mantive estreito contato com a população em situação de rua, tendo de fato, encontrado com participantes (homens) de nosso Projeto de Extensão. A busca pela manutenção das atividades e por participantes mulheres de nosso Projeto de Extensão, dispostas a participar de nossa pesquisa foi além, retomamos contato com a Comunidade Franciscana que cedia a sala para a realização de nosso Projeto de Extensão.

A realidade junto à Comunidade Franciscana também sofreu impactos durante a pandemia, o trabalho realizado no chá da tarde foi modificado para que o contato com os pães fosse minimizado e fossem evitadas as aglomerações nos salões da igreja, deste modo, a distribuição do chá deslocou-se para o espaço do Restaurante Popular da Praça Rui Barbosa. Para a continuação das ações na comunidade também foi necessária a mobilização de maior número de voluntários. Além do preparo dos pães e chá, fazíamos a seleção e distribuição de roupas e kits de higiene para a população em situação de rua. As atividades eram mantidas com doações e os grupos de voluntários alternavam em cada dia da semana.

O chá continuou a ser servido no mesmo horário todos os dias, alterando apenas o local. Após o almoço, a equipe de limpeza do Restaurante Popular higienizava o local para que a população em situação de rua fosse acolhida. As pessoas em situação de rua esperavam do lado de fora do restaurante formando uma fila, pegavam as porções de pão e bebida na entrada, sentavam-se para comer e levantavam-se somente quando terminavam a refeição - caso quisessem repetir, era necessário voltar à fila e refazer o procedimento. No período em que estavam no Restaurante Popular também era permitido o acesso aos banheiros do local.

Julgamos necessário, ainda que brevemente, explicitar sob qual contexto deu-se nossa pesquisa de campo. Embora tenhamos priorizado uma rota em que

costumeiramente encontrávamos os participantes de nosso Projeto de Extensão - e que tenhamos de fato, nos deparado com alguns destes sujeitos. Observamos e comprovamos nova e empiricamente a minoria de mulheres em situação de rua, tendo encontrado apenas uma participante do Projeto de Extensão - que não me reconheceu por conta do combo: óculos, máscara, touca e avental, o que impossibilitou nossa reaproximação, a avistei apenas uma vez. Desta forma, rumamos para a busca ativa, tínhamos conhecimento do paradeiro aproximado de uma participante do Projeto de Extensão, e em uma quarta-feira do mês de novembro, após as atividades junto ao MST, nos dirigimos até o local, perguntamos por ela à pessoas que se encontravam próximas e de fato a encontramos.

Nossa intenção, inicialmente, era a de dialogar com um número maior de mulheres em situação de rua. No entanto, estive em contato com as ONGs relatadas por um período curto de tempo, em dois momentos do ano de 2020 - entre os meses de maio a julho, e posteriormente de setembro a dezembro. Além disso, com a finalidade de diminuir os riscos e o contato com diversas pessoas, optamos em entrevistar apenas uma mulher em situação de rua com que tivemos maior contato durante o ano de 2019 no *Projeto de Extensão Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com a População em Situação de Rua*.

3.4 APRESENTAÇÃO DA PARTICIPANTE - PROJETO DE EXTENSÃO E RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE OS SUJEITOS DA PESQUISA

Pâmela - nome pelo qual a nossa entrevistada escolheu ser chamada nesta pesquisa, tem 37 anos, é mulher e negra, cisgênera e heterossexual. Natural de São Paulo, mudou-se para o município de Curitiba quando tinha 8 anos de idade. Pâmela é mãe, suas duas filhas já são maiores de idade, geradas em relacionamento anterior, com o ex-marido. Conhecemo-nos durante minha participação como estudante bolsista e voluntária no *Projeto de Extensão Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com a população em situação de rua*.

Pâmela foi uma das participantes mais assíduas do Projeto. Começou a frequentar os encontros acompanhada por seu parceiro. Ele comparecia desde o princípio às atividades do projeto desacompanhado. Conhecemos Pâmela quando seu companheiro parou de comparecer às atividades, e, semanas após se ausentar,

encontrei-o no salão da Comunidade Franciscana onde o chá era servido. Sem conhecê-la, o convidei para nossa atividade do dia, ambos negaram o convite - soubemos mais tarde, que a ausência do companheiro da participante de nossa pesquisa aos encontros promovidos pelo Projeto de Extensão deu-se por conta do horário de visitas do hospital psiquiátrico em que Pâmela estava internada.

Na semana seguinte ao primeiro encontro com Pâmela, em um dia chuvoso, encontramos o casal novamente e repetimos o convite, que foi prontamente aceito - acredito ser pertinente ressaltar que após a recuperação de Pâmela, o casal começou a acompanhar as atividades juntos e semanalmente, em todas as quintas-feiras em que estivemos na comunidade. Enquanto esperava que o grupo que já havia tomado a refeição se organizasse para subirmos à sala do Projeto com o auxílio de guarda-chuvas, Pâmela entrelaçou seu braço ao meu e me fez um pedido - perguntou se eu poderia ajudá-la a surpreender seu namorado. Desta forma, solicitou-me um cartão de aniversário de namoro, o casal estava completando 3 anos de união. Combinei com ela que após as atividades, sentaríamos juntas e ela me ditaria o conteúdo da mensagem do cartão, e assim o fizemos.

No dia da entrega do cartão recebemos o convite para o noivado do casal, que ocorrera no dia 25 de novembro de 2019 em frente ao Mercado Municipal de Curitiba, promovido por um moto clube cristão e outro grupo independente ligado a uma igreja evangélica - ambos os grupos distribuía cachorro quente em frente ao “mercadão” - como o Mercado Municipal é chamado pela participante e seu companheiro, essa foi a última ação do grupo no ano de 2019, e junto à comemoração do Natal fizeram o noivado do casal. No dia, compareci ao noivado acompanhada da Professora Maria Aparecida Zanetti, coordenadora do Projeto de Extensão e orientadora deste trabalho de conclusão de curso. Pâmela estava arrumada, maquiada e ficou muito contente com a nossa presença, nos apresentou como suas convidadas e me presenteou com o seu buquê. Nossa relação foi construída desta maneira, sem esforço e paulatinamente convivendo e conversando, nos encontramos muitas vezes durante o ano de 2019, e outras poucas - por conta das circunstâncias, em 2020.

Consideramos que o contexto em que foram realizados nossos encontros com a participante desta pesquisa são imprescindíveis para a compreensão de algumas situações pertinentes para a exploração dos objetivos deste trabalho, como a questão da corporeidade que encontra-se muito mais nas nuances presentes no

entorno da pesquisa, em momentos que não pudemos captar em nossas gravações, do que nas questões levantadas por nossa entrevistada. A seguir iremos dispor dos resultados e da discussão do material obtido com nossas entrevistas nos quatro eixos predefinidos, como exposto anteriormente.

3.4.1 Ela não nasceu na rua

Ah, eu sinto muita saudade, sinto muita saudade de ter uma casa assim. Igual na rua dá vontade da gente dormir um pouco, agora que a gente tava no pensionato, se dava sono a gente pegava e dormia, aí quando dava o horário pra gente descer pegar comida no mercadão pra pegar comida nós ia. Agora não, se a gente se encostar lá aí passa um pessoal olhando com uma cara repressiva, aí num, a gente tá na rua mesmo porque não teve ainda uma oportunidade muita assim, de dar uma casa.

(Informação verbal, Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Neste tópico, focalizamos as relações familiares correspondentes ao período da infância e adolescência começando pela história do nome de nossa participante, isso pois consideramos o nome como grande parte de nossa identidade pessoal, de igual maneira, evidenciávamos o nome em nossos encontros do Projeto de Extensão, por esta razão começaremos a contar a trajetória de vida de Pâmela pela escolha de seu nome. Pretendemos, neste eixo, contar os processos que antecederam a situação de rua na trajetória de vida de nossa participante, assim, exploramos para além do trajeto e contato familiar, as relações construídas na adolescência, os aspectos referentes à escolaridade e lembranças afetivas da escola, bem como a relação da entrevistada com o mundo do trabalho.

Pâmela é natural de São Paulo, tem 37 anos e conta que no momento de seu nascimento seus pais não eram casados, a mãe estava se divorciando do ex-companheiro - pai da irmã mais velha de nossa entrevistada. Por esse motivo, os pais de Pâmela não haviam ainda formalizado a união do casal. Dessa forma, tiveram que se deslocar da capital de São Paulo a Guarulhos para que pudessem registrar o nascimento de Pâmela, visto que em São Paulo o casal precisaria comprovar a união.

O meu nome foi assim, quando minha mãe tava grávida de mim, aí meu pai falou que viu um filme que tinha uma tal de Pâmela e ele gostou, aí ele falou que quando ele tivesse uma filha ele ia colocar esse nome, só que aí minha mãe já queria colocar de Josineide por causa da minha irmã que é [nome da irmã]. Aí bem no fim quando eu nasci, ela quis colocar Pâmela. Ah, e aí eu nasci em São Paulo aí eles registraram eu em Guarulhos por causa que minha mãe ainda tava casada no papel com o pai da minha irmã lá, aí eles foram divorciar tudo, aí pra não dá problema, ela primeiro teve que pegar e registrar lá em Guarulhos, porque lá na capital eles tinha que ser casado, meu pai e minha mãe. Aí como eles não era, que ela ainda era casada com o pai da minha irmã, aí eles tiveram que registrar eu em Guarulhos. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela se autodeclara negra, está em situação de rua há 3 anos com o seu parceiro atual, e escolheu o nome fictício pelo qual a trataremos na pesquisa por considerar um nome bonito. Sobre seu nome verdadeiro, afirma não gostar por julgar muito incomum. Com relação à sua família, conta que possui 2 irmãs e 7 irmãos paternos, e 1 irmã mais velha por parte de mãe, dentre todos afirma ser a filha mais nova e diz não ter contato com a maioria de seus irmãos, vê com certa frequência apenas a irmã materna que reside no município de Colombo – região metropolitana de Curitiba, com a mãe. Pâmela atribui a escassez de convivência com os irmãos à migração de São Paulo para Curitiba. A mudança de estado ocorreu quando ela tinha apenas 8 anos de idade.

Ao conversarmos sobre a relação com a família, o debate centralizou-se no relacionamento de Pâmela com os pais. Contou como fato marcante de sua infância a separação compulsória de seu pai que desencadeou nela um processo de depressão infantil, relatando inclusive crises suicidas.

Aí eu era muito agarrada com o meu pai, aí quando minha mãe falou que ia se separar dele eu fiquei falando que eu queria ficar com ele, mas como eu era pequena ela não quis deixar. Mas só que teve uma vez que ela saiu com a minha irmã pra fazer umas compras que ela tinha bar, né, eles tinha bar aí eu fiquei com ele, aí ele falou brincando que ela tinha ido embora e tinha deixado eu, aí eu falei 'ah que bom pai que eu fiquei com o senhor', mas aí depois ela veio. Mas eu gosto dos dois, eu gostava dos dois né. Aí bem no fim por causa que ele bebia muito e ficava agressivo aí por causa disso que ela se separou dele. Aí eu vim pra cá com 8 anos, aí comecei a ficar meio com depressão por causa do meu pai, que eu era muito agarrada com ele, aí toda vez que acontecia alguma coisa eu já queria pegar faca e querer se matar e essas coisas, mas aí sempre vinha na minha cabeça que as coisas ia melhorar, nunca tirei a minha vida mas eu já tentei assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Com relação ao relacionamento com a mãe, nossa entrevistada nos contou que atualmente recebe ajuda e a encontra em alguns momentos no centro do município de Curitiba, no entanto, afirma se sentir desconfortável com a relação, dizendo que se sente manipulada pela mãe que não se contenta quando o comportamento de Pâmela contraria suas expectativas.

Minha mãe me ajuda numa parte, mas na outra ela já fica meio assim, igual uma vez o [*companheiro de Pâmela*] tinha ligado pra ela que eu tinha ido pra lá, só que ele não sabia. Aí ela pegou, começou a bater boca com ele, falou um monte de coisa pra ele, e falou que eu não ia dar certo com homem nenhum, essas coisa assim sabe. Mas aí igual, agora que ela vai vim vê eu, às vezes ela vai trazer alguma coisinha, mas ela sempre quer que eu obedeça tudo que ela fala assim, tem que ser do jeito que ela quer, se não for aí não tá bom, como se fosse alguém manipulando um robzinho, alguma coisa assim, sabe assim? A minha mãe, ela age assim comigo, que ela quer eu sempre obedeça o jeito dela, as coisa que ela quer, senão não tá bom. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Segundo Arrunátegui (2008) e Rosa e Brêtas (2015), a rua pode surgir, para as mulheres que enfrentam tal situação como alternativa às opressões sofridas no ambiente doméstico que fazem com que, de acordo com Arrunátegui (2008), as mulheres sintam-se privadas de liberdade dentro da própria casa, transformando a rua em lugar possível para a construção de autonomia. O artigo de Rosa e Brêtas (2015) mostra-nos ainda, que a situação de rua - no caso das mulheres investigadas no estudo, é narrada como uma sequência de fatos, muitas vezes desde a infância - como no caso de Pâmela com a ruptura do contato com o pai, onde são desencadeadas carências afetivas e sociais, mostrando que a falta de referências familiares afetuosas costuma ser marca comum na trajetória de vida de mulheres em situação de rua, concluindo o raciocínio, Rosa e Brêtas (2015) ressaltam a importância de ouvir as histórias que compõem as trajetórias de vida destas mulheres a fim de melhor entender suas particularidades e quais são os vestígios deixados por suas experiências de vida.

Ao indagarmos Pâmela sobre a casa em que cresceu e as condições de sua família, ela divide em dois momentos, quando os pais ainda estavam juntos e após a separação. Em São Paulo, tinha um lar amoroso quando o pai não bebia, mas, quando o pai abusava do álcool vivenciava momentos difíceis em família, com gritos e ameaças; já no município de Colombo, quando mudou-se com a mãe, sempre

tinha uniforme e materiais escolares novos, relata que a mãe batalhou muito para sustentar as duas filhas.

Oh, a casa que eu cresci, tipo... Quando eu tinha oito anos e quando eu morava com o meu pai, era daquele jeito assim, quando meu pai não bebia, era aquele amor assim, aí ele levava a gente pra passear, e tratava bem e comprava as coisa, tudo assim... Aí quando ele bebia ele já ficava ameaçando, ficava gritando, ficava assim...

Aí depois que minha mãe separou dele, aí a minha mãe sempre trabalhou assim depois que veio de São Paulo pra cá, pra sempre quando a gente começava a estudar no colégio, a gente sempre entrava igual se fosse filho de rico, tinha uniforme tudo novo, tênis novo, mochila nova, material tudo certinho, tudo novinho assim... Minha mãe sempre foi uma batalhadora, sabe, pra cuidar de mim e da minha irmã. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

As condições financeiras da família eram razoáveis, classe média baixa, possuíam um bar em São Paulo. No entanto, morar em São Paulo era mais difícil para a mãe da entrevistada pois, “era ela por ela”, quando se mudaram para o Paraná, tinham mais contato com a avó que sempre ajudava a família como podia - no caso de passarem alguma necessidade. A respeito dos momentos violentos que experienciou quando o pai bebia, relatou que o pai agredia principalmente sua mãe, pois os irmãos paternos diziam que sua mãe havia casado por interesse - utilizavam como argumento a diferença de idade entre os dois, sua mãe era bem mais nova do que seu pai. Pâmela, no entanto, conta que apanhou do pai apenas uma vez, quando deu doces a um menino que foi ao bar da família e não o cobrou pois gostava dele.

Com relação à casa em que Pâmela cresceu, perguntamos como era esta casa, sem especificar de que casa falávamos. Observamos, no relato de Pâmela fortes referências à casa como lar - ressaltamos em seu discurso os momentos de afeto quando o pai não bebia em contraste com as tensões familiares resultantes do alcoolismo do pai, e a referência feita por Pâmela às condições materiais após a mudança, quando refere-se aos esforços da mãe para mantê-las em uma boa condição para que pudessem estudar com qualidade. Em Arrunátegui (2008, p. 205-207), vemos a dificuldade das mulheres em situação de rua de distinguir os conceitos de casa entre casa-material e casa-simbólica. As questões levantadas por Pâmela primeiro referem-se à casa como lar afetivo, e em segundo momento, aos esforços da mãe para mantê-las em uma boa condição material. Não foram feitas

menções à estrutura física da casa, o que denota, assim como em Arrunátegui (2008), que o conceito “casa” vai além do espaço físico, perpassando elementos afetivos.

Nossa entrevistada conta que gostava da escola, aproveitava a merenda quando tinha achocolatado ou sucrilhos e conversava bastante no intervalo. Afirma ter concluído o ensino médio, fez ensino integral até os 17 anos e terminou os estudos com ensino supletivo, lamentou não conseguir notas boas, afirmou que precisava de reforço ou recuperação para passar de ano e que não gostava dos dias de prova. Sua disciplina favorita era inglês - mesmo dizendo que não entende a língua, justificou a preferência por sua vontade de se comunicar. Sobre as dificuldades na trajetória escolar, conta que mesmo assim se dedicava aos estudos, sua irmã, no entanto, por conta destas mesmas dificuldades, evadiu-se do espaço escolar e começou a trabalhar muito nova, com 12 anos, para ajudar nas despesas domésticas.

Ressaltamos que não compreendemos a evasão escolar como falta de interesse ou de esforço por parte dos alunos e alunas. No caso da trajetória de Pâmela e sua irmã, a evasão, pelo que pudemos constatar, deu-se pela ineficácia dos dispositivos avaliativos da escola, que acabam repelindo alunos que enfrentam dificuldades somada a necessidade de ajudar em casa, contribuindo para a renda da família, assim, Pâmela conta que quando a irmã parou de frequentar a escola por conta das dificuldades, a mãe não insistiu e a “colocou” para trabalhar.

Desde a infância até a adolescência, Pâmela relata que era considerada muito nervosa pela família e por colegas de escola. Na adolescência afirma que os rapazes tiravam sarro de sua aparência e personalidade. Para remediar a situação, Pâmela contou-nos que tentava ser amigável e conversar.

No tocante ao *bullying*, considera que sofreu discriminação racial por parte dos meninos de quem gostava na adolescência, e atribui os desafetos, da mesma maneira, por não ter o costume de se arrumar e usar maquiagem, de acordo com Pâmela, os meninos preferiam meninas mais magras e mais “ajeitadinhas”:

Acho que já, acho que a maioria desses menino que eu gostava num... Num quis eu por causa que eu era assim. Quando eu era mais nova eu era mais magra, porém tinha uma barriguinha assim, aí eu também pela cor que eu era...[...] eu era mais largadona, sempre fui largadona, aí agora quando a mulher é pintadinha, mais magrinha, cabelo comprido e essas coisa, aí chama mais atenção deles né. E eu já não, eu já andava assim mais

naturalmente assim. Aí por isso acho que não agradava eles assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Sobre sua aparência, notamos que é frequente que Pâmela se compare ao padrão ideal de mulher instituído pela mídia, como: cabelos compridos; uso de maquiagem; roupas mais curtas e justas, e faz menções constantes à aparência da irmã, afirmando que não se encaixa nesses padrões como a irmã. Durante sua adolescência, Pâmela conta que tinha medo de não conseguir namorar ou ter um envolvimento de longo prazo por considerar que não atraía o olhar dos rapazes. No entanto, quando tinha 15 anos, conheceu seu ex-marido e pai de suas duas filhas. O relacionamento era conturbado, de forma que ela e seu ex-companheiro romperam e reestabeleceram a relação, tendo casado com 17 anos. A primeira gestação de Pâmela ocorreu com a idade de 18 anos e a segunda com 20 - em ambas as gestações, relata ter sofrido com depressão pós-parto e lamenta a falta de cuidados com as filhas. Conta que cuidou mais de suas filhas no período gestacional e que por conta da depressão não conseguiu ser uma “mãe protetora”.

As crises de depressão são relatadas com frequência por Pâmela e a acompanham desde a infância, segundo ela, a depressão pós-parto já na primeira gravidez fez com que os médicos desaconselhassem uma nova gestação. No entanto, os efeitos dos medicamentos antidepressivos diminuíram a eficácia do anticoncepcional, favorecendo a segunda gestação. A sequência destes fatos, fez com que Pâmela fosse coagida à esterilização - atualmente ela conta que se arrepende, pois gostaria de ter um filho com o atual companheiro, relatou em nossos encontros, que a equipe médica juntamente com a assistente social que a atendia na época a convenceram de que a laqueadura seria a melhor alternativa.

Os distúrbios psicológicos que se desenvolveram ao decorrer da vida de Pâmela, desencadeados também por conta destes episódios violentos, a acompanham desde então, e refletiram também em sua experiência com o mercado de trabalho, assim, teve apenas duas oportunidades de emprego - trabalhou no açougue de uma rede de supermercados e na limpeza e organização de um restaurante.

Eu trabalhei um ano e quatro mês no mercado e fiquei na experiência quase dois meses, aí eu passei mal, tive que ficar internada pra fazer CAPS, aí quando eu voltei lá pro restaurante pra ver se o homem queria, aí ele falou

assim que ele gostava do meu serviço e tudo, mas disse que era pra mim desculpar ele que ele não ia querer mais que ele tava com medo de caso eu começar a surtar de novo e o restaurante tá cheio e tudo... Aí eu falei: 'não, beleza, obrigada pela oportunidade'. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Os episódios de crises e internamento nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) impossibilitaram a continuação de sua jornada no mercado de trabalho. Como pudemos observar, o tema da violência, assim como constatado por Rosa e Brêtas (2015), figura como elemento que atravessa a experiência de vida de nossa entrevistada em diversas fases e de formas igualmente diversificadas. No artigo, os pesquisadores afirmam que a violência transpõe a trajetória de vida das mulheres em situação de rua, que mesmo tendo suas peculiaridades e diferenciações, possuem em comum este traço, de acordo com o estudo, questões como: “pobreza, experiências de violências, transtornos mentais, dependência de álcool e outras drogas, falta de amor e rupturas dos vínculos familiares e sociais” (ROSA e BRÊTAS, 2015, p.277) são recorrentes na vida de mulheres que compartilham da situação de rua, sendo que na pesquisa, consideram que cada mulher em situação de rua já enfrentou, pelo menos, dois destes fatores.

Tiradentes (2007) constata também a disparidade na oferta de trabalho para mulheres, afirma em sua pesquisa de mestrado, que o desemprego e a fome afetam mais a categoria do gênero feminino, pois, mulheres em diferentes faixas etárias - comparadas à homens de igual idade, apresentam diferenças na remuneração de seus trabalhos, mesmo que exerçam a mesma função. A pesquisa mostra ainda, que dentre as mulheres que sofrem mais com o desemprego, encontram-se as jovens e negras, e que as famílias chefiadas por mulheres alcançam níveis mais exacerbados de pobreza, e, portanto, vulnerabilidade. No caso da população em situação de rua, a pobreza se traduz na dificuldade de prover o próprio sustento e arcar com as despesas de uma casa. O artigo de Rosa e Brêtas (2015) traz indícios, ainda, de que as mulheres em situação de rua carregam o traço comum da ausência ou escassez de renda, e mesmo nos casos em que a situação de rua apresentou-se como opção, as mulheres investigadas na pesquisa em saúde não conseguiram reunir recursos para recriar o espaço da casa.

3.4.2 A casa e a rua

Ah, na casa é melhor, porque na casa dá pra gente, tipo assim, não precisa ficar se cuidando assim como que tá] namorando. Que às vezes se a gente tá se beijando ou se abraçando muito o pessoal já passa e fica olhando e não sei o que, aí tem uns que assobia e um monte de coisa. Aí na casa não, na casa a gente fica de boa, entre quatro paredes, a gente se beija normal e tudo assim, era melhor se tivesse uma casa. Aí dava pra, numa casa assim, dá pra dormir até a hora que quiser, dá pra fazer a comida que a gente quer assim, dá pra gente também, tipo, arrumar as coisa do jeito que a gente quer assim, sabe. Aí na rua não, a gente é mandado assim: chegou tal hora tem que levantar, chegou tal hora não pode ficar num canto parado, tem que ficar zanzando que a Guarda Municipal mesmo que às vezes já mandou a gente vazar, quando não é os próprio dingos que já mandou a gente cair fora, é assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Retomamos neste tópico, a trajetória de relacionamentos de nossa participante, explorando elementos de seu casamento e processo de divórcio do pai de suas filhas; como conheceu o parceiro atual; qual a sua relação com as filhas; e, relacionamentos de amizade antes da rua e agora, em que se encontra em situação de rua. O objetivo aqui é estabelecer uma ponte entre o período anterior à situação de rua e o presente contexto em que ocorreram nossas gravações de áudio.

Como vimos no tópico anterior, Pâmela conheceu seu ex-marido na adolescência, com 15 anos de idade. Segundo ela, o relacionamento sofreu um rompimento anterior ao divórcio, quando ainda namoravam, e a ex-namorada de seu companheiro, na época, propôs que retomassem a relação. O casal ficou um ano sem contato e retomou o relacionamento aos 17 anos de Pâmela, quando seu ex-padrasto tentou violentá-la. A justificativa da mãe para o abuso do padrasto foi a ausência de namorado da filha, pois, de acordo com o relato de Pâmela, sua mãe afirmou que a situação não teria ocorrido caso sua filha tivesse um compromisso. A solução da participante foi propor retomar o namoro com seu primeiro namorado, assim, contou que foi até o trabalho de seu ex-companheiro, contou a situação pela qual havia passado, e como ele estava solteiro, decidiram retomar o namoro quando nossa entrevistada tinha cerca de 17 anos de idade.

Aí a gente se separou, tipo assim, eu comecei a namorar com ele com quinze anos, aí a ex-namorada dele começou a dar em cima dele de novo, aí eu peguei e falei assim 'vê lá com ela, se vocês quer ficar junto e tudo, se vocês não quiser aí depois nós volta e vamo vê'. Aí quando eu tinha dezesseis aí ficamo um ano inteiro sem se ver, nada assim, aí com dezessete teve um acontecimento assim com meu ex-padrasto que ele tava tentando abusar de mim né, aí até minha mãe falou assim 'ah, se você tivesse um namorado e não sei o que, não sei o que', aí eu fui lá no serviço dele e começamo a conversar e tudo, pra ver se ele tava com alguém, ele falou que não, que depois que nós se separamo a ex-namorada dele também se separou dele e não quis né. Aí ele ficou sozinho assim, aí eu tava contando pra ele o que que tinha acontecido com meu ex-padrasto assim, aí ele falou que se eu quisesse voltar pra ele, podia voltar, aí a gente voltamo tudo, aí casamo, aí depois que eu tive minha primeira filha aí deu depressão pós-parto (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Enfatizamos o machismo incorporado na fala da mãe de Pâmela, a culpando pelo risco eminente de ser estuprada, atribuindo o fato à falta de uma companhia masculina que pudesse a proteger e repelir tentativas como a relatada. Tiene (2004) aborda os relacionamentos na rua como estratégia de proteção, no caso de nossa entrevistada tal estratégia antecedeu a situação de rua, como forma de proteger-se de um indivíduo que habitava a mesma casa, sob vistas grossas de sua mãe.

Aos dezoito anos, como vimos, Pâmela engravidou pela primeira vez e sofreu de depressão pós-parto. As fases de depressão de Pâmela foram a justificativa para a separação do casal, somadas aos episódios de ciúmes - seu ex-marido alegou que preferia ficar solteiro a lidar com uma mulher doente. Além da depressão e do ciúme, Pâmela conta que antes disso a família suspeitava que ela tinha algum distúrbio de ordem psicológica ou psiquiátrica, sua avó atribuía a possível disfunção à idade avançada em que foi concebida pelo pai. A separação do ex-marido aconteceu em 2005 e em 2007 foi feita a averbação do divórcio.

Aí uma vez eu cheguei lá no meu psiquiatra lá, psicólogo e fiquei internada. Aí eu falei pra ele 'oh, é melhor a gente pegar e se separar porque não tamo mais dando certo, as menina tão crescendo aí vai ficar vendo nós se espancando aí não vai dar certo', aí ele não falou nada, nem que sim nem que não, aí a partir daí que aí a gente se separou, aí eu fui pra casa da minha mãe. Aí era pra minha mãe me internar, só que aí ela falou assim 'ah não, não vou internar você, você fica aqui em casa', aí eu falei assim 'ah, e eu também não vou voltar mais pro [ex-marido]', aí minha mãe falou 'ah, então tá bom'... Aí foi em 2005 que eu separei mesmo de corpo, em 2007 eu separei mesmo no papel mesmo. Aí tem a averbação da separação só. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Novamente são relatados episódios de violência doméstica, dessa vez quando era casada e na presença de suas filhas. Pâmela relatou que a depressão pós-parto gerava sentimentos e pensamentos ruins com relação às crianças e que quando contou ao ex-marido, o mesmo ficou muito nervoso com Pâmela e com as meninas e agrediu a filha mais velha do casal. As filhas da entrevistada estão, atualmente, com a cunhada de Pâmela - que afirma que toda a família do ex-marido a trata muito bem e mantém contato com os ex-cunhados - 2 cunhadas e 2 cunhados, todos evangélicos. Sobre os distúrbios psicológicos e psiquiátricos, a família do ex-marido aconselha Pâmela a se “agarrar mais com Deus” e a ser missionária da Igreja para atingir a sonhada libertação destes problemas que afirmam ser de ordem espiritual.

Com relação aos distúrbios relatados pela avó de Pâmela e pela família de seu ex-marido, a entrevistada conta que alguns médicos a diagnosticaram com psicose aguda, outros com esquizofrenia e um terceiro grupo afirma ser bipolaridade. Relata que sofre convulsões quando tem crises, em algumas crises escuta vozes e sua convulsão se assemelha à epilepsia, Pâmela também acredita que as crises são de origem espiritual, a entrevistada toma remédios controlados e faz acompanhamento pelo CAPS.

Sua relação com as filhas não é tão frequente quanto gostaria, a entrevistada se refere bastante às duas meninas, lamenta não ter sido uma “mãe-protetora” e conta com orgulho que as filhas são missionárias da igreja que frequentam. A mais velha estava no Rio de Janeiro, em uma missão, e a mais nova em Morretes-PR com a tia - cunhada de Pâmela. Tiene (2004) afirma que a posição conflitante da mulher em situação de rua, faz com que, privada do ambiente doméstico, para o qual foi criada, a mulher se refira com frequência à família, mesmo que, por condições adversas, não possa permanecer com os entes queridos.

Percebemos na trajetória de Pâmela o relacionamento como forma de conseguir respeito no espaço doméstico para evitar uma possível violência, na rua a situação se modifica. Nos trabalhos que analisamos sob o recorte de gênero e a situação de rua, é costumeira a descrição de relacionamentos amorosos na rua como forma de conseguir proteção masculina. A pesquisa de mestrado de Tiene (2004), afirma o status de proteção e força do homem, trazendo como motivo para relacionamentos, ainda que por breves períodos, a necessidade de proteção; ao passo que as mulheres pesquisadas no artigo de Rosa e Brêtas (2015), contradizem

esta informação, pois, asseguram que as relações amorosas estabelecidas por elas são motivadas por atração física, modos de vida semelhantes na rua, amor, etc.

Pâmela conheceu o atual companheiro quando voltou a residir na casa de sua mãe, após se divorciar, enquanto ia ao mercado. Já o tinha visto na rua algumas vezes e um dia o cumprimentou, assim começaram a conversar. Encontravam-se sempre em frente à uma “creche” - termo utilizado por Pâmela, do bairro onde viviam em Colombo - trocaram telefones e, depois de certo tempo de conversa, combinaram um encontro na casa da mãe de Pâmela enquanto a mãe trabalhava e a irmã estava viajando. O namoro, portanto, começou antes da situação de rua, nos encontros em frente à “creche” conversavam, ele sempre levava um chocolate ou refrigerante, algo que pudesse agradar Pâmela - que considera que o parceiro mantém os mimos até hoje.

O parceiro de Pâmela morava sozinho na época em que se conheceram, a mãe dele havia adoecido, estava internada e faleceu pouco tempo depois. Nossa entrevistada conta que o início do relacionamento deu-se após conhecer a casa do parceiro, que por conta de desavenças com vizinhos, foi expulso da casa onde morava, em uma “invasão”, após o falecimento de sua mãe. Pâmela conta que o cônjuge também tem distúrbios psiquiátricos e que os vizinhos o tratavam com indiferença e queriam afastá-los da vizinhança por conta disso. Dessa forma, seu companheiro foi coagido a vender a casa em que morava com a mãe, e, em se tratando de um terreno de “invasão” com pouco valor comercial, conseguiu dinheiro suficiente para mantê-lo em uma casa alugada durante alguns poucos meses.

O dinheiro do companheiro de Pâmela acabou e o processo para a rua ocorreu após morarem juntos em uma meia água construída no terreno da mãe de nossa participante, quando, motivados por brigas por ciúmes começaram a ocorrer muitos embates com a família de Pâmela, principalmente sua mãe. A frequência e gravidade das brigas os empurrou para a situação de rua, pois, segundo o casal, a mãe de Pâmela não aceitava o relacionamento.

Pâmela conta que após uma briga feia com a mãe, a mesma não permitiu que continuassem a residir no terreno, afirma ainda que sua mãe queria que ela voltasse para casa, mas após outra crise, abriu um boletim de ocorrência contra Pâmela, que agora possui medida restritiva, não pode se aproximar da casa e encontra a mãe apenas no centro do Município de Curitiba, afastada de seu companheiro visto que ele e a sogra não possuem bom relacionamento. A

participante considera ainda, que a mãe não permitirá que ela volte para casa - mesmo sem o companheiro, pois atualmente a meia água em que o casal morava encontra-se alugada, ainda assim, acredita que a mãe continuará a ajudando como pode e se certificando de seu bem-estar.

A respeito do possível caráter de proteção conferido pelo relacionamento, perguntamos se Pâmela sente-se segura na rua com seu parceiro, ela, por sua vez, afirma que ele também tem distúrbio psicológico e que evita chateá-lo pois ele fica nervoso e torna-se agressivo.

Ele também tem transtorno né, um distúrbio lá. Aí a gente, tipo assim, se eu falar alguma coisa pra ele que ele não gostou aí eu peço desculpas, assim... Se ele fica nervoso eu peço desculpas e tento acalmar ele porque quando ele fica bravo ele fica bem agressivo por causa do problema, aí já começa a falar palavrão e essas coisas assim. Aí eu pego e tento manejar nas coisas assim, às vezes eu falo alguma coisa assim que eu acho que é pro bem dele, igual quando eu falo assim 'ah, você tem que pegar, arrumar uma que é mais bonita, que é solteira, que possa te dar filhos' e essas coisas aí às vezes ele não gosta, às vezes ele fica pensando, sabe... Igual, uma coisa que deixa ele bem nervoso é quando passa [uma menina] e eu falo 'ah, gostou? Você tem que arrumar uma daquela e essas coisas, uma vez a gente já brigou dele rasgar dinheiro e jogar comida fora por causa que eu tava enciumada com ele. Aí ele ficava nervoso e falava 'ah, quer que eu olhe pra bunda dos homens?' (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Apesar da agressividade do companheiro, relata que se sente segura com ele e que já aconteceram episódios em que outros homens em situação de rua ameaçaram agredi-lo, mas que ela impediu. Expõe, ainda, que tem medo que outros homens em situação de rua briguem com seu parceiro pois considera que ele "não é de brigar", afirma ser mais brava que o parceiro e que ele a repreende para não causar atrito com outros colegas que compartilham da situação de rua.

Eu acho que eu me sinto segura com ele sim. Tá certo que na verdade, igual, já tiveram uns caras que quiseram dar uns petelecos nele, aí eu que vou na frente assim, eu que entro no meio pra eles não ferir ele, porque ele na verdade não é de briga, nunca brigou, aí eu fico com medo do pessoal bater nele, machucar ele, matar ele, aí eu entro no meio porque eu já sou mais enfezada. Agora quando tipo assim, quando tem alguém de cara virada, querendo encrenca comigo igual aquela menina, ele já fica mais quieto mas fala assim 'fica quieta' pra eu não falar nada. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Testemunhamos, durante os encontros para a entrevista com Pâmela e o parceiro, uma situação de violência entre outro casal em situação de rua. Tínhamos

combinado de nos encontrar em uma praça central de Curitiba e assim que chegamos ao local percebemos uma movimentação diferenciada, um casal atravessava a rua em direção à praça em que estávamos, aos chutes a moça seguia seu cônjuge que rapidamente se virou e deu-lhe uma rasteira, os taxistas gritavam tentando impedir que o cenário de violência se perpetuasse - o casal protagonista do episódio, viemos a saber, havia ameaçado e agredido Pâmela e seu companheiro na noite anterior por conta de uma disputa de território, a moça acreditava ter visto Pâmela e seu namorado *mangueando*²⁵ no mesmo local em que havia delimitado para ela e o marido, segundo a entrevistada, esta mesma moça arremessou pedras em Pâmela na ocasião da agressão.

Encaminhávamo-nos para o local onde realizamos nossa entrevista após termos presenciado toda a situação, chocadas com a cena, perguntamos a Pâmela porque ela considerava que casais que se agredem permanecem unidos mesmo com tanto atrito, como resposta ela nos revelou que mesmo com momentos ruins ambos se gostam e se há sentimento devem permanecer juntos, declarou que ela e seu parceiro já passaram por isso, principalmente quando sentiam ciúmes e que seu companheiro já a deixou com a mão inchada após uma briga, mas que estes momentos não acontecem mais, pois aprenderam a dosar o ciúmes. Questionei também qual teria sido a ameaça feita à eles por este casal, soubemos então, que a moça havia prometido atear fogo em Pâmela e seu companheiro enquanto dormiam.

Percebemos na prática algumas das possibilidades que podem gerar conflitos na rua e quais as consequências, como a “cena é cobrada”²⁶ - como Robaina (2015) e Melo (2011) demonstram as situações que podem representar desrespeito na rua geram ameaças ou atos de violência para que o respeito e território sejam recobrados. Enquanto presenciávamos a cena, antes de nos dirigirmos ao local da entrevista, um dos comentários que pudemos ouvir é que “na rua a gente aprende a ter medo do ser humano” - fala de uma amiga de Pâmela, que afirmou se frustrar com a violência que vivenciam, dizendo ainda que “na rua tudo se resolve na faca”, após termos ouvido o burburinho de que o rapaz havia “passado a

²⁵ Termo equivalente a pedir dinheiro ou esmola. Modo de obter recursos na rua.

²⁶ “Cobrar a cena”, expressão utilizada nos trabalhos de Robaina (2015) e Melo (2011), é a terminologia utilizada por pessoas em situação de rua para designar um conflito cuja finalidade é a recuperação do respeito que fora abalado após uma situação em que os sujeitos que compartilham da situação de rua sentem sua imagem “manchada” e necessitam recobrar o respeito perdido.

faca” em sua companheira, e teria sido detido por policiais da Guarda Municipal que presenciaram a cena e confiscaram a arma.

Rosa e Brêtas (2015) relatam que as mulheres que investigaram pareciam ter atingido certo grau de tolerância à violências não físicas, como o caso do comportamento abusivo nos relacionamentos - que parece justificado pelo sentimento, na fala de Pâmela. Concluindo que estas formas de violência, “são relatadas como fatos de menor importância, mesmo sendo responsável por grande sofrimento.” (ROSA; BRÊTAS, 2015, p. 278) e que, quando relatados casos de violência, estes se relacionavam majoritariamente à agressão física ou violência sexual. Para Pâmela, os relacionamentos na rua são por ambos os motivos: proteção e atração. “É as duas coisas, por proteção e por se gostar, mas aí tem uns casais assim que vai e briga, vai e briga, vai e briga.” (Informação verbal).

Essa mesma cena de agressão serviu como pano de fundo para falarmos das aproximações na rua. Sobre as preferências de amizade e contato, Pâmela afirma que, por não ser usuária de drogas ou álcool, não gosta de proximidade com essas pessoas e com os “donos do pedaço”, como o caso da mulher agredida pelo marido, que ameaçou Pâmela e o companheiro. Afirmou também que existe uma hierarquia na rua, entre pessoas que se encontram há mais ou menos tempo em situação de rua, e que tenta se afastar dessas pessoas que se impõem utilizando do argumento de “tempo de rua”. No entanto, quando inquirida sobre amizades na rua, em um primeiro momento, fala que não conhece muitas pessoas, mas logo lista uma vasta quantidade de amigas, dizendo que as meninas ajudam quando possuem alguma roupa ou algo que não estejam utilizando, compartilham entre si, levantam a autoestima.

Tipo assim, eu tenho umas amiga mulher legal assim. As que são bem minha amiga, quando tem as coisa elas me dão as coisas, aí as que eu não conheço eu até cumprimento, algumas passam reto e eu deixo quieto, mas essas que eu falei são bem amigas. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A partilha a que Pâmela se refere é prática rotineira, durante um de nossos encontros para a realização das entrevistas, o casal estava almoçando e um colega de rua dormia deitado ao nosso lado. Pâmela e o companheiro fizeram a refeição e assim que estavam satisfeitos acordaram o colega para oferecer-lhe comida. Tiene

(2004) aborda a solidariedade na rua, para a cientista social os atos de empatia e ajuda são motivados pela falta de condições que estas pessoas enfrentam estando em situação de rua como forma de sobrevivência e “defesa entre eles mesmos” (TIENE, 2004, p.127).

Sobre as amizades masculinas, diz não possuir muitas e só conversar com homens que já conhece ou sabe que a respeitam, evitando novos contatos. Declara que tenta cumprimentar as pessoas mas que respeita e se recolhe na ausência de resposta, tenta ser amigável para evitar conflitos, e, mesmo sendo simpática, às vezes acaba gerando algum atrito - como no caso do casal que os agrediu e ameaçou. Disse ainda que alguns *dingos* bebem e abusam das substâncias e quando estão mais sóbrios são “comunicativos, contentes”, mas quando fazem uso de seus vícios começam a perturbar, e que existem usuários que mesmo quando utilizam de substâncias ficam “na deles”. Por este motivo, avalia bem a aproximação com outras pessoas, principalmente de quem possui vícios, por não saber como será a reação quando não estiverem em posse de suas faculdades físicas e mentais.

As relações entre homens e mulheres, segundo Pâmela, são complicadas pois existem aqueles homens que consideram suas amigas como irmãs e as protegem muito, mas existem as amizades por interesse sexual - nesse caso, relata que já foi abordada por outros homens, mas explicou que possui companheiro e o ama muito, disse-nos que foi respeitada quando precisou afastar estes homens. Ainda com relação às amizades, nossa entrevistada afirma que mesmo tendo amigas na rua, algumas mulheres só querem *treta*²⁷ - como no caso da mulher que ameaçou Pâmela.

Tem uns caras assim que quando a mulher dá muita trela, eles já acham que ela tá querendo dar ... Tem umas mulher que são amigas de outras mulher, agora tem outras que eu não sei qual que é a treta que uma já quer bater na outra, aí uma já quer xingar a outra. Igual aquilo que eu te contei da pedrada, eu tô na rua mais eu tô com medo, ainda mais agora que ela falou que vai tacar fogo em nós. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

²⁷ Termo utilizado por nossa entrevistada, no jargão popular e entre pessoas em situação de rua, o conceito é equivalente à brigas ou discussões.

Pâmela relata que aproximou-se de outras pessoas em situação de rua, principalmente, perguntando sobre locais para se alimentar, e que algumas pessoas os ensinaram. Mas à medida que alguns conflitos ocorreram, o casal começou a mudar gradativamente a rota costumeira e agora pensam em viajar para sair da cidade, pois as pessoas aparentam estar incomodadas com o casal, podendo causar-lhes riscos de vida. Deste modo, ela e o parceiro iriam se separar no final do ano - ela se mudaria para Morretes-PR, onde está uma de suas filhas, na casa de sua ex-cunhada; e ele iria para a casa de conhecidos em São Paulo, na tentativa de sair da situação em que se encontram em Curitiba.

Indagada sobre as amizades antes da situação de rua, visto que seu companheiro se mudaria no final do ano para a casa de conhecidos em outro estado, Pâmela afirma que tem uma amiga no município de Quatro Barras - não sabe ao certo se a amiga ainda reside neste município, e que recebeu ajuda desta amiga para tentar montar uma casa, no entanto, as condições no local permitiam construir uma casa sem acesso à água e luz, e, na impossibilidade de acesso, a amiga ficou receosa que o casal utilizasse os utensílios de sua casa. Outra amiga apontada por Pâmela é dona de uma panificadora, e quando tomou conhecimento da situação de rua, presenteou-a com bolos e materiais de higiene, tendo liberado o banheiro do estabelecimento para que pudessem tomar banho.

Esta última amiga, no entanto, chamou a Guarda Municipal para tentar ajudá-los, e por sua vez, a Guarda os mandou ao Município de Colombo afirmando que, por terem registro em Colombo a Prefeitura Municipal de Curitiba não poderia acolhê-los.

Mas aí eu tenho uma outra conhecida que é dona de panificadora, aí ela ficou sabendo que a gente tava na rua, aí a gente pegou e, aí ela deu uns bolos pra nós, falou pra gente tomar banho lá no banheirinho dela, comprou shampoo e condicionador, pasta de dente, perfume, aí tinha roupa lá, ela arrumou lá pra mim e pra ele umas coisa lá. Aí ela chamou um Guarda Municipal e aí eles falaram que iam ver o que podiam fazer, aí mandaram a gente pra Colombo lá.

Eu fui no Centro-Pop lá, aí eles falaram que lá eles deixa só um dia ou dois, e aí vê se consegue voltar pra família. Por causa que a minha mãe quando eu morava com ela, eu fiz o baixa renda da água e da luz no meu nome, aí consta isso lá. Aí igual eu falei, já faz três anos, vai fazer quatro que eu tô aqui na rua, aí tem muitas coisas daqui de Curitiba que eu não posso utilizar por causa disso, porque eles fica falando que a gente é lá de Colombo, eu por tá com o nome lá no baixa renda, e ele não sei por, por.. acho que consta o nome em outra coisa lá, essas coisas assim, mas eu queria utilizar mais coisa da Prefeitura, só que eles fala que 'ah não, você é lá de Colombo', aí em Colombo eles fala que tem que ver se consegue ver se

volta pra família, mas aí eu já nem quero, porque aí depois eles vão começar a falar com a minha mãe, aí a minha mãe já vai começar a meter a boca no [companheiro], aí já vai entrar a mulher que cuidava da mãe do [companheiro]. Aí pra evitar confusão, aí a gente pra deixar quieto nós nem...A gente prefere ficar na nossa” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Por fim, com relação aos transeuntes, e à estas mesmas queixas sobre o serviço municipal e o estigma da população em situação de rua, Pâmela afirma que nunca foi maltratada, que escuta conversas mas não acredita que sejam palavras dirigidas a ela. E que sente-se mal *mangueando* quando ocorre alguma situação de atrito - como a da mulher que os ameaçou. No geral, afirma que prefere solicitar comida à dinheiro, e que pela proximidade do local onde costumam ficar com o Mercado Municipal prefere pedir por bandejas de salsicha às pessoas quando descem de seus carros, e não costuma ser destrutada ou ter seu pedido negado. Relata que as contribuições em dinheiro costumeiramente são espontâneas.

Igual a briga lá que deu, aí a menina tinha falado assim que ela e o marido dela tinha escutado que a gente tinha mangueado os carro e que eles que tinha que ir, porque era os carro dele ali. Aí eu me senti mal porque eu falei assim ‘é era ele que tava trabalhando ali, mas eu também tenho fome’, eu precisava eu também tava sentindo fome, mas eu entendo o lado dele de ter ficado nervoso também, mas eu tenho vezes que eu me sinto meio assim porque eu penso ‘ah, ficar mendigando assim’, aí as vezes eu peço pra quem tá passando e eu peço e escuto ‘nossa, ao invés de tá trabalhando tá aí pedindo’. Mas eu espero a pessoa sair do carro assim, aí peço uma bandejinha de vina²⁸ ou alguma coisa pra comer assim, dinheiro eu não peço, às vezes eu nem peço e as pessoas dão, eles que dão. Às vezes dá dois real, às vezes dá cinco, esses dias nós ganhamo quarenta e cinco reais do moço lá em cima.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

3.4.3 Rua que ensina

*Mas na rua mesmo, aí tem regra também, tem os polícia que tipo assim, se tiver, igual eu falei, que levam nossas coisas e coisa assim, dependendo do Guarda Municipal já prende, já dá umas borrachadas na pessoa. Até na rua não tem esse negócio assim, ‘ah, eu tô livre, aqui ninguém manda em mim’, **sempre tem um que manda.** (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).*

²⁸ Jargão popular para salsicha, expressão utilizada em Curitiba-PR.

Neste terceiro tópico trataremos das estratégias utilizadas por Pâmela para: dormir; se alimentar; quais serviços são procurados por ela - quais ela acessa; como são os cuidados e combinados sobre os pertences pessoais; formas de obtenção de recursos - dinheiro ou comida; como é a atenção à saúde, quais são os serviços prestados à população em situação de rua; questões sobre higiene; como Pâmela soube dos locais que acessa; e, por fim, qual a hipótese criada por nossa participante sobre a existência de tantas pessoas em situação de rua. Começaremos pela primeira noite de Pâmela na rua.

Segundo a entrevistada, o sentimento à noite é de medo, na primeira vez que o casal passou a noite na rua não conseguiam dormir - sentimento que perdura até os dias atuais, sentem medo que alguém, encontrando-os dormindo, aproveite da situação para cometer algum ato violento. Contam que no final do mês de dezembro de 2020 planejam se separar e sair da situação de rua - procurando amigos e família que possam acolhê-los - por conta da ameaça que receberam. Pâmela diz que, por tomar remédio, tem o sono mais pesado, mas que ainda assim não consegue descansar.

Foi tipo, a gente não conseguia dormir, até hoje pra falar a verdade, eu tomo remédio assim eu durmo assim, mas aí tem dias que eu não quero tomar porque eu fico meio com medo assim, de alguém passar e fazer maldade, né. Ainda mais agora que a gente foi ameaçado pela menina que ia queimar nós, agora nós tá tentando se cuidar mais. Mas ainda bem que logo logo, tomara que dê certo de dia 18 *[de dezembro]* de eu e o *[meu namorado]* já vazar daqui de Curitiba. É, se minha mãe fosse mais compreensiva, ela deixava talvez a gente morar lá, mas ela não deixa, ela tem aquela opinião dela, é sistemática, às vezes faz pirraça também, aí... (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela, como vimos, lamenta o fato de sua mãe não aceitar o relacionamento atual e ainda gostaria de estar morando no terreno de sua mãe. Há três anos em situação de rua, conta que no início procuravam por albergues que pudessem acolhê-los e para abrigarem-se do frio e chuva, mas que por não existir ainda um albergue que acolhe casais e permita que durmam juntos, preferem pernoitar nas ruas - nos episódios de internamento de Pâmela, seu companheiro a acompanhava, e, por vezes, pernoitava na unidade CAPS em que a namorada recebia tratamento, mas ainda assim ambos, na falta de alternativa, preferem as ruas à albergues.

Atualmente o casal afirma, ainda, que optam por dormir perto de pessoas. Dormiam perto do casal que os agrediu recentemente e se surpreenderam quando o fato violento ocorreu pois pensavam estar seguros. Agora, em decorrência disso, migraram para outro grupo, dormem com outros conhecidos que, no momento, oferecem maior segurança e que podem auxiliá-los a se defenderem caso necessário. Por mais que tenham sofrido esta ameaça, a entrevistada relata que nunca sofreram com nenhum tipo de violência no período em que dormiam.

No início de sua trajetória na rua, o casal fazia revezamento para o descanso, mas com o tempo se adaptaram e definiram um local de permanência. O parceiro de Pâmela tem o sono mais leve e acorda sempre que ocorre algo inesperado para que possam deixar o local. O caso da agressão a pedradas e da ameaça foi algo isolado, segundo Pâmela, que relata inclusive, que sua agressora pediu desculpas dias após o ocorrido - e por sua vez, Pâmela aceitou o pedido de desculpas com a finalidade de evitar um novo atrito e outra situação de violência. Para não acabar “morrendo por pouco”.

Nesses casos, quando há rixas na rua, Pâmela conta que às vezes a Guarda Municipal, ou até mesmo outros homens em situação de rua tentam apartar, mas na maioria dos casos ninguém corre o risco de comprar a briga pois o conflito pode respingar nestas pessoas.

“Às vezes tem alguns Guarda Municipal ou até mesmo os homens mesmo da rua mesmo que tenta apartar, mas aí tem vezes que as pessoas mesmo pegam e deixam tipo ‘eles que se entendam’, pra não se intrometer, pra depois não sobrar pra pessoa né. Normalmente é assim, às vezes quando tem briga em casal ou mulher com mulher, homem com mulher, essas coisa... Às vezes um tenta comprar a briga do outro. Às vezes também eles deixa passar pra num, depois não ficar sendo perseguido e essas coisas assim.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Segundo Pâmela, as regras na rua são definidas desta maneira, e as que prevalecem são as estabelecidas pela polícia ou por ONGs, para que consigam obter recursos na rua. Em situações de briga, o que prevalece é que as pessoas se resolvam entre si. De acordo com o estudo de Robaina (2015), os atritos que ocorrem no período da manhã, são, em geral, resolvidos no período noturno - fato que faz com que este seja o horário mais temido pela população em situação de rua.

Outra questão presente nas pesquisas de Robaina (2015) e Melo (2011) é a *cobrança de rua* ou o ato de *cobrar a cena* que traduzem-se em formas de recobrar

o respeito, resolvendo os conflitos na rua. Uma cena que não é cobrada, segundo as pesquisas, pode fazer com que os indivíduos envolvidos percam o respeito na rua. Práticas comuns para *cobrar a cena* são esperar o período noturno e deixar que a briga caia no esquecimento, a fim de surpreender o desafeto, pegando-o despreparado. Para isso, Robaina (2015) relata que é comum que as pessoas em situação de rua carreguem armas brancas consigo - como facas e pedras. Os atos violentos praticados no período noturno, ainda conforme Robaina (2015), são chamados de *covardia*. Quando há risco de sofrer uma cobrança nesse período, é comum que as pessoas envolvidas no conflito mudem o local de pernoite.

A prática de dormir em grupos também encontra-se descrita na pesquisa de doutorado de Robaina (2015), pois, segundo ele, sempre há um *assombrado* ou *hibernando*, quando há indivíduos no grupo com medo excessivo e, portanto, impossibilitados de dormir, ou usuários de droga que permanecem acordados em decorrência dos efeitos das substâncias. O autor ressalta ainda a necessidade de conhecer locais estratégicos para dormir no espaço público, afirmando que é necessário, para além da proteção contra violências, que os indivíduos em situação de rua saibam como proteger-se das intempéries climáticas.

Sendo assim, Pâmela afirma que a estratégia para lidar com frio e chuva mudou com o tempo. No começo utilizavam albergues para passar a noite nessas situações extremas. Hoje o casal tem preferência por pernoitar no mesmo local onde permanecem durante o dia, assim, arrumam o local utilizando várias cobertas, no entanto, os dias de chuva são mais complicados do que os de frio extremo. Isso pois nem toda marquise oferece a proteção necessária nestes casos.

No comezinho assim, a gente ia nos albergues e tudo assim, mas agora quanto tá chovendo ou quando tá frio, quando tá frio a gente dorme no cantinho lá e coloca umas cobertas e já esquento, põe meia, blusa, touca, essas coisas. Agora quando tá chovendo é que é mais complicado, a gente tem que pensar qual marquise que é melhor pra não pegar chuva, porque senão, dependendo do tipo da chuva molha tudo as coisas. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Nos casos de terem seus pertences molhados, espera um dia ensolarado para que possa estender e secar as roupas e cobertas. A necessidade de estender as peças de roupa, todavia, deixam Pâmela e o companheiro desconfortáveis, pois afetam a estética urbana e acabam por chamar atenção. A respeito deste cuidado,

Pâmela afirma que na rua possuem duas opções: deixar que um conhecido olhe seus pertences em caso de ausência, ou carregá-los consigo. Porém, em caso de ausência, correm o risco de ter seus bens confiscados pela Fundação de Ação Social (FAS).

Na verdade, assim, teve um tempo que a gente ficava carregando, até hoje assim, tem umas vez que a gente, onde a gente vai a gente leva. Agora hoje a gente deixamo lá pra ver se um rapaz dá uma olhadinha pra nós mas aí tem vezes assim também que a gente saía e aí ninguém mexia. A gente só fica meio assim da FAS passar lá e querer levar assim, porque o problema é a FAS, a FAS que é complicado, porque os dingo mesmo eles já conhece aí eles não mexe. Agora a FAS não, a FAS se parar do lado e não ver ninguém, é capaz deles chamar o caminhão pra levar. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Com relação ao confisco de objetos, Pâmela relata que nunca teve seus bens roubados, ocorreu apenas um caso de menor importância, segundo ela, em que um rapaz pegou um dos cobertores do casal - e como fazia frio e eles já estavam agasalhados, não houve prejuízo. Os episódios de confisco da FAS, no entanto, são relatados como prática frequente.

É, esses dias pegaram uma coberta nossa lá, mas aí também tava frio. Aí o menino na hora que pegou também, mas aí foi só dessa vez. Porque nas outras vez mesmo, quando a gente dormia com os meninos e com as meninas, ninguém pegou. A gente até avisava assim 'olha, a gente vai dar umas voltas, vai ali pegar uma coisa' e eles falavam 'não, pode ir que dá uma olhada', aí também as deles também, quando eles falam que vão pra algum lugar a gente também dá uma olhada (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A relação entre a FAS e as pessoas em situação de rua é estremecida por este mesmo motivo. Segundo Pâmela, o confisco de objetos é uma ação praticada por este dispositivo municipal, quando não praticada por agentes ou educadores sociais da própria FAS, nossa participante afirma que a instituição solicita que a Guarda Municipal recolha os objetos das pessoas em situação de rua. Este é um dos principais motivos que levam Pâmela a preferir os atendimentos das ONGs à procurar abrigo em albergues municipais.

Ah, da ONG assim algumas coisa que eu já pedi pras ONG eles já deram, agora pros albergue assim, eles pega, eles na FAS, encaminha umas meninas pra fazer CAPS, umas coisa assim, pega e manda pra fazer curso e coisa assim. Mas o duro é que a FAS também pra morador de rua quando

a gente tá num canto lá, aí eles pega e manda a Guarda Municipal tirar nossas coisa que nós tem.

Eu prefiro buscar ONG, aí eu prefiro buscar ONG mesmo. Quando mesmo eles, tipo assim, tem umas pessoas, tem uma outra senhorinha que é da ONG que eu tinha pedido umas coisa pra ela e ela me levou tudo assim, bem certinho. Aí eles fala 'quando a gente consegue assim, a gente pega e coisa, a gente vai atrás', agora quando não dá certo, eles falam: '- a gente até pede desculpa pra vocês porque não deu mesmo', mas o que a gente pode fazer, a gente pode, 'que bom se a gente pudesse dar uma casa pra cada um, mas até nós também, pra gente arrecadar coisa pra vocês tem que ficar mandando vídeo e essas coisas pra pessoas de fora ver e mandar dinheiro pra atender vocês'. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela reclama da falta de preparo dos educadores e educadoras sociais da FAS, disse-nos que nos albergues as pessoas em situação de rua tem de entregar seus pertences aos educadores sociais, e caso estes educadores não simpatizem com a pessoa, acabam por não devolver seus objetos. Relatou um caso em que foi destratada por uma agente quando discordou da informação que lhe foi passada em um atendimento.

Ah, as educadoras, tem umas educadoras que são estúpidas. A gente vai falar com elas e elas ficam retrucando e não sei o que assim, igual esses tempos atrás eu fui ali naquele número 500, aí a mulher falou que eu tinha ganhado uma passagem pra ir pra Morretes, e eu falei assim 'como que eu ganhei? se eu nunca pedi pra ir pra Morretes', aí ela falou assim 'ah então tua educadora colocou mentira aqui', aí eu falei que colocou porque eu nunca pedi pra ir pra Morretes, aí ela ainda ficou brava e me mandou calar a boca ainda a mulher da FAS lá.

"Então na verdade, a FAS mesmo eles fala que ajuda, mas não ajuda não, eles ajuda a estrova porque esses dias nós tava com uns negócio lá onde a gente fica naquele cantinho, aí já foi um caminhão da FAS com os policial lá da Guarda Municipal e o caminhão lá e pegou as coisa lá. Falaram que tava muito tumulto, atrapalhando as compras e aí falaram pra ver o que a gente queria, e jogar o resto no caminhão. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Em reportagem datada de 24 de janeiro de 2020, veiculada pelo *website* do Ministério Público do Paraná encontramos informações sobre uma liminar que proíbe a FAS de confiscar os pertences da população em situação de rua. Não conseguimos informar com exatidão quando ocorreram os fatos narrados por Pâmela, visto que o casal está em situação de rua há três anos, no entanto, chama atenção a fala de que os objetos do casal estavam obstruindo a passagem e atrapalhando as compras, visto que os encontramos em novembro, os fatos relatados poderiam ser recentes - próximos à celebração do Natal.

A Prefeitura Municipal de Curitiba, a Fundação de Ação Social (FAS) e a Cavo Serviços e Saneamento estão proibidas de recolher ou apreender pertences de pessoas em situação de rua que não estejam em estado de abandono. A decisão, em caráter liminar, foi expedida pela 5ª Vara da Fazenda Pública de Curitiba em resposta à ação civil pública ajuizada pela Defensoria Pública do Estado do Paraná, que contou com manifestação do Ministério Público do Paraná.

A ação foi proposta pela Defensoria Pública a partir do recebimento de denúncias de que a Administração Municipal estaria retirando bens – entre eles, documentos pessoais, cobertores e até mesmo remédios – de pessoas em situação de rua na capital.

Em sua manifestação, o Ministério Público do Paraná sustenta que “quem deveria estabelecer as políticas públicas capazes de tutelar esses cidadãos e reduzir-lhe a vulnerabilidade tem sido justamente o responsável por fomentar essa condição, mediante ações que retiram deles os poucos bens que puderam amealhar, valendo-se por vezes de abordagens violentas e ameaçadoras”. Na ação, é requerido ainda que a Prefeitura promova políticas habitacionais para que essa população possa superar a situação em que vivem atualmente. (PARANÁ, 2020, *n.p.*)

Para remediar a situação e as tensões entre quem deveria oferecer assistência à população e a população que de fato recebe estes serviços, Pâmela sugere que gostaria que nos hotéis sociais fossem disponibilizados guarda-roupas, fosse permitido o pernoite de casais no mesmo quarto, e que os *vouchers*²⁹- política utilizada atualmente para o pernoite em albergues, não tivessem que ser renovados de tempo em tempo, evitando que as vagas fossem perdidas pelas pessoas que necessitam de local para pernoitar.

Que eles abrissem, digamos assim, se tem um hotel social, que cada quarto do hotel social tenha um guarda roupa pra cada pessoa guardar sua própria roupa, se for pra casal, um guarda roupa pro casal, se for pra solteiro, um guarda roupa pra solteiro e esse negócio de ficar renovando também a cada três mês ou não sei o que, tipo assim, que a pessoa só pare de usar o negócio da FAS, quando a pessoa arrumar um outro canto, que não precise ficar perdendo vaga.

Gostaria que a Prefeitura fizesse um hotel social pra casal e que cada casal tivesse seu quarto, o seu guarda-roupa, pra deixar a roupa lá, mas que não precise ficar renovando, que só saia quando tiver condição de sair mesmo assim, agora quando não puder pagar nada assim deles ir deixando lá até a pessoa conseguir. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

O sistema de renovação, de acordo com Pâmela, impossibilita uma política efetiva para a superação da situação de rua, visto que, perdendo a vaga, as pessoas são obrigadas a retornar para o espaço público. Deste modo, nossa participante

²⁹ As vagas em hotéis sociais e hostels necessitam de renovação de tempos em tempos, funcionando com vouchers para a manutenção da vaga.

gostaria que a Prefeitura permitisse que a estadia tivesse duração suficiente para que as pessoas conseguissem encontrar outro local para residir. Pâmela considera que, caso a pessoa seja usuária de droga ou agressiva, ou alcoólatra, deveria passar por uma revista antes de adentrar a unidade de albergagem. Essa é outra prática que julgávamos corriqueira no sistema de acolhimento de pessoas em situação de rua, porém, segundo nossa entrevistada, não é realizada a rigor. O que acarreta, por vezes, conforme a pesquisa de Robaina (2015), no sentimento de insegurança também nos albergues, visto que os conflitos também podem ser resolvidos neste espaço.

Agora nessa questão da pessoa tá drogada, tá bêbada, alcoólatra, eu até apoio de não deixar entrar. Eu gostaria também que cada vez que for entrar no albergue ou em qualquer canto que eles desse umas revistada nas pessoa, porque tem uns que entra com faca, com canivete, com essas coisa. Que normalmente eles não revistam. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Para que a mudança sugerida por Pâmela fosse efetiva, ela considera que a Prefeitura e os órgãos responsáveis deveriam escutar as necessidades da população em situação de rua, para que pudessem formular planos de ação e políticas de acolhimento capazes de restaurar a dignidade e reafirmar as capacidades daqueles que se encontram em situação de rua. Para Pâmela a participação confere à população formação cidadã.

Eu acho que aí os moradores de rua ia se sentir como um verdadeiro cidadão, porque a gente se sente assim como se a gente é esquecido pelo prefeito, pelo governador, que eles fala assim 'ah, são pobre mesmo, são tudo vagabundo, não quer saber de trabalhar'. Mas tem uns que não é porque não quer, é que não pode trabalhar porque já tão viciado, aí pra desviciar aí fica complicado né, tem uns mesmo que não quer mesmo, que já desistiu de viver por causa das lutas do dia a dia, mas garanto que se o governo der oportunidade, não desistir e persistir, igual eu falei, igual tem muita gente que fala que se persistir a pessoa chega lá é só ter oportunidade e a pessoa também se esforçar que aí dá certo o negócio." (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Sobre estas questões, as sugestões de nossa participante, seriam de, no caso de reabilitação, confiar no paciente e dar-lhe mais autonomia de escolha. Além de oferecer cursos de capacitação profissional, para que, saindo das clínicas de reabilitação, pudessem exercer algum ofício com retorno financeiro.

Ah, igual digamos assim, tem essas casas de recuperação né, só que aí eles tinha que, digamos assim, ter confiança no paciente e deixar que ele as vezes dê uma volta, porque nem todos gosta de ficar preso num lugar só. Aí eles tinha que deixar a pessoa dar uma volta ou sair quando ela quiser. Aí lá mesmo onde que ela tiver, ter esses negócio igual eu falei, ter um curso, alguma coisa, pra ele aprender a fazer pra quando ele sair já ter algo pra fazer, ter um emprego. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Nesse sentido, Pâmela gostaria que fosse possível fazer outros encaminhamentos para a população em situação de rua, saindo da esfera assistencialista e entrando na assistência social de fato. Relatou que tem conhecimento de que são oferecidos cursos em alguns albergues, mas que não teve oportunidade, não foram-lhe oferecidas vagas para participar desses cursos, segundo ela, liceus de ofício - como curso para cabeleireira.

Não, pra mim nunca falaram, nunca aconteceu isso. Se eles perguntassem 'você quer ir pra uma casa? Quer fazer um curso?', dependendo eu ia. Mas nunca falaram nada... Ou um curso ou bem mesmo se eu conseguisse, sei lá, um trabalho assim... Porque na verdade eu quero trabalhar, mas na verdade eu fico com aquele medo assim porque como eu tomo remédio eu fico com medo da empresa não querer eu por eu tomar remédio. Aí eu fico com medo também de mesmo eu tomando remédio começar a dar aquelas crises que também dá. Querer trabalhar eu quero, mas às vezes ao mesmo tempo que eu tô bem daqui a pouco eu já tô ficando igual no ano passado e esse ano, tive que ficar internada, aí eu tenho esse medo. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Apesar do medo de não ser aceita para trabalhar, afirma que gostaria de fazer cursos profissionalizantes ou de aperfeiçoamento. Se fosse oportunizado, faria curso de turismo ou comunicação e acredita que se fossem destinados recursos para este fim, o percentual de pessoas em situação de rua diminuiria, já que teriam autonomia e poderiam trabalhar com aquilo que gostam.

Ah eu queria fazer mais de negócio de turismo ou comunicação assim, gosto de conhecer lugares novos. Eu acredito que se eles fizesse curso assim de acordo com a necessidade de cada *dingo*, e cada dingo fizer o que quiser, aí não vai ter dingo. Às vezes a pessoa faz coisa que não tá querendo, agora se ele tá fazendo uma coisa que ele gosta, aí as coisa vai pra frente. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Assim, pergunto-lhe sobre o Projeto de Extensão que demos início no ano de 2019, visto que ela expôs a vontade de continuar estudando e de se aperfeiçoar. Mesmo que não fosse esta a nossa intenção com as atividades, ainda assim tratava-se de um projeto com fins educativos e culturais. Pâmela declarou, então, que considera as atividades realizadas em nossos encontros uma aproximação dos *dingos* com a sociedade.

Ah eu gostei bastante, eu gostei daquele negócio que vocês fizeram com a tampa da marmita, aquele negócio lá que eu não consegui fazer direito da árvore da vida. Eu achei legal também aquele contador de história que vocês contaram. Eu achava legal também quando a professora explicava assim. Achava bem legal, era um conhecimento a mais. Era bom assim, também se tivesse assim um lugar que fizesse isso também direto, era bom ter sempre esse negócio assim pros *dingos*. Era legal também porque era uma aproximação dos *dingos* com a sociedade. Porque assim tem uns que ajuda, mas tem uns que fica meio receado, aí se a pessoa vê que os *dingo* se interessa assim de participar dessas coisa, aí as pessoa vê os *dingo* também quer, que é gente como a gente, eles não tão lá porque às vezes quer também, um já desistiu porque perdeu a família, porque a família não aceita, porque isso, aquilo...

Mas aí é só que nem eu falei, o prefeito, os governo fazer um programa que ajude os *dingo* e a sociedade também não olhar os *dingo* com umas cara assim como de bandido, porque oh, se os *dingo* tiver essas oportunidades, aí eles não vão ficar mangueando pessoa assim, eles vão eles mesmo fazer pra eles mesmo né. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Tal aproximação, segundo Pâmela, seria importante para desconstruir o imaginário social da figura dos *dingos*, pois ao passo que algumas pessoas se dispõem a ajudar, outras ficam receosas com esta aproximação. E considera que o governo deveria planejar ações e projetos neste sentido, pois com a diminuição do estigma as pessoas se solidarizariam mais com as questões das pessoas em situação de rua, oferecendo-lhes mais oportunidades. Com relação às ações voltadas especificamente para mulheres em situação de rua, Pâmela desconhece, e acredita que a Prefeitura oferece maior gama de atendimentos aos homens em situação de rua por serem maioria.

Nossa participante cita brevemente o Dia de Rainha, que ocorre anualmente no Dia Internacional da Mulher há quatro anos - desde 2017, segundo notícia veiculada no portal do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado do Paraná (SINDIJUS), dizendo que gostaria que ações como esta ocorressem ao menos mensalmente. Sobre cursos profissionalizantes, afirma que gostaria que houvesse possibilidades para homens e mulheres.

Sim, tipo assim igual, era bom também igual esse negócio que eu falei de trabalho manual, tipo assim, ensinar a mulher se quer ser cozinheira, ensina a fazer, se gosta de mexer com cabelo, ensinar a cortar cabelo, a fazer isso, fazer aquilo. Ter um programa voltado pra o aperfeiçoamento das pessoa de rua assim, tanto pra homem como pra mulher. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Sobre as dificuldades de ser mulher em situação de rua, Pâmela aponta para a corporeidade como principal dificuldade, dizendo que, se a mulher é mais nova e bonita, tem de lidar com o interesse dos homens. E a facilidade é conseguir vagas para pernoitar nos albergues - por serem minoria, a oferta de vagas acaba sendo maior proporcionalmente.

É, tem umas ONGs, ONG não, o acesso mesmo da prefeitura, eles acho que dão mais atendimento pra homem, acho que porque deve ter mais homem né. Aí eles pega e atende mais os homens. A dificuldade maior é estar nesse negócio, às vezes sendo mulher bonita os homens ficam tudo paquerando, e a facilidade mais assim é que às vezes assim tem umas ONGs que dá mais prioridade pras mulher ser as primeira a pegar as coisa. Aí pra levar no albergue também, aí eles preferem que as mulher durmam mais nos albergues. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela considera ser mais difícil ser mulher em situação de rua, em comparação ao outro gênero. Afirma ainda, que alguns homens as tratam de igual para igual, ainda que tenham alguns privilégios no atendimento de ONGs. A pesquisa de Melo (2011), realizada no Município de Curitiba, contou com uma entrevista com uma funcionária da FAS que já atuava na rede há 18 anos e observou o aumento das mulheres em situação de rua e no fluxo de atendimento.

Em grande parte, estas pessoas eram alcoolistas com mais de 30 anos de idade. Hoje em dia, a população é muito jovem e em sua maioria é usuária de Crack, havendo inclusive uma maior presença de mulheres em situação de rua, sendo que, anteriormente este número era menor e sua maioria era de mulheres com transtorno mental. As mudanças agudas percebidas por Neli tratam de uma maior presença feminina e de um crescimento no número de jovens em situação de rua, assim como as substâncias psicoativas predominantes, com uma maior presença do Crack. (MELO, 2011, p.104)

Em um protocolo de atendimento³⁰ solicitado junto à Central 156³¹, forneceram-nos a informação de que há 2618 (duas mil seiscentos e dezoito) pessoas em situação de rua cadastradas no sistema da FAS atualmente. Não concederam a estimativa de mulheres em situação de rua e declararam que a única conduta diferenciada, no caso feminino, é não utilizar do mesmo veículo de atendimento para transportar homens e mulheres simultaneamente, com a finalidade de evitar possíveis casos de assédio. Há ainda, albergues direcionados ao atendimento de mulheres - como a Casa da Mulher, com capacidade de 40 vagas; a Unidade de Acolhimento Institucional do Capão da Imbuia; e, vagas em hotéis sociais distribuídas em 12 vagas para mulheres cisgêneras e 12 vagas para mulheres transsexuais. Outra particularidade no caso das mulheres, segundo Pâmela, é a abordagem policial que é obrigatoriamente feita por policiais mulheres.

As dificuldades também são relatadas para namorar na rua, Pâmela afirma que não se sente bem quando beija seu companheiro pois, às vezes, recebem assobios pela demonstração pública de afeto, o que a deixa constrangida. As estratégias para a manutenção de relações sexuais com o parceiro variam entre dirigir-se à uma rua mais escura ou poupar dinheiro para pagar o pernoite em uma pensão.

Ah, às vezes a gente dava um jeito assim, tipo, ia numa rua escura assim, aí fazia mais ou menos os... Meio rapidinho assim, não igual papai e mamãe, era mais por trás assim, ou senão quando a gente queria mais diferente assim, aí a gente pagava pensionato de pernoite, aí a gente ia de noite e só saía dez horas da manhã. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A casa, neste momento, nos foi relatada como local de liberdade, onde é possível fazer seus próprios horários, comer ou cozinhar o que deseja, namorar. A rua para Pâmela, não é caracterizada pelo fator da liberdade, mas pelo seu antônimo - a autoridade.

³⁰ A resposta ao protocolo encontra-se ao final do trabalho, junto ao anexo 1.

³¹ Central de atendimento da Prefeitura de Curitiba - onde podem ser solicitados serviços como: solicitar atendimento da FAS para uma pessoa em situação de rua; falar sobre problemas de manutenção da cidade - poda de árvores, iluminação, coleta de lixo. Além de ser possível pedir informações, como no caso, solicitamos o número total da população em situação de rua e o número estimado de mulheres nesta mesma situação.

Ah, na casa é melhor, porque na casa dá pra gente, tipo assim, não precisa ficar se cuidando assim como que tá namorando. Que às vezes se a gente tá se beijando ou se abraçando muito o pessoal já passa e fica olhando e não sei o que, aí tem uns que assobia e um monte de coisa. Aí na casa não, na casa a gente fica de boa, entre quatro paredes, a gente se beija normal e tudo assim, era melhor se tivesse uma casa. Aí dava pra, numa casa assim, dá pra dormir até a hora que quiser, dá pra fazer a comida que a gente quer assim, dá pra gente também, tipo, arrumar as coisa do jeito que a gente quer assim, sabe. Aí na rua não, a gente é mandado assim: chegou tal hora tem que levantar, chegou tal hora não pode ficar num canto parado, tem que ficar zanzando que a Guarda Municipal mesmo que às vezes já mandou a gente vazar, quando não é os próprio dingos que já mandou a gente cair fora, é assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A falta da casa também prejudica o atendimento em saúde. Pâmela relata que é costumeira a prática de perguntarem o endereço nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), além disso, a necessidade de agendar horário para realizar consultas e procedimentos também é relatada como desfavorável ao acesso à saúde. Assim, nossa entrevistada conta que já foi questionada quanto ao endereço da Casa de Acolhimento que apresenta para solicitar consultas e exames. A falta de endereço também cerceou a possibilidade de ingressar no programa *Minha Casa, Minha Vida* da Companhia da Habitação Popular (COHAB).

“Já... É, já. Eles falava assim ‘você mora na Paula Gomes, ou como que é?’ Aí eu falava que lá é uma casa de acolhimento que dá café mas eu não tenho paradeiro certo, enquanto eu durmo aqui, ali, aí assim eles ‘ah, tá’. Até nessa parte também eu fui ver também esse negócio da casa da COHAB aí eles também falaram, falaram que tinha que ter um endereço fixo pra eles ‘coisá’. Aí eu falei assim ‘tá mas eu sou moradora de rua, e não sei o que’, aí eles falaram assim ‘ah, então não dá’. Aí dificultou, porque tinha que ter endereço pra eles entrar em contato, tudo assim. Uma burocracia... Aí eu falei ‘ah, quer saber? Eu não vou mais fazer. Mas eu ia tentar aquele ‘Minha casa, Minha vida’ pra pagar com o dinheiro do Bolsa Família, né. Pra poder pegar e dar entrada assim, mais aí eles falaram ‘precisa disso, daquilo, daquilo outro, tem que ter endereço fixo e esse negócio’, aí eu falei assim ‘ah, eu moro na rua não tenho endereço fixo, um dia fico num canto, outro dia fico no outro’, aí falaram que assim não dá, tem que ter um endereço fixo’. Aí...”

(Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

O programa *Minha Casa, Minha Vida*, segundo a pesquisa de Melo (2011), já possui políticas que possibilitam o ingresso da população em situação de rua na modalidade de consórcio. No entanto, pelo que pudemos constatar na fala de Pâmela, o processo não é simples. A intenção de nossa entrevistada era pagar o valor do programa com o benefício do Bolsa Família, no entanto, a renda mínima

para o programa da COHAB é fixada, segundo Melo (2011), em três salários mínimos. Fora isso, há critérios de prioridade para o sorteio, como no caso de famílias chefiadas por mulheres solteiras e idosos em situação de vulnerabilidade - dificultando a possibilidade de sorteio para uma pessoa ou família em situação de rua.

Podemos afirmar, portanto, que os recursos do casal advém do Bolsa Família, de contribuições espontâneas e do *mangueio*. No período de pandemia, foram contemplados pelo Auxílio Emergencial e conseguiram pagar pela hospedagem em um pensionato durante alguns meses, além de terem conseguido economizar as últimas parcelas de trezentos reais. Com relação à divisão de tarefas, Pâmela afirma que seu corpo não possibilita que fique muito tempo em pé e que prefere ficar sentada, o companheiro é mais ativo. O casal conta ainda, que já tiveram carrinho de reciclagem, nesses casos, revezavam-se para cuidar dos bens e do carrinho caso precisassem se deslocar em direções opostas.

“É, quando a gente tava com o carrinho assim e umas coisas, aí quando ele saía pra buscar comida ou alguma coisa assim, eu ficava tomando conta lá ou senão as vezes quando precisava sair, aí ele que ficava tomando conta. Só que ele fala assim que ele mesmo, ele gosta de ficar andando no lugar assim. E eu já por causa do meu peso, e as vezes me dá sono e eu canso muito, eu gosto de ficar mais parada né num canto que também deixou os outros lá revoltado, porque a gente ficou mais no canto, aí eles pensaram que a gente tava pedindo em todos os carros e ficaram nervoso lá.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A falta da casa e os reflexos sentidos por Pâmela ocasionados pela ausência de “paradeiro certo” - como ela mesmo diz, impactam diretamente nos atendimentos à saúde. Para a participante desta pesquisa o que mais faz falta são os atendimentos nas Unidades de Pronto Atendimento e o acesso à banheiros. Água e banheiro são elementos escassos para essa população.

Ah esses atendimentos de postinho mesmo que esses dias eu fui lá pra pegar minha receita, duas vezes que eu fui lá não deu certo. Aí na parte que eu também que eu sinto muita falta assim é que tem lugar que não dá pra ir no banheiro, aí tem lugar que fica fechado aí pra ir no banheiro fazer necessidade é aquele sufoco, aí tem que fazer, tipo assim, o número 1, às vezes mesmo eu estando na rua no claro assim, eu me encosto numa árvore ou num poste e meio erguida e vou fazendo o número 1, agora o número 2 quando bate a vontade e não tem lugar é meio... Essas necessidade, igual de tomar banho assim igual final de semana que aí as Irmãs e os outros lugares estão fechados, aí que bate a necessidade de

fazer as coisas assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

As “Irmãs” a que Pâmela se refere, trata-se de um grupo religioso da Igreja Católica que atende a população em situação de rua com café da manhã, lavagem de roupas e banho - trataremos destes elementos mais adiante. Percebe-se aqui que as estratégias para o uso de banheiro e higiene básica possuem contornos específicos para este contingente populacional - como a prática de urinar em pé, tentando passar despercebida. A obtenção de água encontra-se ligada ao acesso aos banheiros, de acordo com Pâmela, quando consegue utilizar um banheiro, geralmente aproveita para encher uma garrafa com água.

Água mesmo assim, a gente, geralmente quando vai no banheiro assim aí a gente pega, a gente pega lá naquele mesmo lugar. Às vezes na rodoviária, ou senão às vezes a gente tá passando pelo uma panificadora, lanchonete, essas coisas assim, aí a gente vai lá e pega. Às vezes eles fala que não tem água na torneira, mas quando tem assim, aí eles enche as garrafinhas, a gente anda com as garrafinhas pra encher. Só que aí, tipo assim, às vezes a gente fica economizando até de tomar água, pra não ter problema de ficar sem água. Às vezes a gente toma um pouquinho aqui, outro ali, aí depois passa umas horas e toma mais um pouquinho. Eu na verdade tomo bastante água quando eu como alguma coisa, ou quando eu ando, mas quando eu tô parada e o tempo tá fresquinho eu não sinto muita sede não. Água normalmente tem umas ONG que quando a gente tá em alguma praça traz o copinho, ou a garrafa mesmo. Às vezes na praça tem alguma torneira assim, agora às vezes quando não tem, a gente fica nos comércios assim ‘amigo, tem um pouquinho de água?’ pra encher a garrafinha e essas coisas. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Observamos ser rotineira a negação deste espaço para Pâmela, que afirma que ao procurar estabelecimentos para satisfazer estas necessidades ouve que o banheiro não está funcionando ou as torneiras estão com problema. A alternativa mais fácil é buscar por ONGs que distribuem copos ou garrafinhas de água e economizar quando dispõe do recurso. As localidades públicas para o acesso à estas necessidades básicas são igualmente escassas, no entanto, Pâmela cita algumas estratégias:

Então, aqui no centro tem aquela panificadora que eu vou pedir água ali, ou senão eu peço na do Japonês ali, ou senão quando eu tô na Osório tinha um lugar lá numa pracinha que tinha uma torneira lá, agora não sei se tem. Ou senão, vai até a Rui Barbosa que tem a Igreja do Bom Jesus que lá tem água, ou senão lá no Mercado tem outro lugar que lá tem água também na cava, nos lugar lá. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Os locais públicos citados envolvem igrejas - como o caso da Comunidade Franciscana que dispõe de uma torneira no pátio da igreja, e o Templo Hare Krishna - citado nas práticas de alimentação de Pâmela, também figura em um importante local para beber água, localizado na região central, possui acesso facilitado à população em situação de rua. A “cava” citada, desconfiamos que seja um local escondido onde haja um vazamento de água, que facilita a obtenção do recurso. Os banheiros disponibilizados especificamente para a população em situação de rua, segundo o relato de nossa entrevistada, localizam-se em bairros afastados, divergindo da rota costumeira do casal.

A busca por espaços de livre circulação, como o caso do Mercado Municipal, da Rodoviária e UPAs são estratégias utilizadas, como pudemos constatar:

Então, no banheiro geralmente a gente vai, as vezes quando a gente entra assim em algum lugar eu pergunto. Igual agora, eu fui no estacionamento, aí as vezes eu pergunto e já dá aquelas desculpas ‘ah, tá ocupado, tá quebrado, ah não sei o que’. Aí às vezes quando a gente tá no Mercado assim, quando tá de noite que tá fechado aí ou eu vou na Rodoviária, agora quando o Mercado Municipal tá aberto, que eu tô lá, aí eu vou lá no Mercado. E aí também, quando igual, quando eu vou buscar os remédios ou coisa assim, aí eu vou lá nos posto de saúde, quando eu passo assim que tem que tá aberto eu vou no posto de saúde, ou senão quando têm alguma vez que tem posto de gasolina que tá aberto assim e eles deixa aí eu vou assim, sabe. Mas às vezes banheiro é difícil também, às vezes eles não liberam.”

Pelo que me falaram assim, parece-me que no Container é de domingo a domingo, né, mas aí é lá do outro lado, que a gente tem que atravessar a linha do trem e essas coisas e aí a gente nem vai muito.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa)

O *Container*, como Pâmela se refere, é um centro de acolhimento localizado no Bairro Capanema, lá a população consegue lavar as roupas, utilizar o banheiro e tomar banho, todavia, encontra-se muito afastado da área central - dificultando a locomoção até a unidade. Pâmela sugere ainda, que poderiam ser criados banheiros públicos no centro destinados ao uso por essa população.

Eu gostaria que tivesse um banheiro assim pro pessoal tomar banho assim, esses banheiro assim também, o banheiro público pra tomar banho ou banheiro público pra fazer as necessidade em cada praça, ou em cada canto que tem os dingo assim, pra não precisar usar os lugar público, pra ter o nosso lugar mesmo. Porque tipo assim, quer ir no banheiro tem que ir no shopping assim, aí o pessoal já olha torto assim, se nós tivesse um lugarzinho nosso aí não, é só o governo planejar um jeitinho de fazer uns

banheiros.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa)

Robaina (2015) aborda estas práticas específicas para o acesso à banheiros, sinalizando que de fato, a dificuldade traduz-se em novos caminhos e espacialidades para a população em situação de rua. Duas das estratégias citadas pelo autor são: confundir-se com pessoas domiciliadas para utilizar banheiros de estabelecimentos ou ainda, trocar a utilização do banheiro pelo serviço de limpeza logo após ter a necessidade atendida. Na tese de Robaina (2015) foram contabilizados os banheiros públicos da cidade do Rio de Janeiro, tendo constatado, igualmente, a dificuldade do acesso em espaços públicos, visto que o pesquisador descartou os banheiros presentes em instituições públicas que não possuem acesso livre, como bancos, museus, entre outros.

A dificuldade em encontrar banheiros, faz com que Pâmela segure a urina por muito tempo, o que corrobora com as questões de saúde. Entretanto, mesmo com as dificuldades relatadas, afirma que observa o seu corpo e pede exames preventivos quando percebe irregularidades. Candidíase é uma infecção recorrente, justificada por Pâmela por conta da falta de acesso a banheiros, dificuldades com higiene e com relação ao chão frio.

Uma vez eu já fiz a mamografia e não tinha dado nada assim, só que faz tempo agora que eu não faço. E do útero assim eu sempre tô tentando fazer, uma vez por ano eu faço assim, sempre dá inflamação, mas nunca deu câncer assim nem nada. Eles já me deram comprimido e tudo, pomada, mas essa inflamação (candidíase) ela nunca passa, assim... Tem uma conhecida da rua assim, que ela disse que ela também tinha essas coisa e que ela começou a passar aqueles... como que é o nome?... Aqueles sabonete íntimo líquido, aí foi melhorando, aí eu tô pensando de quando eu tiver dinheiro, quando sobrar um dinheirinho assim, pegar e comprar aqueles *Dermacyd* e ir passando...

É, eu seguro muito o xixi. Ou às vezes a gente vem e senta nesse negócio muito gelado assim. Aí ela falou [*a conhecida*] que ela começou a passar esses negócio de sabonete íntimo líquido e aí foi melhorando, agora ela falou que não tem mais nada, que aquilo lá foi limpando assim sabe, e aí quando der eu vou comprar.

É assim, quando eu vejo mais ou menos assim que tá meio forte a urina ou essas coisas aí eu já marco, eu falo assim ‘ah, eu quero fazer um preventivo pra ver como tá tudo assim’ essas coisas... Inclusive antes da pandemia eu marquei pra fazer uma transvaginal, pra ver lá como que tá o útero, pra ver também como que tá a questão desse negócio da laqueadura porque tem mês que vem [*a menstruação*], mês que não vem, mês que vem muito pouco... Aí eu quero ver também, que aí tem vez que eu sinto muito calorão, muito calafrio, essas coisas assim.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A questão da menstruação também ganha novo peso, associada com a situação de rua. As estratégias que envolvem o ciclo menstrual são diversificadas e vão desde economizar para pagar um pernoite até à escolha de roupas, pois, caso não haja a possibilidade de trocar de roupas ou absorvente, cores escuras podem camuflar manchas de sangue menstrual.

Ah, quando vem assim, igual esses dias veio, só que veio pouquinho. Aí eu pego assim, quando vinha bastante assim aí eu preferia ficar lá na Casa das Mulheres pra poder tomar banho e tudo assim, certinho e tudo, aí ele até deixava assim. Ou senão quando tava uns dias de vim assim, aí eu ficava às vezes uma ou duas noites naquele pernoite, ou senão ficava na rua mesmo, só que aí quando eu via um banheiro assim que deixava, ou senão ia nos hospital que da, né? Nos hospital ou nos postinho, aí eu ficava trocando pra não passar, mas mesmo assim ainda passava na roupa né. Aí sabe o que eu fazia? Quando vinha a menstruação eu colocava sempre calça preta assim, roupa mais preta assim, porque se passava o preto não mostra muito, né. Aí quando parava eu já usava roupa mais clara, agora quando vem eu já gosto de usar roupa mais escura, que aí volta e meia passa, mas ninguém vê que passou.

Ah, as vezes eu tomo um paracetamol ou ibuprofeno, ou senão eu fico um pouco deitada assim, só que aí o [*meu companheiro*] como não entende muito dessa coisa, aí ele fala umas coisas assim. Aí depois que ele vê que eu tô com a carinha meio coisada assim, aí ele pega e me deixa deitada e me dá remédio, aí pergunta se eu tô melhorando. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela conta, ainda, que tem acesso com facilidade à medicamentos analgésicos. Segundo ela, paracetamol e ibuprofeno são disponibilizados pela ONG Médicos de Rua, pois servem para dores, febre e para cólica. Nossa entrevistada também aponta a falta de compreensão de seu parceiro com a questão da menstruação, dizendo que ele só se compadece quando percebe que ela realmente está desconfortável.

Eu normalmente de cólica eu pego sempre o paracetamol assim quando tem o Médicos de Rua ou quando eu ia lá no médico, nos postinhos quando tava funcionando normalmente. Porque aí volta e meia eu tenho dor aqui, dor ali, aí serve pra tudo, então eles já dão. Igual eu tô sentindo dor no joelho, nos dois joelhos, porque eu não sei se é por causa da gordura, mas até minhas pernas eu tenho que ficar esticando e dobrando, se eu tô sentada não tá bom, deitada não tá bom. Eu sinto dor onde tomei a injeção da anestesia da laqueadura e muita coceira na cicatriz da laqueadura, não sei se é normal. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

O atendimento médico geralmente é acessado via Médicos de Rua ou Consultório na Rua. O Médicos de Rua é uma ONG que faz ações de café da

manhã e triagem em alguns domingos na Praça Tiradentes; já o Consultório na Rua é uma equipe itinerante do SUS que possui médicos e psicólogos para o atendimento à população em situação de rua. Durante a pandemia, Pâmela relata que o atendimento nos postos de saúde tornou-se mais escasso, e diz preferir encaminhar-se ao hospital quando deseja ou necessita de atendimento mais rápido.

Eu na verdade, como tomo remédio controlado, de mês em mês eu tinha que ir no médico, o Consultório na Rua quando tava funcionando normalmente eu volta e meia ia lá pegar receita, agora eu deixo pra ir no médico mais quando tá acabando meu remédio aí eu vou no médico mais pra pegar receita assim, não vou com muita, muita frequência assim, aí as vezes eu prefiro de vez em quando ir em postinho quando eu tô muito meio nervosa assim, aí eu quero mais ir no 24Horas assim, quando eu tô sentindo alguma coisa, aí ao invés de eu ficar esperando no postinho eu vou no 24Horas, é melhor.

Eu preferia mais ir no Médicos de Rua que aí eles já pegava e já passava a receita, aí eu já pegava ou no 24Horas assim, que demora, mas dependendo do caso é mais rápido, é melhor né que daí já pega a receita e coisa. Agora lá no postinho mesmo de saúde eles fica 'ah, vem amanhã', aí quando vai lá é igual eu falei, eles fala assim 'ah, é tal horário só', aí eles fica que parece que não quer atender, sabe assim... Teve umas vez que eu fui ali na Ouvidor Pardinho, esse ano ainda, antes de pegar essa receita aí que eu consegui pegar, eu fui lá, aí falaram que não tinha consulta mais. Aí da outra vez que eu fui, aí só ia me atender seis horas, aí eu fiquei sem o atendimento, fiquei sem pegar a receita né. Aí agora ontem mesmo eu consegui pegar a receita, mas é meio complicado, às vezes mesmo a gente indo cedo e essas coisa eles pega e fala que não dá.

Sei lá, não sei se é porque não tem mesmo ou é mau atendimento deles, que às vezes ele pega e fala que 'ah, pra pegar a receita é só amanhã, pra tomar a vacina é só em tal lugar', eles fica desse jeito assim, não sei se é a regra por causa da pandemia mas eles atende a gente meio sei lá, com pouco caso, assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Sobre anticoncepcional e camisinha, Pâmela afirma que são artigos de fácil acesso, no entanto, não utiliza pílula anticoncepcional por conta da laqueadura, e raramente usa camisinha pois se considera segura por ter parceiro fixo. Os kits de higiene distribuídos por ONGs ou pela FAS, segundo ela, geralmente contém camisinhas.

Ah, eles oferecem, mas eu mesma não gosto muito de usar. Porque pra mim é igual chupar bala com papel, sinceramente. - *risos*... Quando tem os pessoal que dá kit, eles mandam uma camisinha em cada kit. Só que eu como fico só com o [*meu parceiro*] mesmo, e ele também não gosta de usar pra falar bem a verdade. E quando a gente ia fazer ele preferia fazer sem camisinha mesmo.

Eu antes de ter minhas meninas, eu comecei a tomar um tal de anticoncepcional também, aí depois de um tempo, depois que eu fiz a laqueadura eu não tomei. Aí depois de um tempo, por causa que deu aqueles negócio policístico, aí eu comecei a tomar o Selene, aí eu parei e aí

melhorou. E aí depois, quando eu tava no Médicos de Rua, a médica me passou um outro anticoncepcional pra ver esses negócio dos pelos, que tá me saindo pelo no queixo aqui. Aí eu tomei assim, depois eu parei porque não deu pra pegar com ela de novo, aí esse domingo agora ela me deu essas duas caixas e já falou pra eu tomar essas duas caixas e pra agora que eu vou viajar, ela falou pra pegar mais se precisar e continuar tomando que é pra poder sair esses pelos assim, mas aí eu quero ver quando eu me mudar, se eu consigo um médico pra fazer um exame, pra ver qual tipo de medicamento eu posso tomar ou fazer alguma coisa, um laser, sei lá pra tirar esses pêlos. Tipo assim, eu quero fazer um check-up geral sabe, pra esfriar a cabeça, que eu tô precisando, volta e meia eu faço exame de rotina assim.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Apesar de não tomar anticoncepcional, Pâmela relata que uma médica da ONG Médicos de Rua disse-lhe que ela precisaria, por conta de um problema hormonal. Nossa entrevistada também demonstra muito cuidado com a saúde, tendo em vista as dificuldade e poucas condições de atendimento. Sobre outros cuidados com o corpo, como fisioterapia e atividades físicas, relata que não há acompanhamento frequente, tem contato com exercícios físicos apenas quando está internada. Considera os deslocamentos cotidianos como formas de se exercitar, e diz que quem está na rua e se exercita, o faz por conta própria.

A gente, tipo assim, o [*companheiro de Pâmela*], ele gosta mais de andar né, e eu já mais assim, um pouco pra cuidar das coisas e um pouco porque eu sou meio preguiçosa. Mas o que a gente faz mesmo de exercício é quando tem que pegar alguma coisa, tipo assim, quando a gente vai buscar remédio ou ir na Ouvidor Pardinho, ou lá no CTM, ou vir pegar café na Rui Barbosa, ou ir no Carlinhos, essas coisas. Mas exercício assim mesmo eu fazia mais quando que eu tava internada, porque lá tinha professora de educação física e essas coisas, mas mandaram eu caminhar bastante, tomar bastante líquido pra ver se tira minha retenção de líquido.

Não, ainda não... Que eu saiba não, só se mais pra frente né, porque até agora eu nunca vi esse pessoal de ONG fala ‘oh pessoal da rua, vamo lá, vamo fazer um exercício físico’, nunca vi ninguém fazer assim ‘ah vamo pegar o pessoal da rua e vamo levar num parque pra todo mundo se exercitar’ o pessoal que quer fazer exercício assim as vezes faz por conta, porque eu nunca vi ninguém fazer isso. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Ainda sobre o cuidado com o corpo, Pâmela contou-nos sobre os kits de higiene. Segundo a entrevistada, as Irmãs - instituição católica que possui serviços que atendem a população em situação de rua os distribuem mensalmente, algumas outras ONGs distribuem sabonetes. Os locais para banho são tanto fixos como itinerantes, via de regra, possuem tempo delimitado para o banho - em torno de 5 minutos.

Tem as Irmãs, têm uma vez por mês que aí a gente pede o kit de higiene que aí vem pasta de dente, escova de dente. Aí as vezes que vem sabonete e uma gilete. Aí também tem ali no Carlinhos que vem pasta de dente, escova de dente e um sabonete. Aí tem as ONGs também que elas leva uns kit de higiene que vem sabonete e essas coisa assim. Ou senão às vezes também a gente pede pras menina das ONG e pros menino lá o que a gente tá precisando de parte de higiene assim também.

Na Dona Estela tinha o banho do bem, que agora por causa da pandemia deu uma parada, aí eles que traziam o carrinho até tal lugar e aí a gente ia lá e tomava banho. Agora nas Irmãs a gente que tem que ir lá, e no Carlinhos a gente que tem que ir lá. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

As ONGs que levavam os carrinhos de banho anteriormente alteraram o funcionamento por conta da pandemia, neste período as pessoas em situação de rua buscavam os locais para acessar o serviço. O carrinho a que Pâmela se refere trata-se de uma caminhonete com uma cabine que se assemelha a um banheiro químico e possui capacidade de água delimitada, não chega a atender toda a população. Os locais para lavar a roupa, via de regra, são os mesmos que oferecem o serviço de banho.

Tem as irmãs lá que aí tem o tanque, aí a gente lava na mão, aí ela põe na centrífuga, aí põe lá, aí na outra vez dá pra pegar. Aí agora tem o *Container* lá no Capanema que chega lá antes das nove da manhã, põe na fila lá as roupas, quem chega e quer lavar as roupas põe em ordem na fila, aí nove horas chega o rapaz e pergunta o nome inteiro, quantas peças tem, aí lá por duas horas [da tarde] que ele fala que dá pra ir buscar, dependendo da quantidade de gente que lavou.

Aí pra tomar banho lá no *Container* também, as meninas falam o nome completo, eles dá a toalha, quando tem o shampoo, condicionador, o sabonete e a gilete, se precisar de gilete.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Notamos que as referências tomadas por Pâmela para as ONGs que acessam nem sempre correspondem ao nome da ação, como o Banho do Bem, por exemplo. O Carlinhos e a Dona Estela são, muito provavelmente, voluntários de ONGs específicas que foram tomados como referência. Segundo Pâmela, o Carlinhos possui um projeto que funciona na Rua Ubaldino do Amaral e oferece serviços como: banho, café da manhã e da tarde. Sobre o funcionamento de ONGs e a rota para alimentação, Pâmela nos contou que existe uma divisão específica nas localidades que oferecem café da manhã, café da tarde, almoço e jantar. O Mercado Municipal, por exemplo, concentra maior distribuição de refeições no período noturno.

Tem as Irmãs Vicentinas lá da Paula Gomes que elas serve café da manhã, aí agora eles serve café de segunda a sexta, antes era de segunda a sábado, agora é de segunda a sexta. Aí elas dão café da manhã, aí se quiser tomar banho, toma banho, e se quiser lava a roupa. Aí na Rui Barbosa, eles fala que todo dia eles tão dando almoço entre 11hrs/13hrs por aí. Aí às 16:00 da tarde tem o café da tarde na Rui Barbosa, aí diz que na Tiradentes também tem almoço e no Mercadão mesmo, comida mesmo, no mais, vem só de noite.

É que as ONG mesmo tem dias que vai poucas ONGs, as vezes não vai nenhuma praticamente.

É, a Dona Estela é de uma ONG - "Aquecendo o Coração", aí ela vem com uma Kombi e traz uns pão, café com leite e suco, aí pra quem quiser roupa ela dá senha.

[O Carlinhos] É tipo uma pessoa, que tipo, tem um projeto... Não sei o nome, é pra mexer com pessoa de rua. Aí o projeto dele é assim, funciona de segunda à sábado, aí na segunda, quarta e sexta tem o banho e depois o café. Aí na terça, quinta e sábado é só o café, mas no sábado é de tarde. O café é de tarde todos dos dias. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

No café da tarde procuram pelo projeto do Carlinhos, durante este ano de 2020, anteriormente (em 2019) compareciam à Comunidade Franciscana. Para fazer a refeição do jantar aguardam no local de permanência do casal - próximo ao Mercado Municipal. E, para o almoço, possuem combinados com restaurantes.

Normalmente assim, agora assim eu tô pegando em restaurante. A gente pega em restaurante mais, quando a gente vê que não vem comida assim de doação e de ONG, aí a gente pega em restaurante....Café da tarde teve um tempo que a gente tava tomando na Rui Barbosa, nos Franciscanos. Aí agora tinha o Carlinhos ali na Ubaldino do Amaral, aí a gente tava indo lá, que aí eles servem café da tarde também.

A janta a gente espera ali, perto do Mercadão, bem ali. No domingo, debaixo do viaduto ali do Capanema aí o Carlinhos dá o café da manhã, aí meio dia o almoço e a noite as vezes é janta e às vezes é café.

Geralmente os restaurantes que dão eles fala assim 'olha, vem depois de tal horas que aí a gente pega e fornece, aí a gente dá umas marmita pra vocês. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

O combinado entre restaurantes e a população em situação de rua é apontado em Robaina (2015), de acordo com a tese, é comum que a população acerte horários específicos com funcionários dos estabelecimentos ou estratégias diversificadas, como "descartar" a comida de forma que esta possa ser resgatada pela população. Pâmela relatou que a prática é comum e não costuma ser negada, de modo que o pedido não se dirige a um restaurante em específico - busca diferentes estabelecimentos. Os dias úteis, feriados, finais de semana e até mesmo dias chuvosos também alteram as estratégias segundo nossa entrevistada.

No sábado, no sábado mesmo o café da tarde tem vezes que a gente vai ali no Carlinhos tomar, e o café da manhã tem a Dona Estela que traz o café aqui, o almoço às vezes a gente vai em algum outro restaurante que a gente não foi pra ver se eles são. Às vezes se não tem doação a gente nem come no almoço, mas o café da manhã pelo menos a gente vem na Dona Estela aqui no Guaira, no Centro Cívico.

No domingo, assim, aí tem o Carlinhos debaixo do viaduto, aí lá na Rui Barbosa parece que tem um pessoal que vai levar café. Aí tem um outro pessoal que vai levar bolacha doce, bolacha salgada, suco, água, toddynho, bolo, pão. Aí eles fala também que às vezes tem um almoço também que esse dos Freis Franciscanos falaram que no sábado e domingo eles dão almoço no restaurante popular. Aí de tarde, café no domingo não tem. A janta tem na Tiradentes, uns falam que tem na Rui Barbosa, outros falam que tem aqui né [Santos Andrade]. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela relata que são poucas as ONGs que costumam atuar mesmo em feriados, o café da manhã no domingo aparenta ser "facilitado", no sábado, conforme vimos, Pâmela costumava frequentar as Irmãs Vicentinas - que passaram a atender somente de segunda a sexta, em vistas ao caráter especial da pandemia. A participante da pesquisa não consegue pontuar ONGs que possuam funcionamento contínuo, denotando o caráter sazonal à que nos referimos quando tratamos das especificidades da pandemia.

Na verdade assim, tem aquelas, ONGs mesmo aquelas que vai sempre, sempre, sempre vareia muito assim. Não tem aquela que dá pra dizer que vai assim todo dia certo. Às vezes no feriado a gente acha que vai aquela ONG lá e não é, é outra. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Determinadas épocas do ano também interferem no acesso à alimentação. O mês de janeiro é apontado como o mais escasso devido às férias escolares e chegada do verão, onde são programadas mais viagens e a cidade é esvaziada. Em contrapartida, a oferta de alimentos aumenta no mês de Natal.

Em janeiro, janeiro é complicado. Janeiro assim, tipo assim, vai uma-duas ONG, mas às vezes não vai nenhuma também, é bem complicado. Em dezembro, por causa que é Natal, essas coisa, até que vai bastante ONG, aí eles dão, igual ano passado eles deram presente. Deram mochila, aí deram docinho, deram chocotone, panetone, essas coisa assim. Aí esse ano agora pelo que eu fiquei sabendo, o Frei da Toca de Assis vai fazer uma confraternização ali na, lá num restaurante ali na Rui Barbosa, aí a moça até tava falando que pras mulher, não sei se pros homem também vai ter, mochila assim, que vai ter umas coisa dentro, essas coisas assim sabe. E dia 16 vai ser ali do Ceará, lá no mercadão. Aí vai ter também do Rango de Rua, mas vai ser mais ali pelo dia do Natal. E o do Carlinhos vai ter, mas não sei quando vai ter também, mas diz que vai ter. (Informação verbal

Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Outra prática comum descrita em Robaina (2015) é cozinhar nas ruas aos finais de semana, quando o fluxo de refeições distribuídas por ONGs diminui. De acordo com a pesquisa dele, realizada na cidade do Rio de Janeiro, é comum que as pessoas em situação de rua recolham doações em xepas de feiras, peçam panelas à pessoas domiciliadas, improvisem fogareiros e aproveitem o fluxo menor de transeuntes para cozinhar a própria refeição. Os relatos de Pâmela, no entanto, não confirmam esta estratégia. Durante o período em que estiveram hospedados no pensionato, nossa entrevistada cozinhava pois recebia doações de cestas básicas e emprestava ovos de colegas da pensão.

Na rua que eu me lembre não, só no pensionato, aí no pensionato sim, a gente ganhava cesta básica da igreja assim, aí eu fazia comida quando a gente não descia lá no mercadão. Eu fazia arroz, macarrão, aí eu sempre emprestava uns ovo do pessoal lá né, aí fritava, aí fazia tipo mexido com massa de tomate e umas coisa assim com cebola também.

Na rua não [*cozinhou*] só quando a gente tava no pensionato, aí a gente ganhou umas cesta básica de umas igreja, aí quando a gente não ia no Mercadão pra pegar janta, comida, essas coisa, aí eu fazia lá um arroz, um macarrão.” (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Pâmela diz gostar de cozinhar e que possui acesso às comidas que gosta nas marmitas entregues por ONGs, ainda que, como vimos anteriormente, a casa represente também a liberdade para comer o que gosta, sente falta apenas de comer lasanha. No período do pensionato, ganhou panelas e pratos que doou para a ex-cunhada.

Eu gosto, gosto de fazer comida, eu gosto de fazer macarrão, arroz. Aí quando tem carne, ou carne de panela assim, aí eu gosto de fazer, igual quando a gente tava no pensionato eu ganhei umas duas panela, uns prato, só que agora foi lá pra essa casa da minha ex-cunhada em Morretes. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

O acesso aos serviços de banho, alimentação, fornecimento de materiais de higiene, dentre outros citados neste eixo, segundo a participante foram aprendizados que lhe foram repassados por outras pessoas que compartilham da situação de rua e a ajudaram quando sucedeu a transição do espaço privado da casa para a rua.

Olha, eu aprendi que tem os morador lá que como tem os lugar certinho pra tomar café, pra tomar banho, pra dormir, assim esses negócio assim. Tem uns morador que vai, utiliza um pouco o lugar, mas tem uns que gostam de dormir na rua, que não vão pro albergue mesmo, que não gosta de regra, tem uns que não liga de ter regra e tem uns que já não gosta. Mas aí assim na rua a gente aprende bastante coisa com eles né, que eles fala assim 'oh...', eles mesmo que tava na rua, aí a gente conheceu uns rapaz que fala 'oh, tal lugar tem comida'. Até hoje eles fala 'tal lugar vai ter comida ali, assim'. Aí eles tenta ser camarada com a gente, essas coisa assim sabe... Um tenta ajudar o outro assim, aí tem uns que 'se sente' mais assim, igual eu falei, que pensa que é o dono, aí com esses assim a gente nem tenta querer ficar perto assim... Se eles fala oi, a gente fala, mas agora eles fica na deles e nós fica na nossa, que é pra não dar conflito né." (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Finalizando este eixo de análise, destacamos a fala de nossa entrevistada sobre as possibilidades que conduzem pessoas à situação de rua:

Olha, a maioria das vezes é por falta de oportunidade de emprego. Tem uns mesmo que aí é por causa de vício que aí a família não aceita ou por opção mesmo, que não quer, tipo, receber ordem de família, essas coisa aí prefere viver assim na rua porque aí eles acha que são mais livre. Mas na rua mesmo, aí tem regra também, tem os polícia que tipo assim, se tiver, igual eu falei, que levam nossas coisas e coisa assim, dependendo do Guarda Municipal já prende, já dá umas borrachadas na pessoa. Até na rua não tem esse negócio assim, 'ah, eu tô livre, aqui ninguém manda em mim', **sempre tem um que manda**. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A construção de sua justificativa passa pelo desemprego e pelos vícios, chama a atenção à desqualificação do espaço público como local de liberdade e autonomia. A oposição entre as concepções de rua e casa fica evidente neste caso, pois, em outros momentos, Pâmela faz alusão à casa como local de autonomia, onde pode-se controlar seu próprio ritmo de vida, o sono, as refeições, sem a ameaça constante de violações por órgãos superiores como a polícia.

3.4.4 Andanças da vida

"É, na minha cabeça assim eu quero... Eu penso assim que eu quero, aí depende da vontade de Deus. Se até lá ele não arrumar outra pessoa, se ele conseguir achar, encontrar assim... Se Deus abençoar que ele encontra uma pessoa assim da igreja na vida dele e que a pessoa possa casar com ele certinho, que ele possa ser pai. Igual eu falei, eu não posso mais dar filho, que eu fiz laqueadura, pra casar no altar não dá porque eu já fui

casada, aí se eu divorciar eu só vou poder casar no civil e receber a benção do Pastor aí pra ele eu quero assim que se ele não for pra ficar comigo que pelo menos ele arrume uma pessoa que dê pra ele casar no civil e na igreja certinho e ter os filhinhos dele, ter a vidinha dele certinha assim, a pessoa cuidar dele certinho, ele cuidar da pessoa certinho. É isso que eu quero se não for pra ele ficar comigo, agora se for pra ele ficar comigo que Deus abençoe a gente, que cada vez um entenda o outro, um ajude o outro, assim, essas coisas assim.”
(Informação verbal. Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Nesta última categoria de análise, intencionamos enfatizar os caminhos percorridos por Pâmela até o momento da pesquisa, bem como seus sonhos e sua perspectiva para o futuro próximo. Como vimos, Pâmela migrou de São Paulo para Curitiba ainda muito nova, por conta da violência doméstica a que sua mãe estava submetida, sofreu com a separação compulsória de seu pai e cresceu com depressão infantil, que persiste até a fase adulta. Vivenciou situações de violência doméstica novamente na adolescência, somada à uma tentativa de abuso sexual que a empurrou para um relacionamento igualmente violento - com o pai de suas filhas.

No momento, encontra-se em situação de rua já há três anos, após encontrar um parceiro que, segundo ela, a trata de forma amorosa e digna, diferente da relação com o ex-marido. Pelos percalços da vida e não aceitação da família de seu relacionamento atual, passou a viver em situação de rua e adaptou-se às condições adversas, aprendendo com quem partilha da mesma situação. Com a pandemia afirma que as estratégias e deslocamentos mudaram e sente-se mal pelo distanciamento social.

Mudou bastante que aí lá dá pandemia esses negócio assim, igual tinha a anglicana que servia café da manhã e almoço, agora ela tá fechada aí não dá pra ir lá. Nas terça-feira, na terça e na quinta, tinha a ABBA perto do passeio também que atendia, aí tá fechado por conta da pandemia, aí era esses lugar que a gente ia lá sempre, tipo, ia no culto da ABBA e essas coisa assim.

E agora tem que ficar usando essa máscara, e o pior é que agora vai ser obrigatório mesmo, se não usar aí vai ter que pagar multa, eu tenho bronquite asmática, às vezes abaixo um pouquinho a máscara pra respirar, depois que eu levanto de novo. Mas eu, na verdade, quero mesmo que Deus pegue e faça sair logo essa pandemia porque tá muito ruim.

Ah, e esse negócio do distanciamento também, eu gosto de chegar na pessoa que eu conheço assim e abraçar, aí agora não pode, tem que ser de longe, aí eu me sinto assim, sei lá, meio esquisita. Eu como, pelo menos,

sou bem dada, eu sinto falta. (Informação verbal. Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Com relação às medidas de afastamento, nossa entrevistada diz se chatear com o estigma da população em situação de rua. Afirma que o atual Prefeito até ajuda, mas que deveriam ser criadas medidas que promovam o convívio e reinserção social dos *dingos*, evitando generalizações que desvalorizem a individualidade de cada sujeito que se encontra na mesma situação que Pâmela e seu companheiro.

Olha o Greca assim, ele até em umas parte ele ajuda, só que igual eu falei, ele tinha que ter um programa mais pros morador de rua, não chegar assim já ir expulsando dos lugar e essas coisa assim. Era bom igual eu falei, que ele pegasse e criasse um programa pros dingo assim porque tem pessoas que olham a agente assim, tem uns que olham com discriminação aí passa e segura a bolsa, outros já passam correndo assim, e a gente nem... Tá só lá parado assim. Aí nisso tem uns até que faz denúncia porque tem uns dingo até que faz bagunça, é bagunceiro né, agora tem que, é igual eu falei, num.. não a sociedade e nem os políticos, nem o prefeito assim radicalizar. Tipo assim, se tem aquele dingo que apronta, eles tem que ver que tem os outros dingo que não tá fazendo a mesma coisa, tem que diferenciar.

É, falaram que tem um albergue pra casal no Bairro Novo só que os quarto tudo fica separado né, durante o dia fica junto mas pra dormir dorme separado e era bom que fossem um quarto de casal de dormisse o marido e a mulher junto assim... Ou senão um albergue que cada um tivesse... tipo um apartamento, cada um cuida da sua vida. Igual no pensionato, sempre tinha um que queria saber mais da vida do outro, eu queria que cada um cuidasse das suas coisas. (Informação verbal. Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

A questão da autonomia tem centralidade nas falas de Pâmela, que gostaria que as políticas levassem em consideração as reais necessidades de quem enfrenta a situação de rua e conferissem maior liberdade de escolha à quem já possui seus direitos negados. Pâmela pede mais empatia.

Ah, que um respeitasse mais o outro, um tipo assim, se a pessoa tá, digamos assim, passando por necessidade que um se coloque no lugar do outro e vê assim o que pode ajudar e essas coisas assim. Principalmente as ONGs ou senão a própria Prefeitura mesmo, se eles vê que uma pessoa tá correndo risco que eles tomem uma atitude. Atitude de sei lá, levar os dois pra uma casa, se não pode ficar no convívio de muita gente, que fiquem os dois juntos. (Informação verbal. Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Quando nos reencontramos, um dos assuntos dominantes nos encontros - para além da ameaça e da violência que haviam sofrido na ocasião, era a separação

compulsória do casal. Pâmela iria morar com a ex-cunhada e com as filhas no município de Morretes-PR, e seu companheiro se mudaria para São Paulo em vistas às consequências de violência e exposição a que estavam sujeitos na rua. Os amigos de seu companheiro e sua família não dispunham de duas vagas em suas casas para que pudessem acomodar o casal, a decisão pela separação foi um consenso para que as condições de vida de ambos se tornassem um pouco mais confortáveis.

A frustração de Pâmela era grande e a fez nutrir um desejo maior de conquistar sua própria casa, ainda que a decisão já estivesse tomada, sonha em reencontrar e retomar o relacionamento e não manifesta a intenção de procurar por um novo companheiro. O padrão das instituições sociais fazia-se igualmente presente em suas falas, e na percepção de fracasso por não poder casar novamente na igreja, ter filhos e tomar conta do espaço doméstico.

Eu pro ano que vem eu quero que eu teja morando, eu e o meu companheiro morando numa casa, e que a gente tenha sei lá... Que alguém ajude a gente numa parte de renda assim, e coisa, pra poder ter dinheiro assim pra se manter. Aí ter também as coisas necessárias, ter uma casa assim, mas não ter aquela montoeira de coisa na casa, só o necessário assim pra usar assim. E também ter alguma forma de ter um ganho, e também ver qual que é a vontade de Deus assim, pra tipo, assim, pra ver se ele quer que a gente seja assim obreiro alguma coisa assim, ou só ser membro mesmo assim. Quero que Deus guia tanto meu caminho como o dele assim, se for pra gente ficar junto até o final da vida, aí nós fica, se for pra nós separar, se for pra nós se separar e ele arrumar outra pessoa e eu ficar sozinha, ou voltar com meu ex-marido ou ter outra pessoa, aí fica na vontade de Deus, mas eu quero isso, eu quero uma casa pra mim ficar com ele. Agora que seja da vontade de Deus primeiro...

É, na minha cabeça assim eu quero... Eu penso assim que eu quero, aí depende da vontade de Deus. Se até lá ele não arrumar outra pessoa, se ele conseguir achar, encontrar assim... Se Deus abençoar que ele encontra uma pessoa assim da igreja na vida dele e que a pessoa possa casar com ele certinho, que ele possa ser pai. Igual eu falei, eu não posso mais dar filho, que eu fiz laqueadura, pra casar no altar não dá porque eu já fui casada, aí se eu divorciar eu só vou poder casar no civil e receber a benção do Pastor aí pra ele eu quero assim que se ele não for pra ficar comigo que pelo menos ele arrume uma pessoa que dê pra ele casar no civil e na igreja certinho e ter os filhinhos dele, ter a vidinha dele certinha assim, a pessoa cuidar dele certinho, ele cuidar da pessoa certinho. É isso que eu quero se não for pra ele ficar comigo, agora se for pra ele ficar comigo que Deus abençoe a gente, que cada vez um entenda o outro, um ajude o outro, assim, essas coisas assim. (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Na impossibilidade de concretizar seus sonhos com o parceiro, os projetava nele, esperando que ele encontre alguém que proporcione a história e os cuidados que ela mesma gostaria de ter. Para além do sonho do casamento, a vontade de

superar seus problemas com a depressão e demais desordens psicológicas e psiquiátricas também estão presentes em sua fala.

Ah, tipo assim, para de tomar tudo esses remédio que eu tomo, me libertar de tudo essas enfermidade e ser uma pessoa normal assim, digamos assim, sem precisar ficar tomando essas medicação. Conseguir, é pegar e assim, ser diferente, não ter tipo, esses sentimentos que eu tenho de inferioridade e essas coisas assim, ser mais positiva. Porque eu sou muito negativa e essas coisa assim, na minha cabeça é muito confusa assim, eu quero que minha cabeça seja mais aberta, mais normal assim, sabe? (Informação verbal Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

As andanças da vida direcionaram Pâmela e seu companheiro para caminhos opostos e desencontrados. Ela retomaria contato com a família de seu ex-marido e suas filhas e esperava encontrar-se novamente com Deus e ser aconselhada para a superação de suas enfermidades - como ela mesma se refere. No dia 18 de dezembro programou sua passagem para a mudança, ademais, observamos nos movimentos realizados por nossa entrevistada, a vontade de angariar roupas e utensílios domésticos para ajudar a cunhada e as filhas - coletou kits de higiene, bolsas, panelas e enviou todos para a casa que a receberia, manifestando, como Tiene (2004) descreve, a concentração de energias e recursos para que pudesse manter a família em uma situação melhor, preocupada com o ambiente doméstico mesmo estando distante.

3.5 COMUNIDADE FRANCISCANA E O TRABALHO REALIZADO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - Observações sobre a realidade de Mulheres em Situação de Rua no Município de Curitiba.

Mencionamos repetidas vezes o trabalho realizado na Comunidade Franciscana e a aliança que firmamos com esta comunidade para a realização do Projeto de Extensão que possibilitou vislumbrar nossa temática de pesquisa. Por esta razão e também na impossibilidade de entrevistar um número maior de mulheres em situação de rua, consideramos pertinente explicitar: como ocorre o funcionamento do chá da tarde; a que outros serviços oportuniza o acesso por parte da população em situação de rua; quais são as dificuldades, possibilidades e limites

com a realização da ação; e ainda, alguns indícios sobre o contingente feminino da população a que se dirigem os serviços ofertados.

Por estes motivos, entrevistamos uma das assistentes sociais responsáveis pela organização, planejamento e execução das atividades na Comunidade Franciscana. As dificuldades enfrentadas no ano de 2020 impediram, igualmente, que a entrevista ocorresse da maneira como nos programamos, com ambas as profissionais que compõem a equipe responsável pelas atividades de assistência social da instituição religiosa, o contágio pela Covid-19 afastou temporariamente uma das profissionais com quem intencionávamos dialogar.

Atuando na instituição religiosa desde o ano de 2015, a profissional entrevistada formou-se em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2013, é pós-graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em Gestão Pública com ênfase no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), cursando, no momento da pesquisa, nova pós-graduação em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar pela Universidade Federal do Paraná.

Conta que fora do contexto de pandemia, o chá funciona de segunda a sexta-feira às 15:00 horas no salão paroquial anexo à igreja. A ação é considerada um chamariz para a população em situação de rua. A entrada no salão começa às 14:30, há um pequeno diálogo do Frei com a comunidade que acessa o chá no intuito de aproximação essa população. Este período de preparação para servir a refeição é utilizado como brecha para informar as pessoas de políticas públicas, atualidades - o que ocorre na cidade, além de ser o momento em que apresentam o trabalho de assistência social realizado pela instituição. Segundo a assistente social, o momento do chá:

É um momento que temos para as pessoas falarem sobre si mesmas, os problemas que encontram na rua e partilhar informações de maneira que eles entendam. O chá também conta com uma população muito dinâmica, com muitos jovens (18 a 25 anos), uma população com um cuidado maior com o corpo, com a saúde mental, muitas mulheres geralmente acompanhadas e nunca sozinhas, com um companheiro que as protege dos perigos da rua e quando estão sozinhas são muito agressivas na questão de ficar na defensiva, mulheres que usam de diversas estratégias para tentar afastar homens que querem se aproveitar da situação e por questões de sobrevivência. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade

Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).³²

O trabalho do chá, iniciado sem a participação de assistentes sociais, era realizado apenas nas terças-feiras - realizado por meio de iniciativa de um eclesiástico da instituição, que, tendo percebido a necessidade da população, expandiu a ação para os demais dias da semana juntamente com a primeira assistente social da instituição, em meados dos anos 2000. Atualmente, atende aproximadamente 130 pessoas ao dia, a equipe atual de planejamento das ações conta com duas assistentes sociais contratadas (CLT) - em regime de 20 e 30 horas semanais e com voluntários da instituição religiosa.

A igreja funciona com os CLTS: serviço social, manutenção, portaria, secretaria. Para o trabalho da comunidade franciscana e o chá da tarde contamos com o voluntariado, pois não temos condições para contratar a demanda necessária de pessoal para esse trabalho desenvolvido. São um total de 64 voluntários, a grande maioria acima de 60 anos e mulheres, sendo para cada dia da semana um voluntário diferente. Temos também o brechó que funciona da mesma maneira, porém voltado para a arrecadação de recursos, onde com a doação de roupas vendemos as melhores para mantermos o chá. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

A grande maioria da equipe de voluntários é composta por mulheres acima de 60 anos, por isso, a dinâmica também foi afetada durante a pandemia. Na nova configuração, os voluntários são todos maiores de idade, acima de 18 anos, poucos são jovens. A maioria possui entre 30-45 anos, são trabalhadores que passaram a exercer suas funções em *Home Office*, desempregados ou estudantes que já atuavam em trabalhos voluntários. Para estabelecer os vínculos necessários ao atendimento, as estratégias utilizadas vão desde elogiar a aparência física - notando alterações, como barba feita, cabelo cortado à chamar pelo nome ou buscar memórias afetivas por meio de lembranças despertadas por alimentos.

O chá, como mencionado, configura-se apenas como chamariz da população em situação de rua para que, estabelecendo um vínculo, a equipe de assistentes sociais possa oferecer outros serviços como: emissão de certidões de

³² ASSISTENTE SOCIAL, Comunidade Franciscana. **Mulheres em situação de rua:** uma investigação sobre a trajetória de vida como referência educativa. Curitiba, 2020. Entrevista.

nascimento e casamento; RG; CPF; carteira de trabalho; título eleitoral; e elaboração de currículos. Contam ainda com estratégias específicas, como: suprimir do currículo o endereço do interessado na vaga – colocando apenas o bairro ou ainda o endereço de um amigo ou conhecido; disponibilizar o contato telefônico da instituição como referência – para que as assistentes sociais possam fazer a ponte entre empregador e contratado, ou mesmo o endereço de amigos e conhecidos, evitando possíveis situações vexatórias na procura de emprego. Estes serviços são procurados espontaneamente ou indicados por outros “amigos de rua” que já receberam atendimento e indicam outras pessoas. Conforme informações obtidas em nossa entrevista, “têm essa questão da vergonha por estarem na rua e Curitiba é bastante preconceituosa nessa questão, ao mesmo tempo que falam que os empregadores tem que atendê-los são os primeiros que discriminam.”

A busca espontânea por parte da população de rua através do vínculo e o Amigo de Rua, onde muitos que já passaram pelo atendimento aqui indicam para outra pessoa. O serviço social realiza o primeiro atendimento sem ter os dados da pessoa, então temos que criar um vínculo, tentar puxar informações sobre a vida dela para que possamos auxiliá-las no serviço que estão buscando com a gente. Esse instrumento (ficha cadastral) é somente o serviço social que tem acesso e a partir daí são registrados os encaminhamentos realizados com essa pessoa (busca de documentação, currículo, etc) realizando uma investigação mais aprofundada e uma dinâmica diferenciada em cada caso específico, É preciso que nós, enquanto assistentes sociais, mostremos os caminhos que devam ser tomados, mas é preciso dar essa autonomia para que cada um realize a sua própria inserção. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

O chá é mantido com doações de roupas e pães e com o bazar - vendas de roupas doadas e selecionadas. Antes da pandemia a principal fonte de manutenção da ação era o bazar, no momento desta pesquisa, o chá mantém-se com doações de fiéis à igreja. O grupo frequentador é composto majoritariamente por homens, segundo a entrevistada, o caráter flutuante da população e a minoria de mulheres faz com que, por vezes não seja possível localizar nenhuma mulher no salão onde a refeição é servida; outras vezes, no entanto, é possível contabilizar um número razoável - em torno de 7 mulheres.

Eu falo que o chá é muito dinâmico, porque tem semanas que não se vê uma mulher durante o chá, mas tem semanas que vê um número razoável (em torno de 7), além dos transexuais, sendo muito diverso quando as mulheres participam e geralmente quando elas vêm estão acompanhadas

dos parceiros ou de alguma amiga. Para a mulher, em situação de rua, é muito complicado, pois muitas vezes elas têm que se sujeitar a situações constrangedoras diante dos companheiros para ter uma proteção e isso acaba ferindo seus direitos e sentimentos, além de que são elas que devem se cuidar e ir atrás de métodos contraceptivos, pois os homens não se importam com isso. São esses vínculos que também buscamos construir aos poucos com as mulheres. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

As mulheres em situação de rua em Curitiba, segundo as observações da profissional entrevistada, tem faixa etária de 20 a 40 anos, são pardas e tem companheiros como estratégia para proteção - algumas fazem uso de drogas ou álcool, em geral cuidam da aparência e, no caso de não cuidarem, sentem vergonha, principalmente com relação à saúde bucal. A maioria possui filhos e estes recebem cuidados de terceiros, mesmo afastadas de suas famílias, as mulheres que são mães geralmente prezam e provêm sustento ou recursos para os filhos. Na Comunidade Franciscana é comum que invistam na relação com a família e mantenham o vínculo, costumam entrar nas redes sociais para que as mulheres consigam visualizar fotos da família e filhos.

Neste caso particular, das fotos, a assistente social contou-nos que Pâmela a procurou para que pudesse acompanhar a celebração do aniversário de 15 anos da filha - o que confirma essa preocupação e investimento na família, e ajuda, segundo a assistente social, a evitar recaídas e investir em melhorias de vida. As mulheres, via de regra, também são as primeiras a buscar atendimento - o vínculo é criado primeiramente com elas, procuram, em geral, pelos serviços de documentação pessoal, kits de higiene e absorventes, além de outros serviços para além da necessidade urgente.

Elas vêm atrás não do que é temporário, mas pela questão da saúde, da roupa, da alimentação, do trabalho, da elaboração do currículo, da documentação, mas cabe a nós incentivá-las a procurar por esses serviços, falando sobre os serviços que o município oferece, sobre a Casa das Mulheres, porém muitas têm receio quanto aos serviços oferecidos e preferem estar na rua. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

Ainda sobre estes serviços ofertados, a funcionária da instituição religiosa nos informou que a atuação do serviço social ocorre em rede. As UPAS, unidades de acolhimento, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência

Especializado de Assistência Social (CREAS), Defensoria Pública, localizam-se próximos à instituição religiosa onde ocorre a oferta do chá, possibilitando que as pessoas se desloquem a pé para buscar pelos serviços disponibilizados. Esta rede, segundo ela, funciona no “boca a boca”.

A atuação do serviço social é sempre uma atuação em rede, então nessa rede é colocado as unidades de saúde, as UPAS, unidades de acolhimento, encaminhamento para o CAPS, CREAS, Centros Pops, Defensoria Pública e como estamos em uma região muito estratégica de Curitiba, os serviços estão muito próximos e as pessoas conseguem se deslocar a pé. Tem também a Casa de Acolhida São José, que é o único espaço de Curitiba que é da sociedade civil vinculada a igreja católica, que faz um trabalho com a população em situação de rua e tem um espaço para tomar banho e lavar roupa, próximo a Casa das Irmãs. Além desses tem as ONGS, as Anglicanas, Banho do Bem, Almoço da Avó, Casa Redentora, grupos que vão sendo conhecidos por meio da rede social ampla e a indicação de um para o outro, o famoso “boca a boca”.

(Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

O trabalho realizado pelas assistentes sociais nesta instituição religiosa busca ainda romper com o assistencialismo. O público é elitizado e as críticas à população em situação de rua são frequentes - com relação aos estigmas ocasionados pelas dificuldades de higiene, uso de drogas, aparência e marginalidade. A dificuldade está em reafirmar que a assistência social oferecida pela igreja não é caridade, mas está pautada em uma política de assistência social que garante o acesso à estas pessoas aos serviços que dispõem na igreja - e nas demais instituições citadas. Segundo a profissional, a população geral critica ações desta natureza, que pelo cerceamento sofrem com pouco investimento.

Por estarmos dentro de uma igreja católica precisamos ter a nossa construção, o serviço social é uma profissão e nós trabalhamos muito como política de assistência social, mas muitas pessoas acham que o trabalho que realizamos é caridade, assistencialismo e são coisas diferentes, uma coisa é o serviço social como profissão consolidada e outra coisa é uma política de assistência social inscrita na Constituição Federal e a população tem muito preconceito com essa política, porque ela é quem dá ao necessitado e por esse motivo não se vê tanto investimento nessas políticas de assistência social. A assistência social vai para além de somente entregar uma cesta básica, é necessário realizar um aprofundamento para entender o porquê de essa pessoa estar indo buscar essa alimentação, o que constitui essa família, quais as perspectivas que têm relacionadas à trabalho, é trabalhar nessa construção, no acesso às políticas públicas.

É preciso se situar do local que se está, dentro de uma igreja católica de vertente franciscana, localizada na cidade de Curitiba é considerada uma das igrejas mais tradicionais da capital paranaense e por essa razão o

público que frequenta essa igreja central é mais elitizada e também as críticas são maiores com relação à população que é atendida pelo serviço social (mais sujos, pobres, pedintes), que precisam ser defendida dentro desse espaço por ser uma população excluída que ninguém quer desenvolver um trabalho cidadão com eles e compreender as razões que os levaram a tais situações. Na rua são muito solidários uns com os outros, o que não dá e não serve para um é utilizado pelo outro, mas em contrapartida eles têm as regras e cobranças entre eles, sendo que se alguém do grupo burlar essas regras e cobranças a própria rua resolve na rua e existe um respeito entre eles e também para quem os ajudam. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

Com relação à oferta de outros serviços, como cursos profissionalizantes ou de capacitação, a assistente social nos informou que ainda não ocorreram ações desta natureza na instituição. No entanto, conseguiram mutirões para a emissão de carteiras de trabalho; palestras com a COHAB para instruir a população em situação de rua sobre seus direitos no programa; e, oficinas de preparação para entrevistas de emprego. Outra estratégia comum da instituição é a parceria com universidades para trazer atendimentos diversificados, como atividades de fisioterapia, corte de cabelo para a população, ciclos de diálogo, e o estreitamento com professores universitários e seus alunos - para que possam conhecer a realidade da população em situação de rua.

Além de todos os serviços ofertados, em 2020, durante o período de pandemia, a ação sofreu algumas modificações, o grupo de voluntários precisou de adaptações, visto que a maioria do grupo de voluntários é composta por mulheres idosas, a instituição religiosa convocou novos voluntários por meio de formulário disparado *online*, com 3 semanas de divulgação - segundo a assistente social entrevistada, já havia se formado um grupo com 110 voluntários que se alternavam nos diferentes dias da semana e tarefas - como a manutenção e separação de peças para doação e bazar; separação de kits de higiene; e confecção dos kits para o chá. Para atender a esta nova configuração, retomaram as atividades no mês de abril de 2020 no espaço do Restaurante Popular, a fim de evitar aglomeração nos salões da igreja.

O chá e o brechó são realizados por voluntários, em sua grande maioria acima dos 60 anos e do grupo de risco, então tiveram que ser adaptados com formulários *online*, chamando diversas pessoas que não eram de risco para nos ajudar, tomando os devidos cuidados e recomendações da Mitra. Após umas 3 semanas de divulgação conseguimos reunir em torno de 110 voluntários e retomamos o lanche com a bebida, a fruta e o kit higiene em Abril, juntamente com a prefeitura, no Restaurante Popular, porém como o

restaurante só abria de 2ª a 6ª, nos finais de semana o lanche era servido no espaço dentro da paróquia em uma barraca. O restaurante inicia seu atendimento com o almoço das 11:00 às 14:00, em seguida tem o almoço dos funcionários, a higienização do local e após servimos o lanche das 16:00 às 17:00 e novamente é feita a limpeza e higienização do espaço. (Informação verbal. Assistente Social da Comunidade Franciscana, atuando há 5 anos com a comunidade. Entrevistada para esta pesquisa).

O público frequentador também modificou-se neste período, o número de atendimentos aumentou. De acordo com a entrevistada, pessoas que haviam superado a situação de rua e se encontravam em situação de vulnerabilidade social, precisando custear um aluguel e que eventualmente perderam seus empregos voltaram e retornaram à rua também voltaram a frequentar o chá. Estas pessoas ainda dependiam do “rango de rua” - conforme dito pela assistente social, o contexto da pandemia afetou a economia, refletindo no volume de pessoas que voltaram ou foram empurradas para a situação de rua.

Consideramos que a entrevista possibilitou vislumbrarmos as possibilidades do trabalho de assistência social, que, mesmo se desenvolvendo em uma instituição religiosa supera o caráter assistencialista e caritativo, construindo relações com outras instituições que possibilitam, ainda que em condições precárias, um atendimento mais humano e eficiente. As dificuldades em transpor algumas barreiras encontram-se presentes pelo mesmo motivo - demonstrar à comunidade domiciliada frequentadora da instituição, a importância do trabalho desenvolvido com a população em situação de rua. A parceria que construímos na realização do Projeto de Extensão advém, também, da luta das assistentes sociais pela articulação com variadas vertentes, priorizando a qualidade de atendimento na Comunidade Franciscana e novas possibilidades para a população atendida.

Além do mais, este diálogo oportunizou novos olhares para a realidade da população, principalmente as mulheres. Durante todo o período em que desenvolvemos as atividades do Projeto, tivemos livre acesso às assistentes sociais da referida instituição, que cuidadosamente situaram-nos para a atuação com a comunidade. Tais fatores foram facilitadores para que estabelecêssemos uma relação de confiança rapidamente com aqueles que participaram das atividades no Projeto, pois, além de atividades educativas, nos encontrávamos em um espaço que possibilita a obtenção de roupas limpas, ligações para familiares, resolução de problemas com a justiça como emissão de segunda via de documentos, entre outros serviços supracitados.

3.6 CONCLUINDO NOSSAS REFLEXÕES

Esperávamos, quando delineamos nossa pesquisa, que pudéssemos reunir um conjunto maior de trajetórias de vida das mulheres que intencionamos pesquisar. O contexto do ano de 2020, no entanto, não nos permitiu a realização completa de nossos objetivos com segurança. Optamos, em vistas a estas adversidades, por entrevistar uma única mulher com quem nos consideramos próximas o suficiente para abordar questões íntimas de sua história de vida, entendemos que esta mesma relação e investigação não teria tanta profundidade no caso de não termos esta mesma liberdade com outras eventuais participantes da pesquisa.

Sabemos da dificuldade em falar do íntimo à desconhecidos e não gostaríamos de expor histórias que gerassem desconforto, bem como, a objetificação das mulheres que comporiam esta pesquisa. Deste modo, alternativa foi restabelecer os contatos cultivados no período de ida à comunidade com o Projeto de Extensão, visto que, o delineamento da presente pesquisa e os encaminhamentos deste trabalho de conclusão de curso dar-se-iam junto à continuação do trabalho desenvolvido no ano de 2019 em parceria com a Comunidade Franciscana. Reinserimo-nos na nova lógica de trabalho voluntário para que pudéssemos retomar o contato perdido e reafirmar nosso compromisso com a pesquisa e suas participantes.

Deparamo-nos com novos protocolos e a necessidade maior de desenvolver as ações voluntárias em que nos inserimos no ano de 2020, dado o impacto econômico da pandemia e a diminuição do fluxo de pessoas no perímetro urbano que modificaram também as estratégias da população pesquisada. Nos desencontros sistemáticos com as mulheres participantes do Projeto de Extensão, partimos para a busca ativa de Pâmela, cujo diálogo possibilitou as reflexões presentes neste trabalho, e dialogamos igualmente com uma das assistentes sociais da Comunidade Franciscana, a fim de, para além de esclarecer as ações na instituição, explorar as particularidades das experiências de mulheres em situação de rua sob a ótica de uma profissional que desenvolve o trabalho com este contingente populacional já há algum tempo.

Nosso objetivo, com a pesquisa de campo, era refletir como as experiências de vida impactam nas estratégias de mulheres em situação de rua ao lidarem com

as suas particularidades e dificuldades presentes em suas trajetórias individuais. Compreendemos que dada a dificuldade do campo, não podemos fazer afirmações totalizantes ou ainda, transpor uma experiência individual às demais trajetórias de mulheres que partilham desta mesma situação. Observamos os impactos nocivos que políticas, condutas ou falas genéricas produzem na identidade desta população.

A fala de nossa entrevistada reverbera, em diversos momentos de nossa entrevista, sobre os danos causados pelo reducionismo da população em situação de rua como categoria, a dificuldade de aproximação com demais grupos presentes na sociedade e a falta de representatividade nas políticas voltadas ao atendimento da população em situação de rua. A própria definição de população em situação de rua descrita no Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a) inscreve o segmento populacional como heterogêneo. Por este motivo não podemos ou objetivamos neste trabalho, produzir reflexões estigmatizantes e reducionistas das experiências vivenciadas pela mulher em situação de rua com quem dialogamos, mas explorar indícios das dificuldades e facilidades de ser mulher e enfrentar tal situação.

A única dissertação em educação que utiliza do mesmo recorte de nosso trabalho, defendida no ano de 2019 por Janaína Bueno Bady enfatiza como a busca por fontes orais não ortodoxas, como o caso da trajetória de vida de Pâmela, permite reconhecer “as circunstâncias culturais e sociais que produzem o fenômeno das violências de gênero” (BADY, 2019, p. 50), para além de valorizar vozes silenciadas. Queiroz (1988 *apud* BADY, 2019 p. 50) ressalta ainda a importância das fontes orais como transmissão genuína e primordial de saberes, visto que a linguagem falada antecede a escrita e outras formas de comunicação, justificando que a escolha por tal metodologia é de grande valia à compreensão geral da história de mulheres em diferentes contextos.

Nesse sentido, nosso trabalho permite compreender o contexto em que Pâmela está inserida e a realidade enfrentada por ela enquanto mulher, as percepções e olhares dela sobre seu corpo, sua história, seu relacionamento com o parceiro atual, junto às perspectivas, sonhos, frustrações, reivindicações de direitos, e sugestão de melhorias nos serviços e condutas de profissionais que desempenham funções voltadas ao atendimento da população em situação de rua, entre outras possibilidades. Bem como possibilitou que estabelecêssemos relações entre a história de vida de Pâmela e as estratégias de sobrevivência que utiliza na

rua com algumas das pesquisas de mestrado e doutorado acessadas e analisadas no primeiro capítulo de nosso trabalho de conclusão de curso.

Assim, deparamo-nos com uma trajetória permeada por diversas facetas de violência - doméstica, sexual, psicológica, relacionamentos abusivos, ruptura de vínculos familiares desde a infância e condições psicológicas desenvolvidas, provavelmente, em decorrência das situações de violência experienciadas, que, como uma sequência sistematizada de fatos - conforme analisamos em Rosa e Brêtas (2015), culminou (ou favoreceu) na situação de rua como possibilidade de autonomia do controle exercido pela mãe de Pâmela no espaço doméstico. Como estivemos inseridas desde 2019 neste trabalho com a população em situação de rua e imersas em uma concepção de educação que possibilita vislumbrar a pedagogia fora do âmbito escolar e formal e que oportunizaram a problemática deste trabalho, tomamos a rua e as diversas conexões estabelecidas neste espaço como referência educativa na trajetória de vida da participante de nossa pesquisa.

Percebemos igualmente, a confirmação de estratégias relatadas em outros trabalhos, como Robaina (2015), acerca das práticas de alimentação e o combinado com restaurantes que, em horários alternativos, oferecem comida à população em situação de rua. Confirmamos que a rua, para Pâmela, não surgiu como alternativa, mas falta de escolha - não representando-lhe liberdade, pois “na rua sempre tem um que manda”. Além de oferecer-nos um panorama da relação da corporeidade feminina de nossa entrevistada com o espaço urbano, suas estratégias para lidar com a menstruação, cuidados com a saúde e integridade física e cautela na aproximação de outras pessoas na rua.

Sobre as percepções do corpo feminino na rua ressaltamos que muitos momentos importantes para análise não encontram-se gravados - como a preocupação de Pâmela com o local para realizarmos as entrevistas e com indivíduos em nosso entorno que pudessem nos importunar, a preocupação dela era com a minha pouca idade e aparência, que podiam chamar atenção de seus conhecidos, por isso, enquanto realizávamos as gravações, era comum perceber que Pâmela observava nosso entorno e ficava apreensiva com a aproximação de conhecidos homens em situação de rua. Sua auto percepção e autoimagem apontam para uma figura fora dos padrões estéticos impostos socialmente e pela mídia, por esta razão Pâmela afirma não se preocupar tanto com estas questões.

O ideal feminino de Pâmela passa, igualmente, por estes padrões. Sonha em se casar, cuidar de seu próprio espaço doméstico e ter condições para oferecer ao parceiro “comida, casa limpa e roupa lavada”, lamenta igualmente, não ter tido condições psíquicas para ser uma “mãe-protetora” e refere-se com frequência à suas duas filhas, contou-nos orgulhosa dos feitos das meninas - missionárias na igreja evangélica que frequentam, e afirma manter contato com as meninas. Lembrava e contava-nos sobre os cabelos das meninas, a idade e o quanto estão bonitas. E, no momento da pesquisa, enquanto Pâmela planejava se mudar para a casa da ex-cunhada - que cuida de suas filhas - reunia todos os recursos que obtinha com doações e os enviava quando podia para a casa em que pretendia morar.

A segunda parte de nossas entrevistas de campo, composta pelo diálogo com a assistente social da Comunidade Franciscana, possibilitou outros olhares para o trabalho desenvolvido na instituição religiosa, as dificuldades para desconstruir o imaginário social da população em situação de rua para os fiéis que frequentam a igreja e para lidar com a precariedade de investimentos em políticas públicas e na rede de atendimento à esta população. Possibilitou, igualmente, observar questões referentes ao contingente feminino da população em situação de rua, como: a minoria de mulheres; a quase que obrigatoriedade por um parceiro, companheiro ou amigo que a proteja na rua; a ligação que buscam manter com a família mesmo privadas do espaço doméstico; a procura maior por atendimentos em saúde, e a preocupação com a estética e autoestima.

Portanto, consideramos que o material obtido em nossa pesquisa de campo, ainda que apresente limitações, possibilitou que lançássemos olhares sobre a experiência de vida de uma mulher em situação de rua e oportunizou indícios sobre as particularidades enfrentadas pelo segmento feminino desta população, apresentando algumas das estratégias aprendidas na rua, bem como a transmissão oral de conhecimentos e aquisição de recursos por parte desta população. Nos relatos de Pâmela, percebemos uma população que se solidariza e compartilha bens e conhecimentos em meio à falta de condições próprias da situação em que se encontram. Percebemos ações de solidariedade e enaltecimento da autoestima entre mulheres em situação de rua, formas próprias de lidar com o corpo feminino e suas particularidades em meio às adversidades presentes neste modo de vida - como a escolha por roupas escuras no período menstrual, e as facilidades e

dificuldades de ser mulher e desafiar o espaço público ocupando-o e instituindo modos de vida próprios da esfera privada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intencionamos, com a realização desta pesquisa, investigar os modos próprios e adversidades presentes na realidade vivenciada por mulheres em situação de rua. A problemática derivou da participação, no ano de 2019, de um Projeto de Extensão onde ocorreu o primeiro contato com o trabalho desenvolvido com pessoas em situação de rua, e com documentos que apresentavam indícios da dificuldade enfrentada por mulheres - gênero minoritário desta população. O movimento que escolhemos para nossa pesquisa, oportunizou primeiramente localizar a temática dentro do espaço acadêmico.

Deste modo, observamos que a problemática da população em situação de rua não é nova para a academia e desde o primeiro ano de nosso recorte de tempo (2005) cresceram os números de produções em mestrado e doutorado que abordam o tema, com índices mais expressivos nos últimos anos. As pesquisas que possuem enfoque nas vivências de mulheres em situação de rua, no entanto, ainda não são recorrentes, o ano de 2019, por exemplo, registra a primeira dissertação de mestrado na mesma área de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso.

O exercício feito nesta primeira parte de nosso trabalho nos deu fôlego para a fundamentação teórica desta pesquisa, visto que ainda encaramos o tema como algo novo e até mesmo pioneiro dado o volume de produções dedicadas ao estudo de mulheres nos 14 anos de nosso recorte de tempo - 22 produções acadêmicas desde 2005 até 2019. Os três movimentos feitos para a análise das produções, ofereceram-nos um panorama detalhado quanto à números, áreas e temas abordados. Há um volume expressivo de estudos dedicados à população em situação de rua em termos gerais (426 teses e dissertações), distribuídos majoritariamente nas áreas de saúde, psicologia, ciências sociais e serviço social - padrão que segue as produções feitas sob o recorte de gênero.

O interesse acadêmico pelas mulheres é recente - acreditamos que por discutirmos atualmente com maior frequência acerca das especificidades femininas e serem divulgados casos de violência doméstica e feminicídio em maior volume, bem como a retomada de discussões acerca de pautas do feminismo, refletindo no maior enfoque do tema nos últimos anos de nossa análise. A área da educação possui maior número de produções do que o recorte de gênero e, combinadas estas

condições para a produção acadêmica, chegamos à uma única produção no ano de 2019, o que demonstra a necessidade de discutir os aspectos referentes à temática de gênero da população em situação de rua na área da educação.

Tomando a análise de teses e dissertações como referência para a discussão do segundo momento de nossa pesquisa, delimitamos os conceitos mais frequentemente utilizados nas pesquisas com enfoque de gênero: interseccionalidade, gênero e a subordinação de gênero decorrente das atribuições sócio-histórico-culturais para ambos os gêneros. Utilizamos os documentos do Governo Federal - Relatório do I Encontro Nacional sobre a População em Situação de Rua (BRASIL, 2006a) e a cartilha produzida em 2009 pelo Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome - Rua: Aprendendo a Contar (BRASIL, 2009a), além dos trabalhos de Viezzer (1989) e Tiene (2004) a fim de clarificar as especificidades de ser mulher em situação de rua e as implicações sociais causadas pela construção cultural de gênero e da subalternização do gênero feminino.

Constatamos a rua como espaço de vulnerabilidade ainda maior para mulheres que se encontram nessa situação, além de perceber uma dupla exclusão por conta da condição de gênero. Tiene (2004) e Viezzer (1989) demonstram o quanto o espaço público historicamente não foi e não é, ainda, dominado por mulheres. A rua é espaço de domínio público, político e legislativo, onde o poder se distribui e decisões são tomadas em nível coletivo e a casa é espaço privado de cuidado com a família e crianças, próprio da individualidade e bem-estar. Tendo sido criadas para o espaço doméstico de reprodução, ao ocupar a rua - espaço público, as mulheres enfrentam processos mais acirrados de vulnerabilização por serem consideradas inaptas ao espaço público.

Utilizamos ainda para nossa discussão de campo, os trabalhos de Arrunátegui (2008); Rosa e Brêtas (2015); Tiene (2004); Bady (2019) e Tiradentes (2007), pertencentes ao levantamento de trabalhos acadêmicos de nossa análise e, portanto, prevalecendo a área da saúde como maior fonte de produções acadêmicas sob o recorte de gênero inscritas na temática. Percebemos em Arrunátegui (2008), a dicotomia rua-casa relegada ao imaginário social da figura feminina, em que culturalmente educamos e entendemos a rua como espaço perigoso, que, ainda de acordo com a pesquisa em saúde, é uma percepção que deriva do processo educativo “que começa com o controle e contínuas advertências dos pais, os quais consideram, de maneira geral, que suas filhas são vulneráveis aos perigos do

espaço público.” (ARRUNÁTEGUI, 2008, p. 176). Arrunátegui (2008), citando Martinez e colaboradores (1995), justifica que a visão da rua como espaço perigoso que confere à mulher maior vulnerabilidade é sistematicamente reforçada por amigos e familiares, o que acaba por restringir os movimentos das mulheres a determinados locais e horários, ou ainda, a procurar por companhias masculinas para que possam se valer da proteção conferida por homens.

Fundamentando-nos em Rosa e Brêtas (2015) percebemos na trajetória de vida de Pâmela vestígios deixados pela violência, bem como a convivência com a violência doméstica e a ruptura de vínculos familiares desde a mais tenra idade. A violência também a acompanhou em sua trajetória escolar, em seu primeiro relacionamento após a tentativa de estupro de seu ex-padrasto, suas duas gestações, a depressão pós-parto e a esterilização compulsória a que fora exposta - acontecimentos que impactaram na autoimagem de Pâmela como mulher. Com relação ao espaço da casa, observamos nas suas falas, a dificuldade em descrever e até mesmo de distinguir a casa como espaço físico ou simbólico, pois ainda que as lembranças que envolvem o espaço doméstico carreguem consigo episódios violentos, Pâmela recorda da casa como lar de afeto, além de considerar o espaço como possibilidade de liberdade e autonomia, pois “na rua sempre tem um que manda”. O que se confirma também nos escritos de Arrunátegui (2008).

A corporeidade reflete ainda, neste imaginário social de feminilidade, do espaço doméstico como berço de mulheres e da aparência como principal atrativo feminino. Pâmela justifica relacionamentos que não deram certo por conta de sua estética que não corresponde, segundo ela, ao padrão estabelecido, com o reforço midiático de beleza. O cabelo curto e crespo, a pele negra, o biotipo que não responde à magreza e perfeição exigidas das mulheres, de acordo com ela, são fatores que corroboram para a atratividade minimizada, que não chamam atenção dos homens. Além do fato de, por conta da depressão pós-parto, não ter conseguido ser uma mãe presente e protetora.

Com o companheiro atual, a referência de feminino continua insuficiente para Pâmela por não poder manter o espaço doméstico com seu companheiro, por não lhe dar condições de “casa limpa, comida e roupa lavada”, além do fato de, por ter sido casada, não poder oficializar a união atual perante a igreja como gostaria. Na rua, por não considerar-se uma mulher dotada de atrativos físicos, sente-se segura. No entanto, afirma que mesmo que tivesse um corpo bonito não o mostraria

para preservar sua integridade física, visto que, vários homens aproximam-se com segundas intenções.

Os cuidados com o corpo e higiene pessoal, portanto, passam pela escolha de vestimentas que possibilitam, inclusive, a camuflagem do sangue menstrual por conta do acesso restrito aos banheiros. O cuidado feminino possui, então, contornos específicos, demandando estratégias diferenciadas na rua - como havíamos suposto ao delinear nossa pesquisa. Além do cuidado consigo, Pâmela observava constantemente o contexto em que ocorriam nossos encontros, afastando conhecidos que considerava que poderiam nos importunar durante o processo de diálogo, inclusive remarcando nossos encontros em locais diversificados quando ocorria alguma abordagem masculina conosco.

Tiene (2004) forneceu-nos pistas, para além das particularidades na rua, de como são estabelecidas relações de amizade e solidariedade entre mulheres que partilham desta mesma situação, prezando pelo resgate da autoestima e pela partilha de recursos de difícil obtenção. Para esta cientista social, os relacionamentos na rua funcionam como dispositivo para a proteção mútua dos indivíduos - sejam eles amorosos ou de amizade, mais especificamente a busca de mulheres por companhias masculinas. A resistência à violências não físicas, como no caso de relacionamentos abusivos, de acordo com Rosa e Brêtas (2015), ocorre em decorrência das adaptações e da necessidade de submeter-se a tais situações com a “recompensa” da proteção.

Mesmo com o fato do relacionamento atual de nossa entrevistada anteceder à situação de rua, o que descaracteriza a relação somente pelo fator de proteção, Pâmela relata que sente-se mais segura com seu companheiro, visto que tentam apartar brigas e ameaças e possuem outras estratégias para evitar situações violentas - como dormir junto à outras pessoas em situação de rua e revezamento para o sono. Os episódios de ciúmes também são relatados, porém como fatos de menor importância e justificados pelo amor que sentem um pelo outro, assim como relatado na pesquisa de Rosa e Brêtas (2015). Além de Tiene (2004), que afirma que as amigas e relacionamentos conferem proteção, o que confirmamos na entrevista com Pâmela e com a Assistente Social da instituição religiosa em que ocorreram os encontros do Projeto de Extensão, percebemos na fala de Pâmela que há uma hierarquia na rua - envolvendo tempo de rua e reputação, o que confirmamos nas pesquisas de Melo (2011) e Robaina (2015), tal hierarquia

determina ainda a preferência de Pâmela por amizades com pessoas que não reafirmam seu tempo e experiência de rua o tempo todo, além de afastar-se de usuários de drogas e álcool para evitar possíveis abordagens policiais ou atritos causados pelo efeito dessas substâncias.

Para além das estratégias corporais, abordamos sobre a obtenção de alimentos, recursos financeiros e higiene básica. Constatamos que há rotas para a coleta destes artigos e há preferência pelo atendimento por ONGs. Por vezes um voluntário específico acaba se tornando referência principal da ação - como nos casos de Carlinhos e Dona Estela, o atendimento municipal oferecido pela FAS gera atritos com a população alvo deste trabalho.

As políticas voltadas à da população em situação de rua não possuem abordagens diferenciadas para o atendimento de mulheres - apenas a questão do transporte em que o veículo da FAS não desloca homens e mulheres juntos, a fim de evitar possíveis casos de assédios. Pâmela considera a participação na formulação de políticas públicas como formação cidadã, pois, de acordo com as falas captadas em nossas entrevistas, ao não terem suas demandas atendidas, as pessoas em situação de rua sentem-se desassistidas e afastam-se dos serviços oferecidos pelo município, justamente por não considerarem-se representadas ou mesmo respeitadas pelos profissionais e propostas destinadas à este segmento populacional.

Percebemos ainda, estratégias e combinados com restaurantes para obter as refeições, além das diferentes organizações não governamentais que oferecem alimentos em diversos pontos do perímetro urbano. A pandemia também afetou a lógica de movimentação da população, nota-se pelos relatos de Pâmela, o Auxílio Emergencial possibilitou arcar com as despesas de hospedagem em uma pensão, oportunizando um pouco mais de conforto e proteção em meio a um período tão difícil. Por fim, e devido à violência experienciada nas ruas, as perspectivas futuras envolvem a superação da situação de rua, procurando por moradia na casa de amigos e familiares, no caso do casal que tivemos contato durante a pesquisa.

Ainda que para superar a situação tenham que se separar, Pâmela cultiva esperanças de um reencontro para suprir suas expectativas de formalizar a união e proporcionar um lar a seu parceiro. Assim reafirmando suas intenções e sonhos enquanto mulher privada do espaço doméstico.

Entrevistando a assistente social da instituição parceira do Projeto de Extensão percebemos que é corriqueira a referência ou busca de mulheres em situação de rua pela família ou manutenção dos laços, ainda que distante. Conforme Tiene (2004), as mulheres em situação de rua mencionam a família com frequência mesmo que com eles não possam permanecer. A ação da instituição religiosa com quem estabelecemos diálogo para a realização de nosso Projeto de Extensão supera a distribuição de alimentos e age no resgate do contato com a família, no auxílio para reinserção no mercado de trabalho, além de emissão de documentos e demais necessidades sentidas por este segmento populacional, superando a visão caritativa e estigmatizadora de muitos frequentadores da igreja em que se insere o trabalho com a assistência social.

Inferimos em nosso estudo que o contingente feminino que compõe a população em situação de rua é minoria e, de acordo com a assistente social entrevistada, buscam com mais frequência por atendimento - a estimativa da profissional de assistência social entrevistada é que haja 1 mulher para 10 homens em situação de rua. As facilidades em ser mulher em situação de rua, segundo Pâmela, concentram-se justamente na maior oferta por vagas no serviço de albergagem, visto que são minoria da população que enfrenta esta situação.

A rua ensinou-lhe estratégias de obtenção de recursos para lidar com a falta de acesso e condições cotidianas - como a privação de condições básicas de higiene e bem-estar, como o caso do banheiro e da água. Há uma rede de apoio e solidariedade entre pessoas que partilham da situação de rua, a amizade entre mulheres, segundo Pâmela, atua no resgate da autoestima. Observamos em suas falas que faltam projetos de resgate de histórias de vida, de valorização pessoal e profissional que de fato atuem para a superação da situação de rua. A oposição dos dispositivos municipais que atendem a população às suas reais demandas, ocasiona atritos e desconfiança da população em relação aos aparatos estatais, vivendo sob constante medo de que seus bens lhes sejam confiscados.

Concluimos, assim como Pâmela, que para que o estigma relegado à população que estudamos seja superado, há de se estabelecer uma nova ótica levando em conta as trajetórias individuais que não reduzam os indivíduos à situação em que se encontram. Atuando na reconstrução dos vínculos sociais, assim como relatado por nossa entrevistada sobre as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão:

Era legal também porque era uma aproximação dos dingos com a sociedade. Porque assim tem uns que ajuda, mas tem uns que fica meio receado, aí se a pessoa vê que os dingo se interessa assim de participar dessas coisa, aí as pessoa vê que os dingo também quer, que é gente como a gente, eles não tão lá porque às vezes quer também, um já desistiu porque perdeu a família, porque a família não aceita, porque isso, aquilo... Mas aí é só que nem eu falei, o prefeito, os governo fazer um programa que ajude os dingo e a sociedade também não olhar os dingo com umas cara assim como de bandido, porque oh, se os dingo tiver essas oportunidades, aí eles não vão ficar mangueando pessoa assim, eles vão eles mesmo fazer pra eles mesmo né. (Informação verbal. Pâmela, 37 anos, em situação de rua há 3 anos. Entrevistada nesta pesquisa).

Ressaltamos a fala de Pâmela, quando descreve o Projeto de Extensão como uma forma de aproximação dos *dingos* com a sociedade, na medida em que as ações do mesmo oportunizaram novos horizontes às pessoas em situação de rua, em contraposição à ações de outras instituições, especialmente governamentais, que demonstram o afastamento e as poucas possibilidades de reinserção social dessa população.

Sobre as particularidades enfrentadas por mulheres em situação de rua, concluímos que os estudos sobre esta realidade ainda são escassos. E ainda, que a metodologia utilizada neste trabalho tenha oportunizado compreender a realidade das mulheres estudadas, a riqueza de seus aprendizados no decorrer da vida, e a possibilidade e necessidade de construir políticas e ações com enfoque específico neste contingente que, mesmo sendo minoria, existe e possui características e singularidades próprias, observamos que as dificuldades enfrentadas por mulheres se maximizam dadas as condições de miséria, vulnerabilidade e negação sistemática de direitos em que se encontram submetidas ao ocupar a rua como alternativa na falta de moradia convencional, para além das questões próprias de segregação ocasionadas pelos fatores de gênero, etnia e etariedade, conforme observamos ao longo deste trabalho de conclusão de curso.

Ademais, ressaltamos que em se tratando de um trabalho limitado a explorar uma única trajetória de vida, e tomando a experiência de vida como individual e intransferível, trouxemos indícios da realidade vivenciada nas ruas, porém sem a possibilidade de fazermos afirmações genéricas sobre tal realidade. Para preencher a lacuna ainda existente acerca das particularidades do gênero feminino exposto a esta situação são necessários estudos que contemplem um contingente maior de

mulheres e suas histórias de vida, evitando as totalizações reducionistas tão frequentemente presentes no discurso de Pâmela.

Por fim, destacamos que ações que promovam o diálogo, e, a luta do Movimento Nacional da População de Rua por maior representatividade perante as esferas sociais e formulação de políticas públicas podem conduzir à melhores resultados na aderência de pessoas em situação de rua aos serviços públicos disponíveis, bem como na criação de novas alternativas para este segmento populacional. Pois, como observamos na fala de Pâmela sobre nosso Projeto de Extensão, o diálogo como ferramenta pedagógica pode melhorar o relacionamento entre a população em situação de rua e os profissionais que oferecem serviços à assistência desta população.

Neste sentido, ouvir com amorosidade a trajetória de vida e história de mulheres em situação de rua, para além da compreensão de suas particularidades, proporciona o reconhecimento de seus saberes e a exploração dos vestígios deixados por suas vivências, desvelando a realidade e as necessidades sentidas, não apenas por mulheres em situação de rua enquanto categoria, mas por todas as pessoas que compõe este segmento populacional. Parafraseando Freire e Nogueira (2014), a educação popular como prática libertadora e política tem a potência de transformar a sociedade aos poucos, com propostas que oportunizem a valorização de saberes e participação, fazendo com que grupos sociais vulnerabilizados, como categoria, possam se articular em busca de melhorias e de representação social para a satisfação de suas necessidades e dificuldades cotidianas. Assim sendo, para além das particularidades observadas acerca das mulheres em situação de rua, exploramos, igualmente, neste trabalho de conclusão, a educação popular e informal como possibilidade dialógica para a proposição de novas condutas e políticas voltadas ao atendimento da população em situação de rua.

Finalizando, gostaria de registrar que as vivências construídas no Projeto de Extensão, as reflexões feitas neste estudo e a proximidade dialógica construída nas relações com a população em situação de rua contribuíram para minha formação como educadora no sentido de me atentar à importância de ouvir e acolher realidades diversificadas. Levando em consideração não apenas a educação popular e informal, deslocada do espaço da escola, mas também as possibilidades de, ouvindo, modificar a prática pedagógica de maneira à garantir condições de acesso e permanência de grupos sociais vulnerabilizados, como no caso da

população em situação de rua, à espaços onde a pratica educativa e dialógica é oportunizada.

Ao planejar e executar as ações do Projeto, bem como ao delinear a presente pesquisa, compreendi o quanto a educação se faz atrelada à realidade vivida pelos indivíduos – homens e mulheres – com quem se pretende dialogar. Aprendi que a educação como prática da liberdade não é doada, mas construída, e acredito que consegui atingir os objetivos de elaborar este trabalho de conclusão de curso de maneira à respeitar os diferentes saberes, realidades e leituras de mundo com que me deparei ao decorrer do processo de escrita. Sou grata ao Projeto de Extensão pelas experiências que me proporcionaram esta visão mais holística e global da educação e de sua importância enquanto articulação política, reconhecimento e acesso à direitos básicos e formação cidadã.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade: Feminismos Plurais**. São Paulo: Polén, 2018. *E-book*.

ALVES, C. F. **Necropolíticas: abandono e morte de pessoas em situação de rua**. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Processos Educativos, Linguagem e Tecnologia, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7783046> Acesso em: 12 mar. 2020.

ALVES, D. H. C. **Arte, Mediação e Alteridade no abrigo Maria Maria da Cidade de Belo Horizonte**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Setor de Artes Visuais/Música, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5279023> Acesso em: 11 mar. 2020.

ARRUNÁTEGUI, G. A. D. F. **Olhares entrecruzados: Mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo**. 253 f. Tese (Doutorado em Saúde pública), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ASSISTENTE SOCIAL, Comunidade Franciscana. **Mulheres em situação de rua: uma investigação sobre a trajetória de vida como referência educativa**. Curitiba, 2020. Entrevista.

BADY, J. B. **Violências de gênero nas trajetórias de aprendizagens: alunas em vulnerabilidade social e em situação de rua em uma escola de educação de jovens e adultos, Ensino fundamental**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade *La Salle*, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8027384> Acesso em: 12 mar. 2020.

BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. In: HOLLANDA, Heloísa B. de (org.). *Pensamento feminista brasileiro: em busca de novos caminhos críticos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. *E-book*.

BEZERRA, F. S. **Nos bares, na lama, nos lares, na cama:** uma análise ontológica da violência contra mulher em situação de rua no Brasil contemporâneo. 133 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Setor de Sociabilidade, Serviço Social e Política Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6397803> Acesso em: 12 mar. 2020.

BIANCHINI, L. **MST produz marmitas com alimentos agroecológicos para população de rua em Curitiba:** Ação integrada campanha de doações feita pelo Movimento Nacional da População de Rua e pelo Projeto Mãos Invisíveis. Curitiba, Brasil de Fato Paraná, 2020. Disponível em: <<https://mst.org.br/2020/05/08/mst-produz-marmitas-com-alimentos-agroecologicos-para-populacao-de-rua-em-curitiba/>> Acesso em: 08 fev. 2021.

BISCOTTO, P. R. **Viver em situação de rua: experiência de mulheres que utilizam o albergue para pernoitar.** 92 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Setor de Cuidado em Saúde. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3637541> Acesso em: 09 mar. 2020.

BORGES, R. L. **Grande Saúde Peregrina:** vidas que constituem o Boca de Rua. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3631975> Acesso em: 09 mar. 2020.

BRAGANÇA, I. F. de S. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700>> Acesso em: 10 fev. 2021.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisar-participar.** In: BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 9-16.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição:** República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação do Brasil. **Catálogo de Teses e Dissertações.** Versão 0.0.41. [s. l.], 2002. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acesso em: 06 mar. 2020.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua 2005.** 96 f. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: Editora ISBN, 2006a. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/acervosocial/estante/relatorio-do-i-encontro-nacional-sobre-populacao-em-situacao-de-rua/>> Acesso em: 05 out. 2020.

_____. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 ago. 2006b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 19 nov. 2020.

_____. **Decreto de 25 de outubro de 2006.** Constitui Grupo de Trabalho Interministerial - GTI, com a finalidade de elaborar estudos e apresentar propostas de políticas públicas para a inclusão social da população em situação de rua, conforme disposto na Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 out. 2006c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn11024.htm> Acesso em: 14 nov. 2020.

_____. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, maio 2008. Disponível em: <https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/POL%C3%8DTICA_NACIONAL_PAR_AINCLUS%C3%83O_DA_pop_EM_SITUA%C3%87%C3%83O_DE_RUA__2008.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua: aprendendo a contar.** 2009a. 240 f. Pesquisa Nacional sobre a População de Rua. Brasília: Editora ISBN, 2009a. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/acervosocial/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/052.pdf>> Acesso em: 05 out. 2020.

_____. **Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009.** Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2009b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm> Acesso em: 20 jul. 2020.

_____. Receita Federal do Brasil. **Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2011.** Define as diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua. Receita Federal, Brasília, DF, 25 jan. 2011. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0122_25_01_2012.html> Acesso em: 09 out. 2020.

_____. Ministério da Educação do Brasil. **Plataforma Sucupira. Versão do sistema: 3.41.1.** [s. l.], 2012. Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>> Acesso em: 08 mar. 2020.

_____. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 mar. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm> Acesso em: 19 nov. 2020.

_____. **Decreto nº 9.674, de 2 de janeiro de 2019.** Declara a revogação, para os fins do disposto no art. 16 da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de decretos normativos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2 jan. 2019a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9674.htm>. Acesso em: 05 ago. 2020.

_____. **Decreto nº 9.894, de 27 de junho de 2019.** Dispõe sobre o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 jun. 2019b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9894.htm#art9> Acesso em: 20 jul. 2020.

_____. **Decreto nº 10.087, de 5 de novembro de 2019.** Declara a revogação, para os fins do disposto no art. 16 da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de decretos normativos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 nov. 2019c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10087.htm#art1> Acesso em: 21 fev. 2021.

_____. **Decreto nº 10.357, de 20 de maio de 2020.** Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Cidadania e remaneja cargos em comissão e funções de confiança. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 maio 2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10357.htm> Acesso em: 05 ago. 2020.

CABRAL, C. A. **Da perca da consciência identitária camponesa à condição de situação de rua:** uma leitura fenomenológica-ontológica merleau-pontyana. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1350390> Acesso em: 09 mar. 2020.

COLLINS, P. H. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, [s. l.], v. 5, n. 1, ed. 9, p. 6-17, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/issue/view/56/showToc>> Acesso em: 3 fev. 2021

CORREA, J. K. **O psicólogo de instituição socioeducativa para pessoas em situação de rua:** um estudo sobre sua identidade. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

DAMATTA, R. **A Casa & A Rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, T. M. **Cuidado às Mulheres Gestantes em Situação de Rua no Município de Campinas – SP:** Clínica no Limite e o Limite da Clínica. 255 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Setor de Política, Planejamento e Gestão em Saúde, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8315300> Acesso em: 12 mar. 2020.

FEITOSA, A. Ministério do Meio Ambiente. **Lula e Marina Silva abrem encontro sobre lixo e cidadania [s. l.], 2005.** Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/informmma/item/2743-lula-e-marina-silva-abrem-encontro-sobre-lixo-e-cidadania>> Acesso em: 06 ago. 2020.

FELIX, M. L. **Um estudo iconográfico da arte de uma louca de rua: a imagem [bruta] de Tereza do Pau e o desenho urbano de Cajazeiras-PB.** 112 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Setor de Design, Tecnologia e Sociedade, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8189647> Acesso em: 12 mar. 2020.

FERNANDES, C. P. **“Ela é diva da sarjeta, seu corpo é uma ocupação!”:**

Cotidiano das transgeneridades femininas em situação de rua na cidade de Manaus-AM. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia, Universidade Federal de Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6764106> Acesso em: 12 mar. 2020.

FERREIRA, J. J. **A formação do policial militar: os desafios para a promoção dos direitos da população em situação de rua.** 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2396083> Acesso em: 09 mar. 2020>

FRAGA, H. J. de. **Educadores Sociais de Rua: Labirintos dos (res)sentimentos do visível e invisível da cidade.** 117 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FREIRE, P. **Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação.** In: BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 34-41.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular.** 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 107-166.

FREIRE, P. **A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade.** In: FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz Terra, 2019.

FRIZZO, C. P. **Análise da redução de danos: uma estratégia de inclusão social para mulheres em situação de rua - Florianópolis, SC.** Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Setor de Ciências Humanas e Políticas de Saúde, Universidade

Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6507061> Acesso em: 12 mar. 2020.

GALVANI, D. **Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo**. 209 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Setor de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2395624> Acesso em: 09 mar. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social. Anais *online*, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn> Acesso em: 21 fev. 2021.

_____. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação: Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, [s. l.]**, Portugal, n. 1, p. 35-50, 2014. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>> Acesso em: 15 fev. 2021.

GONCALVES, T. F. **Rua, substantivo feminino**: mulheres em movimento e o direito ao corpo na cidade. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7632645> Acesso em: 12 mar. 2020.

GRAZZIOLA, R. **As pessoas em situação de rua em Porto Alegre e seus dramas, tramas e manhas**: a cooperação e a solidariedade como forma de humanização. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 Fev. 2021.

_____. **Experiência e alteridade em educação.** Revista Reflexão e Ação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, Santa Cruz do Sul, v. Volume 19, n. 2, p. 4-27, 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/1116>> Acesso em: 13 fev. 2021.

LIRA, B. M. de. **"Tô na rua educando sem medo":** análise da prática educativa social dos educadores sociais de rua. 90 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2011

LOPES, E. B. **No front da vida:** arte-fatos e afetos de uma comunidade em situação de rua em Cuiabá. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4095834> Acesso em: 09 mar. 2020.

MACHADO, M. D. G. da G. **Mulheres no contexto da rua:** a questão do gênero, uso de drogas e a violência. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4938755> Acesso em: 09 mar. 2020.

MACHADO, S. R. M. **Os ingovernáveis.** 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=536885> Acesso em: 07 mar. 2020.

MARIANO M; CRUZ K. Ministério Público do Paraná. **Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua 2018.** Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/2018/08/27/Dia-Nacional-de-Luta-da-Populacao-em-Situacao-de-Rua.html#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de,luta%20pela%20garantia%20de%20direitos>> Acesso em: 15 jul. 2020.

MASSAVI, V. DA S. **População em situação de rua:** desvendando olhares das razões vulneráveis. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de

Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5034102> Acesso em: 12/03/2020>

MELO, T. H. de A. G. **A Rua e a Sociedade:** articulações políticas, sociedade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Antropologia, Universidade federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/ppga/files/2012/04/A-Rua-e-a-Sociedade-Melo-Completa2.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2020.

MINAS GERAIS. Fundação Estadual do Meio Ambiente. **Feam apresenta avanços e desafios na gestão de resíduos sólidos durante Festival Lixo e Cidadania [s. l.], 2012.** Disponível em: <<http://feam.br/banco-de-noticias/1083-feam-apresenta-avancos-e-desafios-na-gestao-de-residuos-solidos-durante-festival-lixo-e-cidadania>> Acesso em: 06 ago. 2020.

MINAS GERAIS. Fundação Estadual do Meio Ambiente. **Festival Lixo e Cidadania reforça papel dos catadores como agentes ambientais [s. l.], 2008.** Disponível em: <<http://feam.br/banco-de-noticias/474-festival-lixo-e-cidadania-reforca-papel-dos-catadores-como-agentes-ambientais>> Acesso em: 06 ago. 2020.

NUNES, C.; MENDONÇA, M.; SIQUEIRA, J. **Trecheiros.** Brasil: [s. n.], 2001. Disponível em: <<https://curtadoc.tv/curta/inclusao/trecheiros/>> Acesso em: 2 fev. 2021.

PAIVA, J. S. de. **Compreendendo as vivências e experiências produzidas na educação social de rua:** desvelamentos pertinentes ao educador social de rua. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

PÂMELA. **Mulheres em situação de rua:** uma investigação sobre a trajetória de vida como referência educativa. Curitiba, 2020. Entrevista.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos. **Da rua para casa:** Moradia primeiro. Informações e serviços de atenção para a população em situação de rua do Paraná. Curitiba: 2018. Disponível em: <<http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2018/ciamp/cartilhaPopRuaweb.pdf>> Acesso em: 09 de out. 2020.

_____. Ministério Público do Estado do Paraná. **A pedido da Defensoria Pública, com manifestação do MPPR, Prefeitura de Curitiba não poderá recolher bens**

de pessoas em situação de rua. Curitiba, 2020. Disponível em: <<http://mppr.mp.br/2020/01/22281,11/A-pedido-da-Defensoria-com-manifestacao-do-MPPR-Prefeitura-de-Curitiba-nao-podera-recolher-bens-de-moradores-em-situacao-de-rua.html>> Acesso em: 10 fev. 2021.

PAULA, F. L. H. S. de. **Pedagogia da rua:** a Educação sob o Olhar do Oprimido que Mora na Rua. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Teorias, Políticas e Culturas em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4462816> Acesso em: 11 mar. 2020.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** 520 p. Bauru –SP: EDUSC, 2005.

QUEIROZ, G; MOURA, R. **Pandemia escancara desamparo à população em situação de rua em Curitiba:** Com *lockdown*, organizações reforçam ações para auxiliar moradores no enfrentamento à Covid-19. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/pandemia-escancara-desamparo-a-populacao-em-situacao-de-rua-em-curitiba/>> Acesso em: 11 fev. 2021.

QUIROGA, J; NOVO, M. **Elas da rua:** População em Situação de Rua e a questão de gênero. p. 155-167. *In:* BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua aprendendo a contar. 2009a. 240 f. Pesquisa Nacional sobre a População de Rua. Brasília: Editora ISBN, 2009. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/acervosocial/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/052.pdf>> Acesso em: 05 out. 2020.

ROBAINA, I. M. M. **Entre mobilidades e permanências:** uma análise das espacialidades cotidianas da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. 380 f. Tese (Doutorado) – Setor de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/16/teses/830370.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2020.

ROSA, A. da S.; BRETAS, A. C. P. **A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil.** Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-285, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200275&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 05 mar. 2020.

ROSA, A. da S. **Mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo: um olhar sobre trajetórias de vida.** 229 f. Tese (Doutorado em Enfermagem), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTANA, T. M. **Mulheres em situação de rua e o acesso à saúde na cidade de Salvador.** 106 f. Dissertação (Mestrado em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo) – Setor de Mulheres, gênero e feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7508042> Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS, R. F. dos. **O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do núcleo de trabalho educativo da EPA.** 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6298841> Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS, V. B. dos. **Mulheres em vivência de rua e a integralidade no cuidado em saúde.** undefined f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=377656> Acesso em: 09 mar. 2020.

SÃO PAULO. Ministério Público do Estado de São Paulo. **História da Lei Maria da Penha: Como surgiu a Lei Maria da Penha.** São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Violencia_Domestica/Lei_Maria_da_Penha/vd-Imp-mais/Historia_da_Lei> Acesso em: 19 nov. 2020.

SASSE C; OLIVEIRA N. **Invisível nas estatísticas, população de rua demanda políticas públicas integradas.** 669. ed. Senado Notícias, 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/especial-cidadania-populacao-em-situacao-de-rua>> Acesso em: 15 de jul. 2020.

SERRANO, C. E. G. **Homem de rua, homem doente: uma análise institucional do discurso da população de rua.** 169 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Setor de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=158177> Acesso em: 06 mar. 2020.

SILVA, D. C. da R. e. **Pode Crer**: possibilidades em redução de danos e educação popular para a população em situação de rua na cidade de Sorocaba. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2845519> Acesso em: 09 mar. 2020.

SILVA, M. S. B. da. **A experiência de mulheres em situação de rua**: uma análise interseccional. 110 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Setor de Serviço Social, Questão Social e Direitos Sociais, Universidade Estadual de Paraíba, Campina Grande, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7652786> Acesso em: 12 mar. 2020.

SILVA, M. L. L. da. **Mudanças Recentes no Mundo do Trabalho e o Fenômeno População em Situação de Rua no Brasil 1995-2005**. 220 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, M. A. da. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia**: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4999260> Acesso em: 11 mar. 2020.

SILVA, R. da. **Educadores (as) Sociais de Rua**: discurso e prática. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SINDICATO DOS SERVIDORES DO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DO PARANÁ (SINDJUS-PR). **Em Curitiba, mulheres em situação de rua terão “Dia de Rainha”**. Paraná, 2021. Disponível em: <<https://sindijuspr.org.br/noticias/3/noticias/10920/em-curitiba-mulheres-em-situacao-de-rua-terao-%D0%A3dia-de-rainha%D0%A4#:~:text=O%20Dia%20de%20Rainha%20surgiu,Bem%20e%20Rango%20de%20Rua>> Acesso em: 5 fev. 2021.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE COMUNICAÇÕES POSTAIS, TELEGRÁFICAS E SIMILARES DO PARANÁ (SINTCOM-PR).

Pauta Curitiba - moradores de rua terão almoço especial de natal: Movimento precisa de doações. Curitiba, 2020. Disponível em: <<http://sintcompr.org.br/Noticia/19626/pauta-curitiba-moradores-de-rua-terao-almoco-especial-de-natal>> Acesso em: 9 fev. 2021.

SOUZA, E. C. de. **(Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação.** In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org.). Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59-74. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2021.

SOUZA, K. C. D. de. **Nessa rua, nessa rua, têm educandos da eja com narrativas fotográficas para nos contar.** 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7675109> Acesso em: 12 mar. 2020.

SUMAN, R. B. **Esteriótipos de catadores de lixo:** um estudo de caso. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

TIENE, I. **Mulher moradora na rua:** entre vivências e políticas sociais. 1. ed. Campinas: Alínea Editora, 2004.

TINOCO, S. G. **Homens nas ruas de todas as gentes – como gênero recorta corpos que moram nas ruas.** 88 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6381819> Acesso em: 12 mar. 2020.

TIRADENTES, L. R. **Identificação de diagnósticos de enfermagem em mulheres moradoras de rua.** 95 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Guarulhos, Guarulhos, 2007.

TONDIN, M. C. **Consultório de Rua:** uma nova perspectiva de intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Proposta de Projeto de Extensão Universitária**. Curitiba, 2019.

VIEZZER, M. **O Problema não está na mulher**. v. 2. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

ZANETTI, M. A. **Pedagogia da esperança**: reflexões sobre o reencontro com a pedagogia do oprimido. *In*: SOUZA, A. I. Paulo Freire: vida e obra *et all*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 197 - 217.

REFERÊNCIAS DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOB RECORTE DE GÊNERO FEMININO

ALVES, D. H. C. **Arte, Mediação e Alteridade no abrigo Maria Maria da Cidade de Belo Horizonte**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Setor de Artes Visuais/Música, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5279023> Acesso em: 11 mar. 2020.

ARRUNÁTEGUI, G. A. D. F. **Olhares entrecruzados: Mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo**. 253 f. Tese (Doutorado em Saúde pública), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BADY, J. B. **Violências de gênero nas trajetórias de aprendizagens: alunas em vulnerabilidade social e em situação de rua em uma escola de educação de jovens e adultos, Ensino fundamental**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade *La Salle*, Porto Alegre, 2019.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8027384> Acesso em: 12 mar. 2020.

BEZERRA, F. S. **Nos bares, na lama, nos lares, na cama: uma análise ontológica da violência contra mulher em situação de rua no Brasil contemporâneo**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Setor de Sociabilidade, Serviço Social e Política Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6397803> Acesso em: 12 mar. 2020.

BISCOTTO, P. R. **Viver em situação de rua: experiência de mulheres que utilizam o albergue para pernoitar**. 92 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Setor de Cuidado em Saúde. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3637541> Acesso em: 09 mar. 2020.

BORTOLI, S. R. **Mulheres adultas em situação de rua e a mídia: histórias de vida, práticas profissionais com a população de rua e representações jornalísticas**. 217 f. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Doutorado em

ciências da comunicação. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5718897> Acesso em: 11 mar. 2020.

DIAS, T. M. Cuidado às Mulheres Gestantes em Situação de Rua no Município de Campinas – SP: Clínica no Limite e o Limite da Clínica. 255 f. Dissertação

(Mestrado em Saúde Coletiva) – Setor de Política, Planejamento e Gestão em Saúde, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8315300> Acesso em: 12 mar. 2020.

FELIX, M. L. Um estudo iconográfico da arte de uma louca de rua: a imagem [bruta] de Tereza do Pau e o desenho urbano de Cajazeiras-PB. 112 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Setor de Design, Tecnologia e Sociedade, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8189647> Acesso em: 12 mar. 2020.

FERNANDES, C. P. “Ela é diva da sarjeta, seu corpo é uma ocupação!”:

Cotidiano das transgeneridades femininas em situação de rua na cidade de Manaus-AM. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia,

Universidade Federal de Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6764106> Acesso em: 12 mar. 2020.

FRIZZO, C. P. Análise da redução de danos: uma estratégia de inclusão social para mulheres em situação de rua - Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Setor de Ciências Humanas e Políticas de Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6507061> Acesso em: 12 mar. 2020.

GONCALVES, T. F. Rua, substantivo feminino: mulheres em movimento e o direito ao corpo na cidade. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7632645> Acesso em: 12 mar. 2020

LIMA, A. P. G. de. **A MEMÓRIA CULTURAL CONSTRUÍDA PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA**. 161 f. Mestrado em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6342632> Acesso em: 12 mar. 2020.

MACHADO, M. D. G. da G. **Mulheres no contexto da rua: a questão do gênero, uso de drogas e a violência**. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4938755> Acesso em: 09 mar. 2020.

ROSA, A. da S. **Mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo: um olhar sobre trajetórias de vida**. 229 f. Tese (Doutorado em Enfermagem), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROSA, A. da S.; BRETAS, A. C. P. **A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-285, abr./jun. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200275&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 05 mar. 2020.

ROSARIO, G. O. do. **Análise das condições e modos de vida de mulheres em situação de rua em Porto Alegre – RS**. Mestrado em Serviço Social. 103 f.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2409414> Acesso em: 09 mar. 2020.

ROSATO, C. M. **A vida das mulheres infames: genealogia da moral de mulheres usuárias de drogas e/ou em situação de rua**. 248 f. Doutorado em Psicologia.

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7421646> Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTANA, T. M. **Mulheres em situação de rua e o acesso à saúde na cidade de Salvador**. 106 f. Dissertação (Mestrado em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo) – Setor de Mulheres, gênero e feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7508042> Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS, V. B. dos. **Mulheres em vivência de rua e a integralidade no cuidado em saúde**. undefined f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=377656> Acesso em: 09 mar. 2020.

SILVA, M. A. da. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4999260> Acesso em: 11 mar. 2020.

SILVA, M. S. B. da. **A experiência de mulheres em situação de rua: uma análise interseccional**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Setor de Serviço Social, Questão Social e Direitos Sociais, Universidade Estadual de Paraíba, Campina Grande, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7652786> Acesso em: 12 mar. 2020.

SOUZA, T. de. **Barreiras de Acesso à Saúde de Gestantes Usuárias de Substâncias e em Vulnerabilidade na Cidade de São Paulo**. 76 f. Mestrado em Psicobiologia. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7780064> Acesso em: 12 mar. 2020.

TIRADENTES, L. R. **Identificação de diagnósticos de enfermagem em mulheres moradoras de rua**. 95 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Guarulhos, Guarulhos, 2007.

APÊNDICES E ANEXO

APÊNDICE 1 - DADOS TOTAIS DO LEVANTAMENTO 2005-2019

Ano	Mestrado	Doutorado	Total de produções acadêmicas/ Ano	Total Mestrado	Total Doutorado	Total de Produções Acadêmicas do Levantamento
2005	7	3	10	342	84	426
2006	11	1	12			
2007	10	1	11			
2008	9	3	12			
2009	11	3	14			
2010	9	5	14			
2011	11	2	13			
2012	22	2	24			
2013	22	2	24			
2014	28	4	32			
2015	35	5	40			
2016	30	13	43			
2017	46	15	61			
2018	52	12	64			
2019	39	13	52			

APÊNDICE 2 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR REGIÃO E INSTITUIÇÃO
2005-2019

Produções Acadêmicas por região	Mestrado	Doutorado	Total
SUDESTE	141	39	180
SUL	75	13	88
NORDESTE	68	18	86
CENTRO-OESTE	46	13	59
NORTE	12	1	13

Produções Acadêmicas por Instituição (Total)	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA, Brasília	1	0	CENTRO-OESTE	DIREITO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ, Maringá	1	0	SUL	PROMOÇÃO DA SAÚDE
CENTRO UNIVERSITÁRIO EURO-AMERICANO, BRASÍLIA	1	0	CENTRO-OESTE	DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E VIOLÊNCIA
CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES, Maceió	1	0	NORDESTE	SOCIEDADE, TECNOLOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS
ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING, São Paulo	1	1	SUDESTE	COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO
ESCOLA SUPERIOR DOM HELDER C MARA, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	DIREITO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
FACULDADE DE DIREITO DE VITORIA , Vitória	1	0	SUDESTE	DIREITO
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (ESCOLA DE GOVERNO), Belo Horizonte	1	1	SUDESTE	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA; SAÚDE COLETIVA (d)
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), Rio de Janeiro	5	0	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Campo Grande	2	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA; LETRAS
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão	3	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL; SOCIOLOGIA; PSICOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina	2	0	NORDESTE	ENFERMAGEM; POLÍTICAS PÚBLICAS
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO	0	1	SUDESTE	SOCIOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, Campinas	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Goiânia	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	8	1	SUDESTE	PSICOLOGIA(3); GEOGRAFIA; CIÊNCIAS SOCIAIS (3m, 1d); DIREITO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	16	6	SUDESTE	PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL); SERVIÇO SOCIAL; DIREITO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, Curitiba	2	0	SUL	DIREITO; TEOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	3	1	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL; CIÊNCIAS SOCIAIS; ESTUDOS DA LINGUAGEM
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	11	3	SUL	SERVIÇO SOCIAL; GERONTOLOGIA BIOMÉDICA; PSICOLOGIA; EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	2	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS, Pelotas	2	0	SUL	POLÍTICA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS; POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, Recife	1	0	NORDESTE	CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS, Petrópolis	2	0	SUDESTE	DIREITO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS, Santos	1	0	SUDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR, Salvador	3	0	NORDESTE	POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande	2	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE CEUMA, São Luís	1	0	NORDESTE	BIOLOGIA PARASITÁRIA
UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, São Paulo	1	0	SUDESTE	POLÍTICAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	18	8	CENTRO-OESTE	POLÍTICA SOCIAL; LINGUÍSTICA; SAÚDE COLETIVA; EDUCAÇÃO; MEDICINA TROPICAL; HISTÓRIA; ANTROPOLOGIA; DESIGN; DIREITOS HUMANOS; BIOÉTICA
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, Fortaleza	1	0	NORDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE DE ITAÚNA, Itaúna	1	0	SUDESTE	DIREITOS FUNDAMENTAIS
UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES, Mogi das Cruzes	1	0	SUDESTE	POLÍTICAS PÚBLICAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	13	10	SUDESTE	GEOGRAFIA; CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL); ARQUITETURA E URBANISMO; SAÚDE COLETIVA; SAÚDE PÚBLICA; PSICOLOGIA SOCIAL; PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Salvador	1	0	NORDESTE	CULTURA, MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	ARTES
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS	1	0	SUL	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	6	1	SUDESTE	ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E SAÚDE; BIOÉTICA, ÉTICA APLICADA; SAÚDE COLETIVA; DIREITO; CIÊNCIAS SOCIAIS; HISTÓRIA; PSICOLOGIA SOCIAL (d)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Mossoró	1	0	NORDESTE	SAÚDE E SOCIEDADE
UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis	3	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande	3	0	NORDESTE	PSICOLOGIA DA SAÚDE; SERVIÇO SOCIAL; PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	5	2	SUDESTE	GERONTOLOGIA; CIÊNCIAS SOCIAIS (d); LINGUÍSTICA APLICADA (d); CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS; SAÚDE COLETIVA; CIÊNCIAS MÉDICAS; ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, Anápolis	2	0	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO. LINGUAGENS E TECNOLOGIAS; TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina	2	1	SUL	SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL (1m, 1d); PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, Montes Claros	1	0	CENTRO-OESTE	DESENVOLVIMENTO SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa	2	0	SUL	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS; GEOGRAFIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza	5	1	NORDESTE	SOCIOLOGIA; SAÚDE PÚBLICA; SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL (2m); GEOGRAFIA; SAÚDE COLETIVA (d)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Toledo	2	0	SUL	CIÊNCIAS SOCIAIS; SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (MARÍLIA), Marília	0	2	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	12	5	NORDESTE	GEOGRAFIA; ARTES VISUAIS; PSICOLOGIA; SAÚDE COLETIVA; ENFERMAGEM E SAÚDE (1m, 1d); ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO; SAÚDE COLETIVA (d); ENFERMAGEM E SAÚDE; CIÊNCIAS SOCIAIS;
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, Dourados	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA	4	2	NORDESTE	CIÊNCIAS JURÍDICAS; SERVIÇO SOCIAL; ENFERMAGEM; PSICOLOGIA SOCIAL; EDUCAÇÃO; CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió	6	0	NORDESTE	PSICOLOGIA (4); EDUCAÇÃO; ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia	8	3	CENTRO-OESTE	CIÊNCIAS DA SAÚDE; ENFERMAGEM (d); SOCIOLOGIA; ENFERMAGEM; ODONTOLOGIA (d); PSICOLOGIA; ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora	5	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA; SAÚDE COLETIVA; ENFERMAGEM; CIÊNCIAS SOCIAIS; SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá	4	2	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO; ESTUDOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA (1d)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE	6	1	SUDESTE	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS; SOCIOLOGIA; PSICOLOGIA; ADMINISTRAÇÃO; DIREITO; ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS	2	0	SUL	SOCIOLOGIA; ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	8	6	NORDESTE	ENFERMAGEM; SERVIÇO SOCIAL; PSICOLOGIA; SOCIOLOGIA; HISTÓRIA; ANTROPOLOGIA; NEUROPSIQUIATRIA E

				CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, Porto Velho	1	0	NORTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	13	3	SUL	ENFERMAGEM; ANTROPOLOGIA SOCIAL; SAÚDE COLETIVA; PSICOLOGIA; PSICOLOGIA CLÍNICA; SERVIÇO SOCIAL; SOCIOLOGIA POLÍTICA; PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos	6	1	SUDESTE	SOCIOLOGIA; EDUCAÇÃO; CIÊNCIAS AMBIENTAIS; SOCIOLOGIA (1d); ENFERMAGEM; EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, São João del Rei	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Guarulhos/ São Paulo	6	3	SUDESTE	PSICOBIOLOGIA; FILOSOFIA (1d); ENFERMAGEM (2d); CIÊNCIAS DA SAÚDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia	3	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS; HISTÓRIA; ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA	2	0	SUDESTE	EXTENSÃO RURAL; LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, Santo André	3	0	SUDESTE	CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS; PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO (2)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, Rio Branco	1	0	NORTE	CIÊNCIAS DA SAÚDE NA AMAZÔNIA OCIDENTAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus	4	0	NORTE	SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA; PSICOLOGIA; PSICOLOGIA; SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA	8	1	NORDESTE	PSICOLOGIA; SOCIOLOGIA; SAÚDE PÚBLICA; AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS; SAÚDE DA FAMÍLIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	9	1	SUDESTE	PSICOLOGIA INSTITUCIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; POLÍTICA SOCIAL; PSICOLOGIA; EDUCAÇÃO (d); COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	4	0	SUDESTE	MEMÓRIA SOCIAL (2); ENFERMAGEM; TEATRO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO	4	1	NORTE	PSICOLOGIA(3, 1d); ARTES

PARÁ, Belém				
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba	4	0	SUL	ANTROPOLOGIA; ANTROPOLOGIA SOCIAL; POLÍTICAS PÚBLICAS (2)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO	4	3	SUDESTE	ENGENHARIA CIVIL; GEOGRAFIA; SERVIÇO SOCIAL; CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO; CLÍNICA MÉDICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	8	3	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL; PSICOLOGIA (2); ANTROPOLOGIA SOCIAL; ESTUDOS DA LINGUAGEM; ENFERMAGEM. SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	23	6	SUL	GEOGRAFIA; PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA; COMUNICAÇÃO; PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL; PSICOLOGIA; PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL; ENFERMAGEM; EDUCAÇÃO (3); ANTROPOLOGIA SOCIAL; SAÚDE COLETIVA;
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Araguaína/Palmas	2	0	NORTE	ENSINO EM CIÊNCIAS E SAÚDE; DEMANDAS POPULARES E DINÂMICAS REGIONAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Campos dos Goytacazes/Niterói	10	2	SUDESTE	GEOGRAFIA; TURISMO; SAÚDE COLETIVA; ARQUITETURA E URBANISMO; SOCIOLOGIA E DIREITO; ANTROPOLOGIA; PSICOLOGIA; POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica	3	0	SUDESTE	PSICOLOGIA; CIÊNCIAS SOCIAIS (2)
UNIVERSIDADE FEEVALE, Novo Hamburgo	1	0	SUL	DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE GUARULHOS, Guarulhos	1	0	SUDESTE	ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE LA SALLE, Canoas	1	0	SUL	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, São Bernardo do Camp	2	1	SUDESTE	CIÊNCIA DA RELIGIÃO (d); COMUNICAÇÃO SOCIAL (m); EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, São Paulo	1	0	SUDESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE PARANAENSE, Umuarama	1	0	SUL	DIREITO PROCESSUAL E CIDADANIA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo	4	1	SUDESTE	CIÊNCIA DA RELIGIÃO; DIREITO POLÍTICO E ECONÔMICO 2; ARQUITETURA E URBANISMO (d); EDUCAÇÃO ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA, Niterói	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE SÃO MARCOS, SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba	5	0	SUL	PSICOLOGIA

**APÊNDICE 3 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA DE PESQUISA
(AGRUPAMENTO)³³**

Produções Acadêmicas por Área (agrupamento)	Total	Mestrado	Doutorado
SAÚDE	98	71	27
PSICOLOGIA	85	77	8
CIÊNCIAS SOCIAIS	48	36	12
SERVIÇO SOCIAL	42	34	8
EDUCAÇÃO	26	19	7
DIREITO	21	20	1
POLÍTICAS PÚBLICAS E SOCIAIS	21	21	0
LINGUÍSTICA E LETRAS	18	10	8
ANTROPOLOGIA SOCIAL	15	13	2
GEOGRAFIA	11	8	3
COMUNICAÇÃO E JORNALISMO	9	7	2
ARQUITETURA E PLANEJAMENTO URBANO	9	8	1
ARTES	7	7	0
TEOLOGIA	5	4	1
HISTÓRIA	4	2	2
ENGENHARIA AMBIENTAL E CIVIL	2	1	1
ADMINISTRAÇÃO	2	2	0
DESIGN	1	1	0
FILOSOFIA	1	0	1
TURISMO	1	1	0

³³ O agrupamento “outros” que aparece em nosso gráfico corresponde às áreas de: engenharia; administração; design; filosofia; e, turismo.

APÊNDICE 4 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA³⁴ DE PESQUISA

Produções Acadêmicas por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
BIOÉTICA	3	1	4
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHER, GÊNERO E FEMINISMO	1	0	1
BIOÉTICA, ÉTICA APLICADA E SAÚDE COLETIVA	1	0	1
ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E SAÚDE	1	0	1
BIOLOGIA PARASITÁRIA	1	0	1
CIÊNCIA DA REABILITAÇÃO	2	0	2
CIÊNCIAS DA SAÚDE	2	0	2
CIÊNCIAS DA SAÚDE NA AMAZÔNIA OCIDENTAL	1	0	1
CIÊNCIAS MÉDICAS	1	0	1
CLÍNICA MÉDICA	1	0	1
ENFERMAGEM	18	8	26
ENFERMAGEM E SAÚDE	4	2	6
ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA	0	1	1
MEDICINA TROPICAL	1	0	1
NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO	0	1	1
ODONTOLOGIA	1	1	2
SAÚDE COLETIVA	14	9	23
SAÚDE DA FAMÍLIA	1	0	1
SAÚDE E SOCIEDADE	1	0	1
SAÚDE PÚBLICA	8	3	11
PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E SAÚDE	1	0	1
PROMOÇÃO DA SAÚDE	1	0	1
ENSINO EM CIÊNCIAS E SAÚDE	1	0	1
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE	1	0	1
EDUCAÇÃO FÍSICA	1	0	1
GERONTOLOGIA	4	0	4
GERONTOLOGIA BIOMÉDICA	0	1	1

³⁴ As áreas encontram-se agrupadas, cada conjunto corresponde a uma área de pesquisa, por exemplo: as lacunas coloridas com verde-água correspondem à área de saúde, as amarelas à educação. Seguindo a mesma ordem da tabela anterior.

PSICOBIOLOGIA	2	0	2
PSICOLOGIA	61	4	65
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)	3	2	5
PSICOLOGIA CLÍNICA	2	0	2
PSICOLOGIA COGNITIVA	0	1	1
PSICOLOGIA DA SAÚDE	1	0	1
PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	4	0	4
PSICOLOGIA SOCIAL	1	0	1
PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL	2	1	3
PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA	1	0	1
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	2	0	2
CIÊNCIAS SOCIAIS	11	6	17
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	2	0	2
CULTURA, MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	1	0	1
DESENVOLVIMENTO SOCIAL	1	0	1
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA	1	0	1
SOCIOLOGIA	14	5	19
SOCIOLOGIA E DIREITO	1	0	1
SOCIOLOGIA POLÍTICA	0	1	1
TERRITÓRIOS E EXPRESSÃO CULTURAL NO CERRADO	1	0	1
MEMÓRIA SOCIAL	2	0	2
SERVIÇO SOCIAL	31	7	38
SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL	1	1	2
SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL	2	0	2
EDUCAÇÃO	17	5	22
EDUCAÇÃO (PSICOLOGIA EDUCACIONAL)	1	0	1
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS	1	0	1
PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	0	2	2
CIÊNCIAS JURÍDICAS	1	0	1
DIREITO	11	1	12
DIREITO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	1	0	1
DIREITO E JUSTIÇA SOCIAL	1	0	1
DIREITO POLÍTICO E ECONÔMICO	2	0	2

DIREITO PROCESSUAL E CIDADANIA	1	0	1
DIREITOS FUNDAMENTAIS	1	0	1
DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA	1	0	1
DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E VIOLÊNCIA	1	0	1
GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1	0	1
AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1	0	1
POLÍTICAS PÚBLICAS	5	0	5
POLÍTICA SOCIAL	7	0	7
POLÍTICA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS	1	0	1
POLÍTICAS SOCIAIS	1	0	1
POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA	3	0	3
DEMANDAS POPULARES E DINÂMICAS REGIONAIS	1	0	1
SOCIEDADE, TECNOLOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS	1	0	1
LINGUISTICA	5	5	10
LETRAS	2	0	2
LETRAS (LINGUA E LITERATURA ALEMÃ)	1	0	1
LINGUISTICA APLICADA	0	1	1
ESTUDOS LINGUISTICOS	1	0	1
ESTUDOS DA LINGUAGEM	0	2	2
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	1	0	1
CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL)	1	0	1
ANTROPOLOGIA	5	1	6
ANTROPOLOGIA SOCIAL	5	0	5
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA	0	1	1
DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL	1	0	1
EXTENSÃO RURAL	1	0	1
GEOGRAFIA	7	3	10
CIÊNCIAS AMBIENTAIS	1	0	1
JORNALISMO	1	0	1
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	0	1	1
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	1	0	1
COMUNICAÇÃO	1	0	1
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	1	0	1
COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO	1	1	2

COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES	1	0	1
COMUNICAÇÃO SOCIAL	1	0	1
ARQUITETURA E URBANISMO	5	1	6
PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO	2	0	2
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	1	0	1
ARTES	3	0	3
ARTES VISUAIS	2	0	2
EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA	1	0	1
TEATRO	1	0	1
CIÊNCIA DA RELIGIÃO	2	1	3
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	1	0	1
TEOLOGIA	1	0	1
HISTÓRIA	2	2	4
CIÊNCIAS DA ENGENHARIA AMBIENTAL	1	0	1
ENGENHARIA CIVIL	0	1	1
ADMINISTRAÇÃO	1	0	1
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	1	0	1
DESIGN	1	0	1
FILOSOFIA	0	1	1
TURISMO	1	0	1

APÊNDICE 5 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2005

	2005	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
7	3	10

Produções Acadêmicas (2005) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ANTROPOLOGIA	1	0	1
ARTES VISUAIS	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	0	1
GEOGRAFIA	0	1	1
GEORONTOLOGIA	1	0	1
MEMÓRIA SOCIAL	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL	2	1	3
SOCIOLOGIA	0	1	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2005	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	0	1	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	2	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	0	1	SUDESTE	GEOGRAFIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	1	0	SUDESTE	GERONTOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR	1	0	NORDESTE	ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	1	0	NORDESTE	ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA	0	1	NORDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	1	0	SUDESTE	MEMÓRIA SOCIAL
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	EDUCAÇÃO

APÊNDICE 6 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2006

	2006	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
11	1	12

Produções Acadêmicas (2006) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ARQUITETURA E URBANISMO	2	0	2
ARTES VISUAIS	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	0	1	1
EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA	1	0	1
ENFERMAGEM	1	0	1
GEOGRAFIA	1	0	1
POLÍTICA SOCIAL	1	0	1
PSICOLOGIA	2	0	2
PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL	2	0	2

Produções Acadêmicas por Instituição - 2006	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	1	0	CENTRO-OESTE	POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	0	1	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2	0	NORDESTE	GEOGRAFIA; ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	1	0	SUDESTE	ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE	3	0	SUL	PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL (2); PSICOLOGIA (1)
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI	2	0	SUDESTE	ARQUITETURA E URBANISMO

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo	1	0	SUDESTE	EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA
UNIVERSIDADE SÃO MARCOS, SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA

APÊNDICE 7- DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2007

	2007	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
10	1	11

Produções Acadêmicas (2007) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL)	1	0	1
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	1	0	1
DIREITO	1	0	1
ENFERMAGEM	1	0	1
PSICOLOGIA	1	0	1
SAÚDE PÚBLICA	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL	2	0	2
SOCIOLOGIA	1	1	2
TEATRO	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2007	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, RIO DE JANEIRO	1	0	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO	0	1	SUDESTE	SOCIOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, Campinas	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	DIREITO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, Recife	1	0	NORDESTE	CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	0	SUDESTE	CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA	1	0	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE	1	0	SUDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO	1	0	SUDESTE	TEATRO
UNIVERSIDADE GUARULHOS, Guarulhos	1	0	SUDESTE	ENFERMAGEM

APÊNDICE 8 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2008

	2008	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
9	3	12

Produções Acadêmicas (2008) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
CIÊNCIA DA REABILITAÇÃO	1	0	1
ENFERMAGEM	1	0	1
ENGENHARIA CIVIL	0	1	1
EXTENSÃO RURAL	1	0	1
POLÍTICA SOCIAL	1	0	1
PSICOLOGIA	3	0	3
SAÚDE PÚBLICA	0	1	1
SERVIÇO SOCIAL	2	1	3

Produções Acadêmicas por Instituição - 2008	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	0	1	SUL	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	1	0	CENTRO-OESTE	POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	1	SUDESTE	CIÊNCIA DA REABILITAÇÃO; SAÚDE PÚBLICA (d); ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	ENFERMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA	1	0	SUDESTE	EXTENSÃO RURAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO	0	1	SUDESTE	ENGENHARIA CIVIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA

APÊNDICE 9 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2009

	2009	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
11	3	14

Produções Acadêmicas (2009) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ANTROPOLOGIA	1	0	1
CIÊNCIA DA RELIGIÃO	2	0	2
CIÊNCIAS MÉDICAS	1	0	1
CULTURA, MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	1	2
EDUCAÇÃO (PSICOLOGIA EDUCACIONAL)	1	0	1
ESTUDOS LINGUISTICOS	1	0	1
LINGUISTICA	0	1	1
PSICOLOGIA	2	0	2
SAÚDE COLETIVA	1	0	1
SAÚDE PÚBLICA	0	1	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2009	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	2	0	SUDESTE	EDUCAÇÃO (PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO); CIÊNCIAS DA RELIGIÃO)
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	1	1	CENTRO-OESTE	LINGUISTICA (d); ANTRPOLOGIA (m)
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	0	1	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Salvador	1	0	NORDESTE	CULTURA, MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS MÉDICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR	1	0	NORDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA	0	1	NORDESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ	1	0	NORDESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE	1	0	SUDESTE	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo	1	0	SUDESTE	CIÊNCIA DA RELIGIÃO

APÊNDICE 10 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2010

	2010	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
9	5	14

Produções Acadêmicas (2010) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
CIÊNCIA DA RELIGIÃO	0	1	1
CIÊNCIAS DA ENGENHARIA AMBIENTAL	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	1	0	1
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	1	0	1
COMUNICAÇÃO SOCIAL	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	1	2
HISTÓRIA	0	1	1
LINGUISTICA	0	1	1
PSICOLOGIA	1	0	1
SAÚDE PÚBLICA	2	0	2
SERVIÇO SOCIAL	1	1	2

Produções Acadêmicas por Instituição - 2010	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	1	1	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	0	1	CENTRO-OESTE	LINGUISTICA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	2	0	SUDESTE	CIÊNCIAS DA ENGENHARIA AMBIENTAL; SAÚDE PÚBLICA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS	1	0	SUL	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, FORTALEZA	1	0	NORDESTE	PÚBLICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	0	1	NORDESTE	HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE	1	1	SUL	EDUCAÇÃO (d); COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (m)
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, São Bernardo do Camp	1	1	SUDESTE	CIÊNCIA DA RELIGIÃO (d); COMUNICAÇÃO SOCIAL (m)

APÊNDICE 11 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2011

	2011	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
11	2	13

Produções Acadêmicas (2011) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ANTROPOLOGIA SOCIAL	1	0	1
CIÊNCIAS JURÍDICAS	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	1	2
GEOGRAFIA	1	0	1
LETRAS	1	0	1
PSICOLOGIA	2	0	2
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)	1	0	1
PSICOLOGIA COGNITIVA	0	1	1
SERVIÇO SOCIAL	1	0	1
SOCIOLOGIA	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2011	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPO GRANDE	1	0	CENTRO-OESTE	LETRAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, FORTALEZA	1	0	NORDESTE	GEOGRAFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA	2	0	NORDESTE	CIÊNCIAS JURÍDICAS; SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	0	1	NORDESTE	PSICOLOGIA COGNITIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA	1	0	NORDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, VITÓRIA	0	1	SUDESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA	1	0	SUL	ANTROPOLOGIA SOCIAL (Tomás)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE	1	0	SUL	EDUCAÇÃO

APÊNDICE 12 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2012

	2012	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
22	2	24

Produções Acadêmicas (2012) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ANTROPOLOGIA	1	0	1
ARQUITETURA E URBANISMO	1	0	1
BIOÉTICA	1	0	1
DIREITO POLÍTICO E ECONÔMICO	1	0	1
EDUCAÇÃO	2	0	2
ENFERMAGEM	0	1	1
HISTÓRIA	1	0	1
LINGUÍSTICA	1	0	1
POLÍTICA SOCIAL	1	0	1
PSICOLOGIA	3	0	3
PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL	5	0	5
SOCIOLOGIA	3	1	4
TEOLOGIA	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2012	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	2	0	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	TEOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	3	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS, Pelotas	1	0	SUL	POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA	2	0	CENTRO-OESTE	BIOÉTICA; LINGUISTICA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	0	SUDESTE	ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, CUIABÁ	1	0	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS	1	0	SUL	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	0	1	NORDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS	1	0	SUDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, SÃO PAULO	0	1	SUDESTE	ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA	1	0	SUDESTE	HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA	2	0	NORDESTE	PSICOLOGIA; SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, VITÓRIA	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA INSTITUCIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE	1	0	SUL	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI	1	0	SUDESTE	ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo	1	0	SUDESTE	DIREITO POLÍTICO E ECONÔMICO
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	PSICOLOGIA

APÊNDICE 13 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2013

	2013	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
22	2	24

Produções Acadêmicas (2013) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	1	0	1
ANTROPOLOGIA SOCIAL	2	0	2
ARQUITETURA E URBANISMO	2	0	2
DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E VIOLÊNCIA	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	0	1
ENFERMAGEM	4	0	4
LINGUÍSTICA	2	0	2
PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO	1	0	1
PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E SAÚDE	1	0	1
PSICOLOGIA	2	0	2
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)	0	1	1
PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	0	1	1
PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	1	0	1
SAÚDE PÚBLICA	2	0	2
SOCIOLOGIA	2	0	2

Produções Acadêmicas por Instituição - 2013	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
CENTRO UNIVERSITÁRIO EURO-AMERICANO, BRASÍLIA	1	0	CENTRO-OESTE	DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E VIOLÊNCIA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (ESCOLA DE GOVERNO), Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	0	1	SUDESTE	PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília	3	0	CENTRO-OESTE	LINGUÍSTICA PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	1	SUDESTE	PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (d); ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas	1	0	SUDESTE	ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza	1	0	NORDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	1	0	NORDESTE	ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	2	0	SUL	ENFERMAGEM; ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos	2	0	SUDESTE	SOCIOLOGIA; EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, São Paulo	2	0	SUDESTE	ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, São Bernardo do Campo	1	0	SUDESTE	PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza	1	0	NORDESTE	SAÚDE PÚBLICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA INSTITUCIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói	1	0	SUDESTE	ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	PSICOLOGIA

APÊNDICE 14 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2014

	2014	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
28	4	32

Produções Acadêmicas (2014) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ADMINISTRAÇÃO	1	0	1
ARQUITETURA E URBANISMO	0	1	1
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	1	1	2
COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO	1	0	1
DIREITO	1	0	1
DIREITOS FUNDAMENTAIS	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	0	1
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE	1	0	1
ENFERMAGEM	1	1	2
GERONTOLOGIA	1	0	1
POLÍTICA SOCIAL	1	0	1
POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA	3	0	3
PSICOLOGIA	6	0	6
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)	1	1	2
SAÚDE COLETIVA	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL	4	0	4
SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2014	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING, São Paulo	1	0	SUDESTE	COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	3	1	SUDESTE	DIREITO; SERVIÇO SOCIAL; CIÊNCIAS SOCIAIS (d); GERONTOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS, Santos	1	0	SUDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR, Salvador	3	0	NORDESTE	POLÍTICAS SOCIAIS E CIDADANIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE DE ITAÚNA , Itaúna	1	0	SUDESTE	DIREITOS FUNDAMENTAIS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	0	1	SUDESTE	PSICOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina	1	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, João Pessoa	1	0	NORDESTE	CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá	1	0	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	ADMINISTRAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas	1	0	SUL	ENFERMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	1	0	SUDESTE	POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém	1	0	NORTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	2	1	SUL	PSICOLOGIA; ENFERMAGEM (d); EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo	0	1	SUDESTE	ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA, Niterói	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA

APÊNDICE 15 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2015

	2015	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
35	4	39

Produções Acadêmicas (2015) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ANTROPOLOGIA	1	0	1
ANTROPOLOGIA SOCIAL	1	0	1
CIÊNCIAS DA SAÚDE	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	3	0	3
DESENVOLVIMENTO SOCIAL	1	0	1
DIREITO	2	0	2
DIREITO POLÍTICO E ECONÔMICO	1	0	1
EDUCAÇÃO	3	0	3
ENFERMAGEM	4	0	4
GEOGRAFIA	2	1	3
GERONTOLOGIA	1	0	1
LINGÜÍSTICA	0	1	1
POLÍTICAS SOCIAIS	1	0	1
PSICOLOGIA	7	1	8
PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	0	1	1
SAÚDE E SOCIEDADE	1	0	1
SAÚDE COLETIVA	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL	3	0	3
SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL	1	0	1
SOCIOLOGIA	1	0	1
SOCIOLOGIA POLÍTICA	0	1	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2015	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	GEOGRAFIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	2	0	SUDESTE	GERONTOLOGIA; SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	DIREITO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	2	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL; EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE CATOLICA DE PETROPOLIS, Petrópolis	1	0	SUDESTE	DIREITO
UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, São Paulo	1	0	SUDESTE	POLÍTICAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	0	1	SUDESTE	LINGÜÍSTICA
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, Fortaleza	1	0	NORDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	1	SUDESTE	ENFERMAGEM (m); PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESEN- VOLVIMENTO HUMANO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Mossoró	1	0	NORDESTE	SAÚDE E SOCIEDADE
UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis	2	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, Montes Claros	1	0	CENTRO-OESTE	DESENVOLVIMENTO SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió	1	0	NORDESTE	ENFERMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora	2	0	SUDESTE	ENFERMAGEM; CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá	1	0	CENTRO -OESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	1	0	NORDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, Porto Velho	1	0	NORTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	1	1	SUL	SOCIOLOGIA POLÍTICA (d); SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, Sorocaba	2	0	SUDESTE	ENFERMAGEM; EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Santos	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS DA SAÚDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus	1	0	NORTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	0	1	SUDESTE	GEOGRAFIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	1	0	NORDESTE	ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	GEOGRAFIA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói	0	1	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo	1	0	SUDESTE	DIREITO POLÍTICO E ECONÔMICO
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	PSICOLOGIA

APÊNDICE 16 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2016

	2016	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
30	13	43

Produções Acadêmicas (2016) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ARTES	1	0	1
BIOÉTICA	1	0	1
BIOLOGIA PARASITÁRIA	1	0	1
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	2	2	4
DIREITO	1	0	1
DIREITO PROCESSUAL E CIDADANIA	1	0	1
DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL	1	0	1
EDUCAÇÃO	2	1	3
ENFERMAGEM	4	0	4
ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA	0	1	1
ESTUDOS DA LINGUAGEM	0	1	1
GEOGRAFIA	0	1	1
HISTÓRIA	1	1	2
MEDICINA TROPICAL	1	0	1
ODONTOLOGIA	0	1	1
POLÍTICA SOCIAL	2	0	2
PSICOLOGIA	7	1	8
SAÚDE COLETIVA	2	1	3
SAÚDE PÚBLICA	0	1	1
SERVIÇO SOCIAL	1	1	2
SOCIOLOGIA	1	1	2

Produções Acadêmicas por Instituição - 2016	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	4	1	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS; PSICOLOGIA; DIREITO; CIÊNCIAS SOCIAIS (d)
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	0	1	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE CEUMA, São Luís	1	0	NORDESTE	BIOLOGIA PARASITÁRIA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília	3	1	CENTRO-OESTE	HISTÓRIA (d); BIOÉTICA; MEDICINA TROPICAL; POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	0	2	SUDESTE	ENFERMAGEM PSQUIÁTRICA; SAÚDE PÚBLICA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	HISTÓRIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza	0	1	NORDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador	0	1	NORDESTE	GEOGRAFIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia	5	1	CENTRO-OESTE	ODONTOLOGIA (d); PSICOLOGIA; ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá	0	1	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	1	1	SUL	SAÚDE COLETIVA; SERVIÇO SOCIAL (d)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos	0	1	SUDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia	1	0	SUDESTE	ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, Santo André	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus	1	0	NORTE	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza	2	0	NORDESTE	PSICOLOGIA; SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	1	0	SUDESTE	POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	2	1	NORDESTE	ESTUDOS DA LINGUAGEM (d); PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	2	1	SUL	PSICOLOGIA (d); EDUCAÇÃO; SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEEVALE, Novo Hamburgo	1	0	SUL	DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, São Paulo	1	0	SUDESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE PARANAENSE, Umuarama	1	0	SUL	DIREITO PROCESSUAL E CIDADANIA

APÊNDICE 17 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2017

	2017	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
46	16	62

Produções Acadêmicas (2017) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ANTROPOLOGIA	1	1	2
ANTROPOLOGIA SOCIAL	1	0	1
ARTES	2	0	2
CIÊNCIA DA REABILITAÇÃO	1	0	1
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	0	1	1
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	2	1	3
CLÍNICA MÉDICA	1	0	1
DIREITO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	1	0	1
DIREITO E JUSTIÇA SOCIAL	1	0	1
EDUCAÇÃO	1	0	1
ENFERMAGEM	1	2	3
ENFERMAGEM E SAÚDE	2	0	2
GERONTOLOGIA BIOMÉDICA	0	1	1
GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1	0	1
LETRAS	1	0	1
LETRAS (LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ)	1	0	1
LINGUÍSTICA	2	3	5
NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO	0	1	1
ODONTOLOGIA	1	0	1
POLÍTICA SOCIAL	1	0	1

POLÍTICA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS	1	0	1
POLÍTICAS PÚBLICAS	3	0	3
PROMOÇÃO DA SAÚDE	1	0	1
PSICOLOGIA	7	0	7
PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	1	0	1
PSICOLOGIA SOCIAL	1	0	1
SAÚDE COLETIVA	3	4	7
SAÚDE PÚBLICA	2	0	2
SERVIÇO SOCIAL	1	1	2
SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL	0	1	1
SOCIOLOGIA	4	0	4

Produções Acadêmicas por Instituição - 2017	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ, Maringá	1	0	SUL	PROMOÇÃO DA SAÚDE
ESCOLA SUPERIOR DOM HELDER C MARA, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	DIREITO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
FUNDACAO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), Belo Horizonte	0	1	SUDESTE	SAÚDE COLETIVA
FUNDACAO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), Rio de Janeiro	2	0	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Campo Grande	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina	1	0	NORDESTE	POLÍTICAS PÚBLICAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	0	1	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	0	1	SUL	GERONTOLOGIA BIOMÉDICA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, Brasília	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS, Pelotas	1	0	SUL	POLÍTICA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília	3	3	CENTRO-OESTE	SAÚDE COLETIVA(1d); LINGUISTICA (2d); SOCIOLOGIA(m)
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	3	1	SUDESTE	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (d); LETRAS (LINGUA E LITERATURA ALEMÃ); CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO; GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	ARTES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (LIMEIRA), Limeira	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina	0	1	SUL	SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Toledo	1	0	SUL	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (MARÍLIA), Marília	0	1	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador	3	1	NORDESTE	SAÚDE COLETIVA (d); ENFERMAGEM E SAÚDE; CIÊNCIAS SOCIAIS;
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia	2	1	CENTRO-OESTE	SOCIOLOGIA; ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá	1	0	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	1	1	NORDESTE	ANTROPOLOGIA; NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	3	1	SUL	LINGUISTICA; PSICOLOGIA; SAÚDE COLETIVA (d)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, São Paulo	0	1	SUDESTE	ENFERMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa	1	0	SUDESTE	LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA INSTITUCIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém	2	0	NORTE	PSICOLOGIA; ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	POLÍTICAS PÚBLICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	CLÍNICA MÉDICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	6	0	SUL	ANTROPOLOGIA SOCIAL; DIREITO E JUSTIÇA SOCIAL; ODONTOLOGIA; POLÍTICAS PÚBLICAS; SAÚDE COLETIVA(2)
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói	2	1	SUDESTE	SOCIOLOGIA; POLÍTICA SOCIAL; ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	PSICOLOGIA

APÊNDICE 18 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2018

	2018	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
52	12	64

Produções Acadêmicas (2018) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E SAÚDE	1	0	1
BIOÉTICA	1	0	1
BIOÉTICA, ÉTICA APLICADA E SAÚDE COLETIVA	1	0	1
CIÊNCIAS AMBIENTAIS	1	0	1
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	1	0	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	1	1	2
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	2	0	2
DIREITO	4	0	4
EDUCAÇÃO	1	1	2
EDUCAÇÃO FÍSICA	1	0	1
ENFERMAGEM	0	2	2
ENFERMAGEM E SAÚDE	1	2	3
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHER, GÊNERO E FEMINISMO	1	0	1
GEOGRAFIA	2	0	2
GERONTOLOGIA	1	0	1
JORNALISMO	1	0	1
LINGUÍSTICA APLICADA	0	1	1
MEMÓRIA SOCIAL	1	0	1
PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO	1	0	1
POLÍTICAS PÚBLICAS	2	0	2
PSICOLOGIA	12	2	14
PSICOLOGIA DA SAÚDE	1	0	1
PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	1	0	1
PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL	0	1	1

SAÚDE COLETIVA	5	1	6
SERVIÇO SOCIAL	7	1	8
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA	1	0	1
TURISMO	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2018	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
FACULDADE DE DIREITO DE VITORIA , Vitória	1	0	SUDESTE	DIREITO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Goiânia	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	2	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS; SERVIÇO SOCIAL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE CATOLICA DE PETROPOLIS, Petrópolis	1	0	SUDESTE	DIREITO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília	1	0	CENTRO-OESTE	BIOÉTICA
UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES, Mogi das Cruzes	1	0	SUDESTE	POLÍTICAS PÚBLICAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	1	SUDESTE	GERONTOLOGIA; SAÚDE COLETIVA (d)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	3	0	SUDESTE	ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E SAÚDE; BIOÉTICA, ÉTICA APLICADA; SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA DA SAÚDE
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas	0	1	SUDESTE	LINGUÍSTICA APLICADA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa	2	0	SUL	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS; GEOGRAFIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Toledo	1	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (MARÍLIA), Marília	0	1	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador	4	1	NORDESTE	PSICOLOGIA; SAÚDE COLETIVA; ENFERMAGEM E SAÚDE (1m, 1d); ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa	0	1	NORDESTE	ENFERMAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora	2	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA; SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	1	SUDESTE	DIREITO; ENFERMAGEM (d)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	1	1	NORDESTE	PSICOLOGIA (d); SERVIÇO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	3	0	SUL	SAÚDE COLETIVA; PSICOLOGIA; JORNALISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS AMBIENTAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, São João del Rei	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, São Bernardo do Campo	1	0	SUDESTE	PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus	2	0	NORTE	SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA; PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	2	0	SUDESTE	PSICOLOGIA INSTITUCIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	MEMÓRIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém	1	1	NORTE	PSICOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	POLÍTICAS PÚBLICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	2	1	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL (1m, 1d); CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	3	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL; PSICOLOGIA (2)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	2	3	SUL	ENFERMAGEM E SAÚDE (1d); PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL (1d); EDUCAÇÃO (1m, 1d); SAÚDE COLETIVA (1m)
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Campos dos Goytacazes/Niterói	3	0	SUDESTE	GEOGRAFIA; TURISMO; SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica	1	0	SUDESTE	CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba	1	0	SUL	PSICOLOGIA

APÊNDICE 19 - DADOS DO LEVANTAMENTO DO ANO DE 2019

	2019	
Mestrado	Doutorado	Total de Produções Acadêmicas
39	13	52

Produções Acadêmicas (2019) por Área	Mestrado	Doutorado	Total por Área
AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1	0	1
BIOÉTICA	0	1	1
CIÊNCIAS DA SAÚDE	1	0	1
CIÊNCIAS DA SAÚDE NA AMAZÔNIA OCIDENTAL	1	0	1
COMUNICAÇÃO	1	0	1
COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO	0	1	1
COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES	1	0	1
DEMANDAS POPULARES E DINÂMICAS REGIONAIS	1	0	1
DESIGN	1	0	1
DIREITO	2	1	3
DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA	1	0	1
EDUCAÇÃO	2	0	2
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS	1	0	1
ENFERMAGEM	1	2	3
ENFERMAGEM E SAÚDE	1	0	1
ENSINO EM CIÊNCIAS E SAÚDE	1	0	1
ESTUDOS DA LINGUAGEM	0	1	1
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA	0	1	1
FILOSOFIA	0	1	1
GEOGRAFIA	1	0	1
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	1	0	1
PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA	1	0	1
PSICOBIOLOGIA	2	0	2

PSICOLOGIA	6	0	6
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)	1	0	1
PSICOLOGIA CLÍNICA	2	0	2
SAÚDE COLETIVA	1	3	4
SAÚDE DA FAMÍLIA	1	0	1
SAÚDE PÚBLICA	1	0	1
SERVIÇO SOCIAL	2	1	3
SOCIEDADE, TECNOLOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS	1	0	1
SOCIOLOGIA	1	1	2
SOCIOLOGIA E DIREITO	1	0	1
TERRITÓRIOS E EXPRESSÃO CULTURAL NO CERRADO	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - 2019	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA, Brasília	1	0	CENTRO-OESTE	DIREITO
CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES, Maceió	1	0	NORDESTE	SOCIEDADE, TECNOLOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS
ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING, São Paulo	0	1	SUDESTE	COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão	2	0	NORDESTE	SOCIOLOGIA; PSICOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina	1	0	NORDESTE	ENFERMAGEM
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo	1	0	SUDESTE	PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	0	1	SUDESTE	ESTUDOS DA LINGUAGEM
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	0	1	SUL	SERVIÇO SOCIAL

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília	3	1	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO; DESIGN; DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA; BIOÉTICA (d)
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	1	SUDESTE	PSICOLOGIA CLÍNICA; DIREITO (d)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	DIREITO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande	2	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL; PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas	1	0	SUDESTE	SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, Anápolis	2	0	CENTRO-OESTE	EDUCAÇÃO. LINGUAGENS E TECNOLOGIAS; TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina	1	0	SUL	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador	1	2	NORDESTE	SAÚDE COLETIVA (2d); ENFERMAGEM E SAÚDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, Dourados	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió	1	0	NORDESTE	PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia	1	1	CENTRO-OESTE	CIÊNCIAS DA SAÚDE; ENFERMAGEM (d)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá	0	1	CENTRO-OESTE	ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	0	1	NORDESTE	SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	2	0	SUL	PSICOLOGIA; PSICOLOGIA CLÍNICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Guarulhos/ São Paulo	2	1	SUDESTE	PSICOBIOLOGIA; FILOSOFIA (1d)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, Rio Branco	1	0	NORTE	CIÊNCIAS DA SAÚDE NA AMAZÔNIA OCIDENTAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza/Sobral	2	0	NORDESTE	AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS; SAÚDE DA FAMÍLIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória	1	0	SUDESTE	COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	SERVIÇO SOCIAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	0	2	NORDESTE	ENFERMAGEM; SAÚDE COLETIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	4	0	SUL	GEOGRAFIA; PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA; COMUNICAÇÃO; PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Araguaína/Palmas	2	0	NORTE	ENSINO EM CIÊNCIAS E SAÚDE; DEMANDAS POPULARES E DINÂMICAS REGIONAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói	1	0	SUDESTE	SOCIOLOGIA E DIREITO
UNIVERSIDADE LA SALLE, Canoas	1	0	SUL	EDUCAÇÃO

**APÊNDICE 20 - DADOS DO LEVANTAMENTO DE TRABALHO ACADÊMICOS
SOB O RECORTE DE GÊNERO (MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA)**

Ano	Mestrado	Doutorado	Total de produções acadêmicas/ Ano	Total Mestrado	Total Doutorado	Total de Produções Acadêmicas do Levantamento
2005	0	0	0	18	4	22
2006	0	0	0			
2007	1	0	1			
2008	0	1	1			
2009	0	0	0			
2010	0	0	0			
2011	0	0	0			
2012	0	1	1			
2013	0	0	0			
2014	1	0	1			
2015	2	0	2			
2016	1	0	1			
2017	2	1	3			
2018	5	1	6			
2019	6	0	6			

**APÊNDICE 21 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOB O RECORTE DE GÊNERO -
REGIÕES E INSTITUIÇÕES**

Produções Acadêmicas por Região	Mestrado	Doutorado	Total
SUDESTE	7	3	10
SUL	5	0	5
NORDESTE	3	1	4
CENTRO-OESTE	2	0	2
NORTE	1	0	1

Produções Acadêmicas por Instituição - Recorte de gênero	Mestrado	Doutorado	Região	Áreas	Ano
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	SERVIÇO SOCIAL	2015
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília	1	0	CENTRO-OESTE	DESIGN	2019
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo	1	2	SUDESTE	SAÚDE PÚBLICA (d); CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (d); ENFERMAGEM	2008/2017/2015
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL	2019
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas	1	0	SUDESTE	SAÚDE COLETIVA	2019
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador	1	0	NORDESTE	ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHER, GÊNERO E FEMINISMO	2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia	1	0	CENTRO-OESTE	PSICOLOGIA	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife	0	1	NORDESTE	PSICOLOGIA	2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis	1	0	SUL	SAÚDE COLETIVA	2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria	1	0	SUL	PSICOLOGIA	2014
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, São Paulo	1	1	SUDESTE	ENFERMAGEM (1d); PSICOBIOLOGIA	E - 2012 P- 2019
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa	1	0	SUDESTE	LETRAS	2017
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus	1	0	NORTE	PSICOLOGIA	2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro	1	0	SUDESTE	MEMÓRIA SOCIAL	2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal	1	0	NORDESTE	SERVIÇO SOCIAL	2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	1	0	SUL	GEOGRAFIA	2019
UNIVERSIDADE GUARULHOS, Guarulhos	1	0	SUDESTE	ENFERMAGEM	2007
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte	1	0	SUDESTE	ARTES	2017
UNIVERSIDADE LA SALLE, Canoas	1	0	SUL	EDUCAÇÃO	2019

**APÊNDICE 22 - PRODUÇÕES ACADÊMICAS POR ÁREA DE PESQUISA
(MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA)**

Produções Acadêmicas (Recorte de Gênero) por Área	Doutorado	Mestrado	Total por Área
SAÚDE COLETIVA	0	2	2
SAÚDE PÚBLICA	1	0	1
ENFERMAGEM	1	2	3
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES (mulheres, gênero e feminismo)	0	1	1
PSICOLOGIA	1	3	4
PSICOBIOLOGIA	0	1	1
SERVIÇO SOCIAL	0	3	3
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	1	0	1
EDUCAÇÃO	0	1	1
MEMÓRIA SOCIAL	0	1	1
LETRAS	0	1	1
GEOGRAFIA	0	1	1
ARTES	0	1	1
DESIGN	0	1	1

Produções Acadêmicas por Área (agrupamento)	Doutorado	Mestrado	Total
SAÚDE	2	5	7
PSICOLOGIA	1	4	5
SERVIÇO SOCIAL	0	3	3
COMUNICAÇÃO E JORNALISMO	1	0	1
EDUCAÇÃO	0	1	1
CIÊNCIAS SOCIAIS	0	1	1
LINGUÍSTICA E LETRAS	0	1	1
GEOGRAFIA	0	1	1
ARTES	0	1	1
DESIGN	0	1	1

APÊNDICE 23 - ROTEIRO DE DIÁLOGO - PESQUISA DE CAMPO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

- Enfoque na trajetória de vida e experiências educativas tomando a rua como espaço educativo não-formal

- Organizados nos seguintes eixos:

1) “Ela não nasceu na rua”:

- Idade
- Nome;
 - História do nome, quem escolheu, gosta do seu nome, porque? Possui documentos?
 - Quais redes você procura para regulamentar qualquer documentação sua ? CPF, RG, Título de Eleitor, carteira de trabalho e Carteira do Sus?
 - Você tem algum apelido? Por que nome gosta de ser chamada?
 - Há quanto tempo você está na rua?
 - Já procurou algum albergue ou equipamento oferecido pela prefeitura? Por que não ficou / Por que não procurou?
- Infância;
 - Memórias da infância Como foi sua infância? Lembra-se de bons momentos? E de momentos não tão bons? Do que você brincava? Como foi sua adolescência?
- Família;
 - Como era sua família? (pai, mãe, irmãos, padrasto, madrasta...)
 - Possuem irmãos? Quantos são? Nome deles? Onde eles moram?
 - Você é natural de onde? Sua família continua nessa cidade/casa?
 - Tem contato com familiares? Com quem?
 - Tem filhos? Quantos? Nomes? Onde estão? Tem contato com eles?

- Como você caracterizaria seu relacionamento familiar?

- Escola;
 - Estudou? Onde? Até que série? Qual é a escolaridade?
 - O que você lembra da escola? Momentos bons/ruins...
 - A escola foi importante pra você? Por quê?
 - Gostaria de continuar estudando ou voltar para a escola? Porque?

- Casa;
 - Há quanto tempo você saiu de casa (ou outra instituição/espço)? Porque?
 - Como era a casa em que cresceu?
 - Gostaria de ter a sua casa? Como ela seria? Com quem você gostaria de morar?

2) A casa e a rua:

- Elas e a rua
 - Qual foi o processo até a situação de rua?
 - Existe diferença entre ser mulher e ser homem na rua?
 - Quando você foi para rua, lembra-se de como passou sua primeira noite?
 - Como se aproximou de outras pessoas em situação de rua?
 - Existem grupos de mulheres?

- Cotidiano na rua
 - Que atividades realiza durante o dia?
 - Qual é o lazer de quem vive na rua?
 - Que coisas você não gosta da vida na rua?
 - Que coisas você gosta na rua?

- Trabalho (questão do trabalho feminino, práticas de ganhar dinheiro na rua);
 - O que você sabe fazer? Com o que gostaria de trabalhar?
 - Você faz artesanato, gosta de cozinhar? Que atividades gosta de fazer?
 - Quais experiências têm com relação ao trabalho?
 - Já teve a carteira assinada?
 - Que tipo de trabalho ou meio de obter dinheiro utiliza ou exerce na rua?
 - Na rua, quais são os meios de ganhar dinheiro? Tem ajuda? De quem? Como?

- Relacionamentos (amor, amizade, laços e rupturas);
 - **Amor:**
 - Você tem / teve companheiro na rua?
 - Como é a relação do casal? (Se houver companheiro)
 - De que forma se ajudam? Vocês dividem tarefas? Quais? Com quem ficam essas tarefas? (De que forma a mulher cuida? que tipo de proteção o homem oferece?)

 - **Relacionamento e privacidade**
 - Existe diferença entre namorar na rua e em casa?
 - Como você transa com seu namorado? Aqui na rua? Onde?
 - Como você definiria o que é um relacionamento a dois na rua e em casa?
 - Se você tivesse uma casa , o que mudaria?

 - **Amizades:**
 - Contam com amigos para se proteger, dormir, olhar os pertences quando não estão por perto, conseguir/dividir alimento?
 - E as amigas antigas, de antes da rua, ainda têm contato?

- Quem mais te ajudou até agora?

- **Amizade entre mulheres:**
- Você tem amizade com outras mulheres? Elas também estão em situação de rua? Como é essa amizade? Há quanto tempo? É fácil ou difícil ter amizade com outras mulheres? Por quê?
- Onde normalmente você encontra outras mulheres em situação de rua? Centro Pop? Praça? ...?
- Há mulheres que você evita ter contato? Por quê?

- Respeito;
 - Relações na rua, como conseguir respeito/reconhecimento de outras pessoas, tanto homens quanto mulheres? Quais são as estratégias para se impor na rua?
 - Se sente respeitada enquanto mulher?
 - Existe alguma regra na situação de rua em relação à mulher? Se sente respeitada por homens e mulheres na rua?
 - Fluxo em outros locais, já foram impedidas de circular em algum espaço?
 - Violência na rua - a violência que sofrem as mulheres na rua é diferente da violência que sofrem os homens? Quais as diferenciações marcadas pelo gênero?

- Relação entre pessoas domiciliadas e mulheres em situação de rua:
 - Com pessoas domiciliadas, qual é a relação?
 - Locais de acolhida se sentem de fato acolhidas, são bem tratadas? Quais são as opiniões sobre os serviços prestados?
 - Qual a relação com os profissionais dos espaços de assistência? São bem tratadas por eles? Há alguma diferença com relação ao tratamento dos homens?
 - Há uma marca de diferenciação entre serviços governamentais e não governamentais?

- Imagem (autoimagem) - Elas e Os Outros da rua
 - Como as pessoas que passam na rua tratam (ou trataram) você? O que você ouve (ou ouvia)?
 - Conte-me um pouco sobre quais as dificuldades e facilidades de ser mulher na rua. É diferente para os homens?
 - Acreditam que forma como se apresenta influencia no tratamento de outras pessoas? Como gostariam que fosse?
 - O que gostariam de mudar nas pessoas? Como gostariam de ser vistas/tratadas?
 - Privacidade (banho, trocar de roupa, higiene em geral, relações)
 - Existem momentos de privacidade, há um código social da rua para isso?
 - Tem lugares ou esconderijos para “mocar” os pertences pessoais? Onde? Como cuidam destes? Há um combinado ou alguém que possa cuidar desses pertences no caso de ausências?
- Primeira noite na rua:
 - Como foi a primeira noite na rua? Procurou por albergues no início?
 - Estratégias para dormir sem ser incomodado, dormem em grupos ou com outras pessoas por perto? Como se organizam para dormir? Onde? Sempre no mesmo local?
 - Em qual local você dorme? Rua ou hotel social, albergues...
 - Você prefere a rua ou locais cedidos pela prefeitura? Ou até mesmo hotéis a qual faz o pagamento?
 - O que é necessário para poder entrar em um Albergue ou hotel social? E qual o período de permanência para ambos? Você já esteve em algum desses locais?
 - Por qual motivo você dorme nesses locais?
 - Você se sente segura nesses locais?
 - Na rua, você dorme sozinha ou com mais pessoas?
 - Nos dias de frio, há algum assistencialismo? Outras estratégias, quais?
 - Os Locais de dormir são sempre os mesmos?

3) Rua que ensina:

- Estratégias de sobrevivência (alimentação, descanso, roupas)
 - Estratégias de defesa (segurança corporal)
 - Quais instituições utilizam? Para que tipo de serviço buscam essas instituições? Quais ONG's? Que outros aparelhos buscam?
 - Se sentem representadas e sentem suas necessidades contempladas pelas ações do Estado e de ONG's?
 - Quais serviços procuram com mais frequência/necessitam mais?
 - Quais serviços sabem que ocorre, onde conseguiram a informação?
 - Há ações ou políticas específicas para mulheres? Se sim, como ocorrem?
 - Onde consideram melhor para obter comida, roupas e tomar banho? Onde buscam obter materiais de higiene/comida/absorventes/roupas? Onde normalmente buscam atender essas necessidades?

 - Quais locais geralmente você se alimenta?
 - No café da manhã, de segunda a sexta, aonde você se alimenta?
 - No almoço de segunda a sexta, aonde você se alimenta?
 - Na Janta de segunda a sexta, aonde você se alimenta?
 - Café da manhã de sábado?
 - Almoço de sábado?
 - Jantar de sábado?
 - E no domingo ? Como funciona as 3 refeições?
 - Junto com a alimentação, tem outros atendimentos? Como saúde, lazer, educação?
 - E água, quais locais você utiliza para tomar água?

- Corporeidade (feminino na rua)

- Acreditam que o corpo feminino influencia nas relações/olhares na rua? Se sim, sentem-se ameaçadas/fragilizadas por serem mulheres?
- Estratégias de proteção e defesa: quais são? De que forma lidam com o corpo feminino na rua?
- Qual a relação que percebem entre homens e mulheres na rua? E entre mulheres e mulheres?
- Como lidam com o período menstrual na rua?
- Já engravidou quantas vezes? Seus filhos nasceram na rua? Em caso positivo: como foi seu acompanhamento durante a gravidez na rua? Você teve apoio de assistentes sociais, familiares, amigos, médicos de rua, SUS?
- Você vai ao médico com que frequência? Qual a última vez que foi ao médico? Por que?

- Em qual local você procura quando precisa resolver sobre qualquer assunto referente a saúde ? Há atendimento periódico? Receitas, exames, prontuários?

- Documento e moradia influenciam na hora do atendimento médico, tanto itinerante ou locais físicos?

- Exames preventivos: mamografia, ginecologista são encaminhados pelo sistema único de saúde ou médicos de rua?

- Camisinha feminina, pílula do dia seguinte, anticoncepcional, são distribuídos ou recomendados pela equipe médica, tanto do SUS ou médicos de rua? Ou equipes itinerantes? Você toma anticoncepcionais? Ou usa outro método?
- Higiene: banho, onde? Banheiro, onde? Lavagem de roupas, onde/como? O acesso é tranquilo ou restrito?
- Em quais locais você tem acesso a produtos de higiene básica? (sabonete, shampoo, creme, pasta de dente, escova de dente, absorvente, papel higiênico)

- Esses locais são físicos, ou itinerantes, eles possuem certa frequência?
- Quais itens você sente mais falta de higiene pessoal?
- Em qual local você costuma tomar banho? E como funciona?
- Em qual local você procura fazer as necessidades?
- No período da noite mudam esses locais, ou até mesmo nos finais de semana?

4) Andanças da vida:

- Morada e percursos - Mobilidade e permanência
 - Qual foi a caminhada individual, de onde veio, de que cidade?
 - Por quais cidades passou? Conhece outras cidades? Morou, viajou? Onde permaneceu?
 - Quando se mudou para Curitiba?
 - Na sua opinião, por que existem pessoas morando na rua?
 - O que considera que aprendeu com a rua (estando/no período em que esteve em situação de rua)?
 - O que mudou com a pandemia? Considera que as políticas atuais correspondem às suas necessidades?

- Planos futuros - desejos
 - Para o futuro próximo, quais são as expectativas?
Qual o seu maior sonho?

APÊNDICE 24 - ROTEIRO DE DIÁLOGO COM ASSISTENTES SOCIAIS DO CHÁ FRATERNAL

- Formação, onde, há quanto tempo trabalham na assistência social? Começaram na comunidade franciscana quando? Trabalharam em quais comunidades anteriormente? Quando começaram, que tipo de atividades realizavam com a população em situação de rua e outros? O seu vínculo é formal com a comunidade franciscana? Os demais são voluntários que atendem a população em situação de rua?
- Quais são os outros grupos e serviços assistenciais oferecidos pela comunidade franciscana/paróquia?
- Quais serviços destinados à população em situação de rua são oferecidos pela Paróquia?
 - Quais serviços têm maior procura por parte das mulheres? Qual a frequência entre homens e mulheres? Há uma diferença entre as demandas?
- Quais os limites e possibilidades do trabalho que vocês desenvolvem com a população em situação de rua?
- Público do chá - como é composto?
 - Vocês perceberam mudanças, ao longo do tempo nos frequentadores do chá fraterno? O número de mulheres no chá sempre foi baixo? Como vocês caracterizariam, de modo geral, as mulheres que frequentam o chá? Como vocês caracterizariam, de modo geral, as mulheres que estão em situação de rua em Curitiba?
- Possuem conhecimento de outros serviços prestados à população de rua que ocorram no entorno ou próximo à Paróquia? Que articulações o serviço de assistência à população em situação de rua da paróquia faz com outras instituições/grupos de acolhida dessa população?
- Como é o seu diálogo e acesso a estas mulheres em situação de rua? Observam diferenças entre o público masculino?
- Outros projetos vinculados à Paróquia - Qual o tempo de atuação? Quais são as áreas?
 - Fisioterapia, por exemplo.

- Franciscanos - Por que fazem esse tipo de trabalho com as pessoas em situação de rua, como o chá fraterno?
- Como assistentes sociais - o trabalho é relacionado/vinculado à religiosidade ou a assistência ? Há quanto tempo e como surgiu a necessidade do acompanhamento do trabalho do chá?
 - As assistentes sociais estiveram presentes desde o início do chá fraterno?
- Há quanto tempo o chá fraterno é realizado? (histórico) O chá para a população em situação de rua sempre foi feito dessa forma? O que mudou ao longo do tempo?
- Como estão sendo feitos os encaminhamentos e trabalhos neste período de pandemia? O chá está sendo servido? Doações de roupa continuam sendo feitas?
- De onde recebem as doações? Há órgãos e instituições com papel central, mais dedicados às doações?
- Como é feito o encaminhamento para emissão de documentos? As mulheres também solicitam esse atendimento? Qual atividade de acolhida à população em situação de rua da Paróquia é mais requisitada pelas mulheres ou a presença delas é mais significativa?
- Os voluntários e voluntárias do chá, como atuam? Como é feita a organização/cronograma?

ANEXO

01/12/2020

Solicitação - 156 Curitiba

CURITIBA ([HTTPS://WWW.CURITIBA.PR.GOV.BR](https://www.curitiba.pr.gov.br))

Solicitação

CURITIBA-OUVE ([HTTPS://WWW.CURITIBA.PR.GOV.BR/LEI13460/](https://www.curitiba.pr.gov.br/lei13460/))156 ([HTTP://WWW.CENTRAL156.ORG.BR/](http://www.central156.org.br/))

Origem	Telefone
Protocolo	8465291
Protocolo Internet	
Situação	Concluído
E-mail	
Data da Solicitação	05/07/2020 11:23
Serviço	FUNCIONÁRIOS
Descrição	SOLICITA INFORMAÇÕES A RESPEITO DO SEGUINTE QUESTIONAMENTO, GOSTARIA DE SABER SE É POSSÍVEL SER FEITO O FORNECIMENTO DOS DADOS QUANTO AO CENSO POPULACIONAL DE MORADORES DE RUÀ NA CIDADE DE CURITIBA. GOSTARIA TAMBÉM DE SABER SE HÁ ALGUMA POLÍTICA DE CONDUTA DIFERENCIAL PARA ABORDAGEM SOCIAL DE MULHERES, SE SÃO PROCEDIMENTOS DIFERENTE E ENTRE OUTROS.
Dados Importantes	NOME DO FUNCIONÁRIO: NI
Endereço	
Bairro	
Cidade	CURITIBA / PR
Ponto de Ref.	
Imagem 1	
Imagem 2	
Órgão Responsável	FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL
Data da Resposta	16/07/2020 12:01

01/12/2020

Solicitação - 156 Curitiba

Resposta Final

Em atenção ao 156 8465291, a equipe técnica da Diretoria de Atenção à População em Situação de Rua informa que de acordo com dados da Vigilância Socioassistencial da Fundação de Ação Social, o número de pessoas em situação de rua cadastradas no Cadastro Único de Curitiba é de 2618. Quanto à conduta para abordagem social específica para mulheres, informa que os protocolos de abordagem são os mesmos utilizados nas demais abordagens, entretanto não são conduzidos homens e mulheres nos mesmos veículos, com a finalidade de preservar as usuárias de qualquer forma de assédio, exceto quando se tratar de casais. Em relação ao número de vagas para pernoite/acolhimento para mulheres, esclarece que a FAS dispõe da Casa das Mulheres, que atende 24 horas, com capacidade para até 40 mulheres. Conta ainda com a Unidade de Acolhimento Institucional Capão da Imbuia, com capacidade para acolher 20 mulheres. Para além de acolhimento e pernoites, o Município disponibiliza vagas de diárias em Hotéis Sociais, sendo 12 vagas para mulheres e 12 para mulheres transexuais. A equipe coloca-se à disposição para demais esclarecimentos. FAS 16/07/2020